



# 8 FPMU

FÓRUM PERMANENTE  
DE MUSEUS  
UNIVERSITÁRIOS

---  
Coleções, museus  
universitários e sociedade:  
elos entre ciência, cultura  
e comunidade

FORTALEZA/CE

## Tecituras do Conhecimento: Caderno de Resumos Expandidos Volume III

<https://doi.org/10.5281/zenodo.20057955>





## **8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS**

Tecituras do Conhecimento: Caderno de Resumos Expandidos do 8º FPMU”  
(Coleção em 3 volumes - E-book)

Copyright © 2026 by Jéssica Tarine Moitinho Lima (organizadora)  
Todos os direitos reservados  
Museu de Arte da UFC (Mauc/UFC)  
Av. da Universidade, 2854 – Benfica – Fortaleza – Ceará

### **Organização**

Jéssica Tarine Moitinho de Lima

### **Revisão**

Graciele Karine Siqueira  
Rebeca Maria Gadelha de Sousa  
Tatiana Alves de Almeida  
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista

### **Identidade Visual e Comunicação Visual**

Rodrigo Luiz dos Santos  
Norton Falcão

### **Editoração e Diagramação**

Rodrigo Luiz dos Santos

### **Fotografias**

Flávio Almeida

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Larisse Macêdo de Almeida CRB-3/1276

**As opiniões e conteúdos apresentados nos textos deste Caderno de Memórias  
são de responsabilidade exclusiva de suas autoras e seus autores.**



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Larisse Macêdo deAlmeida CRB-3/1276

F745t Fórum Permanente de Museus Universitários (8. : 2025 : Fortaleza, CE)  
Técnicas do Conhecimento [recurso eletrônico] : Caderno de  
Resumos Expandidos, Volume 3 / Jéssica Tarine Moitinho de Lima, org.  
Fortaleza, CE : Mauc Edições, 2026.

42800kb. ; PDF

Coleção em 3 volumes.

ISBN: 978-65-85071-12-3 v. 1

ISBN: 978-65-85071-13-0 v. 2

ISBN: 978-65-85071-14-7 v. 3

1. Museus Universitários. 2. Museologia. 3. Memória. I. Lima,  
Jéssica Tarine Moitinho de, org. II. Museu de Arte da UFC. III. Título.

CDD 069

**Presidente da República**

Luís Inácio Lula da Silva

**Ministro da Educação**

Camilo Sobreira de Santana

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**Reitor**

Prof. Custódio Luís Silva de Almeida

**Vice-Reitora**

Prof<sup>a</sup>. Diana Cristina Silva de Azevedo

**PRÓ-REITORIA DE CULTURA**

**Pró-Reitor**

Prof. Sandro Thomaz Gouveia

**Pró-Reitora Adjunta**

Prof<sup>a</sup>. Glícia Maria Pontes Bezerra

**MUSEU DE ARTE DA UFC - MAUC**

**Diretora**

Graciele Karine Siqueira



# 8º FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS - 8FPMU

## COMISSÃO ORGANIZADORA NACIONAL

### Coordenação Geral

Graciele Karine Siqueira (UFC)

Saulo Moreno Rocha (UFC)

### Região Centro-Oeste

Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)

### Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)

Cristiane Xerez Barroso (UFC)

Márcia Pereira de Oliveira (UFC)

Rebeca Gadelha (IFCE)

Roberto Moreira Chaves (UFC)

Tatiana Alves de Almeida (UFBA)

Vinicius Melquíades dos Santos (UFPI/

Universidade Lusófona)

### Região Norte

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

Gerson Rodrigues de Albuquerque (UFAC)

### Região Sudeste

Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)

Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)

### Região Sul

Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)

Eliane Muratore (UFRGS)

Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (UFPR)

### Bolsistas

Ana Júlia de Souza Neves Ladislau

Américo Silvestre Costa Filho

Carlos Eduardo Barbosa de Sousa

Francisco Clenival da Silva Filho

Guilherme da Silva Linhares

Iury Nobre de Sousa

Joana de Medeiros Isidio

Joyce Oliveira da Silva

Júlia Assunção Amado de Oliveira

Larissa Medeiros Rodrigues

Lilian de Sousa Leitão

Nathan de Brito Leitão

Sophia Ferreira Gomes de Oliveira e Silva

Thaiana Barros dos Santos



# COMISSÃO CIENTÍFICA

## Coordenação

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA)

### Região Centro-Oeste

Andrea Fernandes Considera (UnB)  
Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG)  
Cláudia Landin Negreiros (UNEMAT)  
Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)  
Rossana Klippel de Souza José (UFG)  
Ryanddre Sampaio de Souza (UFMT)

### Região Sudeste

Adriana Mortara Almeida (UFMG)  
Aline Cristina Gomes Ramos (UFES)  
Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro (UFRJ)  
Giulia Villela Giovani (UFMG)  
Luciana Menezes de Carvalho (Unirio)  
Maurício Candido da Silva (USP)

### Região Nordeste

Allyson Pontes Pinheiro (URCA)  
Amanda Aline Pinheiro (UFC)  
Ana Cláudia de Araújo Santos (UFPE)  
Elane Santos Gonçalves (UFBA)  
Henrique de Vasconcelos Cruz Ribeiro (FUNDAJ)  
Isabela Marques Leite de Souza (UFBA)  
Joana Angélica Flores Silva (UFRB)  
Saulo Moreno Rocha (UFC)  
Simone Almeida Gavilan (UFRN)  
Tatiana Alves de Almeida (UFBA)  
Vinícius Melquíades dos Santos (UFPI)

### Região Sul

Aline Escandil de Souza (UFRGS/COREM 3R)  
Aline Portella Fernandes (UFRGS)  
Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)  
Bruna Marina Portela (UFPR)  
Diego Lemos Ribeiro (UFPEL)  
Eliane Muratore (UFRGS)  
Elias Palminor Machado (UFRGS)  
Idemar Ghizzo (FEBAVE)  
Keila Cristina A. Villamayor Gonzalez (UDESC)  
Tamara Fernanda Carneiro Evangelista (MAE-UFPR)

### Região Norte
















Guilhermina de Melo Terra (UFAM)  
Paola Haber Maués (UFPA)  
Jones da Silva Gomes (UFPA)  
Lilian Débora Lima de Oliveira (UFAM)  
Wanessa Pires Lott (UFPA)  
Doriene Monteiro Trindade (UFPA)


















### Internacional

















Luis Pablo Orozco Varela (Universidad Nacional Costa Rica - UNA)  
José da Graça (Museu da Universidade de Cabo Verde)


















## Sumário

Apresentação		<b>09</b>
Curadoria Científica e Construção Coletiva		<b>12</b>
<b>SALA 05 CONSERVAÇÃO E RESTAURO DE ACERVOS</b>		<b>13</b>
Revitalização da Infraestrutura Expográfica do Centro de Memória da Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais		<b>19</b>
A revitalização do mobiliário do Herbário da UFMG como estratégia de preservação		<b>22</b>
A coleção Solenopsis: gavetas que guardam histórias		<b>25</b>
Filmes fotográficos como patrimônio cultural e científico: estudo aplicado ao acervo do Festival de Inverno da UFMG		<b>28</b>
Impactos dos incêndios nos acervos museológicos: o caso das cerâmicas do Vale do Jequitinhonha do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG		<b>32</b>
<b>SALA 06 GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEUS</b>		<b>36</b>
Gestão financeira em museus universitários e políticas institucionais de patrimônio: um estudo a partir da Universidade Federal de Pernambuco		<b>39</b>
Ecomuseu Ilha Grande e ecologia de saberes: Identificação, representação, reconhecimento e transformação		<b>42</b>
A competência em informação e interlocuções: O Plano estratégico do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais		<b>46</b>
<b>SALA 06 GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEUS</b>		<b>50</b>
Um modelo didático para Planos museológicos: gestão museal e participação social na UFPB		<b>54</b>
Políticas Institucionais e Patrimônio Universitário: Reflexões a partir da Rede de Coleções e Museus da UFPA		<b>57</b>

A gestão do patrimônio cultural universitário: um estudo a partir da Universidade Federal da Bahia		<b>61</b>
Rede de Museus e Acervos da UnB: experiências iniciais		<b>65</b>
A eficácia das políticas de financiamento nos museus universitários: um estudo a partir dos museus da USP		<b>68</b>
Rede de Conservação de Coleções e Museus: Diagnóstico de Gestão de Risco e Protocolos de Gestão de Conservação		<b>71</b>
<b>SALA 07 DOCUMENTAÇÃO E CATALOGAÇÃO</b>		<b>75</b>
Diagnóstico de Acervo Arqueológico: Um Estudo de Caso no MAP-UFPI		<b>80</b>
Inventário do acervo de bens móveis da Escola de Belas Artes: documentação para valorização do design de mobiliário brasileiro		<b>83</b>
Inventário analítico documental do acervo da Confeitaria Nogueira		<b>86</b>
Museu de tecnologia da SATC: proposta de catalogação no formato MARC 21		<b>89</b>
Inventário de acervos de jogos: experiência do museu do jogo da Universidade Federal da Paraíba		<b>92</b>
Protocolos de documentação de Museus de Antropologia e Arqueologia: O guia de inventário do Museu Arqueológico da Lapinha		<b>96</b>
<b>SALA 07 DOCUMENTAÇÃO E CATALOGAÇÃO</b>		<b>99</b>
Relato sobre a documentação museológica digital no Projeto "Memória Cultural das Infâncias na Amazônia - MRE"		<b>104</b>
Museu do jogo da UFPB: missão e mediação pela Pedagogia da Corporeidade		<b>107</b>
Documentação integral do patrimônio industrial: protocolos museológicos para incorporar a memória social e a história oral		<b>111</b>
Inventário e Resgate do Acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB		<b>115</b>
Entre a Técnica e a Comunicação: A Requalificação da Documentação Museológica no Museu de Ciência e Técnica da Escola e Minas/UFOP		<b>119</b>

<b>SALA 08 PESQUISA MUSEOLÓGICA, POLÍTICAS CULTURAIS E MUSEOLOGIA CRÍTICA</b>		<b>123</b>
Um olhar reflexivo sobre os acervos de sítios arqueológicos históricos do MAP/UFPI e do NAP/UFPI		<b>127</b>
Construção de políticas públicas para museus federais vinculados ao Ministério da Educação: contribuições de Consultoria Especializada		<b>131</b>
Coleção Amazoniana de Arte da UFPA: tradições míticas amazônicas e ecofeminismo queer em “Uiaras defendendo o Paraíso”		<b>135</b>
Aspectos éticos na exposição de corpos humanos: uma experiência no Museu de Anatomia Humana da UFCSPA		<b>139</b>
<b>SALA 08 PESQUISA MUSEOLÓGICA, POLÍTICAS CULTURAIS E MUSEOLOGIA CRÍTICA</b>		<b>143</b>
SIMAP, museus e entes museais, algumas reflexões		<b>148</b>
Museus Universitários em Perspectiva Comparada: Os Casos Do Museu De Cultura Popular Da Una (Costa Rica) E Do Museu Do Vale Do Arinos Da UNEMAT (Brasil)		<b>151</b>
O Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos nas correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909)		<b>155</b>
Museu dos Dinossauros e seu entorno: tensões e negociações em partilha de espaços		<b>159</b>
Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento		<b>164</b>
Quando o Museu Universitário encontra a Museologia Social? A criação do Museu Indígena Pyulaga Waujá		<b>168</b>
Acervo e decolonialidade: Sidney Amaral no MAC USP		<b>172</b>
<b>SALA 09 PESQUISA MUSEOLÓGICA, POLÍTICAS CULTURAIS E MUSEOLOGIA CRÍTICA</b>		<b>176</b>
Conhecer para preservar: levantamento preliminar das Coleções e Museus de Anatomia no Brasil		<b>180</b>
O museu como espaço cultural acadêmico: ações e vivências no Museu de Cultura Sertaneja - MCS/CAPF/UERN		<b>181</b>

Olhares multissemióticos por meio de fotografias do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas/RN: arte popular em linguagens museais		<b>188</b>
Denilson Baniwa no MAC USP: musealização de arte indígena		<b>192</b>
<b>SALA 09 EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO CULTURAL</b>		<b>196</b>
Educação patrimonial itinerante: o museu vai à escola		<b>199</b>
Como somos por dentro do corpo? Educação museal e valorização do patrimônio universitário no Museu de Anatomia da UFRJ		<b>203</b>
Visitas desenhadas: observar, entender e criar		<b>207</b>
Na Trilha do Patrimônio – Memória e Pertencimento		<b>211</b>
Imaginários sobre animais peçonhentos de jovens de comunidades rurais na Bahia: A experiência de ações educativas de um Museu Universitário Itinerante		<b>215</b>
<b>SALA 10 MEMÓRIA E HISTÓRIA DO PATRIMÔNIO</b>		<b>220</b>
Museu de Cultura Popular: caminhos percorridos		<b>225</b>
Sociogênese do campo museal na Universidade Federal da Bahia		<b>228</b>
Museus e colecionismo: formação do acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Pelotas/RS)		<b>232</b>
Pátio da Ciência da UFG: resultados parciais sobre a divulgação das coleções nos museus universitários de C & T		<b>236</b>
Artefatos inventariados da Coleção Histórica do Museu de História Natural da Bahia (2015-2025)		<b>240</b>
Agradecimentos		<b>244</b>

A realização periódica do Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU) tem se consolidado como uma estratégia fundamental para o fortalecimento do campo dos museus e das coleções universitárias no Brasil. Ao longo de suas edições, o Fórum tem promovido não apenas o debate técnico, institucional e político, mas também a construção de uma rede colaborativa capaz de articular diferentes realidades, experiências e perspectivas. Sua circulação pelas diversas regiões brasileiras reafirma o compromisso com a representatividade territorial, a descentralização das discussões e a aproximação com iniciativas locais, muitas vezes emergentes, ampliando o alcance e o impacto das ações desenvolvidas no campo.

Para além de sua relevância como espaço de articulação institucional, o FPMU destaca-se também como ambiente privilegiado de circulação e difusão do conhecimento, especialmente por meio de sua seção científica. A chamada pública para submissão de resumos expandidos e a articulação com periódicos científicos para publicação de artigos completos evidenciam o compromisso com a produção, sistematização e compartilhamento de saberes, fortalecendo o diálogo entre ensino, pesquisa, extensão e inovação. Manifestamos, aqui, nosso sincero agradecimento às pesquisadoras e aos pesquisadores, estudantes, profissionais e docentes que confiaram no 8º Fórum Permanente de Museus Universitários e compartilharam suas pesquisas, produções e experiências nesta edição, tornando possível a riqueza e a diversidade de contribuições que compõem estes cadernos. Nesse contexto, os Cadernos de Resumos Expandidos (coleção em três volumes) assumem papel central como registro qualificado das reflexões, práticas e investigações desenvolvidas junto às coleções, museus e universidades brasileiras.

Nesta edição do 8º Fórum Permanente de Museus Universitários foram **167 trabalhos submetidos, 160 aprovados e 130 apresentados**, culminando na entrega de **10 Prêmios Edna Taveira** aos melhores trabalhos. A criação do Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação, instituído nesta edição, representa um importante marco de reconhecimento à qualidade das pesquisas e ao compromisso das(os) participantes com o desenvolvimento do campo dos museus e das coleções universitárias. Ao valorizar trabalhos que se destacam pelo rigor, pela relevância e pelo caráter inovador, o prêmio reafirma a importância da produção científica e das práticas qualificadas, estimulando a continuidade das investigações e o fortalecimento de uma cultura de partilha, reconhecimento e excelência no âmbito do Fórum.

A constituição de uma Comissão Científica plural e representativa é elemento essencial para a qualidade e a legitimidade desse processo. Ao reunir pesquisadoras e aos pesquisadores, profissionais e docentes, com diversidade regional, institucional e de áreas de atuação, a Comissão assegura não apenas o rigor na avaliação dos trabalhos, mas também a valorização de múltiplas abordagens e experiências que compõem o universo dos museus e das coleções universitárias no país. Agradecemos, de forma especial, a todas e todos os avaliadores que se dedicaram à leitura atenta e criteriosa dos resumos expandidos, contribuindo de maneira decisiva para a qualificação deste material, bem como para a indicação dos trabalhos que integraram a primeira edição do Prêmio Edna Taveira de Excelência e Inovação. Estendemos nosso reconhecimento àquelas(es) avaliadoras(es) que estiveram presentes no 8º FPMU, atuando na mediação de salas, na avaliação das apresentações e na construção de debates tão potentes e necessários para o campo.

Registramos, ainda, nosso profundo agradecimento a Jéssica Tarine, por aceitar o desafio de presidir a Comissão Científica e conduzir, com rigor, sensibilidade e dedicação, a organização desta seção na programação do evento, bem como a publicação *Tecituras do Conhecimento: Resumos Expandidos do 8º FPMU* (coleção em três volumes). Agradecemos igualmente a Rebeca Gadelha, Tatiana Almeida e Tamara Evangelista pelo apoio na revisão e estruturação dos cadernos, e a Rodrigo Luiz dos Santos pelo trabalho primoroso de diagramação e editoração, que conferiu unidade, cuidado estético e qualidade editorial a estes volumes tão ricos em conhecimento e experimentações.

Que este material siga como fonte de consulta, inspiração e continuidade, contribuindo para o fortalecimento das práticas, das pesquisas e das redes que sustentam o campo dos museus e das coleções universitárias no Brasil. Nos vemos em breve na 9ª edição, em Belém do Pará.

**Graciele Karine Siqueira**

Coordenadora-Geral do 8º FPMU  
Museóloga e Diretora do Museu de Arte da UFC

**Saulo Moreno Rocha**

Coordenador-Geral do 8º FPMU  
Museólogo do Museu de Arte da UFC



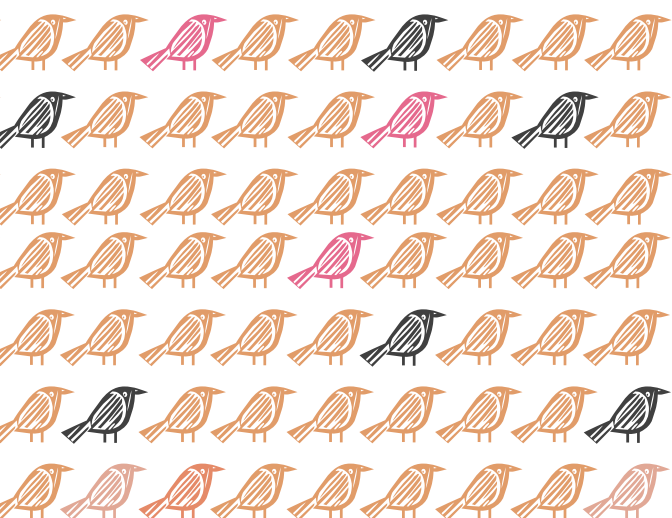
O 8º Fórum Permanente de Museus Universitários reuniu uma ampla diversidade de pesquisas e experiências, refletindo a vitalidade e a pluralidade do campo museológico em contexto universitário. Os trabalhos apresentados contemplaram diferentes formatos, desde comunicações orais até apresentações em pôsteres, evidenciando o compromisso da comunidade acadêmica em compartilhar práticas, reflexões teóricas e resultados de pesquisa.

As comunicações orais permitiram a troca direta de ideias entre os(as) pesquisadores(as), favorecendo o debate e o aprofundamento das temáticas propostas. Já os pôsteres configuraram um espaço de diálogo visual, que possibilitou a apresentação sintética e criativa de estudos em andamento ou concluídos, ampliando a interação entre autores(as) e público. Essa variedade de formatos consolidou o evento como um espaço democrático de circulação de conhecimento.

A riqueza dos temas apresentados reforça a amplitude da Museologia universitária, que vai desde a conservação preventiva, documentação e comunicação museológica até a gestão de acervos, patrimônio imaterial, acessibilidade, sustentabilidade e tecnologias digitais aplicadas aos museus. Também se destacaram pesquisas que abordam a relação dos museus com comunidades, práticas decoloniais, inclusão social e a valorização de saberes tradicionais e locais.

Este e-book reúne os resumos expandidos dos trabalhos aprovados, compondo um registro da produção atual e dos debates que atravessam o campo museológico no Brasil. Mais do que um repositório de experiências, ele se coloca como um instrumento de memória e reflexão, contribuindo para fortalecer redes, inspirar novas pesquisas e estimular o diálogo interdisciplinar que caracteriza as coleções e os museus universitários.

**Comissão Científica do 8ºFPMU**



**SALA 5**  
**CONSERVAÇÃO E RESTAURO**  
**DE ACERVOS**

Mediador  
**Amanda Aline Pinheiro**

Bolsista  
**Júlia Assunção Amado de Oliveira**

## **1º Apresentação**

por Gabriela de Souza Souto, aluna do 6º semestre do curso de Revitalização da UFMG, sobre A Revitalização da Infraestrutura de Minas Gerais. A apresentação se iniciou às 14h22 e se encerrou às 14h40.

A aluna explica que o intuito da Rede de museus é realizar a articulação entre o espaço e os alunos. 6 espaços ao total da Rede de Museus demonstraram interesse em fazer parte do Projetos da Redes, a participação dos estudantes no projeto se dava por integração em uma disciplina específica ofertada para o curso de restauro, para alunos bolsistas a presença exigida era de 3 turnos e sua comunicação se dava por grupo no whatsapp, o trabalho final foi a apresentação de relatório final para a turma. Fala sobre o CMO, seu acervo advém sobretudo do curso de odontologia. Previamente a esse projeto, realizou um projeto de diagnóstico dos espaços para posteriormente ser realizado o projeto em questão, o resultado advindo do diagnóstico foi que os acervos se encontravam sobretudo em estado ruim ou regular. A reserva técnica do espaço, não constava com organização e era uma sala que não era propícia para a reserva, pois não possuía mobiliário adequado, dividindo seu espaço com a sala do DCE e cantina dos estudantes, o que por vezes leva à atração de agentes biológicos. O processo de revitalização, constou com remodelação do lugar, mudando de 2 espaços de acervos, para apenas 1 local único, a escolha foi realizada devido o espaço ser maior. No local foi incrementado mobiliário adequado para o armazenamento do acervo, dessa maneira a escolha foi feita de forma minuciosa, contando com controle climático, proteção de luz direta, presença de circulação de ar, minimizando a absorção da umidade. Como o projeto não conta com processo de restauro, a atividade realizada pelos alunos era puramente de higienização. Os livros deteriorados, fotografias, acervo dimensional, etc., todos forma armazenados levando em conta suas especificadas. Ao fim da higienização o acervo era armazenado de forma que não fossem empilhados em grande quantidade para não danificar as obras. A conclusão do trabalho é de que após o projeto ser realizado foi de que apesar de ter diminuído de 2 espaços para 1, esse único lugar encaixou adequadamente todo o material, ainda sobrando espaço para pesquisadores o adentrarem e usarem do seu acervo confortavelmente. A estudante ainda acrescentou que experiência muito significativa pois sua primeira graduação é odontologia e ela já possuía o desejo de fazer parte do CMO.

## **2º Apresentação**

Por Rafaela Barbosa Fonsato sobre a revitalização do herbário da UFMG. A apresentação se iniciou às 14h22 e se encerrou às 15hs.

A aluna fala que a revitalização do herbário foi fruto da cadeira de experiência profissional. A atuação foi realizada no arquivo do Centro de Coleções Taxonômicas, sua finalidade é catalogar, organizar e apresentar a grande variedade dos espécimes biológicos. O projeto era vinculado ao curso de Ciências Biológicas. O projeto foi também organizado por meio de grupos de whatsapp, diferenciando-se apenas a forma de registro de frequência que era realizada por meio de lista presencial contando com horário de entrada e saída. O acervo conta com 3 espaços, 1, e 3 andar, o projeto focou na revitalização do 3 andar. As plantas eram armazenadas em exsicatas que por sua vez eram armazenadas em armários pequenos para a quantidade de material, todos com a mesma dimensão de 2m, deixando a sala extremamente apertada. Apesar de na análise prévia o espaço ser avaliado como um bom local, com pequenos pontos de atualização, foi necessário o restauro da sala sobretudo pelo material estar organizado de forma desorganizada. A aluna afirma que o treinamento que recebeu previamente não foi usado no herbário em si, mas foi útil para adquirir experiência para trabalhos futuros. A revitalização teve como guia um arquiteto, tendo como principais pontos a re-etiquetagem das exsicatas, organização do mobiliário antigo, aquisição e alocação de novo mobiliário. A equipe se organizou de forma que uma retirava os materiais e as subsequentes dispostas de um em, preparam o material para a retirada do local, visando a reestruturação da sala, para só após o material ser ajustado de forma correta no mobiliário. Os problemas encontrados foram de muita poeira e excremento no local, com elevador instável e compartilhado com outros setores. Devido as condições do local foi necessário o uso de máscaras com filtro. A segunda etapa constou com etiquetagem das pastas. A terceira etapa constou com a devolução do acervo para a sala original. Após a limpeza e aquisição de novo mobiliário, foi mantida a ordem filogenética das exsicatas já presente no local. O resultado foi satisfatório, contando com melhor aproveitamento do espaço e finalizando o projeto antes do previsto e evitando a desmonte das exsicatas. Os resultados só foram possíveis devido a articulação apropriada da parte que necessitava desse auxílio.

### **3º apresentação**

Por Brenda Miranda de Moraes, sobre a coleção Solenopsis. A aluna é bióloga e traz o trabalho como um resultado proveniente de sua atuação por 1 ano e 8 meses. A atuação se iniciou às 15hs e encerrada às 15h25.

Seu enfoque no depósito das formigas foi no LAMAT, vinculado a Universidade de Mogi das Cruzes. Muito do trabalho do laboratório advém de o fator da universidade não perceber a importância da devida conservação desse material. A formiga é de difícil identificação, identificada a partir do uso de lupa para diferenciação de

espécimes similares, a pesquisa com o animal é necessário sobretudo para controle de pragas, e seu impacto ambiental e na saúde pública. A pesquisadora teve como objeto de estudo as formigas, a coleta em diferentes regiões do Brasil por meio de busca ativa e deslocamento ao laboratório. A coleção pesquisada na Universidade veio por meio de doação de arquivo pessoal do ex-reitor falecido da universidade. O objetivo desse trabalho foi a realização da curadoria, elaborando a coleção desse exemplar presente na Mata Atlântica. A curadoria usou como padrão o armazenamento de laboratórios próximos e foi realizado com as 1) coletadas e 2) doadas/herdadas. Essa segunda espécime contava com grande presença de fungo e deterioração, dessa maneira foi limpa a partir de 'banho' de álcool de forma cuidadosa para não deteriorar as etiquetas já existentes nesse material. Durante a realização do estudo foi realizado todo o processo de higienização, breve organização, diferenciação de via seca e via úmida, catalogação por esses dois tipos, e preparo apropriado de armazenamento levando em conta as duas catalogação, a formiga nessa última etapa é aberta, seca, esterilizada, (o material foi remontado esse passo a passo nas herdadas, nas coletadas apenas foi realizado). O material é guardado em caixa, banhada em cânfora e guardada em gavetas de madeira com tampo de vidro. A cânfora é necessária para espantar o risco da atração de outros seres vivos. Ao todo foram catalogados cerca de 2872 exemplares de solonopolis. Como o estudo continua sendo realizado, a pretensão é de realizar arquivo em mídia digital do processo de curadoria que vier a ser realizado.

#### **4º apresentação**

Por Jussara Vitoria de Freitas, professora de curso de conservação, sua pesquisa remonta a 68 anos atrás, sobre o armazenamento e releitura de acervo foto biográfico.

A apresentadora fala de sua admiração pela realização das pesquisas em sua área de paixão, pois segundo ela apenas é uma orientadora e não a pesquisadora em si que desenvolveu as pesquisas apresentadas por ela no fórum. Ela ressalta a convergência de todas as pesquisas sendo o cuidado e o amor pela conservação de seus objetos de pesquisa. Tendo a sua pesquisa o objeto de pesquisa os filmes cinematográficos, o acervo conta com filmes e seus materiais de transmissão. A preservação aqui das obras é mostrada como uma prática de lembrar os costumes e vestes para estudo, lembrar a tradição de aulas gravadas em Super oito pela Escola de Belas Artes, material didático desenvolvido pela universidade. A importância desse armazenamento adequado destaca a preservação das pesquisas gravadas e sua divulgação externa e acessível, visando o fortalecimento a memória universitária e sua relação com a sociedade. Bem como de materiais de transmissão iniciais. O acervo relatado é a base para o que formou o Cine imagens. Dentre os eventos realizados visando o ressaltar do acervo, destaca-se o Festival de Inverno da UFMG e exposições foto biográficas de professores aposentados da instituição,

auxiliando na realização e de guia para oficinas do tipo cianotipia. Entre os processos de conservação descobertas, está surpreendentemente o arquivo de rolos de filmes em solo de calcário por mais de 20 anos, sem nenhum tipo de deterioração. A pesquisa ressalta para além da necessidade de preservação dos processos museológicos, a necessidade de termos consciência da nossa história.

## **5º apresentação**

Por Agesilau Neiva Almada conservador e restaurador apaixonado pelo estudo de cerâmica. Conclusão às 16h30.

A pesquisa é fruto da tese de mestrado sobre esculturas de cerâmica sacras, com enfoque na Coleção de Arte Popular do Museu de História Nacional e Jardim Botânico. A pesquisa ocorria durante a pandemia, teve de ser interrompida e logo após veio o grande incêndio nesse acervo, assim a pesquisa se tornou sobre os impactos do incêndio nos processos de armazenamento das cerâmicas históricas do Vale de Jequitinhonha, de origem indígena e técnica “rudimentar” de rolinhos, pintada com o próprio barro para produzir e decorar suas peças antes do processo de queima, em fornos rudimentares específicos para essa queima. Esse acervo foi categorizado na pesquisa, pois o próprio museu não possui esse banco de dados e com o auxílio de bancos de dados externos foi possível ir sendo reconstituído o que eram as cerâmicas, sendo no total 125 objetos utilitários, 42 objetos decorativos, 29 transmitindo cenas do cotidiano. A historiografia do vale ressalta de uma origem muito pobre gerido por chefes de famílias femininas, que colocavam dinheiro em casa a partir da construção de cerâmicas, contendo apenas 1 homem artesão nesse entremeio. Em relação ao incêndio na reserva técnica em 15 de junho de 2020, ele aconteceu devido um equipamento doméstico usado para conservação que se aqueceu demais e incendiou o acervo, o desastre atingiu 2 salões por inteiro e parte de um terceiro que continha o material aqui estudado. Dentro da pesquisa foi realizado o resgate de peças por um grupo de arqueólogos e restauradores, assim, foi percebido que parte e dos acervos foram degradados pela interação do fogo com o próprio material usado para o armazenamento. A pesquisa consistiu sobretudo na realização de um banco de dados acerca do acervo, buscando identificar as degradações causadas pelo fogo, pelo material armazenamento e pela interação do fogo com o material de armazenamento. Acompanhado de análise quantitativa, dividindo todas as peças uma por uma em dois grupos: 1) acervo incendiado e 2) acervo preservado. Buscando identificar a técnica de produção, as tipologias de etiquetagem e o motivo da degradação. A análise usou de base um levantamento sobre o acervo, realizado em 2010, comparando as peças danificadas para realização de identificação pós-tragédia. O quantitativo final do museu diminuiu para um número mínimo de peças preservadas. A análise contava basicamente com uma planilha de Excel com todos os dados recolhidos e analisados de forma minuciosa com a foto de antes e após o incêndio, transformada em dois banco de dados, um

de peças preservadas e um de peças perdidas, em que cada peça se transforma em um dado no banco. O método usado de separação de grupos de tratamento e grupo de controle, original da área da saúde, foi usada pela primeira vez na área artística através dessa pesquisa. A principal conclusão é de que o processo de fuligem interfere para além da pintura inicial, também interfere no processo identificação da peça original e que a degradação por peça de fuligem e outra degradação. A dissertação gerada pela pesquisa, originou também um livro com enfoque no estudo de cerâmicas.



Apresentações de comunicação oral, na sala 5 pela tarde, sobre Conservação e Restauo de Acervos - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 5 pela tarde, sobre Conservação e Restauo de Acervos - Fotógrafo: Flávio Almeida

## **Revitalização da Infraestrutura Expográfica do Centro de Memória da Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais**

Gabriela de Souza Souto (UFMG) - gabrielasouzass26@gmail.com

Ana Julia de Carvalho Soares (UFMG) - anajulicsoares@gmail.com

Alice Cota Marques (UFMG) - alicecota03@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Desde 2001, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) tem promovido uma política de gestão de acervo de seus 25 espaços científico-culturais, por meio da criação da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, ela tem a missão de promover a integração e o fortalecimento dos espaços museológicos e culturais da universidade, visando à preservação, pesquisa e comunicação de seus acervos. Em 2021, professores do Curso de Conservação-Restauração da UFMG elaboraram um projeto junto à Rede de Museus, intitulado “Diagnóstico para o Aprimoramento da Gestão de Riscos em Espaços da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG”, com apoio de Emenda Parlamentar, utilizando a metodologia do ICCROM apresentada no “Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico” (2016). Dois projetos foram contemplados: “Revitalização da Infraestrutura Expográfica e de Guarda das Coleções dos Espaços de Ciência e Cultura da Rede de Museus-UFMG”; aprovado pelo CNPq, em 2022 e “Desenvolvimento de Protocolos para revitalização da Infraestrutura de Preservação e Acesso de Coleções Científicas”, aprovado pela Fapemig. Considerando estes projetos, o Centro de Memória da Faculdade de Odontologia (CMO), avaliado em 2022, recebeu recursos para a reorganização de sua infraestrutura de guarda de coleções. Visando a efetiva implantação das atividades previstas, o projeto contou com a participação de nove estudantes do Curso de Conservação-Restauração, por meio da disciplina Vivência Profissional, ofertada entre 2023 e 2025, dos quais, alguns receberam bolsa de extensão.

O CMO, criado em 2007, é formado por um espaço expositivo, um laboratório de pesquisa histórica, um espaço de exposição, uma Reserva Técnica (RT) e uma Sala de Triagem, voltadas à conservação e à gestão da memória da educação e pesquisa em Odontologia em Minas Gerais, com itens museológicos, uma biblioteca e um acervo arquivístico. Sua coleção apresenta variadas tipologias, desde material didático, fotografias até instrumentais odontológicos, que foram devidamente realocadas e acondicionadas no espaço de RT, revitalizado a partir dos projetos mencionados. Este trabalho tem por objetivo apresentar a experiência de dois anos dos discentes do Curso de Conservação-Restauração, a partir da revisão do diagnóstico; acompanhamento do projeto e implantação do mobiliário compactador;

treinamento e execução de embalagens especiais, considerando a natureza atípica dos objetos de ciência-tecnologia musealizados do CMO, os quais trazem desafios singulares e expandem o olhar do estudante sobre os espaços de memória potenciais de trabalho em universidades.

## MATERIAIS E MÉTODOS

No campo da Conservação Preventiva, a discussão de que a metodologia de embalagem envolve a pesquisa científica sobre materiais inertes, fisicamente estruturados e mais adequados ao acondicionamento, além da demanda de treinamentos prévios, visando a capacitação dos alunos, como o "Curso de Acondicionamento", ofertado durante a disciplina, em distintos espaços, permitiu decidir os sistemas mais adequados para a embalagem do acervo do CMO. Com a criação da Sala de Triagem e Higienização do CMO, foram discutidos os problemas de infestação de acervos e as metodologias de desinfestação e controle, além de um treinamento especializado no uso da Mesa de Higienização adquirida ao longo do projeto. A antiga RT do CMO (14,8 m<sup>2</sup>) não comportava o acervo de forma adequada, que eram acondicionados em arquivos, armários, estantes e o restante sobre mesas em caixas de papelão ou no chão. Uma nova sala (44,6 m<sup>2</sup>) foi destinada para esse fim, bem como a aquisição de novos mobiliários. O processo se iniciou com a instalação do mobiliário compactador deslizante e de dois traineis de parede para os quadros. Após a implantação do mobiliário, o acondicionamento dos itens nos armários se iniciou com o acervo bibliográfico e fotográfico; depois os objetos tridimensionais e, em seguida, os arquivísticos, finalizando com os quadros. Cada tipologia recebeu uma embalagem adequada, seguindo preceitos encontrados na literatura da área de Conservação Preventiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho foi registrado fotograficamente e o acervo foi documentado em tabelas no programa Excel, cujos dados foram, introduzidos na plataforma In Patrimonium. Ao final de cada semestre, um relatório geral foi elaborado e os resultados apresentados. A principal mudança foi a otimização e o ganho de espaço na RT que agora conta com 6 armários com 3 estantes e sete prateleiras cada, totalizando 126 metros corridos de espaço. Onde todo o acervo foi acondicionado em seu interior, reduzindo riscos de deterioração. Foi visto, na prática, como é difícil trabalhar com coleções científicas e modelos pedagógicos dentro de instituições públicas. Por isso, projetos como esses são precisos dentro de universidades para, não só dar incentivo para esses espaços continuarem a atuar, mas para que os próprios alunos reflitam e queiram fazer parte da salvaguarda da memória acadêmica para os futuros estudantes e profissionais da área.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de atuação de um Conservador-Restaurador é muito vasto e isso se comprova ao passar pela disciplina de Vivência Profissional, onde trabalhamos com diversas tipologias não convencionais de acervos. Para além das melhorias no espaço físico da RT, o projeto confere aos seus participantes a oportunidade de lidar, na prática, com situações e imprevistos que apenas a graduação os não submete. Ademais, contribui e incentiva a tomada de decisões como uma equipe, agregando valores e experiências únicas que serão úteis na futura vida profissional. Os acervos universitários são uma forma essencial de agregar e disseminar os três pilares constituintes de ensino, pesquisa e extensão.

## PALAVRAS-CHAVE

Coleções Universitárias. Conservação-Restauração. Reserva Técnica. Gestão de Riscos. Diagnóstico.

## AGRADECIMENTOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio do projeto "Desenvolvimento de Protocolos para revitalização da Infraestrutura de Preservação e Acesso de Coleções Científicas, Edital FAPEMIG 012/2023 e do programa de bolsas de extensão da Rede de Museus-PROEX-UFMG, aos quais agradecemos imensamente. Ao CNPq, pelo investimento e incentivo à preservação da cultura. À professora Yacy-Ara Froner, coordenadora do projeto e aos discentes, que estão realizando um trabalho de excelência.

## REFERÊNCIAS

- FRONER. Yacy-Ara. Relatório Parcial - 01/2023 a 04/2025 Revitalização da Infraestrutura Expográfica e de Guarda das Coleções dos Espaços de Ciência e Cultura da Rede de Museus UFMG. Belo Horizonte: UFMG, Abril/2025.
- FRONER. Yacy-Ara. Tópicos em Conservação preventiva : avaliação e diagnóstico de coleções. Caderno Técnico 8: Reserva Técnica. Belo Horizonte: UFMG. 2008.
- ICCROM. Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico. 2016.

## A revitalização do mobiliário do Herbário da UFMG como estratégia de preservação

Rafaela Barbosa Fonsato (UFMG) - fonsato123@gmail.com  
Camila Brandão Pereira Silva (UFMG) - cambrps@gmail.com  
Enrico Nolasco (UFMG) - enriconolasco1@gmail.com  
Gustavo Santos Silva - gustavosantosbio@gmail.com

### INTRODUÇÃO

A Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), reúne diversos espaços dedicados à divulgação científica, salvaguarda do patrimônio cultural e promoção de programas de extensão. A Rede-UFMG atua como uma estrutura de conexão que fomenta uma gestão colaborativa das áreas do patrimônio material e imaterial da universidade. O presente trabalho reflete as experiências desenvolvidas no espaço de guarda das coleções do Herbário, vinculado ao Centro de Coleções Taxonômicas (CCT) do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG, através do Projeto de “Revitalização da Infraestrutura Expográfica e de Guarda das Coleções dos Espaços de Ciência e Cultura da Rede de Museus - UFMG” coordenado pela Dra. Yacy-Ara Froner, com apoio do CNPq e Fapemig. O Herbário BHCB, comporta uma coleção científica de mais de 223.000 exsicatas<sup>[1]</sup>, voltada ao estudo da flora brasileira, objetivando o armazenamento, a catalogação e a disponibilização de espécimes para pesquisa, ensino e extensão. Por se tratar de um acervo orgânico, a preservação das coleções exige práticas rigorosas de conservação e adequado acondicionamento das amostras, vulneráveis à umidade, iluminação e temperatura. A partir do “Diagnóstico de Gestão de Riscos”, em 2022-2023, foi priorizada a reorganização do espaço físico de armazenamento das coleções, com a implantação de um novo projeto que contemplou a instalação de um armário deslizante compactador, visando a otimização do espaço (Froner, 2008; Rose; Rose, 1995). O Herbário possuía 44 armários de aço antigos, utilizados para acondicionar a coleção; apesar da boa condição do mobiliário, o mesmo não comportava de forma adequada a totalidade do acervo.

<sup>[1]</sup> Exsicata é uma amostra seca de parte ou total de um vegetal, prensada e montada em uma folha de papel próprio para herbário, acompanhada de uma etiqueta com informações detalhadas sobre a planta coletada. A exsicata é utilizada para documentar e preservar espécimes vegetais com diversas finalidades, principalmente estudos científicos.

O projeto permitiu um acondicionamento adequado às necessidades numéricas e materiais do acervo, aprimorando a organização das pastas das exsicatas por meio da maximização e aproveitamento do espaço disponível, além de possibilitar o aumento da capacidade de armazenamento do acervo. Sendo assim, o objetivo deste artigo é apresentar o processo de implantação da reorganização física das coleções científico-culturais do Herbário BHCB, aprimorando as condições de armazenamento e acesso à pesquisa e extroversão.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto foi iniciado a partir do planejamento do mobiliário pelo arquiteto bolsista do projeto Gustavo Alcântara; identificação dos espaços de manobra e estabelecimento da equipe de alunos de graduação do Curso de Conservação-Restauração da Escola de Belas Artes da UFMG, que atuaram, inicialmente como discentes da disciplina de Planejamento de Reserva Técnica e posteriormente da disciplina de Vivência Profissional. Após ciência dos documentos de identificação e diagnóstico relacionado ao setor, a equipe determinou três etapas de atuação: a primeira consistiu na retirada do acervo para os espaços de manobra, incluindo o mobiliário antigo; a segunda, a instalação do novo mobiliário e a sua identificação; e a terceira, a introdução do acervo no mobiliário novo, conforme as orientações relacionadas à organização por grupos taxonômicos.

A primeira etapa, iniciada em 2023, foi executada pela equipe de alunos, organizados ao longo da semana em turnos de 4h. O acervo foi embalado em sacos plásticos, para proteger as exsicatas durante a remoção para os espaços de manobra, e foram feitas etiquetas para identificar a localização original de cada pasta de exsicata, mantendo a lógica organizacional da coleção. Paralelamente, à medida que os armários eram esvaziados, eram transferidos para os espaços de manobra. Todo o processo foi registrado fotograficamente, além do relatório de acompanhamento. A segunda etapa determinou o acompanhamento e o registro fotográfico da montagem do mobiliário compactador, o qual foi avaliado a partir de sua normatização técnica. Ao final da montagem, o mobiliário foi etiquetado seguindo a ordem MÓDULO-ESTANTE-COLUNA. A terceira etapa significou o retorno do acervo, seguindo a ordem e identificação estabelecida na primeira etapa do trabalho. Assim, os sacos plásticos eram alocados na bancada de trabalho, as fitas adesivas que fechavam os sacos foram removidas e as exsicatas retiradas. Cada exsicata foi colocada no armário, em ordem alfabética de acordo com a família taxonômica. Foram deixados vazios dois escaninhos em cada estante para futuras adições ao acervo. A localização das exsicatas no compactador foi registrada em planilhas de Excel, incluindo a data e os responsáveis pelas atividades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O principal resultado obtido neste projeto foi o aprimoramento e a otimização de espaço de armazenamento, permitindo que a coleção do Herbário continue se expandindo. Com a grande movimentação realizada ao retirar as pastas de exsicatas de sua localização original para uma área de manobra, o risco de dissociação era muito grande, dessa forma, o registro continuado das atividades permitiu que não ocorresse a sua dissociação. A equipe desenvolveu medidas organizacionais eficientes ao criar etiquetas compostas pela Família taxonômica e pela localização dentro do armário original (numerados de 1 a 44) e ao manter o controle do acervo por meio de uma planilha. O processo de realocação do acervo no novo mobiliário compactador foi concluído de forma organizada e eficiente, superando as expectativas e respeitando o prazo previsto. A equipe adotou rotinas de trabalho adaptadas à realidade do acervo, garantindo agilidade e segurança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instalação do novo sistema foi crucial para a maximização e melhor aproveitamento da área disponível, além de aumentar a capacidade de armazenamento, de modo a permitir que a base de dados científica composta por exsicatas possa continuar a crescer, a partir da demanda do acervo do Herbário. A reorganização e otimização do espaço melhoraram o acondicionamento, garantindo mais facilidade no acesso e manejo da coleção. O bom relacionamento da equipe de alunos de Conservação e Restauração com a equipe técnica do espaço reforçou a importância da experiência didática para o aprendizado voltado à preservação de coleções científicas. Por fim destaca-se também o papel essencial do conservador-restaurador na conservação e gestão qualificada de acervos científicos.

## PALAVRAS-CHAVE

Herbário. Reserva Técnica. Conservação. Mobiliário compactador.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimento pela oportunidade de realizar a pesquisa desenvolvida por meio do projeto "Desenvolvimento de Protocolos para revitalização da Infraestrutura de Preservação e Acesso de Coleções Científicas", Edital FAPEMIG 012/2023 e do programa de bolsas de extensão da Rede de Museus-PROEX-UFMG.

## REFERÊNCIAS

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO - REDE MUSEUS. Laudo Técnico Diagnóstico do Centro de Coleções Taxonômicas do Instituto de Ciências Biológicas (CTT-UFMG). 2023.  
FRONER, Yacy-Ara. Reserva Técnica. In: Tópicos em Conservação Preventiva - 8. Belo Horizonte: IPHAN, 2008.

## A coleção *Solenopsis*: gavetas que guardam histórias

Brenda Miranda de Moraes (UMC) [moraesbm@outlook.com.br](mailto:moraesbm@outlook.com.br)

### INTRODUÇÃO

Os museus de história natural são instituições que atuam na salvaguarda do patrimônio natural, cultural e histórico da sociedade. Para além da proteção, dedicam-se à coleta, preservação, pesquisa e exposição de coleções. Segundo Landim e Ruiz (2023), o sucesso de um museu depende menos de sua estrutura física e mais da atuação qualificada de seus curadores. Nesse sentido, a curadoria assume um papel essencial ao assegurar a integridade, organização e acessibilidade dos acervos biológicos, promovendo sua permanência como fontes de dados e testemunhos (BRANDÃO et al., 2021).

O Laboratório de Mirmecologia do Alto Tietê (LAMAT), vinculado à Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), é um exemplo na formação, manutenção e depósito de coleções biológicas em instituições de ensino e pesquisa. Entre seus acervos, destaca-se a Coleção de Referência *Silvia Sayuri Suguituru*, que abriga mais de oito mil exemplares de formigas coletadas em diferentes áreas do bioma Mata Atlântica (SOUZA-CAMPANA et al., 2020). No conjunto de espécimes presentes na coleção, sobressai o gênero *Solenopsis* Westwood, 1840. Popularmente conhecidas como “fire-ants”, essas formigas desempenham papéis ecológicos significativos e apresentam desafios particulares para identificação e conservação em acervos taxonômicos (PACHECO et al., 2013).

Este trabalho teve como objetivo elaborar uma coleção de exemplares do gênero *Solenopsis* do Domínio Atlântico brasileiro. Especificamente, buscou-se: (1) confirmar a identificação dos espécimes analisados em outras coleções ou recebidos por doação; e (2) aplicar procedimentos de curadoria conforme os protocolos do Departamento de Hymenoptera do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZSP), visando à sua incorporação inicial na Coleção de Referência do Alto Tietê e, posterior, depósito no acervo institucional do MZSP.

### MATERIAIS E MÉTODOS

As informações das etiquetas dos espécimes foram transcritas para um banco de dados, conforme padrões de coleções zoológicas, abrangendo dados como: data de coleta, localidade, coordenadas geográficas, altitude, habitat, coletor e identificação taxonômica. Informações ausentes foram complementadas com o apoio do grupo

de pesquisa. Para a identificação das espécies utilizou-se a chave de identificação de Trager (1991) e Pitts et al. (2018). Para os espécimes cujas coordenadas geográficas não estavam disponíveis, utilizou-se o software Google Earth para localizar os pontos de coleta. Essa busca foi realizada com base nas informações de localidade presentes nas etiquetas (como nome da cidade ou região) ou nos cadernos de campo dos coletores. Os espécimes preservados em via úmida foram montados segundo as orientações de preparação entomológica descritas por Triplehorn e Johnson (2015).

À medida que os dados eram inseridos no banco, sua organização foi padronizada de acordo com a estrutura exigida pelo sistema Specify. Os exemplares receberam o código provisório 'CSLAMAT' e as caixas entomológicas foram identificadas com o código 'CSLAMATC', ambos seguidos de numeração. Esse sistema de codificação permitiu a rastreabilidade dos espécimes e das suas respectivas informações. Após esse processo, os espécimes foram analisados sob microscópio estereoscópico, e aqueles que apresentavam contaminação fúngica foram submetidos a um protocolo de limpeza, conforme descrito por Moleiro et al. (2023). Paralelamente, as etiquetas foram higienizadas com álcool etílico 70%.

A etiquetagem definitiva seguiu o padrão adotado pelo MZSP. Cada exemplar recebeu um número de tombo fornecido pela instituição e duas etiquetas: uma com as informações taxonômicas (espécie, autor, determinador e ano); e outra com os dados da localidade (país, estado, município, coordenadas geográficas, data da coleta, método de coleta e coletores). Para a colocação dos espécimes no alfinete e inserção das etiquetas foram utilizados blocos de alfinetagem, que permitiram a disposição adequada do exemplar, número de tombo e demais etiquetas associadas.

## RESULTADOS

As ações preliminares incluíram a identificação e confirmação dos espécimes de *Solenopsis* spp. amostrados entre 1985 e 2024. Os resultados apontam que o acervo possui cerca de 4.000 exemplares de formigas do gênero *Solenopsis*. Os espécimes, pertencentes ao grupo "fire-ants", somam 3.826 indivíduos, dos quais, 1.845 são pertencentes ao grupo *S. saevissima*, 1.134 são de *S. macdonaghi* (Santschi, 1916), 841 de *S. invicta* (Buren, 1972), 6 de *S. xyloni* (McCook, 1880) e 1 de *S. interrupta* (Santschi, 1916).

A curadoria dos exemplares de *Solenopsis* spp. permitiu sua adequada documentação, assegurando a integridade dos dados e sua futura utilização em estudos comparativos, ecológicos, taxonômicos e evolutivos. Após a finalização desse processo, cerca de 3.000 espécimes serão incorporados à coleção de Hymenoptera do MZSP, com as suas respectivas informações disponibilizadas na plataforma Specify.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dos espécimes de *Solenopsis* seguiu padrões museológicos, incluindo a adoção de números de tombo, prática até então não utilizada na coleção de referência do LAMAT. A curadoria realizada no laboratório foi fundamental para garantir a integridade dos dados, a padronização das informações e a preservação do material biológico. Com a incorporação da coleção ao MZSP, assegura-se sua conservação, ampliando o uso do acervo em estudos científicos, ações educativas e divulgação científica. Esse processo evidencia a relevância de laboratórios como o LAMAT, na valorização e depósito de materiais biológicos e reforça o papel dos museus na salvaguarda e democratização do conhecimento sobre a biodiversidade.

## PALAVRAS-CHAVE

Solenopsis. Coleções. Curadoria. Patrimônio Natural. Museu de Zoologia da USP.

## AGRADECIMENTOS

À FAPESP, processos nº 2023/17547-4 e nº 2024/06080-0.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. F.; RAMOS, K. S.; ULYSSÉA, M. A.; SANTOS, A. D.; & ANDRADE, T. O. (2021). Princípios para a curadoria técnica do acervo entomológico do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. *Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série*, 29, 1-20.
- LANDIM, M. I. & RUIZ, J. G. (2023). A Nova ideia de museu (Flower, 1893): reflexões sobre a forma e a função dos museus de história natural. *Anais do Museu Paulista*, 31.
- PACHECO, J. A.; MACKAY, W. P.; & LATTKÉ, J. (2013). *The systematics and biology of the New World thief ants of the genus Solenopsis (Hymenoptera: Formicidae)*. Lewiston: Edwin Mellen Press.
- SOUZA-CAMPANA, D.; WAZEMA, C. T.; MAGALHÃES, F. S.; SILVA, N. S.; NAGATANI, V. H.; SUGUITURU, S. S.; GOTO, M. A.; & MORINI, M. S. C. (2020). Coleção de referência do Laboratório de Mirmecologia do Alto Tietê, São Paulo, Brasil: status atual e perspectivas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais*, 15(1), 317-336.

## **Filmes fotográficos como patrimônio cultural e científico: estudo aplicado ao acervo do Festival de Inverno da UFMG**

Vitor Marques de Assis (UFMG) - vma2020@ufmg.br  
Jussara Vitória de Freitas (UFMG) - jussaravitoria@ufmg.br

### INTRODUÇÃO

A compreensão do patrimônio cultural e científico exige mais que a análise da materialidade dos objetos, incorporando contextos históricos, sociais e afetivos que lhes dão sentido. Na museologia e historiografia, reconhece-se que documentos fotográficos, especialmente filmes analógicos, são testemunhos materiais que condensam aspectos culturais, estéticos e tecnológicos de sua época.

Com o tempo, o conceito de documento expandiu-se além do texto escrito, abrangendo imagens, filmes, gravações e objetos científicos, como câmeras, lentes e sistemas de captação de som, utilizados para registrar, manipular e traduzir visualmente a narrativa fílmica. Essa ampliação redefiniu a valorização e a preservação da memória coletiva. Este estudo enfoca o filme fotográfico como documento técnico e histórico, que requer metodologias específicas de conservação, digitalização e difusão.

O uso de slides em carretel com áudio marcou uma etapa intermediária na transição do cinema mudo para o sonoro, ao combinar imagens fixas projetadas em sequência com trilhas sonoras, narrações ou músicas gravadas, ampliando as possibilidades expressivas do audiovisual e antecipando a integração plena entre som e imagem, sendo empregada em contextos educativos, científicos e culturais. A coleção analisada integra a história do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, desempenhando papel crucial em sua formação e consolidação, sobretudo nas últimas décadas do século XX principalmente nos anos 80 e 90, como instrumento de educação, arte e cultura, com ações itinerantes em cidades do interior de Minas Gerais. Essa coleção fomentou experimentações artísticas e narrativas visuais, sendo precursora de práticas audiovisuais contemporâneas no festival.

Considerando esses aspectos, a pesquisa de técnicas de preservação de acervos fotográficos propõe parâmetros técnicos e metodológicos para digitalização e conservação de filmes fotográficos, com foco na coleção do Festival, que representa um momento de intercâmbio cultural entre universidade e sociedade. Ao sistematizar esses processos, visa-se fortalecer seu uso acadêmico e social, promovendo acesso inclusivo e sustentável à informação e consolidando políticas universitárias de memória, tecnologia e educação, com potencial de uso em ensino, pesquisa e extensão.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo adota uma abordagem metodológica que articula revisão bibliográfica, análise documental e experimentação prática, com base em acervos doados ao projeto Imagens de Minas, que preserva parte da memória fotográfica e cinematográfica da UFMG. A pesquisa bibliográfica contemplou normas técnicas e diretrizes internacionais voltadas à conservação e digitalização de filmes fotográficos, orientando os parâmetros técnicos e metodológicos utilizados.

O processo de tratamento e digitalização dos negativos fotográficos (35mm e médio formato) foi conduzido de forma sistemática, abrangendo as seguintes etapas:

### **1. Levantamento Inicial**

Os negativos foram classificados quanto à quantidade, estado de conservação e formatos. A partir desse diagnóstico, estabeleceram-se metas voltadas à preservação, difusão e acessibilidade, com base em critérios técnicos de conservação e restauração.

### **2. Higienização**

A limpeza dos materiais incluiu técnicas a seco, como o uso de pincel antiestático, soprador de ar e flanela de microfibra, e a úmido, com aplicação de álcool isopropílico. Em casos específicos, utilizou-se percloroetileno<sup>[1]</sup> para estabilização da imagem.

### **3. Captura de Imagens (Digitalização)**

A digitalização foi realizada com scanners Epson V600 e V850, operando em resoluções entre 2400 e 4800 dpi. Complementarmente, utilizou-se câmera digital com lente macro, com os softwares DSLR Scanner e Negative Lab Pro. As imagens foram capturadas em modo positivo, com ajustes manuais de foco e exposição, assegurando fidelidade visual.

### **4. Salvamento dos Arquivos**

Os arquivos digitais receberam nomenclatura padronizada para garantir organização e rastreabilidade. Durante o pós-processamento, aplicaram-se correções leves de cor, brilho e riscos, respeitando a integridade dos originais. Metadados como autor, data e palavras-chave foram inseridos para facilitar a indexação.

### **5. Preservação Física**

Os negativos originais foram acondicionados em papel neutro e armazenados em caixas apropriadas, sob temperatura controlada (15–18 °C) e condições que evitam exposição à luz, calor e umidade, assegurando sua preservação a longo prazo.

### **6. Gestão das Coleções**

Na etapa final, os arquivos digitalizados foram inseridos em um módulo de gestão de coleções, promovendo acessibilidade estruturada e permanente ao acervo digital.

<sup>[1]</sup> Emprega-se o percloroetileno no processo de estabilização da imagem, visando à consolidação e preservação de suas características físicas e visuais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os negativos foram devidamente catalogados e registrados na plataforma de gestão de coleções, o In Patrimonium, seguindo os parâmetros de documentação criteriosamente estabelecidos pela gestão de documentos. Este processo integrou as etapas de digitalização, elaboração de fichas de conservação e tratamento das imagens, resultando em registros digitais organizados e acessíveis, o que facilita o acesso à informação e reforça a importância dos acervos universitários como fontes essenciais para a pesquisa e alicerces do conhecimento acadêmico.

A metodologia adotada garantiu não apenas a preservação das imagens, mas também a democratização possibilitando o seu acesso, com um processo que pode ser replicado em outros acervos com infraestrutura similar. Foram asseguradas qualidade técnica e o alinhamento com as melhores práticas de conservação. Dessa forma, o estudo fortaleceu a preservação e o acesso ao acervo, criando uma base sólida para seu uso acadêmico e institucional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de filmes fotográficos em carretel com áudio foi crucial na consolidação do Festival de Inverno da UFMG, especialmente em suas primeiras edições. Ao permitir a exibição de narrativas visuais com som sincronizado, esses slides atuaram como meio de mediação entre a universidade e comunidades locais, sobretudo em áreas com infraestrutura precária. Além de ampliar o acesso ao conhecimento e à expressão artística, contribuíram para a documentação e a preservação da memória institucional do evento.

Os resultados do estudo evidenciam que a preservação e a valorização do acervo foram alcançadas por meio de um processo estruturado: levantamento técnico, higienização, digitalização, tratamento das imagens e catalogação na plataforma In Patrimonium. Além de assegurar a salvaguarda dos materiais, o estudo reforça o papel das coleções acadêmicas como instrumentos de pesquisa, memória e produção de conhecimento, de modo que contribui para a valorização do patrimônio científico e cultural da UFMG foi fortalecida, oferecendo base sólida para seu uso acadêmico, institucional e museológico, garantindo continuidade e relevância a longo prazo, a preservação da memória universitária, o fortalecimento da identidade institucional e o desenvolvimento de ações de ensino, pesquisa e extensão. Essa valorização também amplia o acesso da sociedade ao conhecimento produzido na universidade, promovendo a difusão cultural e o diálogo entre ciência e público, em consonância com as demandas contemporâneas de democratização do saber.

## PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio Cultural. Filmes Fotográficos. Coleções Universitárias. Festival de Inverno da UFMG

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa teve o apoio por meio do Programa institucional de bolsas de iniciação científica – Probic / Fapemig- Edital 05/2025.

## REFERÊNCIAS

ACERVO do Festival de Inverno – Sistema de Bibliotecas da UFMG. Memória intelectual da UFMG. Disponível em: [https://www.bu.ufmg.br/bu\\_atual/especiais-eraros/memoria-intelectual-da-ufmg/acervo-festival-de-inverno/](https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/especiais-eraros/memoria-intelectual-da-ufmg/acervo-festival-de-inverno/). Acesso em: 30 abr. 2024.

RIBEIRO, Alessandra. Histórias do Festival. Disponível em: <https://www.ufmg.br/festivaldeinverno-noticias/historias-do-festival/>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ROGERS, Richard. Digital preservation of photographs. [S.l.]: ResearchGate, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/279113909\\_Digital\\_preservation\\_of\\_photos](https://www.researchgate.net/publication/279113909_Digital_preservation_of_photos). Acesso em: 30 abr. 2024

# **Impactos dos incêndios nos acervos museológicos: o caso das cerâmicas do Vale do Jequitinhonha do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG**

Agesilau Neiva Almada (PPGArtes/EBA/UFMG) – agealmada@yahoo.com

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo aprofundar a compreensão das degradações sofridas pelas cerâmicas em decorrência de incêndios ocorridos em museus e instituições que abrigam acervos culturais. Para desmistificar a ideia de que tais eventos sejam isolados ou de baixa frequência, toma-se como ponto de partida o incêndio ocorrido em 15 de junho de 2020 no Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFMG). A análise centra-se nos impactos do fogo sobre as reservas técnicas, com ênfase nos objetos de suporte cerâmico da Coleção de Arte Popular do Vale do Jequitinhonha, MG. Destaca-se a vulnerabilidade desses materiais às altas temperaturas e aos agentes de degradação térmica, bem como as alterações físicas e químicas de seus suportes provocadas pelo incêndio. Ademais, investiga-se a relação entre os materiais utilizados nos mobiliários e sistemas de acondicionamento das peças e a propagação do fogo, mapeando seus efeitos, considerando fatores internos e externos relacionados à infraestrutura, manutenção e gestão de riscos

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para este estudo, foram elaborados bancos de dados a partir de análises organolépticas de todo o acervo cerâmico da Coleção de Arte Popular do MHNJB-UFMG. Assim, foram constituídos dois bancos de dados: um com 180 peças armazenadas na Reserva Técnica 1 (RT1), diretamente atingidas pelo fogo, e outro com 28 objetos que se encontravam expostos na Sala de Exposição Temporária 3, em edificação distinta dentro da área do museu, que permaneceram preservados do incêndio. Além das peças, foram incluídas variáveis relacionadas aos diferentes tipos de etiquetas de identificação das peças que foram afetadas pelo evento.

Adotou-se o modelo metodológico “tratamento-controle” ou “caso-controle”, tradicionalmente utilizado nas ciências médicas e da saúde e também das ciências sociais, e, de forma inovadora, aplicado ao campo das artes neste estudo. O objetivo

foi comparar as tipologias de degradação em peças cerâmicas da Coleção de Arte Popular do MHNJB-UFMG, afetadas pelo incêndio, ocorrido em junho de 2020, decorrente de um curto-circuito em um aparelho de ar-condicionado doméstico instalado na Reserva Técnica 1.

A metodologia possibilitou a comparação entre os danos observados nos dois conjuntos de objetos cerâmicos, fundamentando-se na pesquisa *ex postfacto*, conforme definido por Gil (2002), em que dois grupos similares são analisados, diferenciando-se apenas pela variável de exposição, neste caso, o incêndio. Estudos de Aragão (2011) e Rêgo (2010) reforçam a importância de uma seleção criteriosa dos grupos e da análise da frequência de exposição a fatores de risco. As peças analisadas compartilham características essenciais: originam-se da região do Vale do Jequitinhonha, resultam de uma produção artesanal em barro com composição mineral semelhante, utilizam técnicas construtivas e decorativas idênticas (como o uso de rolinhos na modelagem e a aplicação de óleo (a tinta do barro) na pintura antes da queima), processos de queima similares (fornos rudimentares ou de barracos com queima à lenha), paleta cromática restrita (tons de terracota, branco, rosa e vermelho) e datadas da década de 1970. Essas semelhanças justificam e validam a aplicação do método adotado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa possibilitou, como resultado, a elaboração de uma tipologia de degradações relacionadas às cerâmicas, considerando os efeitos do suporte cerâmico, como fraturas, trincas, rachaduras, fissuras, craquelês etc., decorrentes do processo de manufatura das peças (fatores intrínsecos) e também do envelhecimento natural do suporte e os impactos sofridos ao longo do tempo (fatores extrínsecos), além das degradações específicas provocadas pelo incêndio, denominadas de degradações extrínsecas pós-incêndio (ALMADA & QUITES, 2025).

A fuligem foi a degradação mais prevalente em todas as peças afetadas, presente em 98,3% do acervo, ou seja, em 177 objetos. Das peças incendiadas, apenas três não apresentaram fuligem devido às condições de armazenamento em armários metálicos, que as protegeram da impregnação. A segunda degradação mais comum foi a presença de manchas diversas, como as amarronzadas, solubilizadas por materiais líquidos utilizados na contenção do incêndio; as esbranquiçadas, causadas por agentes de controle da conflagração; além das manchas de adesivos (de intervenções anteriores ou de etiquetas de identificação) que se solubilizaram com o calor, deixando marcas visíveis sobre o suporte. Essas manchas atingiram 54,6% (99 peças) do acervo afetado. Por fim, o material de acondicionamento aderido às peças, como plásticos bolha, espumas e TNTs utilizados na embalagem e acondicionamento dos objetos cerâmicos, que foi constatado em 36 objetos, representando 20,0% do total do acervo incendiado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o impacto do incêndio sobre as peças cerâmicas foi relativamente limitado em termos de resistência mecânica, graças ao uso de mobiliário metálico resistente, que absorveu parte dos impactos do colapso do telhado e à alta resistência intrínseca das peças cerâmicas. Contudo, a presença significativa de fuligem resultou em danos estéticos relevantes. A pesquisa também contribuiu para a compreensão aprofundada das diferentes degradações que afetam a cerâmica, de origem intrínseca e extrínseca, incluindo aquelas propiciadas por eventos adversos, como o incêndio. Essas informações fortalecem as estratégias de conservação e restauração no âmbito das instituições museais.

A produção cerâmica do Vale do Jequitinhonha é o resultado de uma mescla cultural entre grupos indígenas, africanos e os brancos europeus, e de uma produção pautada pelo respeito à natureza, pelo saber popular e pela religiosidade de seu povo, representando assim uma síntese do conhecimento ancestral transmitido de geração em geração. A análise do incêndio revelou, ainda, a escassez de estudos específicos sobre os efeitos do fogo em objetos cerâmicos na literatura acadêmica, embora as causas dos incêndios em museus e instituições culturais, frequentemente relacionadas a problemas em equipamentos e redes elétricas, tenham sido identificadas por fontes oficiais. No caso do MHNJB-UFMG, o incêndio teve início pelo superaquecimento de um ar-condicionado doméstico instalado na reserva técnica afetada, evidenciando a necessidade de monitoramento e revisões periódicas dos sistemas elétricos e dos usos dos equipamentos.

Apesar de o acervo cerâmico ter sido protegido por mobiliário metálico resistente, o impacto estético causado pela fuligem — a degradação mais presente mapeada no acervo — foi severo, reforçando a importância do uso de materiais de acondicionamento que protejam melhor as peças e que não adiram sob calor, como o ethafoam e produtos da linha Tyvek®. Além disso, recomenda-se a adoção de móveis metálicos com acabamentos resistentes ao calor e aos impactos mecânicos. Por fim, destaca-se a urgência de que os museus implementem medidas rigorosas de conservação preventiva, incluindo revisões sistemáticas de suas instalações elétricas, hidráulicas, redes de gases e sistemas de segurança, de modo a proteger seus acervos de eventos adversos, como incêndios, e assegurar a preservação do patrimônio cultural.

## PALAVRAS-CHAVE

Acervo museológico; Incêndio; Cerâmica; Vale do Jequitinhonha; Conservação preventiva.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG pelo suporte e acesso ao acervo. Este trabalho contou com o apoio financeiro da CAPES (Código de Financiamento 001).

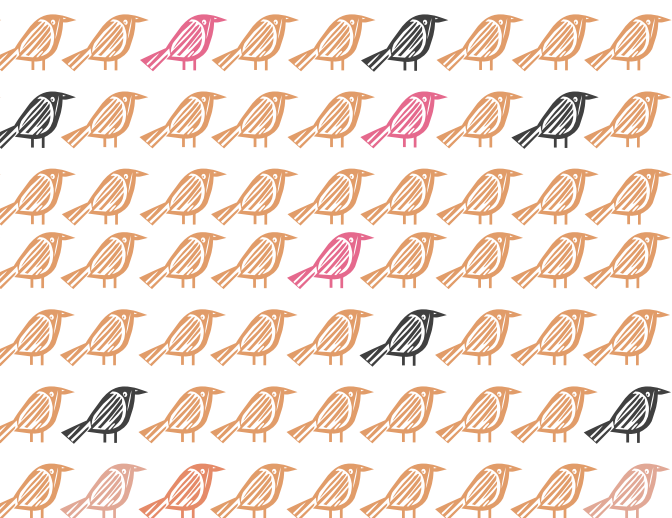
## REFERÊNCIAS

ALMADA, Agesilau Neiva; QUITES, Maria Regina Emery. Cerâmica do Vale do Jequitinhonha: Uma coleção do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Veranópolis, RS: Diálogo Freiriano, 2025. 366 p.

ARAGÃO, Júlio. Introdução aos estudos quantitativos utilizados em pesquisas científicas. Revista Práxis, Ano III, nº 6. Volta Redonda, RJ: Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA), 2011, p. 59-62.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002. 176 p.

RÊGO, Marco Antônio V. Estudos caso-controle: uma breve revisão. Gazeta Médica da Bahia, n. 1 (144), jan-abr. Salvador, BA: Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA), 2010, p. 101-110.



## **SALA 6**

### **GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE MUSEUS**

Mediador  
**Allyson Pinheiro**

Bolsista  
**Sophia Ferreira Gomes de Oliveira e Silva**

A sessão começou com a apresentação “Ecomuseu Ilha Grande e ecologia de saberes: identificação, representação, reconhecimento e transformação”, do Prof. Gelsom Rozentino de Almeida. Situada entre camadas de memória prisional e colonial, hoje reconhecida como patrimônio mundial da UNESCO, a Ilha Grande abriga comunidades diversas e um amplo campo de atuação da UERJ em museologia e pesquisa. O Ecomuseu, estruturado em núcleos, reúne patrimônio cultural e memorial dessas comunidades, ao mesmo tempo em que preserva a biodiversidade local. A proposta articula democratização do acesso à cultura e à educação, educação ambiental e objetivos de sustentabilidade, promovendo ações em diálogo com escolas, bibliotecas, eventos culturais, jardim botânico e espaços públicos da ilha — sempre com foco em melhores condições de vida para seus moradores.

Na sequência, a Profa. Cláudia Maria Alves Vilhena apresentou “A competência em informação e interlocuções: o plano estratégico do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da UFMG”. O CEMENF, museu universitário dedicado à história da saúde, medicina, enfermagem e nutrição, foi analisado a partir da relação entre seu Plano Estratégico, as práticas museais e a competência em informação (CoInfo). O plano se materializa especialmente em visitas mediadas voltadas a estudantes das áreas da saúde, incentivando leitura crítica de acervos e contextos. Como resultados, destacou-se um plano construído de modo colaborativo, o papel da CoInfo na formação crítica do profissional de museus e uma equipe engajada ao longo de todo o processo.

Encerrando as apresentações, o Prof. Bruno Melo de Araújo e a Profa. Emanuela Ribeiro discutiram “Gestão financeira em museus universitários e políticas institucionais de patrimônio: um estudo a partir da UFPE”. O trabalho mapeou entraves de gestão e compras, cotejando a função social dos museus com a criação da DPM/UFPE e com as recomendações do IBRAM sobre itens básicos de funcionamento. Apesar do esforço normativo, a solicitação de materiais permanece morosa e pouco transparente; os gastos se concentram em manutenção predial, consumo e equipamentos básicos, enquanto permanecem frágeis as dotações para preservação, digitalização e conservação de acervos. A criação da DPM/UFPE aparece, assim, como medida estruturante para políticas de memória e patrimônio, com o grande desafio de consolidar essas diretrizes dentro da universidade e avançar na democratização cultural. Após as falas, abriu-se a discussão com o público e, em seguida, foi concluído o turno da manhã.



Apresentações de comunicação oral, na sala 6 pela manhã, sobre Gestão e Administração de Museus - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 6 pela manhã, sobre Gestão e Administração de Museus - Fotógrafo: Flávio Almeida

# **Gestão financeira em museus universitários e políticas institucionais de patrimônio: um estudo a partir da Universidade Federal de Pernambuco**

Bruno Melo de Araújo – bruno.meloaraujo@ufpe.br (UFPE)  
Emanuela Sousa Ribeiro – emanuela.sousaribeiro@ufpe.br (UFPE)

## **INTRODUÇÃO**

Os museus universitários, ao ocuparem um papel estratégico nas instituições federais de ensino superior, enfrentam desafios complexos relacionados à sua gestão financeira e às políticas institucionais voltadas à preservação de patrimônio e memória. Na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a criação recente da Diretoria de Patrimônio e Memória (DPM), vinculada à Superintendência de Cultura, marca um importante passo para a institucionalização das políticas de museus e acervos na universidade, promovendo uma reflexão sobre a função social e acadêmica dessas estruturas. Conforme aponta Chauí (2001), as universidades não apenas produzem conhecimento, mas também constroem identidades culturais, sendo responsáveis pela preservação da memória coletiva. Nesse contexto, torna-se fundamental analisar como as universidades organizam e financiam seus museus, observando os marcos legais e normativos que regem sua atuação.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa realizou uma análise documental e estatística a partir de dados obtidos em fontes oficiais como o Sistema Integrado de Administração de Serviços Gerais (SIASG) e o Painel de Compras do Governo Federal, com foco nos museus universitários vinculados às universidades federais. Foram utilizadas metodologias de gestão de risco aplicadas ao setor museal (BARBOZA, 2011; AZEVEDO, 2022), aliadas a uma revisão bibliográfica que inclui marcos legais como a Lei nº 11.904/2009 (Estatuto de Museus) e o Acórdão TCU nº 1.243/2019. Também foram analisadas produções acadêmicas, como o estudo de Oliveira (2015) sobre a gestão de museus na UFPE, e diretrizes de formação como o curso de Conservação Preventiva para Acervos Museológicos do IBRAM.

Os dados foram organizados por elemento de despesa, classificados por tipo de acervo e natureza das compras, buscando identificar padrões de financiamento e gestão. A investigação foi orientada pela reflexão crítica sobre políticas públicas culturais (CALABRE, 2005; GRANATO, 2012), com ênfase na articulação entre planejamento, orçamento e valorização dos museus universitários como equipamentos culturais estratégicos.

## RESULTADOS

A sistematização dos dados revelou a existência de padrões recorrentes nos gastos dos museus universitários, com destaque para a predominância de despesas com serviços de manutenção predial, material de consumo e aquisição de equipamentos básicos. A pesquisa também evidenciou a fragilidade do planejamento orçamentário específico para ações estruturantes de preservação, digitalização e conservação de acervos museológicos. Esse cenário reforça a importância de políticas institucionais integradas.

A criação da Diretoria de Patrimônio e Memória da UFPE, nesse contexto, poderá contribuir nesse cenário como resposta às lacunas históricas de governança dos bens culturais na universidade, estruturando um campo de atuação específico para a formulação e acompanhamento de políticas voltadas à preservação, difusão e valorização de acervos e museus universitários. Essa iniciativa está em sintonia com as proposições de autores como Granato (2012), que defende a necessidade de marcos institucionais claros para garantir a continuidade e efetividade das políticas culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise permitiu constatar que os museus universitários enfrentam dificuldades recorrentes de financiamento, gestão e institucionalização de suas ações, o que compromete seu potencial de atuação como espaços de ensino, pesquisa, extensão e democratização cultural. A experiência da UFPE, com a criação da Diretoria de Patrimônio e Memória, representa um avanço no campo das políticas universitárias para a cultura, abrindo espaço para a formulação de diretrizes permanentes que considerem as especificidades dos museus universitários.

Conforme aponta Calabre (2005), as políticas culturais devem ser construídas a partir de uma visão sistêmica, integrando os diversos agentes e instituições envolvidas. Nesse sentido, a construção de políticas institucionais de memória e patrimônio, ancoradas na gestão pública e na cultura democrática, representa um desafio para os gestores e como uma necessidade para o fortalecimento do campo da cultura no âmbito das universidades públicas brasileira.

## PALAVRAS-CHAVE

Políticas Públicas. Museus universitários. Gestão. Compras Públicas. UFPE

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. S. Museus universitários e gestão de risco: caminhos para políticas preventivas. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 15, n. 1, 2022.
- BARBOZA, C. A. Gestão de risco em museus: diretrizes para a preservação do patrimônio cultural. IBRAM, 2011.
- CALABRE, Lia. Política cultural no Brasil: uma leitura a partir da redemocratização. *Revista Brasileira de Política Cultural*, n. 1, 2005.
- CHAUÍ, Marilena. Universidade e sociedade. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Universidade em ruínas*. São Paulo: UNESP, 2001.
- GRANATO, Marcus. Museus universitários: papel e desafios no Brasil contemporâneo. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSEOLOGIA*, 5., 2012, Salvador. Anais [...].
- OLIVEIRA, Maria Creuza de. *Panorama da gestão de museus da Universidade Federal de Pernambuco no período de 2004 a 2014*. Recife: UFPE, 2015.
- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus.
- TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Acórdão nº 1.243/2019 – Plenário.

# **Ecomuseu Ilha Grande e ecologia de saberes: Identificação, representação, reconhecimento e transformação**

Gelsom Rozentino de Almeida – rozentino@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Considerando a função social do museu e da universidade, o Ecomuseu Ilha Grande torna-se uma importante ferramenta e espaço que proporciona o encontro de diferentes campos do saber, de forma a contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, ambiental e social da Ilha Grande. O Ecomuseu Ilha Grande trabalha através da problematização, contextualização e aplicação prática dos conhecimentos para o desenvolvimento de competências valorativas do ser humano, tendo como consequência direta a elevação da capacidade do indivíduo em desenvolver competências científicas ou técnicas. Neste sentido, o Ecomuseu torna-se potência dos diferentes processos de interação e integração de saberes e sujeitos diversos, investe-se no potencial transformador do conhecimento e das suas próprias formas de produção, possibilitando a realização de uma “ecologia de saberes”.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A missão do Ecomuseu Ilha Grande é incorporar a comunidade como sujeito do processo de desenvolvimento sustentável do território da Ilha Grande, por meio da preservação, pesquisa, valorização e difusão de sua história, memória, cultura, identidade, de seu patrimônio natural, material e imaterial, promovendo a reflexão e a ação consciente. O Ecomuseu Ilha Grande tem desenvolvido projetos de preservação e recuperação dos patrimônios arquitetônico, histórico, natural e cultural, visando à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos de Ilha Grande, a partir da valorização da memória coletiva, sem desvincular as dimensões ambiental, social, educativa, cultural, política e econômica. Tem buscado proporcionar o encontro, a interseção e a articulação entre os diferentes campos do saber, de forma a contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, ambiental e social.

Para conduzir uma reflexão crítica sobre o Ecomuseu Ilha Grande, partimos de algumas questões: Quais os principais desafios enfrentados pelo museu para manter suas atividades diante de pressões políticas, econômicas e ambientais em seus territórios? Como o museu articula a relação entre memória, território, diferentes saberes, educação e transformação social em suas práticas museológicas/museais?

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Ecomuseu Ilha Grande - criado em 1999, reconhecido formalmente pela UERJ em 20 de dezembro 2007, inaugurando seu primeiro núcleo em 05 de junho de 2009 - fica localizado no Brasil, em Angra dos Reis (RJ), desenvolve atividades que promovem conhecimento entre amplos setores da população, através de exposições, cursos gratuitos, arte-educação, atendimento a escolas e a grupos de visitantes. Tais atividades, de maneira essencial, se direcionam não apenas aos visitantes - turistas nacionais e estrangeiros - pesquisadores e alunos, mas à comunidade local.

O Ecomuseu Ilha Grande é ao mesmo tempo um ecomuseu e um museu universitário, vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O Ecomuseu Ilha Grande (ECOMIG) é uma unidade da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PR3) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que realiza atividades de preservação, investigação e divulgação do meio ambiente, da história e da vida sociocultural da Ilha. É composto por quatro núcleos: Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, Parque Botânico e Centro Multimídia. Com sede em Vila Dois Rios, na Ilha Grande, município de Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro<sup>[1]</sup>.

Um ecomuseu constitui-se a partir do entrelaçamento de diferentes forças sociais colocadas em movimento por uma população local, operando com uma noção de território e um conceito de patrimônio global, historicamente determinados. No caso do Ecomuseu Ilha Grande, o território é a própria Ilha, ainda que os principais núcleos do museu estejam instalados no campus da UERJ, em Vila Dois Rios; a população local é constituída pelos moradores das 18 comunidades da Ilha Grande e pela comunidade acadêmica que ali desenvolve suas pesquisas; o patrimônio integral envolve os bens naturais e culturais da região. Esse conjunto museal articula-se a uma perspectiva de desenvolvimento socioambiental que tem vínculos estreitos com comunidades globais.

O Território Social, na medida em que desnaturaliza a noção de região, é espaço de relações de poder e representação social. É neste território, perpassado por contradições e conflitos, muito longe da ideia de “paraíso”, que a atuação do Ecomuseu Ilha Grande tem realizado novas contribuições. O Ecomuseu Ilha Grande tem desenvolvido projetos de preservação a partir da valorização do bem-viver de todos, sem desvincular as dimensões ambiental, social, educativa, cultural, política e

[1] Para saber mais sobre o Ecomuseu Ilha Grande, seus núcleos, projetos e ações ver:

Site:<https://www.ecomuseuilhagrande.uerj.br/> Instagram:

<https://www.instagram.com/ecomuseuilhagrande/>

Facebook:<https://www.facebook.com/ecomuseuilhagrande> Youtube:

<https://www.youtube.com/@EcoMuseuIlhaGrande>

econômica. Tem buscado proporcionar o encontro, a interseção e a articulação entre os diferentes campos do saber, tradicionais e científicos. É um museu que, com suas bases firmemente assentadas no passado, convida a todos a vislumbrar o presente de forma sustentável e a participar da construção de um futuro melhor e mais justo socialmente.

Assim, na interação e integração de saberes, sujeitos e interesses, investe-se no poder transformador do conhecimento e das suas próprias formas de produção, possibilitando a realização de uma “ecologia de saberes”. O ecomuseu torna-se campo de pesquisas múltiplo, abrangendo como objeto de estudo e patrimônio o território da Ilha Grande, com sua fauna, flora, rios, mar, os processos antrópicos, histórias e memórias da população local, dentre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O museu não é uma instituição do passado, mas do presente, com um olhar - e uma ação - para o futuro. O museu deve se ocupar da comunicação, da educação e da formação do seu público, da sociedade. Deve estar conectado com o tempo da comunidade, com o tempo presente. Mas não só. Deve saber ouvir e ter o que dizer.

Desta forma, não busca ocupar um “lugar de fala” de autoridade diante da comunidade, ao contrário. O Ecomuseu Ilha Grande busca estar ao lado e junto com a(s) comunidade(s), como parceiro de vida, numa relação de trocas, confiança e integração. O Ecomuseu continua cumprindo sua função sociocomunitária, com a coletividade, com a resiliência e resistência das comunidades na superação dos problemas atuais e perspectivas futuras.

O Ecomuseu Ilha Grande é relação. É ao mesmo tempo um museu universitário e um ecomuseu, que identifica e busca mediar os conflitos e que realiza a interlocução e o encontro institucional, político e organizativo das comunidades locais, da comunidade acadêmica, poderes públicos, unidades de conservação, ONG's. Propomos, como museu, ocuparmos esse lugar de memória de forma libertadora. De construção coletiva, democrática, participativa, conhecendo o passado, vivendo o presente e projetando o futuro.

## PALAVRAS-CHAVE

Ecomuseu Ilha Grande, Comunidade, Território, Educação ativa, Ecologia de saberes,

## AGRADECIMENTOS

FAPERJ. UERJ e CNPQ

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. Climateactions of the Ecomuseu Ilha Grande (Brazil) for the Sustainable Development Goals. In: BORRELI, Nunzia, DAVIS, Peter, DAL SANTO, Raul. Ecomuseums and Climate Change. Milano: Ledizioni, 2022.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. Ecomuseu Ilha Grande: entre ações, desafios e conflitos. In: SCHEINER, Teresa C.; GRANATO, Marcus. (Org.). Museus e Museologia na América Latina: compartilhando ações para a pesquisa, a qualificação profissional e a valorização de estratégias inclusivas [recurso eletrônico]. 1ed. Rio de Janeiro: UNIRIO/PPG-PMUS/MAST, 2020, v. 1, p. 129-150.

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; VALENÇA, Vivianne Ribeiro. Ecomuseu Ilha Grande: musealização e construção coletiva. CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA, Lisboa: CEIED/Universidade Lusófona, v. 59, p. 77-102, 2020.

VALENÇA, Vivianne Ribeiro. Ecomuseu Ilha Grande: (re)pensando conceitos, práticas e dinâmicas de um território musealizado. Tese de Doutorado em Museologia e Patrimônio. Orientação de Teresa Scheiner. Rio de Janeiro: PPG-PMUS/UNIRIO, 2021. Download: [http://www.unirio.br/estudante/ppg-pmus/vivianne\\_ribeiro\\_valena.pdf](http://www.unirio.br/estudante/ppg-pmus/vivianne_ribeiro_valena.pdf)

## **A competência em informação e interlocuções: O Plano estratégico do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais**

Cláudia Maria Alves Vilhena (UFMG) – claudia\_mavilhena@hotmail.com

Ana Paula Meneses Alves (UFMG) – apmeneses@gmail.com

Beatriz de Godoy Gomes Salgueiro (UFMG) – beatrizdegodoysalgueiro@gmail.com

### INTRODUÇÃO

É importante entender a informação como essencial na consolidação dos trabalhos em qualquer atividade organizacional. Nos estudos de Miranda e Alcará (2024), a competência em informação (CoInfo), sob o ponto de vista da perspectiva social e multidimensional, possui ética e responsabilidade para com o acesso a informação por qualquer pessoa. Em conformidade com a Política Nacional de Museus (PNM), instituída em maio de 2003, os museus não são instituições estáticas: são processos a serviço da sociedade. No que tange aos museus universitários, estes são importantes para a preservação da memória acadêmica (Bruno, 2022). O Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF) é um museu universitário que salvaguarda a memória e a história da saúde, da enfermagem e da nutrição em geral, constituindo em um centro dinâmico da reflexão e do fazer histórico. Destaca-se que o CEMENF, de acordo com seu plano estratégico (2025/2029) desenvolve várias atividades, entre elas: Projeto de Extensão Visita Mediada<sup>2</sup>: o CEMENF de portas abertas, Capacitação em História da Enfermagem, e Internacionalização do CEMENF-UFMG. É de suma importância destacar que todas essas ações empreendidas pelo Centro de Memória só são possíveis por meio critérios primordiais, tais como um plano museológico robusto e uma equipe coesa e capaz de absorver e praticar as atividades museais de acordo com o que consta no plano institucional, uma vez que ele foi pensado e estruturado pela própria equipe do museu. Tais afirmativas levam ao uso da informação com criticidade e responsabilidade. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo refletir e demonstrar a interlocução entre as práticas museais do CEMENF e a competência em informação (CoInfo), na execução do plano estratégico revisto do CEMENF. A justificativa da investigação está no processo de realização do plano estratégico que, para sua revisão, foi elaborado em conformidade com a legislação museológica e com os princípios da competência em informação.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Os museus universitários estão associados aos princípios das universidades, quais sejam: pesquisa, ensino e extensão. Com características distintas, as instituições museais universitárias possuem uma diversidade de acervos e formas de atuação (Carvalho; Julião; Cunha, 2022). Seguindo essa direção, Silva (2023) explica que de acordo com a significância patrimonial, as centenas de coleções e museus universitários existentes possuem um papel de destaque no campo museal brasileiro e mundial, o que encerra como um campo de análise seminal, com múltiplas possibilidades de conexões e análises. Assim, a metodologia utilizada foi por meio de pesquisas documental e bibliográfica. No que tange a pesquisa documental, esta ocorreu pela leitura dos documentos do CEMENF, tais como: o plano estratégico institucional, bem como o regimento interno. Quanto a pesquisa bibliográfica, as fontes de informação foram artigos científicos, teses acadêmicas e a legislação museológica brasileira. A realização da pesquisa ocorreu entre os meses de fevereiro e abril/2025.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados da investigação demonstraram, de acordo com o que preconiza o Estatuto de Museus (2009), em relação ao plano museológico, para sua realização e execução, este deve ser antecedido de um diagnóstico institucionalizado. Segundo a Lei, tanto o diagnóstico, quanto o plano museal, devem ser confeccionados de forma participativa entre todos os setores e membros da instituição museológica, sendo uma exigência legal desde os anos 2012. Este processo importantíssimo, o levantamento situacional do museu universitário, bem como a realização do planejamento estratégico foram efetivados durante a produção do plano estratégico do CEMENF, que acaba de ser revisto e atualizado para o período de 2025 a 2029. O plano museológico do CEMENF foi elaborado de forma participativa por diretores e profissionais que atuam no CEMENF, o que denota o uso ético e responsável, a busca, avaliação, recuperação e compartilhamento da informação. A competência em informação se insere neste contexto, como a capacidade de identificar, interpretar e comunicar, em um processo contínuo de aprendizagem, capaz de proporcionar às pessoas novos conhecimentos, participação plena em sua comunidade e na sociedade em geral. Portanto, com base nos documentos pesquisados do CEMENF, o plano estratégico e o regimento interno, a pesquisa verificou uma interlocução com a (CoInfo). Contudo, ainda que o Centro de Memória desconheça o processo da CoInfo como um facilitador para minimizar a necessidade de informação, a equipe de trabalhadores do CEMENF desenvolve práticas museológicas e informacionais que vão de encontro com os princípios da competência em informação, quais sejam: pensamento crítico e criativo, aprendizado ao longo da vida, aprendizagem significativa e a autonomia do sujeito.

Não por acaso, o CEMENF é um museu universitário referência no Brasil. Este fato só é possível pela sinergia dos colaboradores da instituição. A partir destas reflexões, fica evidente a importância da criação de um plano estratégico como um instrumento institucionalizado a ser consultado para implementar as diversas ações que estão descritas no documento, fato importante para o cumprimento dos objetivos de curto, médio e longo prazo que foram estipulados para serem atingidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa atingiu o objetivo ao demonstrar a presença da ColInfo nas práticas museológicas e informacionais executadas durante a realização e revisão do plano estratégico do CEMENF. A revisão do plano estratégico foi elaborada de forma participativa pelos membros da equipe de trabalhadores, demonstrando um repertório compartilhado, atitude crítica e criativa, respeito mútuo e troca de informações técnicas relativas ao fazer museológico. A competência em informação contribui, enquanto um processo para reconhecer a necessidade de informação, na busca, recuperação e seleção da informação, avaliando criticamente a informação recuperada, para produzir, comunicar e usar a informação de maneira ética e responsável. Isto contribui junto ao museu universitário para a aprendizagem coletiva e continuada do corpo de funcionários, e reverbera diretamente na função social do Centro de Memória.

## PALAVRAS-CHAVE

Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Competência em informação. Plano estratégico do Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Práticas museológicas e informacionais.

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Recursos, Serviços e Práxis informacionais – NERSI.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, POLÍTICA NACIONAL DE MUSEUS. 2003. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/politica-nacional-de-museus-2013-memoria-e-cidadania>. Acesso em: 21 abr. 2025.

BRUNO, M. C. Museus universitários e a comunicação museológica características e perspectivas futuras. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 10, n.2, p. 505 - 514, jul./dez. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42251/32218>. Acesso em: 18 abr. 2025.

CARVALHO, C. R; JULIÃO, L; CUNHA, M. N. B da. Museus universitários no Brasil: diagnóstico e proposições. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 10, n.2, p. 409 - 431, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42505/32334>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CENTRO DE MEMÓRIA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM. Plano estratégico. 2025/2029.

BRASIL. ESTATUTO DE MUSEUS. 2009. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm). Acesso em: 20 abr. 2025.

MIRANDA, A. M. M; ALCARÁ, A. R. Competência em informação, acesso à informação e desinformação sobre direitos sexuais e reprodutivos. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 20, p. 01-26, 2024. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/2062/1516>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SILVA, M. C. Universidades, coleções, museus universitários e sociomuseologia: rede híbrida de diálogos. Cadernos de Sociomuseologia, v. 66, n. 22. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/851>. Acesso em: 19 abr. 2025.



**SALA 6**  
**GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE**  
**MUSEUS**

Mediador  
**Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)**

Bolsista  
**Iury Nobre de Sousa**

Avaliador dos trabalhos indicados à premiação  
**Maurício Candido da Silva (USP/RBCMU)**

### Apresentação 1

Autora presente: Maíra de Oliveira Dias

Título: Modelo didático para planos museológicos: Gestão museal e participação social na UFPB.

A autora apresentou o contexto de 12 museus e 25 espaços museais da UFPB. O projeto trabalha ao entorno da extensão ProMus, iniciativa que se fundamenta na necessidade de estruturação museológica, através da capacitação da equipe a partir de leituras e pesquisa ativa de planos museológicos. O projeto desenvolve modelos didáticos, oficinas de capacitações de planejamento museológico, dialogando com estratégias pedagógicas. Plano arquitetado por meio de uma minuta disponibilizada via Google docs, seguindo uma ordem de preenchimento em uma sequência didática. O projeto tem caráter experimental, com a proposta de ser disseminado por diferentes museus universitários em território nacional.

### Apresentação 2

Autora presente: Celina Rosa Santana

Título: A gestão do patrimônio cultural universo: um estudo a partir da UFBA.

O projeto apresentado parte da busca da definição de cultura na universidade. Ele visa contribuir para uma política de patrimônio cultural institucional na UFBA. Metodologias com abordagens quantitativas, bibliográficas documental e instrumentos de coletas buscaram uma base de dados comum. O projeto analisou a partir de fontes documentais a invisibilidade da temática, pensar as dimensões além dos muros da UFBA. Atividades anteriores buscaram ativamente a proposição de políticas de patrimônio além dos espaços museais. A pesquisa revela um cruzamento de fontes da presença da UFBA em diferentes plataformas de museus universitários, além de um levantamento de palavras-chave nas atas do Consuni (910 atas) que se relacionam com a temática de patrimônio cultural. Conclui-se uma inadequação dos espaços e estruturas físicas e desconexão entre as nomenclaturas utilizadas e a terminologia do campo.

### Apresentação 3

Autora presente: Yasmin Corrêa, Wanessa Lott

Título: Políticas institucionais e patrimônio universitário: reflexões a partir da rede de coleções e museus da UFPA.

A apresentação abordou o levantamento e diagnóstico das coleções da UFPA e da viabilização da democratização do seu acesso. A rede surge como uma alternativa, unindo, organizando e dando visibilidade a esses espaços com potencial museológico, a partir do mapeamento das coleções universitárias, diagnóstico das mesmas, gestão colaborativa entre cursos, pesquisadores e curadores, formando

estudantes e curadores para a experiência prática. A rede auxilia na difusão do patrimônio universitário dentro e fora dos muros da universidade, através do ensino, pesquisa e extensão. São objetivos futuros o reconhecimento institucional das coleções e da rede da UFPA, exaltando a importância de preservar a memória e identidade local, convidando a comunidade interna e externa no debate da preservação do patrimônio universitário.

#### Apresentação 4

Autor presente: Raniel da Conceição Fernandes

Título: Rede de museus e acervos da UnB: Experiências iniciais.

O projeto é um relato da constituição da rede de museus e acervos da UnB (rede Musa), a partir do cenário museal na UnB, suas iniciativas e primeiros passos. O cenário da UnB sempre teve museus no planejamento inicial da UnB, contando com 40 núcleos museológicos universitários, com 25 atuais em funcionamento. A rede Musa surge como um projeto revitalizador de iniciativas anteriores, fomentada inicialmente por uma comissão de revisão e atuações extensionistas, articulando institucionalmente os espaços museais da UnB. Possui como objetivos futuros a gestão compartilhada e participativa, financiamento e fomento, mapeamento e sistema de integração de documentação e elaboração do plano museológico e gerenciamento de risco

#### Apresentação 5

Autor presente: José Machado Netto

Título: A eficácia das políticas de financiamento nos museus universitários: Um estudo a partir dos museus da USP

A pesquisa se inicia com referenciais teóricos para pensar e debater as instituições museais e suas eficácias de financiamento em diferentes dos pontos de vistas tradicionais no gerenciamento e distribuição de recursos públicos. A pesquisa apresenta dois modelos de pensamento de eficácia (DEA e BSC) para indagar a utilização desses modelos, não apenas do ponto de vista financeiro, mas também do bem-estar do cidadão. Propõe pensar esse bem-estar unindo aos demais fatores de eficácia. O projeto busca estabelecer uma ferramenta que une esses dois modelos nos museus universitários de São Paulo.

#### Apresentação 6

Autor presente: Gabriela Lima Gomes

Título: Rede mineira de conservação: diagnóstico de risco e protocolos de gestão.

A pesquisadora relatou as vivências das experiências museais no Estado de Minas Gerais, com estruturas que remontam desde o Século XIX. Atualmente alguns desses espaços são pensados como lugares de memória. A rede articula-se em ações

conjuntas entre museus, centros de memória e coleções museais. Metodologias de diagnóstico aprofundado são utilizadas nas coleções. Diversas produções são realizadas como cursos para o público universitário, processos de acondicionamento, remanejamento, monitoramento ambiental, articulação entre diagnóstico técnico, infraestrutura e produção de protocolos específicos fortalecem a preservação e o acesso em diversas expertises. Foram apresentadas diversas melhorias nas instalações das reservas técnicas dos Museus da UFMG como resultados positivos da Rede.



Apresentações de comunicação oral, na sala 6 pela tarde, sobre Gestão e Administração de Museus - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 6 pela tarde, sobre Gestão e Administração de Museus - Fotógrafo: Flávio Almeida

# Um modelo didático para Planos museológicos: gestão museal e participação social na UFPB

Maíra de Oliveira Dias (UFPB) - maira.dias@proex.ufpb.br

## INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência aborda as ações desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão “Ações para o Desenvolvimento do Campo Museal da UFPB”, vinculado ao ProMus – Programa de Desenvolvimento do Campo Museal da UFPB, executado pela Coordenação de Extensão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Paraíba. O projeto tem por principal objetivo a construção e implementação de Planos Museológicos para os museus da UFPB. A iniciativa fundamenta-se na necessidade de estruturação e fortalecimento da política museológica institucional, bem como na promoção da participação social nos processos de gestão dos museus universitários. O projeto alinha-se aos dispositivos legais e normativos que orientam a atuação museológica no Brasil, como o Estatuto de Museus (Lei nº 11.904/2009) e o Plano Nacional Setorial de Museus, destacando a importância do planejamento museológico participativo como instrumento estratégico e educativo para a gestão qualificada dos museus universitários.

## MATERIAIS E MÉTODOS

As ações do projeto são conduzidas pela equipe composta por uma servidora técnica museóloga, também pedagoga, lotada na Coordenação de Extensão Cultural, duas bolsistas de extensão dos cursos de Artes Visuais e de Gestão Pública, selecionadas pelo Edital de Ações Estratégicas da Pró-Reitoria de Extensão, e um discente voluntário do curso de Biblioteconomia. A primeira etapa do projeto foi dedicada à capacitação da equipe através de leituras, do curso “Plano Museológico: Planejamento estratégico para museus” disponível na ENAP, e a pesquisa ativa de planos museológicos de museus de diversas tipologias, principalmente universitários. Frente à grande demanda de planos museológicos para cumprimento do Estatuto de Museus e adequação ao Acórdão do Tribunal de Contas da União 1243/2009, foi desenvolvido pela coordenadora do projeto de um modelo didático de preenchimento do plano museológico para facilitar a construção coletiva de um texto base para fundamentação do plano. Para executar a colaboratividade da equipe envolvida este documento está sendo disponibilizado através do GoogleDocs.

Cada item do sumário compõe uma guia dentro do documento, e cada guia é iniciada com um texto explicativo sobre o que deve ser preenchido naquele item. Assim, seguindo a ordem de preenchimento, a guia é desenvolvida uma sequência didática que inicia com um texto introdutório e a listagem da equipe envolvida, caracterização, planejamento conceitual e estratégico, passa por 12 programas e finaliza nos anexos – a estrutura básica de um Plano Museológico segundo a publicação “Subsídios para criação de Planos Museológicos”, entre outras. Com o preenchimento gradual conjunto, observam-se as dúvidas e decide-se as instâncias externas de consulta e validação – ratificando que o plano museológico é um planejamento participativo. Destaca-se que o preenchimento é feito através da constituição de um Grupo de Trabalho que inclui a equipe de cada museu e pela a equipe do projeto. Já os processos de consulta podem incluir dinâmicas virtuais e presenciais, coletivas e individualizadas, a depender do decidido pelo GT. Para que haja uma padronização entre os planos desenvolvidos, estamos construindo uma minuta de preenchimento institucionalizada a partir da história e da caracterização da UFPB e de seu Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI vigente. A aplicação desta ferramenta encontra-se na fase piloto a partir da construção do Plano Museológico do Museu de Paleontologia da UFPB, criado na década de 1990 e reaberto em 2023 sob coordenação da Professora Doutora Christianne Moura, do Departamento de Geociências no Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Além dessa ação, o projeto inclui em sua programação a realização de encontros presenciais e virtuais com servidores técnico-administrativos, docentes e discentes vinculados aos museus da UFPB, promovendo o diálogo intersetorial e interdisciplinar. Serão realizadas oficinas de capacitação sobre planejamento museológico, com ênfase na elaboração do plano museológico conforme as diretrizes do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Neste âmbito também ocorrem reuniões sistemáticas com os representantes institucionais para levantamento de demandas, diagnóstico situacional e definição de estratégias de ação. O processo metodológico adota a abordagem participativa, visando integrar os diversos sujeitos envolvidos na gestão museal, valorizando seus saberes e experiências.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto até o momento oportunizou o desenvolvimento deste modelo didático de preenchimento do plano museológico, o que explicitou como são necessárias ações formativas, no âmbito da educação museal, para ensinar às equipes o planejamento museal participativo, bem como capacitar a comunidade para exercer a participação social. Observou-se que a adoção de uma metodologia participativa contribuiu para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a qualificação do processo decisório, ampliando as possibilidades de sustentabilidade das ações museológicas. Até o momento nosso projeto elaborou de um diagnóstico preliminar sobre o estado da gestão museal na UFPB, identificando potencialidades e fragilidades relacionadas à institucionalização, infraestrutura, acervo, pessoal e políticas de comunicação e

educação museal. A partir desse diagnóstico delinear-se as bases para a construção de um modelo de plano museológico institucionalizado, que contempla a missão, a visão e os objetivos estratégicos dos museus da UFPB, alinhados à política institucional de extensão universitária e de preservação do patrimônio cultural. Espera-se que o envolvimento da comunidade acadêmica e dos setores administrativos reforce a importância da gestão compartilhada e colaborativa, em consonância com os princípios da nova museologia e da educação popular, aprofundando as funções sociais dos museus universitários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação do ProMus – Programa de Desenvolvimento do Campo Museal da UFPB abarcou a realização do inventário geral dos acervos da UFPB e a construção do que será o Sistema de Museus e Coleções da instituição, com o objetivo de promover a gestão integrada e qualificada dos museus universitários. O projeto aqui relatado é uma destas frentes com o objetivo de construir os planos museológicos exigidos, prezando por sua qualidade, exequibilidade e pela participação social em seu desenvolvimento – explicitando a relevância do planejamento museológico participativo como ferramenta de gestão democrática e eficiente. Demonstra-se que a articulação entre extensão universitária, gestão museal e participação social é fundamental para o fortalecimento dos museus universitários como espaços de produção e difusão do conhecimento, preservação do patrimônio e promoção da cidadania. A continuidade do processo, com a implementação efetiva dos planos museológicos, representa um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para consolidar práticas de gestão museal comprometidas com a participação social e com a missão institucional da UFPB.

## PALAVRAS-CHAVE

museu universitário. gestão museal. participação social. planejamento participativo.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 15 jan. 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). Guia de elaboração de plano museológico. Brasília: IBRAM, 2011.
- BRASIL. Tribunal de Contas da União. Acórdão nº 1.243/2019 - Plenário. Relator: Ministro André Luís de Carvalho. Processo: TC 041.083/2018-0.
- BRASIL. Subsídios para criação de Planos Museológicos. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018.

## **Políticas Institucionais e Patrimônio Universitário: Reflexões a partir da Rede de Coleções e Museus da UFPA**

Yasmin Corrêa Coelho (UFPA) - yasmuseo7@gmail.com

Wanessa Pires Lott (UFPA) - wanessalott@ufpa.br

Jéssica Tarine Moitinho de Lima (UFPA) - jessicatarine@ufpa.br

### INTRODUÇÃO

O patrimônio universitário reúne acervos científicos, artísticos e culturais mantidos pelas universidades, sendo elemento fundamental para as atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de representar a memória e identidade institucional (Lima, 2023). Museus universitários têm papel estratégico nesse contexto, articulando saberes e preservando a produção acadêmica. Tais acervos, com relevante potencial educativo e social, devem ser valorizados e acessíveis à comunidade (RBCMU, 2023). No Brasil, redes de cooperação entre museus e coleções têm se firmado como importantes ferramentas para fortalecer a gestão e a visibilidade do patrimônio acadêmico, ao promoverem o intercâmbio de experiências e recursos (Lima et al., 2023; Lott et al., 2020; Silva, 2019). Nesse cenário, destaca-se a Rede de Coleções e Museus da UFPA, que propõe uma gestão colaborativa voltada à curadoria, conservação e comunicação, além de contribuir significativamente para a formação de estudantes em Museologia (Lima e Coelho, 2024). No entanto, a ausência de políticas institucionais específicas, infraestrutura adequada e integração com a universidade ainda limita o pleno desenvolvimento desses espaços (Carvalho, Julião e Cunha, 2022; Lima, 2023; Santos, Benchimol e Rocha, 2022). As políticas institucionais, compreendidas como diretrizes formais voltadas à valorização e preservação do patrimônio universitário, são essenciais para garantir sustentabilidade, reconhecimento e integração às estruturas acadêmicas (Carvalho, Julião e Cunha, 2022; Lima e Coelho, 2024). A formalização da Rede por meio de portaria interna da UFPA seria um passo decisivo para ampliar sua atuação e consolidar políticas permanentes. Assim, este estudo, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural (PPGPatri), evidencia a necessidade de compromisso institucional contínuo para que o patrimônio universitário cumpra plenamente sua função acadêmica, científica e social.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo fundamenta-se a partir de uma pesquisa qualitativa, adotando a revisão teórica como abordagem metodológica. Tal escolha está alinhada à compreensão de que estudos teóricos têm como foco a explicação conceitual dos fenômenos, sem a obrigatoriedade de seguir protocolos rígidos como ocorre nas revisões sistemáticas

ou empíricas (Galvão e Ricarte, 2020). A revisão bibliográfica contempla estudos que abordam a temática dos museus universitários, suas funções, desafios de gestão e a importância das políticas institucionais para o fortalecimento dessas estruturas. Em um segundo momento, a análise documental será conduzida a partir de documentos do programa Rede de Coleções e Museus da UFPA, especialmente os registros produzidos durante o mapeamento das coleções universitárias e no diagnóstico museológico (2022-2024) elaborado ao longo do processo. A partir desses dados, é possível entender como as práticas institucionais impactam diretamente no desenvolvimento e na consolidação dos museus e coleções universitárias na UFPA, apresentando os avanços, lacunas e potencialidades identificadas no contexto da Rede.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As políticas institucionais consistem em diretrizes e instrumentos formais que orientam a gestão, valorização e preservação do patrimônio universitário, assegurando sua integração à estrutura acadêmica e administrativa. Envolve reconhecimento oficial de museus e coleções, alocação adequada de recursos e criação de normativas específicas para curadoria, conservação e comunicação. A ausência dessas políticas compromete o funcionamento e a sustentabilidade desses espaços, como evidenciado no caso da UFPA, onde muitos acervos ainda carecem de respaldo institucional (Carvalho, Julião e Cunha, 2022; Santos, Benchimol e Rocha, 2022). A atuação da Rede de Coleções e Museus da UFPA mostra que ações coordenadas e políticas estruturadas fortalecem a gestão e ampliam o impacto acadêmico e social das coleções (Lima e Coelho, 2024).

A Rede de Coleções e Museus da UFPA tem desempenhado papel estratégico na valorização do patrimônio universitário, ao propor uma gestão colaborativa que integra ensino, pesquisa, extensão e preservação. O mapeamento das coleções revelou não apenas a diversidade dos acervos, mas também desafios estruturais persistentes, como a falta de recursos, de políticas consolidadas e de reconhecimento institucional (Lima e Coelho, 2024). Apesar dos avanços, sua atuação como programa de extensão limita seu impacto institucional e sua influência na formulação de políticas. A formalização da Rede por meio de portaria interna é vista como medida essencial para garantir sua continuidade, ampliar sua atuação e consolidar sua importância na gestão dos acervos universitários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo reforça a necessidade de reconhecer o patrimônio universitário como parte da missão acadêmica das instituições de ensino superior. Apesar de seu valor histórico, científico e cultural, museus e coleções universitárias ainda enfrentam obstáculos como a falta de políticas institucionais, infraestrutura adequada e integração às atividades de ensino, pesquisa e extensão. A experiência da Rede de

Coleções e Museus da UFPA demonstra um caminho viável ao adotar uma gestão colaborativa voltada ao mapeamento, conservação e comunicação dos acervos. No entanto, sua consolidação exige reconhecimento formal pela UFPA, por meio de portaria interna, o que permitiria ampliar sua atuação e influenciar a formulação de políticas permanentes. Dessa forma, defende-se um compromisso institucional contínuo para garantir os meios e o reconhecimento necessários ao pleno desenvolvimento do patrimônio universitário.

#### PALAVRAS-CHAVE

Museus Universitários. Políticas Institucionais. Patrimônio Universitário. Gestão Museológica.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal do Pará (UFPA), ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Patrimônio Cultural (PPGPATRI) e ao Programa Rede de Coleções e Museus da UFPA pelo apoio institucional indispensável à realização deste estudo.

#### REFERÊNCIAS

CARVALHO, Cláudia Rodrigues; JULIÃO, Letícia; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Museus universitários no Brasil: diagnóstico e proposições. *Revista Interfaces*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 14-34, 2022.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa e RICARTE, Ivan Luiz Marques. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. *Logeion: Filosofia da Informação*, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019Tradução.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de. Uma abordagem quantitativa e qualitativa: estratégias integradas de priorização para fortalecimentos de redes de coleções. Projeto de pesquisa. Curso de Museologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; PAULA, Carolina Barros de; NASCIMENTO, Thais Nunes; MIRANDA, Roberta Santos. Conhecer para museologar: uma metodologia para levantamento de coleções universitárias na Universidade Federal do Pará. *Ventilando Acervos*, Florianópolis, v. 11, ed. 2, p. 70-96, 2023.

LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; COELHO, Yasmin Corrêa. Rede de Coleções e Museus Universitários: uma experiência na Amazônia Paraense. *Arteriais*, revista do PPGARTES. ICA. UFPA, v. 10, n. 18, Out./Dez. 2024, p.21-36.

LOTT, Wanessa Pires; AIROZA, Maíra Santana; PAULA, Carolina Barros de; CARDOSO, Ruth Macedo. Uma possibilidade de museus em rede na Amazônia: os espaços de preservação de acervos da universidade federal do Pará. *Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, Florianópolis, v. 8, p. 136-151, 2020.

RBCMU - Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários. Documento Unificado. Apresentado no VII Fórum Permanente de Museus Universitários, Rio de Janeiro. 2023.

SANTOS, Manuela Soutello Mendes da Fonseca; BENCHIMOL, Alegria Celia; ROCHA, Luisa Maria Gomes de Mattos. Museus da Universidade Federal do Pará: ensino, pesquisa e extensão. Revista CPC, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 95-121, 2022.

SILVA, Maurício Candido da. A Rede brasileira de coleções e museus universitários: Proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. Revista CPC, São Paulo, n.27, p.297-309, jan./jul. 2019. Semestral.

## **A gestão do patrimônio cultural universitário: um estudo a partir da Universidade Federal da Bahia**

Celina Rosa Santana (UFBA) celina.rosa@ufba.br

Este trabalho tem por objetivo apresentar parte das reflexões presentes na pesquisa intitulada “Patrimônio cultural universitário na UFBA: Desafios e perspectivas para a gestão” desenvolvida para a obtenção do título de Mestra em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU/UFBA), vinculada à linha 1 de pesquisa “Museologia e Desenvolvimento Social” e defendida em março de 2025.

A investigação teve origem na problematização sobre qual lugar o patrimônio cultural universitário ocupa nas políticas institucionais da UFBA, com especial atenção às existências (ou ausências) de diretrizes e de instrumentos de gestão que a Universidade dedica a esse tipo de patrimônio. Entende-se, para isso, que ao longo de quase oito décadas de história, a UFBA tenha reunido um extenso patrimônio cultural, em sua maioria de caráter científico, bastante diversificado, que ultrapassa os limites dos museus e memoriais institucionais, mas estendendo-se também a outros espaços acadêmicos e administrativos como: arquivos, bibliotecas, salas de aula, corredores e jardins.

Parte-se do princípio de que esse conjunto pode abranger uma variedade de bens materiais, como instrumentos científicos, documentos históricos, obras de arte e bens imateriais, como práticas de ensino, celebrações e ritos acadêmicos, que, juntos, podem compor a memória e a identidade institucional da UFBA. Contudo, esse patrimônio encontra-se, em grande parte, disperso e, frequentemente, desconhecido por sua própria comunidade acadêmica, indicando as fragilidades na formulação e implementação de políticas institucionais voltadas à sua gestão.

Segundo Lira (2012), o patrimônio constituído pelas universidades ainda é uma tipologia que carece de maior aprofundamento teórico e prático, estando frequentemente ausente nas políticas públicas de preservação do patrimônio de forma geral e nas próprias instituições universitárias. Por sua vez, Lourenço (2005) observa que, embora seja comum a utilização de termos como academic heritage ou university heritage, são necessárias mais investigações sobre a temática, de modo a consolidar estratégias de gestão compatíveis com a diversidade e complexidade do patrimônio que integram as instituições universitárias.

Diante da realidade observada que reflete inúmeras ausências, incluindo a falta de delimitações conceituais, o estudo adotou como referência a definição de patrimônio universitário (university heritage) proposta na Recommendation Rec(2005)13 of the Committee of Ministers to Member States on the Governance and Management of University Heritage, documento elaborado pelo Council of Europe<sup>[1]</sup> em 2005. Nessa recomendação, o patrimônio constituído pelas universidades é definido como todos os vestígios, tangíveis e intangíveis, da atividade humana relacionada aos sistemas, órgãos e instituições de ensino superior (bens produzidos, acumulados, utilizados ou preservados nesse contexto), que constituem testemunhos das práticas acadêmicas e do ambiente cultural e social ao qual pertencem (Council of Europe, 2005). Entretanto, no contexto da pesquisa realizada, acreditou-se ser pertinente a adoção da terminologia “patrimônio cultural universitário” ao invés de “patrimônio universitário”, pois, compreendemos que essa nomenclatura permite evidenciar, entre o patrimônio geral das universidades, aqueles bens que, por seu valor científico, histórico, artístico ou simbólico, requerem cuidados específicos no campo da preservação.

A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida combinando levantamento bibliográfico, análise documental e aplicação de formulários estruturados em unidades específicas da UFBA que possivelmente abrigam essa tipologia de patrimônio. A análise documental concentrou-se especialmente em documentos institucionais, como as atas do Conselho Universitário<sup>[2]</sup> (CONSUNI), analisando as ocorrências dos termos "museu", "memorial", "patrimônio", "acervo" e "coleção" no intervalo de tempo entre os anos de 1946 a 2023, e buscando identificar de que forma a temática do patrimônio cultural universitário foi abordada nas deliberações institucionais ao longo do tempo. Verificou-se que, quando presentes nas assembleias, os temas não se relacionavam com a problemática da gestão desse tipo de patrimônio ou mesmo para a criação de diretrizes específicas.

Além da análise documental, foi realizado um diagnóstico com base nos espaços identificados pela pesquisa denominada “Mapeamento Cultural da UFBA – Mapcult”, desenvolvida em 2019. Nesse levantamento, foram registrados, ao menos, 14 propostas diretamente relacionadas à guarda do patrimônio cultural universitário, entre museus, memoriais e núcleos de memória. Para coleta de dados foram elaborados formulários que permitiram levantar informações sobre os acervos, os prováveis recursos disponíveis e as estruturas de gestão que a Universidade dispõe atualmente para o seu patrimônio.

[1] O Council of Europe (Conselho Europeu) é uma organização internacional composto por 46 Estados membros com a missão de promover a democracia, os direitos humanos e o Estado de direito em toda a Europa e além-fronteiras. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/portal>. Acesso em: 01 mai. 2025.

[2] Principal instância deliberativa da UFBA.

Ao evidenciar uma realidade institucional específica, observamos, por meio da pesquisa, que o cenário apresentado na UFBA reflete um panorama mais amplo, compartilhado por outras universidades brasileiras, e, em certa medida, presente no contexto de instituições de ensino superior em nível internacional no que se refere à gestão do patrimônio cultural universitário. Entre os diversos desafios relacionados à temática, alguns autores destacam questões como dificuldades financeiras, falta de espaço físico e disputa quanto ao uso dos espaços existentes, inexistência de técnicos especializados, acúmulo de função e falta de qualificação por parte dos dirigentes, falta de autonomia, tensões entre unidades e órgãos acadêmicos (Almeida, 2001; Lourenço, 2005; Kozak, 2016).

Na UFBA, além das questões anteriormente mencionadas, verificamos que a inexistência de uma política ou de instrumentos institucionais de gestão resulta em uma série de fragilidades apontando outros desafios a serem enfrentados pela instituição, a exemplo de: ausência de instrumentos normativos específicos, infraestruturas inadequadas para a salvaguarda dos acervos, carência de diversos recursos, principalmente os recursos financeiros e humanos, além da baixa visibilidade desse patrimônio junto à comunidade universitária. Apesar disso, foram identificadas iniciativas relevantes, que podem contribuir para a formulação de diretrizes na instituição. São inúmeros projetos que geraram bases de dados e diagnósticos dedicados aos bens culturais da Universidade, e, ainda que essas ações não tenham se consolidado como políticas permanentes, são documentos importantes para a construção dessas diretrizes.

Diante desse panorama, o trabalho expõe a necessidade de mais reflexões para a construção de uma política institucional para o patrimônio cultural da UFBA integrada aos instrumentos normativos já existentes na instituição. Ao colocar em evidência um estudo de caso específico sobre a Universidade Federal da Bahia, a pesquisa contribui também para ampliar o debate sobre a importância do patrimônio cultural universitário no contexto de outras instituições públicas de ensino superior, propondo reflexões que podem ser apropriadas por essas outras universidades brasileiras.

#### PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio Cultural Universitário; Universidade Federal da Bahia; Gestão de Acervos; Coleções e Acervos Universitários; Museus Universitários.

#### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Museus e Coleções universitários: Por Que Museus de Arte na Universidade de São Paulo? 2001. 311 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação e Documentação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-10092003-160231/publico/TDE.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2025.

COUNCIL OF EUROPE. Recommendation Rec(2005)13 of the Committee of Ministers to member states on the governance and management of university heritage. 2005. Disponível em: <<https://www.universeum-network.eu/council-of-europe-recommendation/>>. Acesso em: 03 mai. 2025.

LIRA, José Tavares Correia de. O patrimônio universitário e os estudantes. In: LIRA, José Tavares Correia de. (Org.). História e cultura estudantil: revistas na USP. São Paulo: Centro de Preservação Cultural da USP (CPC/USP), 2012.

LOURENÇO, Marta C. Between two worlds: the distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe. 2005. 406 f. Tese (Doutorado) - Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris, 2005. Disponível em: <<https://webpages.ciencias.ulisboa.pt/~mclourenco/>>. Acesso em: 03 mai. 2025.

KOZAK, Zenobia R. The Role of University Museums and Heritage in the 21st Century. The Museum Review, v 1, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://themuseumreviewjournal.wordpress.com/2016/12/12/vol1no1kozak/>>. Acesso em: 03 mai. 2025.

## Rede de Museus e Acervos da UnB: experiências iniciais

Raniel da Conceição Fernandes (UnB) - ranielfernandes@unb.br

### INTRODUÇÃO

No decorrer da trajetória institucional da Universidade de Brasília (UnB), foram formuladas e implantadas diversas propostas de museus, coleções e espaços de preservação e de divulgação do patrimônio artístico, científico e histórico da universidade. Conforme levantamento, desde a origem da UnB em 1962, foram identificadas 36 iniciativas museais, coleções ou espaços de divulgação da memória e do patrimônio cultural gestadas no interior da UnB (FERNANDES, 2024, p. 416-17).

Contudo, tais espaços apresentam inúmeras dificuldades de consolidação e continuidade das suas ações. Por conseguinte, há carências nas áreas de infraestrutura, gestão institucional, recursos humanos, segurança, conservação e acessibilidade. Conforme defende Isabel Ribeiro, a “ausência de políticas públicas de gestão dos museus universitários pode ser compreendida como um indício mesmo da ausência dos valores próprios das instituições de ensino superior e da sua identidade” (RIBEIRO, 2023, p.124).

Marta Lourenço (2010, p.53), ao tratar da realidade portuguesa, mas também aplicada à brasileira, pontua que “as universidades não sabem como financiar os seus museus”, diante dos desafios e da incapacidade de gerir e compartilhar seus recursos frente às inúmeras outras atividades associadas ao ensino, pesquisa e extensão.

No âmbito da UnB, desde o ano de 2020, discussões e ações têm sido promovidas com o objetivo de criar uma rede museus e coleções de modo a proporcionar articulações e práticas colaborativas entre suas unidades museológicas. No ano de 2024, via Decanato de Extensão (DEX), a criação da Rede de Museus e Acervos da UnB (Rede MUSA) foi fomentada por meio de algumas ações institucionais.

Tais processos institucionais de promoção de instrumentos de gestão e fomento aos museus universitários são práticas a serem compartilhadas, inclusive para registro histórico dessas ações e de seus atores. Diante disso, a apresentação tem o objetivo de relatar o processo inicial de discussão e criação da Rede MUSA.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Será realizado, por meio desta apresentação, o compartilhamento da experiência de criação da Rede MUSA, a qual se deu por meio de levantamentos bibliográficos e de iniciativas de redes universitárias de museus, da elaboração de documentos institucionais relacionados à criação da Rede, como resoluções, editais e participação em comissões, além de debates e relatos dos participantes que atuaram nos processos e ações realizadas desde o ano de 2020.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2020, contabilizavam-se cerca de 15 experiências museais/coleções existentes ou em processo de implementação e notou-se a necessidade de serem criadas instâncias deliberativas e de fomento para tais espaços. Diante disso, o Decanato de Extensão da UnB em parceria com o curso de Museologia, promoveu desde 2020 discussões com o objetivo de se criar uma rede de museus. As discussões ocorreram no âmbito da Diretoria de Difusão Cultural, instância do DEX responsável por promover ações culturais e a gestão das Casas Universitárias de Cultura (Casa Niemeyer, Casa da Cultura da América Latina e Memorial Darcy Ribeiro).

Assim, por meio da Resolução da Câmara de Extensão nº 02/2020, foi constituída, no âmbito do Decanato de Extensão, a “Rede de Instituições Museais, Acervos Museológicos e de Interesse Público”. Conforme o documento, o objetivo da Rede era promover a articulação entre as instituições museais, com ações de assessoria técnica na área de Museologia e valorização dos bens culturais, definição de políticas e estratégias de preservação, divulgação e produção cultural, além de desenvolver inventários, estudos, preservação e comunicação dos acervos.

Para tanto, foi estabelecido um Grupo de Trabalho responsável pela proposição da estrutura e das normas de funcionamento da Rede. O trabalho seria desenvolvido a partir de três etapas: a primeira, constituída pelo mapeamento dos museus e coleções, definição da estrutura da estrutura administrativa, recursos humanos e formas de ingresso; a segunda etapa teria como objetivos a elaboração do regimento, o cadastramento das instituições museais e a criação de uma plataforma digital para a rede; e a terceira, seria referente a elaboração de editais de assessoria técnica, ações educativas e culturais e exposições. Contudo, diante demandas extras e a confluência de fatores externos relacionados à pandemia, não foi possível a realização de tais etapas.

Em 2024, a partir de uma nova comissão<sup>[1]</sup>, a estrutura da Rede foi alterada, passando a denominar-se Rede de Museus e Acervos da UnB - Rede Musa. Criada pela Resolução da Câmara de Extensão nº 001/2024, como um Programa Estratégico do DEX, a Rede Musa passou a ser gerida pela Diretoria de Difusão Cultural.

[1] ATO DO DECANATO DE EXTENSÃO Nº 0017/2024.

No mesmo ano, foi então lançado o primeiro edital<sup>[2]</sup> de fomento a projetos de extensão nos museus e espaços de pesquisa e guarda de coleções e adesão à rede, no qual houve apoio a 10 projetos. Já em 2025, foi realizado o 1º Seminário da Rede de Museus e Acervos da UnB: Diálogos e Conexões. O evento teve a participação de palestrantes com experiência em redes e museus universitários, bem como a apresentação de relatos de experiências dos museus com projetos aprovados no referido edital.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação da Rede Museus e Acervos da UnB tem contribuído para a articulação de diversos museus e coleções universitárias. Ainda há alguns passos para a sua efetiva constituição, como o estabelecimento do regimento interno, recursos humanos, orçamentários e infraestrutura.

Contudo, ações de preservação, pesquisa, comunicação de acervos, bem como de acessibilidade aos espaços expositivos têm sido fomentadas no âmbito dos espaços participantes da Rede. Assim, tais instituições podem contribuir com a divulgação da ciência, da cultura e do patrimônio museológico universitário não só para a comunidade universitária, mas para a sociedade em geral.

## PALAVRAS-CHAVE

Rede de museus. Museus universitários. Universidade de Brasília.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, R. C. As iniciativas museais na trajetória da Universidade de Brasília. In: NASCIMENTO, Flávia Brito do et. all (Org.) Anais do III Seminário patrimônio cultural universitário. 1. ed. — São Paulo : CPC-USP, 2024.

LOURENÇO, Marta Catarino. Patrimônio da Ciência e da Técnica nas Universidades Portuguesas: Breve panorama no contexto europeu. In: Coleções científicas lusobrasileiras: patrimônio a ser descoberto. GRANATO, Marcos; LOURENÇO, Marta Catarino. (Orgs). Rio de Janeiro: MAST, 2010.

RIBEIRO, I.C.F. . Um olhar contemporâneo sobre a importância da gestão como elemento de preservação do patrimônio museológico universitário. Cadernos do Proarq (UFRJ) , v. 40, p. 119-136, 2023.

<sup>[2]</sup> EDITAL DEX Nº 11/2024.

# **A eficácia das políticas de financiamento nos museus universitários: um estudo a partir dos museus da USP**

José Machado Netto (USP) – josenetto.machado@usp.br

## INTRODUÇÃO

Os museus universitários desempenham papel estratégico no ecossistema museológico brasileiro, articulando ensino, pesquisa, extensão e preservação patrimonial. Apesar de sua relevância, enfrentam desafios crônicos de financiamento, agravados pela instabilidade das políticas públicas culturais e educacionais. Diversos estudos apontam a ausência de uma política nacional específica para esses museus, o que compromete sua sustentabilidade a médio e longo prazo. A presente pesquisa, em fase inicial de desenvolvimento no âmbito do mestrado, tem como objetivo analisar a eficácia das políticas públicas de financiamento aplicadas aos museus universitários, tomando como campo empírico os museus da Universidade de São Paulo (USP). Parte-se da hipótese de que, mesmo inseridos em uma mesma universidade, esses museus enfrentam desafios diversos e limitações estruturais, institucionais e orçamentárias em diferentes graus, sendo assim, um campo frutífero para a investigação.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e analítico, com base em estudo de caso múltiplo. O recorte empírico abrange os três museus estatutários da USP, e outros museus de departamentos, selecionados por critérios de diversidade institucional (área de atuação, porte e perfil orçamentário). A metodologia inclui análise documental (relatórios institucionais, prestação de contas, editais, marcos legais) e entrevistas com gestores e profissionais dos museus. Neste resumo, são apresentados dados preliminares provenientes do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do autor (Machado Netto, 2023), que mapeou as principais fontes de financiamento de museus brasileiros e seus atuais entraves.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento inicial revelou um panorama fragmentado e desigual do financiamento museal no Brasil. Foram identificadas seis gerais grandes fontes de financiamento: 1) recursos públicos diretos (Verbas do IBRAM; Fundo Nacional de Cultura; Política Nacional de Cultura Viva; Emenda Parlamentar; Lei Aldir Blanc; Lei Paulo Gustavo); 2) recursos públicos indiretos (lei de incentivo fiscal); 3) recursos privados não incentivados (Financiamento coletivo; Programa de patronos ou amigos); 4) atividades comerciais; 5) fundos patrimoniais; 6) ativos digitais. Entre os principais desafios observados, destacam-se a irregularidade de repasses públicos (IBRAM, 2023), a dependência excessiva de leis de incentivo com baixa capilaridade regional (Almeida, 2021), a baixa autonomia financeira dos museus (Leite, 2023) e a escassez de políticas estruturantes (Machado Netto, 2023). Esses dados reforçam a necessidade de se investigar como os museus universitários — que acumulam funções acadêmicas e culturais — enfrentam tais questões. A pesquisa de mestrado em andamento busca aprofundar esse quadro a partir de dados primários nos museus da USP, ampliando a análise para as especificidades institucionais do ambiente universitário e suas articulações com as políticas culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo confirma a pertinência do problema proposto e aponta para a relevância de se compreender os museus universitários não apenas como espaços de ciência e cultura, mas também como unidades administrativas atravessadas por políticas públicas que demandam análise crítica. Os dados preliminares do TCC fornecem uma base sólida para a etapa atual da pesquisa, que avança no mapeamento das práticas de financiamento em museus da USP e na construção de um modelo analítico que possa subsidiar políticas mais eficazes e contextualizadas para o setor.

## PALAVRAS-CHAVE

Financiamento. Museus universitários. Políticas públicas. USP. Sustentabilidade econômica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade de São Paulo pelo apoio institucional à pesquisa de mestrado em andamento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca. Museus e mecenato de alianças: A Lei Rouanet e as conexões entre o campo museal brasileiro e o poder econômico. 2021. Tese (doutorado). Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de

História Contemporânea do Brasil. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/478aff2a-ca45-4e9d-9ce9-1a9713082690> Acesso em: 20 mar 2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. RELATÓRIO DE GESTÃO – Exercício 2022. Brasília, DF, 2023

LEITE, Deborah Balthazar. A SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA DOS MUSEUS BRASILEIROS: UMA ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO. 2023. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação Profissional em Economia. 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/266809>. Acesso em: 25 set. 2023

MACHADO NETTO, José. Tutela e Entraves ao Financiamento de Museus no Brasil. 2023. Monografia (graduação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Graduação em Direito, 2023.

## Rede de Conservação de Coleções e Museus: Diagnóstico de Gestão de Risco e Protocolos de Gestão de Conservação

Yacy-Ara Froner( UFMG) froner@ufmg.br

Gabriela de Lima Gomes (REDE-PROEX-UFOP) gabi@ufop.edu.br

Willi de Barros Gonçalves (LACONPRE-EBA-UFMG) willidebarros@gmail.com

Luiz Antônio Cruz Souza (LACICOR-EBA-UFMG) luiz.ac.souza@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Em 2006, foi criado o Grupo de Pesquisa ArCHE (Art, Conservation & History-Environment), no âmbito da Escola de Belas Artes da UFMG, com o objetivo de reunir especialistas da área da Ciência da Conservação, História da Cultura e História da Arte. Ao longo de sua existência, promoveu seminários, como o Luso-Brasileiro de Conservação e Restauro, em 2013; publicações, como os Cadernos Técnicos do DEMU/IPHAN, em 2008; e inúmeras pesquisas integradas com outros laboratórios. Em 2021, o grupo foi convidado para a elaboração de um projeto junto à Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG (REDE-UFMG), intitulado “Diagnóstico para o Aprimoramento da Gestão de Riscos em Espaços da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG” (2021), com apoio da Emenda Parlamentar Individual do Deputado Patrus Ananias. Aplicado em dezesseis centros de pesquisa, documentação e memória da universidade, o projeto utilizou a metodologia do ICCROM apresentada no “Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico”, de 2016. Como decorrência desse diagnóstico, dois outros projetos REDE-UFMG foram contemplados por agências de fomento: o primeiro, aprovado pelo CNPq em 2022 – “Revitalização da Infraestrutura Expográfica e de Guarda das Coleções dos Espaços de Ciência e Cultura da Rede de Museus-UFMG”, objetivou a reestruturação da infraestrutura de guarda das Reservas Técnicas (RTs) do Herbário-CCT; Centro de Memória da Odontologia; Centro de Documentação e Memória da Faculdade de Educação e Centro de Memória da Enfermagem; o segundo, aprovado pela Fapemig, em 2023, envolveu a reestruturação das RTs do acervo Imagem de Minas, Centro de Memória da Medicina, Centro de Memória da Educação Física e Coleção de Entomologia do CCT-ICB, além da RT do Museu da Lapinha do Instituto Estadual de Florestas-MG. No contexto do projeto Fapemig, a Rede de Museus e Acervos da Universidade Federal de Ouro Preto participa como parceira, objetivando a aplicação e o aprimoramento da metodologia diagnóstica de riscos utilizada. Como decorrência desses projetos, três outras pesquisas encontram-se em andamento: “Protocolos de gestão sustentável de acervos em museus: competências técnico-científicas para a definição de standards,

recomendações e políticas públicas de salvaguarda” (Produtividade de Pesquisa); o pós-doutorado “Protocolos de Gestão de Riscos em Acervos Científicos e Artísticos nas Universidades”, com estágio na FioCruz e no ICCROM; e a pesquisa de pós-doutorado “Climatização de Coleções e Museus universitários”. Em 2023, com a aprovação do projeto junto à Fapemig, o grupo de pesquisadores vinculados ao ArCHE compreendeu a importância da geração de uma rede colaborativa, capaz de integrar conhecimentos nos campos da Curadoria Científica, Museologia e Ciência da Conservação e decidiu alterar o estatuto do ArCHE para RECOR, Rede de Conservação de Coleções e Museus, expandindo seu campo de atuação. Em fase de estruturação, espera-se integrar 23 outros equipamentos de instituições públicas e particulares, além das atuais parceiras.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Em 2015, o IBRAM assumiu o protagonismo internacional na elaboração da “Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade”, aprovada pela UNESCO. Referência para as políticas públicas de gestão, uso e difusão de acervos, o documento destaca a função social das coleções, principalmente no âmbito dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Considerando as áreas estratégicas das pesquisas no campo do patrimônio cultural e natural, a gestão conservativa de coleções universitárias é fundamental para a compreensão da História da Ciência e da História do Ensino Superior. Coleções científicas são, por excelência, celeiros materiais de investigação, tanto em relação à memória da área que representa, quanto por meio da capacidade instalada no que compete a revisão de teorias ou a proposição de novas pesquisas. Para que os objetos dessas coleções continuem produzindo conhecimento, é fundamental que eles sejam preservados de maneira correta por meio da conservação de sua materialidade e, do mesmo modo, que a acuidade das informações relacionadas à coleta e à própria identidade desses elementos seja sistematizada por meio de documentação, inventário e geração de bases de dados. Tais protocolos, fundamentados pelo campo da Conservação Preventiva, permitem o estabelecimento de políticas de acessibilidade de dados e compartilhamento de acervos entre instituições, potencializando a habilidade dessas coleções de produzirem pesquisas em rede. Uma pesquisa desenvolvida pelo ICCROM-UNESCO de 2011, indicou que 60% das coleções em armazenamento estão em perigo, seja por questões de gestão e documentação, edificação, mobiliário ou acondicionamento inadequados; a pesquisa também levantou que, em média, apenas 10% das coleções de museus e espaços de memória são exibidas e acessíveis ao público, enquanto 90% estão armazenadas. Tal situação não é diferente nos espaços científico-culturais das universidades, o que vem a determinar a motivação e problemática central da criação de uma rede colaborativa. A partir 2016, os Comitês Internacionais do Conselho Internacional de Museus (ICOM) articularam uma discussão sobre a gestão de acervos em Reservas Técnicas, gerando a

recomendação aprovada na 34ª Assembleia Geral do ICOM, em Kyoto, em 2019, denominada "Medidas para Salvar e Melhorar as Coleções Armazenadas". As políticas de formação de acervo; sua documentação; os protocolos de manutenção predial; os suportes adequados para armazenamento; os princípios de segurança, incluindo sistemas contra roubo, desastres naturais e incêndio; e a gestão climatológica determinaram, desde então, os parâmetros e os protocolos para o estabelecimento de metodologias de Conservação e de Gestão de Risco.

## RESULTADO E DISCUSSÕES

Em 2021, o IBRAM editou a "Resolução Normativa No 3", formalizando o "Programa de Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro"; tal normativa, acompanhada de uma orientação programática, teve como objetivo subsidiar planos estratégicos de prevenção e o controle dos riscos de coleções, com vistas a minimizar seus efeitos, responder a emergência e a favorecer a qualificação da gestão das instituições nas tomadas de decisão dirigidas à preservação e à segurança. Foram definidas cinco etapas para o programa: identificar agentes potenciais de riscos; aplicar medidas para minimizar ou evitar os riscos; preparar ações para responder a eventuais emergências e reverter os danos ocasionados tanto pelos agentes predecessores quanto pelos desastres. Considerando esta orientação, a RECOR desenvolveu um programa de "Diagnóstico e Planejamento Estratégico para o Aprimoramento da Gestão de Riscos em Espaços de Redes de Acervos Universitários", baseado na metodologia do GCI. O "Diagnóstico" opera por meio de uma estrutura de expertises compartilhadas - Ciência da Conservação, Arquitetura, Museologia e Curadoria Científica -, em um modelo transdisciplinar, não hierarquizado, de gestão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grau inovador da metodologia aplicada é a capacidade de integrar distintas metodologias de gestão conservativa de coleções - "The Conservation Assessment" (1999); "Assessing Preservation Needs" (2003); Re-Org (2009); "Preservation Self-Assessment Program" (2016) e O "Programa de Gestão de Riscos ao Patrimônio ao Patrimônio Musealizado Brasileiro" (2021) - e conformar um método específico de Diagnóstico e de Plano de Conservação aplicada a acervos universitários. Atualmente, 12 Protocolos de Gestão de Conservação encontram-se em fase final de redação.

## PALAVRAS-CHAVE

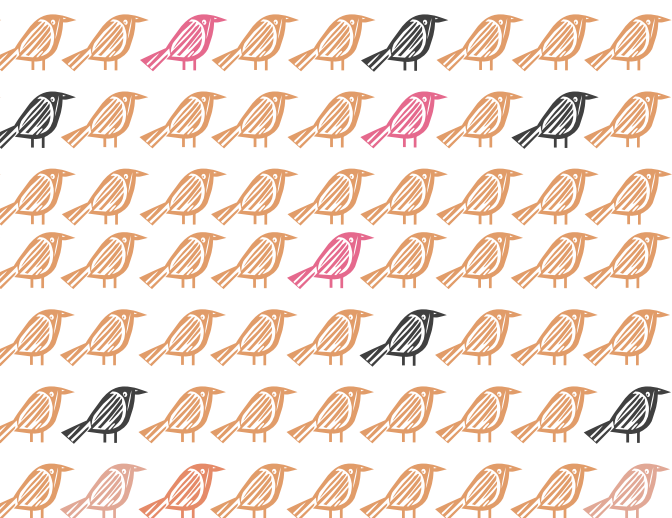
Diagnóstico de Riscos; Reserva Técnica. Protocolos de Gestão de Conservação.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, à FAPEMIG e às Redes de Museus da UFOP e da UFMG, pelo acolhimento dos projetos.

## REFERÊNCIA

FRONER. Yacy-Ara. Relatório Parcial CNPq - Revitalização da Infraestrutura Expográfica e de Guarda das Coleções dos Espaços de Ciência e Cultura da Rede de Museus UFMG. Belo Horizonte: UFMG, Abril/2025. (não disponível)



**SALA 7**  
**DOCUMENTAÇÃO E**  
**CATALOGAÇÃO**

Mediador  
**Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG)**

Bolsista  
**Thaiana Barros dos Santos**

A mesa de Documentação Museológica apresentou experiências diversificadas no campo da catalogação, inventário e gestão da informação museológica em diferentes instituições brasileiras, destacando a relevância do processo de documentação para a valorização, preservação e visibilidade dos acervos.

### **Trabalho: Diagnóstico de Acervo Arqueológico: Um Estudo de Caso no MAP-UFPI**

Autores: Lívia Thiciane Viana Almeida, Kaio Hellanno da Costa Santana Araújo, Vinicius Melquíades

Os pesquisadores Lívia e Kaio apresentaram a experiência do Museu de Arqueologia e Paleontologia da UFPI, destacando o Plano Museológico Participativo (PLAMPA) como estratégia metodológica para diagnóstico do acervo arqueológico. O trabalho envolveu reuniões com a equipe, levantamento bibliográfico, visitas às reservas técnicas e análise de amostras de caixas com acervos.

O estudo evidenciou as diferenças entre documentação museológica e arqueológica, bem como as divergências nos critérios de entrada institucional. O diagnóstico foi compreendido como uma oportunidade de conhecer as coleções em profundidade, identificar potencialidades e fomentar a interdisciplinaridade entre arqueologia e museologia, com a elaboração de fichas de critérios específicos.

### **Trabalho: Museu de tecnologia da SATC: proposta de catalogação no formato MARC 21**

Autores: Vania Medeiros Ribeiro, Anderson Daleffe, Jovani Castelan, Solange Silverio Bianchini

A pesquisadora Vânia apresentou a proposta de criação do Museu de Tecnologia da SATC, instituição com origem escolar voltada para a formação técnica e profissional na região carbonífera de Criciúma. O museu teve início com a reunião de objetos cotidianos e inservíveis, que passaram a ser cadastrados no sistema Pergamum, utilizando o padrão MARC 21.

A metodologia empregada incluiu a criação de fichas e planilhas de metadados, além da adoção de linguagens documentárias para padronização terminológica. O estudo apontou as diferenças entre a lógica bibliográfica (linear e autoral) e a lógica museológica (multidimensional e relacional), evidenciando limitações do Pergamum para a documentação museológica. O projeto encontra-se em processo de institucionalização, com plano museológico, política de gestão de acervo e aprovação de edital da FINEP, reforçando a importância da documentação como base para a consolidação da instituição.

### **Trabalho: Inventário de acervos de jogos: experiência do museu do jogo da Universidade Federal da Paraíba**

Autores: Betânia do Carmo Rodrigues Gomes, Elizara Carolina Marin, Maria do Perpetuo Socorro Campos Fernandes, Profº Dr. Pierre Normando Gomes da Silva

A professora Maria do Perpétuo Socorro apresentou a experiência do Museu do Jogo da UFPB, vinculado ao curso de Educação Física e aos grupos de pesquisa na área da pedagogia da corporeidade. O museu, ainda em processo de musealização, desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão, tendo como eixo o jogo enquanto prática cultural e pedagógica.

O inventário do acervo foi realizado em conformidade com a Lei 11.904/2009 (Estatuto de Museus), resultando na descrição de 323 objetos, com numeração, localização e identificação material – predominando peças em madeira. Apesar das dificuldades metodológicas e da falta de referências específicas, o processo contou com apoio de museóloga da instituição, evidenciando a relevância da documentação para a organização, preservação e legitimação do museu.

**Trabalho: Inventário analítico documental do acervo da Confeitaria Nogueira**  
Autores: Antônio Luciano, Noris Mara Pacheco Martins Leal

A pesquisadora Noris Leal apresentou o inventário analítico documental do acervo da Confeitaria Nogueira, vinculado ao Museu do Doce da UFPEL. O estudo destacou a centralidade das confeitarias no século XIX como espaços de sociabilidade, consumo e práticas culturais, além da importância do patrimônio imaterial associado ao saber-fazer doceiro.

A pesquisa combinou fontes textuais, iconográficas e orais, com inventário do acervo fotográfico e cruzamento de dados, revelando novos indícios sobre a história das confeitarias de Pelotas. O acervo foi analisado como testemunho dos hábitos e costumes urbanos, contribuindo para a compreensão do devir do objeto e para estratégias de catalogação, ensino e pesquisa no museu.

**Trabalho: Inventário do acervo de bens móveis da Escola de Belas Artes: documentação para valorização do design de mobiliário brasileiro**

Autores: Emyle dos Santos Santos, Milena Sardinha, Soane Vitória Silva Almeida Alves, Sofia Lais Costa Santana, Arthur Thiago Thamay Medeiros

Outra experiência apresentada foi o inventário do acervo de bens móveis da Escola de Belas Artes da UFBA, com foco no design de mobiliário brasileiro. O processo utilizou fichas do IPHAN, contemplando dados técnicos, estilísticos e informacionais, e inventariou 104 peças de diferentes períodos.

O acervo, ainda em uso, revelou-se um patrimônio relevante para a história do design e do ensino artístico no Brasil. O inventário resultou na elaboração de um catálogo e estimulou novas pesquisas, propondo desdobramentos como a definição de uma política de tratamento para o acervo e a criação de expografias específicas.

## **Trabalho: Protocolos de documentação de Museus de Antropologia e Arqueologia: O guia de inventário do Museu Arqueológico da Lapinha**

Autores: Cíntia da Silva Xavier, Francisco Abrahão Gonzaga, Marcio Junio Rodrigues Cardoso, Maria Lúcia Coimbra Scalabrini, Samara Romão Ferreira

Por fim, a pesquisadora Maria Lúcia apresentou o projeto de documentação do Museu Arqueológico da Lapinha, conhecido como "Castelinho". Desenvolvido por equipe multidisciplinar com apoio da UFMG e financiamento da FAPEMIG, o projeto estruturou um guia de inventário voltado para museus de arqueologia, antropologia e paleontologia.

O processo incluiu organização do espaço, tratamento técnico, documentação fotográfica e utilização da base Tainacan, com fichas baseadas em vocabulário controlado. A iniciativa promoveu discussões sobre classificação da informação e otimizou a gestão da reserva técnica, resultando em registro sistemático do acervo e fortalecimento das práticas colaborativas.

### **Considerações Finais**

A mesa evidenciou que a documentação museológica é um eixo central para a preservação, comunicação e valorização dos acervos universitários e comunitários. Apesar da diversidade de contextos – desde coleções arqueológicas e mobiliário histórico até acervos escolares, tecnológicos, lúdicos e alimentares – foi possível identificar desafios comuns, como a necessidade de padronização terminológica e de metodologias adequadas a cada tipologia de acervo, a importância da interdisciplinaridade e do diálogo entre campos distintos como arqueologia, museologia, antropologia, história e educação, a urgência da institucionalização de iniciativas museológicas ainda em construção, o uso de tecnologias digitais, como o Pergamum e o Tainacan, em diálogo com as especificidades da lógica museológica, e a relevância dos inventários e diagnósticos para consolidar a memória institucional e ampliar a visibilidade social dos acervos. Dessa forma, a mesa contribuiu para reafirmar o papel da documentação como prática estratégica no fortalecimento da museologia e dos museus universitários, garantindo a preservação e o acesso qualificado ao patrimônio cultural brasileiro.



Apresentações de comunicação oral, na sala 7 pela manhã, sobre Documentação e Catalogação - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 7 pela manhã, sobre Documentação e Catalogação - Fotógrafo: Flávio Almeida

## Diagnóstico de Acervo Arqueológico: Um Estudo de Caso no MAP-UFPI

Lívia Thiciane Viana Almeida (UFPI) – livia.thicianee@gmail.com  
Kaio Hellanno da Costa Santana Araújo (UFPI) – kaiohcosta05@gmail.com  
Vinícius Melquíades dos Santos (UFPI) – vms@ufpi.edu.br

### INTRODUÇÃO

Em um plano museológico, uma série de etapas é necessária para compreender e possibilitar o funcionamento de uma instituição museológica. Dentre essas etapas, o diagnóstico de acervo destaca-se como fundamental para conhecer as coleções presentes em um museu e identificar suas potencialidades. Cândido (2010, p. 129) enfatiza a importância dessa fase, dizendo que: “É, acima de tudo, uma ferramenta básica para o planejamento institucional em longo prazo, pois permite conceber uma programação museológica mais condizente com a realidade em questão e que leve em consideração a necessária continuidade.”

Neste contexto, o presente trabalho relata nossa experiência durante o planejamento, execução e os resultados já observados no processo de diagnóstico de acervo realizado no Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP/UFPI) da Universidade Federal do Piauí, no âmbito do programa de extensão "Plano Museológico Participativo do Museu de Arqueologia e Paleontologia (PLAMPA-MAP/UFPI)", da mesma Universidade. A partir dessa vivência, é possível refletir sobre o impacto dessa etapa no funcionamento do museu e sobre as possibilidades de aprofundar o conhecimento sobre o próprio acervo da instituição.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O presente diagnóstico surgiu da necessidade de compreender a realidade do acervo presente no museu, tendo como principal objetivo ampliar e atualizar a ficha utilizada pela instituição para organizar a entrada de novos materiais e coleções. Para isso, foram realizadas reuniões com representantes do museu, com o intuito de estabelecer um diálogo que articulasse as necessidades da instituição à proposta de um novo plano museológico. Na sequência, novas reuniões foram conduzidas com os mesmos representantes, com o objetivo de conhecer a ficha de materiais arqueológicos utilizada pela instituição e compreender os procedimentos relacionados à política de aquisição e registro de materiais, incluindo fichas de inventário e relatórios técnicos, tanto por parte das empresas que solicitam o endosso institucional quanto do próprio museu, responsável pela concessão desse endosso.

Para a aplicação prática do diagnóstico, foram realizadas visitas ao museu e à sua reserva técnica, com a finalidade de conferir as informações contidas nas fichas institucionais, verificar o conteúdo das caixas e avaliar o acondicionamento dos materiais presentes. Posteriormente, buscou-se identificar quais materiais haviam sido utilizados em pesquisas anteriores e quais permaneciam inéditos. Esse processo visava, sobretudo, detectar possíveis discrepâncias entre a documentação emitida pelas empresas de licenciamento e os registros da instituição responsável pela guarda do acervo.

Durante o levantamento, foram selecionados em ordem cronológica crescente, os projetos de licenciamento cujas informações ainda não haviam sido completamente processadas pela instituição. A partir das fichas de inventário de materiais arqueológicos fornecidas pelas empresas, iniciou-se a busca, dentro do acervo, pelas caixas que continham os materiais descritos. Em seguida, cada peça era analisada individualmente, a fim de verificar se as informações presentes nas fichas empresariais coincidiam com os dados processados pelo museu.

Além disso, considerando a ampla documentação já existente em instituições museológicas sobre materiais pré-históricos, optou-se por iniciar o trabalho com os materiais históricos, visando um maior detalhamento e aprofundamento dessa categoria. Os dados obtidos eram registrados na ficha da instituição, e, após a conclusão da análise de uma caixa, prosseguia-se para a seguinte, até finalizar os materiais referentes a cada projeto e, então, passar para o projeto seguinte.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As estratégias metodológicas adotadas pelas empresas de licenciamento para a documentação dos materiais arqueológicos mostraram-se bastante variáveis, o que, em alguns casos, resultou em discrepâncias entre os dados apresentados nos projetos de licenciamento e os critérios estabelecidos pela política de endosso e aquisição do museu - diretrizes que idealmente, deveriam ser seguidas por todas as empresas. Foram identificados, por exemplo, casos de remanejamento de peças entre sacos sem a devida documentação, números de tombo ilegíveis e processos de remonte carentes de detalhamento técnico. Apesar dessas inconsistências, é importante destacar que tais falhas não constituíram a norma. Na maioria dos casos analisados, as informações fornecidas pelas empresas estavam em conformidade com os parâmetros estabelecidos pela instituição museológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora árduo, o diagnóstico de acervos é uma ferramenta crucial para compreender tanto as potencialidades quanto os desafios de uma reserva técnica. É necessário atenção rigorosa ao registro das informações dos materiais, tendo em vista que, na Arqueologia, os dados sobre os objetos e os sítios de origem já são por

natureza, escassos, o que torna a carência de clareza na documentação ainda mais problemática. Quando essa realidade se soma à Museologia, cuja função é através da documentação extrair as informações dos objetos e aproximar a realidade museológica/arqueológica com a realidade da sociedade, a situação torna-se alarmante. Como pontua Ballardo (2021, p. 30-31): “Um artefato no campo arqueológico sem a documentação arqueológica não serve para absolutamente nada, porque perde o sentido do ponto de vista da pesquisa arqueológica. [...]”

Dessa forma, é importante destacar que o diagnóstico de coleções, ainda em andamento, tem gerado resultados positivos. A parceria entre o museu e o Programa de Extensão tem possibilitado não apenas a atualização das informações do acervo, como também a geração de dados que poderão ser utilizados em futuras exposições e em renovações expográficas. Além disso, o processo tem contribuído para a formação dos discentes participantes do PLAMPA-MAP/UFPI, que vivenciam, se familiarizam e aprendem sobre os procedimentos de gestão documental e de acervos em reservas técnicas arqueológicas. Essa experiência fomenta a formação de futuros pesquisadores e profissionais atuantes na interseção entre Arqueologia e Museologia, inserindo-os no campo da Musealização da Arqueologia.

#### PALAVRAS-CHAVE

Diagnóstico de coleções; Museu de Arqueologia e Paleontologia – MAP/UFPI; Plano museológico; Musealização da Arqueologia.

#### REFERÊNCIAS

- BALLARDO, L. M. Gestão de coleções arqueológicas musealizadas: métodos de campo como subsídios da documentação museológica. 2021. 318 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2021.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Diagnóstico museológico: estudos para uma metodologia. In: I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola. Universidade do Porto, Faculdade de Letras – Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, Lisboa, Portugal, 2010.

## **Inventário do acervo de bens móveis da Escola de Belas Artes: documentação para valorização do design de mobiliário brasileiro**

Emyle Santos (UFBA-PPGDesign) - emyles@ufba.br

Milena Sardinha (UFBA) – milena.sardinha@ufba.br

Soane Alves (UFBA) - soanealves@ufba.br

Sofia Santana (UFBA) - sofialais16@gmail.com

Thiago Thamay (UFBA-PPGDesign) – thiagothamay@ufba.br

### INTRODUÇÃO

Os campos do design de interiores e do design de mobiliário são intrinsecamente interligados, atuando de forma complementar na configuração dos espaços. Como afirmam Booth e Plunkett (2015, p. 6), “sem o mobiliário, não há interior”. Ambos fornecem indícios dos modos de vida, da ocupação dos ambientes, do comportamento social, da cultura, das tecnologias e dos materiais utilizados em diferentes períodos. Apesar de sua relevância, esse valor é frequentemente negligenciado em acervos institucionais, nos quais a ausência de manutenção adequada leva à substituição sistemática do mobiliário.

Nas instituições públicas, esse problema é agravado por limitações orçamentárias que dificultam o restauro de bens, resultando, com frequência, na substituição do mobiliário — seja pela ausência de manutenção, seja pelo menor custo dessa prática —, conforme apontam Holanda e Chaves (2023) e Costa Júnior (2014).

A esse panorama soma-se o acervo da Escola de Belas Artes (EBA), uma das unidades mais antigas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e protagonista no ensino de artes na Bahia, por ter sido a segunda academia de Belas Artes fundada no país. Considerando essa problemática, o objetivo principal da pesquisa foi preservar a memória institucional da Escola de Belas Artes por meio da elaboração de um inventário dos bens móveis de valor histórico, conferindo visibilidade a esse patrimônio no contexto das instituições de ensino e ressaltando seu potencial cultural. Procurou-se, ainda, evidenciar o valor museológico do mobiliário institucional, contribuindo para sua ressignificação. Os objetivos específicos abrangeram o levantamento bibliográfico e documental sobre o mobiliário histórico da EBA; a identificação, localização, avaliação sumária do estado de conservação e o registro fotográfico dos móveis distribuídos nos diversos prédios da unidade; a realização do inventário; e, por fim, a elaboração de um relatório final consolidando as informações coletadas.

A justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa apoia-se em dois pilares. Em primeiro lugar, busca-se preencher a lacuna existente no levantamento e na análise detalhada do estado de conservação dos bens móveis da Escola de Belas Artes (EBA), integrantes do acervo do Memorial Artístico e Histórico (MAH/EBA-UFBA), com vistas à sua conservação. Em segundo lugar, a proposta visa ampliar a visibilidade do mobiliário enquanto patrimônio institucional, por meio da produção de um inventário útil à universidade e que contribua para a disseminação do conhecimento sobre a história do design de mobiliário e sua relação com a trajetória da EBA.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa adota uma abordagem descritiva, por buscar o levantamento detalhado do mobiliário institucional de valor histórico da EBA-UFBA, incluindo fases de coleta, análise e interpretação de dados. Os procedimentos metodológicos envolveram pesquisa documental, levantamento bibliográfico e visitas técnicas, desenvolvidos em duas etapas principais: levantamento de dados e elaboração do inventário.

Na primeira fase, a investigação baseou-se em três fontes principais: documentos primários do arquivo da escola, utilizados para identificar a origem dos móveis e sua permanência ao longo do tempo; depoimentos orais; e referências bibliográficas.

Na segunda etapa da pesquisa, realizou-se a catalogação dos móveis que apresentavam características estilísticas indicativas de valor histórico, sendo inventariadas 104 peças.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A elaboração do inventário permitiu mapear integralmente o acervo de valor histórico da EBA, reunindo dados quantitativos e qualitativos sobre o mobiliário. Foi possível identificar a janela temporal das peças (em séculos), suas possíveis origens, matérias-primas, designers, fabricantes, comerciantes e características estilísticas. Os dados iniciais evidenciaram a diversidade e a riqueza do acervo, revelando marcas do tempo, vestígios de intervenções restauradoras e indícios de sua relevância histórica. Os resultados obtidos reforçam o papel do inventário como ferramenta estratégica para a preservação física do acervo, e também, para o reconhecimento do mobiliário enquanto patrimônio cultural institucional.

Além disso, a identificação de lacunas e perdas documentais evidencia a urgência de políticas sistemáticas de conservação em instituições públicas de ensino. Assim, o estudo contribui para ampliar o debate sobre a gestão de acervos mobiliários no contexto universitário, propondo caminhos para a sua salvaguarda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida configurou-se como um mapeamento sistemático do mobiliário da Escola de Belas Artes, fundamentado no modelo de inventário como ferramenta técnica para o controle quantitativo e qualitativo de bens patrimoniais. Esse procedimento permitiu registrar a origem, o estilo, os materiais e o estado de conservação das peças, assim como, também contribuiu diretamente para sua preservação e valorização institucional.

Ao longo do processo, foi possível refletir criticamente sobre a condição dos acervos mobiliários em instituições públicas de ensino, identificando fragilidades como a ausência de políticas de conservação e a perda de informações históricas. A construção do inventário resultou em um documento de valor acadêmico e administrativo, ao mesmo tempo em que proporcionou uma experiência formativa significativa para os discentes envolvidos.

## PALAVRAS-CHAVE

Mobiliário Institucional. Memória. Design de Interiores. Patrimônio. Design de Mobiliário.

## AGRADECIMENTOS

O presente artigo é um dos desdobramentos da pesquisa de iniciação científica do tipo PIBIC vigente entre 2023 e 2025 com recurso do CNPQ e FAPESB, além disso, contou com apoio financeiro do EDITAL PRPPG 010/2024 UFBA - Programa de apoio a jovens professores(as)/pesquisadores(as) doutores(as) - JOVEMPESQ 2024. As referidas instituições somos gratas e grato pelo fomento à pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BOOTH, Sam; PLUNKETT, Drew. MOBILIÁRIO PARA O DESIGN DE INTERIORES. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- COSTA JÚNIOR, José Airton. ARQUITETOS-DESIGNERS: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília. 2014. 215 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- HOLANDA, Gerda de Souza; MOREIRA CHAVES, Roberto (Orgs.). Catálogo da coleção Cadeiras do Memorial da UFC. Fortaleza: Edições Mauc; Memorial da UFC, 2023. 125 p.

## Inventário analítico documental do acervo da Confeitaria Nogueira

Antônio Luciano da Silva Júnior (UFPel) antoniolucianodsj@gmail.com  
Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPel) norismara@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Pelotas, hoje considerada a Capital Nacional do Doce<sup>[1]</sup>, no século XIX, produzia charque em larga escala, o que gerou grande riqueza para a cidade. Esta riqueza era manifestada através do bem viver e do bem receber principalmente através da alimentação e da produção de doces, que encontra nas confeitarias um de seus lugares de comercialização. É importante salientar que essas confeitarias, “no final do século XIX e início do XX, vão aumentar em número, tornando-se um importante lugar de comércio e de socialização” (LEAL, 2019, p. 84), inserido em um contexto brasileiro conhecido como Belle Époque. Essas confeitarias seriam “um ambiente no qual a elite podia exibir seus trajes de corte inglês e consumir, além dos doces finos, os produtos importados dispostos nas prateleiras” (MOTA; FERREIRA; LEAL, 2019, p. 06).

A Confeitaria Nogueira foi inaugurada em 15 de julho de 1899, encerrando suas atividades apenas em 1982. O espaço foi aberto pelo imigrante português Antônio Nogueira Sobrinho e ficou famoso pelas matérias primas que comercializava, dentre elas licores, vinhos, açúcar refinado e doces finos, etc. Parte dos testemunhos desta história fazem parte do acervo que foi doado em 2016, por Norma Nogueira, viúva de Alfredo Nogueira, ao Museu do Doce, passando a fazer parte da Coleção Confeitarias<sup>[2]</sup>. O acervo compõe a subcoleção denominada “Confeitaria Nogueira”, são recortes de jornais, cartas, licenças de exportação, convites, fotografias e outros documentos; o que possibilita a quem tem interesse investigar uma amplitude e maior diálogo entre as fontes, revelando diversos indícios acerca das redes de influência e socialização desse espaço.

A importância do inventário analítico se dá, justamente, pelo estudo e justaposição das fontes em um espectro mais amplo de produção, não esquecendo quais as condições que a fizeram chegar no acervo. No caso da subcoleção Confeitaria Nogueira, essas informações são dispostas em uma descrição dos eventos e criadores que estão circundados os documentos. Diante disso, estudar a história da Confeitaria Nogueira, além de se deter em informações acerca das transformações passadas pela cidade em quase um século e suas influências, significa entender como as articulações e narrativas são percebidas e tratadas hoje, tendo o museu como esse espaço de questionamento a partir do seu lugar social e cultural.

<sup>[1]</sup> [Pelotas \(RS\) é oficialmente a Capital Nacional do Doce; título deve contribuir para impulsionar o turismo local](#)

<sup>[2]</sup> Essas e outras coleções podem ser consultadas no site do Museu do Doce: [ACERVO E COLEÇÕES](#)

## MATERIAIS E MÉTODOS

O trato documental feito pela investigação da coleção da Confeitaria Nogueira se deu através de um inventário analítico, que se caracteriza, sobretudo, pelo cruzamento de fontes e a análise de uma extensa diversidade documental. O inventário analítico da Confeitaria Nogueira, ainda que seja permeado, em maior grau, pelas fotos, também analisa entrevistas feitas com Norma Nogueira, e outros documentos como recortes de jornal, licenças de importação, convites de reuniões, notas fiscais, etc.

Esse inventário, ainda em curso, tem como escopo o levantamento e análise da documentação que chegou ao acervo do Museu do Doce em 2016, entendendo sua tipologia documental, mas também registrando o contexto de criação desse documento, a data de criação, tipologia documental (se iconográfico ou textual), a origem (lugar de criação), o autor desse documento, em que condições se encontra e qual o assunto do documento. Destarte, é necessário afirmar que essa documentação também perpassa por um entrecruzamento de fontes orais e documentais que estão fora do acervo, além de bibliografia que possa dar sentido e base para o caminho que está sendo seguido na análise.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O inventário analítico revelou aspectos dantes já conhecidos da Confeitaria Nogueira, não obstante, também traz para debate e análise outras discussões que rodeiam essa confeitaria e sua forma de contextualização no tempo em que funcionou. De fato, as fotos são bastante reveladoras e a presença iconográfica ressalta personalidades, lugares e momentos que talvez alguns textos possam não conotar, “como a visão é o sentido mais sensível e o que mais registra, recorreremos à imagem para conservar a lembrança” (SILVA NERY; HUZSAR SCHNEID; MAZZUCCHI FERREIRA; FERREIRA MICHELON, 2019, p. 45). Assim, se atesta que a visão revela muitos indícios, não obstante, esses indícios devem ser atestados por outros olhares e, aí, cabe o papel de outros documentos.

Não obstante, a documentação analisada revelou quais aspectos faz a confeitaria ser essencial para a análise de um testemunho do desenvolvimento da cidade, para além disso questionar como esse movimento se deu, em que narrativas se apoiaram e quais resultados os diversos rótulos que advém com a efetiva construção de Pelotas, hoje, foram moldados. Desse modo, “para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte” (SANTOS, 2006, p. 213); dessa forma, o saber e sua construção partem de uma perspectiva regional, ou local, e buscam aderência em uma esfera de domínio maior, seja ela nacional ou global, que permite que esse conhecimento seja construído ou reanalisado, mas nunca dado como soberano e que se põe sempre é uma esteira dialógica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não obstante, também é necessário salientar que esse projeto irá alimentar, também, a documentação museológica do Museu do Doce, amparado no projeto já existente, ligado ao Programa de Bolsas de Iniciação ao Ensino - Projetos, a bolsa Organização da Documentação Museológica do Museu do Doce da UFPel. Diante do apresentado, apesar de um projeto que ainda está em desenvolvimento, o inventário já informou e ratificou informações pertinentes acerca da construção da memória a partir da Confeitaria Nogueira e sua posição no espaço doceiro de Pelotas. Outras formas de pensar nesses resultados seriam na construção da rede de articulação que essa confeitaria teve com outros lugares e na formação de novas narrativas para o lugar dessa e de outras confeitarias e de sua importância para a presente apresentação de Pelotas como Cidade do Doce.

## PALAVRAS-CHAVES

Confeitaria Nogueira - Museu do Doce - História de Pelotas - Inventário Analítico

## REFERÊNCIAS

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. A trajetória de uma construção patrimonial: a tradição doceira de Pelotas e antiga Pelotas na constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas. 2019. 291 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

MOTA, Aline Regiane de Jesus; FERREIRA, Amanda Gonçalves de; LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. A Coleção Fotográfica da Confeitaria Nogueira do Museu do Doce da UFPel: Desafios e Processos. *Mouseion, Canoas*, n. 38, p. 01-13, 2021.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA NERY, Olivia; HUZSAR SCHNEID, Frantieska; MAZZUCCHI FERREIRA, Maria Letícia; FERREIRA MICHELON, Francisca. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. *Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo*, vol. 51, núm. 1, p. 42-51, 2015.

## Museu de tecnologia da SATC: proposta de catalogação no formato MARC 21

Vânia Medeiros Ribeiro (UNISATC) – vania.ribeiro@satc.edu.br

Anderson Daleffe (UNISATC) – anderson.daleffe@satc.edu.br

Jovani Castelan (UNISATC) – jovani.castelan@satc.edu.br

Marli (UNISATC) – solange.bianchini@satc.edu.br

### INTRODUÇÃO

A função de um museu na sociedade abrange a proteção e o acesso a testemunhos primários, conforme destacado pelo ICOM (2008). Além das exposições e atividades educativas, a gestão eficaz do acervo museológico, incluindo registro e catalogação, é essencial. O avanço das tecnologias da informação revolucionou esse processo, permitindo que softwares e aplicativos melhorem a eficiência no registro e recuperação de informações sobre coleções. A migração de métodos tradicionais para sistemas digitais não apenas aprimora a gestão, mas também facilita a pesquisa, integrando inovações como realidade aumentada e inteligência artificial. Diante disso, surge a necessidade de desenvolver um modelo de interoperabilidade para fichas catalográficas museológicas no formato MARC 21, visando garantir que as informações dos acervos estejam acessíveis e preservadas para as futuras gerações, conforme orientações éticas do ICOM. A implementação de uma ficha de catalogação detalhada é crucial para a organização e acesso eficiente às coleções, permitindo uma gestão integrada e um melhor atendimento ao público.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Na literatura, foi encontrado apenas um estudo relatando a aplicação do padrão de catalogação MARC 21 em museu, sem apresentar um modelo de ficha catalográfica. Devido essa falta de interoperabilidade, foi adotado o modelo de ficha de catalogação publicado no livro "Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes", editado pelo governo do estado de São Paulo em 2010. Este modelo é projetado para ser adaptável às necessidades específicas de diferentes museus, levando em consideração a tipologia das coleções e os métodos de pesquisa utilizados. Foi realizada a conversão para o padrão de catalogação internacional MARC 21, apresentado em um quadro comparativo contendo os campos para o cadastro de informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos musealizados catalogados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O modelo divide as informações da ficha em seis partes, com o objetivo de organizar os metadados e as informações mais relevantes sobre os objetos catalogados. Para facilitar a apresentação dessas informações, elaboramos uma planilha que contempla essas seis áreas com seus respectivos dados.

Com base nesses seis eixos de metadados, realizamos a interoperabilidade para o padrão MARC 21. Para garantir a conformidade com esse padrão, utilizamos o manual "Manual: Parametrização e Catalogação" disponibilizado pelo software de gestão de unidades de informação Pergamum. Este manual define os campos necessários para a catalogação de peças em museus, seguindo as normas de classificação do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e do ICOM (Conselho Internacional de Museus). Entretanto, o manual do Pergamum não fornece um modelo de ficha de catalogação.

Na proposta de interoperabilidade desenvolvida nesta pesquisa, elaboramos um quadro que inclui a descrição e o detalhamento conforme o modelo "Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes", adicionando os campos "Campo", "Indicador 1", "Indicador 2" e "Descrição" para atender ao padrão MARC 21.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração de um modelo de interoperabilidade adaptável às necessidades específicas de diferentes museus é crucial, considerando a diversidade de acervos e as variadas tipologias de objetos museológicos. A proposta desenvolvida, baseada no manual "Documentação e Conservação de Acervos Museológicos: Diretrizes" e no padrão MARC 21, facilita essa adaptação e padroniza a catalogação, promovendo uma sistematização eficiente e um acesso mais democrático ao conhecimento.

Ao converter o modelo de ficha catalográfica tradicional para o padrão MARC 21, conseguimos garantir a conformidade com as normas internacionais de catalogação, o que possibilita uma comunicação eficaz entre diferentes sistemas de bibliotecas e instituições museológicas. A utilização do manual do Pergamum para parametrização e catalogação assegurou que os campos necessários fossem devidamente preenchidos, conforme as normas do IBRAM e do ICOM. É importante ressaltar que o formato MARC 21 é um padrão utilizado por bibliotecários e no contexto dessa pesquisa foi explorado de forma superficial devido a sua complexidade. A Library of Congresso apresenta inúmeros textos, artigos e livros sobre o assunto.

A padronização na catalogação de fichas catalográficas é essencial para museus universitários e instituições que possuem bibliotecas e sistemas informatizados de

catalogação, pois promove a integração e a interoperabilidade entre diferentes coleções e bases de dados. Ao adotar padrões consistentes, essas instituições garantem a uniformidade e a precisão na descrição dos itens, facilitando a pesquisa e o intercâmbio de informações entre acadêmicos, estudantes e o público em geral. A padronização melhora a eficiência na gestão de acervos, permitindo um controle mais rigoroso e uma melhor preservação dos itens catalogados. Além disso, ela assegura a acessibilidade e a transparência dos dados, tornando mais fácil a localização e a utilização de recursos valiosos para estudos interdisciplinares e projetos colaborativos. Portanto, a implementação de sistemas padronizados de catalogação é fundamental para maximizar o potencial educativo e científico dos acervos, fortalecendo o papel dessas instituições como guardiãs do conhecimento e facilitadoras do aprendizado contínuo.

#### PALAVRAS-CHAVE

Ficha catalográfica, Museologia, MARC 21, Gestão de acervos, Documentação museológica.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a FINEP que por meio do Programa Praças da Ciência em Museus e Centros de Ciência e Tecnologia - 01/2022 que está financiando as reformas para abertura do Museu de Tecnologia da Satc.

#### REFERÊNCIAS

ACAM PORTINARI – Associação Cultural de Amigos do Museus Casa de Candido Portinari (Brodowski, SP). Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes. São Paulo: Brodowski, 2010. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/conteudos/publicacoes-do-sisem-sp/> . Acesso em: 29 março 2024.

ICOM. Código de Ética do ICOM para Museus. 2008. Disponível em: [https://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo\\_de\\_etica\\_lusofo no\\_iii\\_2009.pdf](https://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofo no_iii_2009.pdf) . Acesso em: 10 março 2024

PERGAMUM. Museu: parametrização e catalogação – manual. Curitiba: Pergamum, [2024].

## Inventário de acervos de jogos: experiência do museu do jogo da Universidade Federal da Paraíba

Maria do Perpetuo Socorro Campos Fernandes (UFPB) sosfernandes153@gmail.com  
Pierre Normando Gomes-da-Silva (UFPB) - pierrenormandogomesdasilva@gmail.com  
Betânia do Carmo Rodrigues Gomes (UFPB) - betaniacgomes@gmail.com  
Elizara Carolina Marin (UFPB) - elizaracarol@yahoo.com.br

### INTRODUÇÃO

O Museu do Jogo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) faz parte do laboratório Escola Brincante, pertencente a dois grupos de pesquisa: GPELF (Grupo de Pesquisa em Lazer, Jogo Tradicional e Patrimônio) e GEPEC (Grupo de Pesquisa em Pedagogia da Corporeidade), ambos vinculados ao Departamento de Educação Física - CCS/UFPB e ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física - PAPGEF UPE/UFPB, com o propósito de viabilizar um espaço experimental de ensino, pesquisa e extensão universitária tendo como base a Pedagogia da Corporeidade (PC), que traz o jogo como o pivô da aprendizagem (Gomes-da-Silva, 2016).

O inventário do acervo de um museu está garantido na Constituição Federal como sendo um documento obrigatório para proteção do bem cultural brasileiro (Brasil, 1988). Contemplar um Museu do Jogo em uma Universidade Pública, na área da Educação Física, balizado nos pilares da educação, tem sido desafiador e inovador no âmbito das pesquisas, haja vista que no Brasil não há referências de museus com a temática de jogos em universidades públicas e apenas cinco museus do brinquedo foram mapeados em universidades, sendo apenas dois deles na área da Educação Física (Oliveira; Lima; Marin, 2023). Considerando este cenário, obtivemos poucas referências para elaboração do inventário do Museu do Jogo da UFPB, um acervo com bastante peculiaridades e complexidades em seus artefatos. Neste sentido, torna-se pertinente este estudo visto que, os jogos tradicionais e autóctones vêm sendo valorizados como patrimônio cultural da humanidade (Marin, 2017).

Nosso trabalho teve como objetivo inventariar o acervo do Museu do Jogo da UFPB para subsidiar o controle, a gestão, as pesquisas e a difusão desse patrimônio cultural e como objetivos específicos: descrever cada objeto do acervo do Museu do Jogo identificando o modo de uso, a técnica utilizada e os materiais; numerar e classificar todos os objetos do acervo de acordo com os gêneros de jogos propostos pela PC e analisar o estado de conservação de cada objeto.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para elaboração do inventário e organização do acervo do Museu do Jogo foram realizadas reuniões com a museóloga da UFPB que nos orientou sobre a legislação que norteia os bens culturais musealizados. O primeiro procedimento, para um objeto tornar-se um bem cultural musealizado é receber uma numeração de identificação com vistas a fazer parte do inventário, posteriormente deve-se criar uma ficha de catalogação para cada novo item contendo suas informações intrínsecas e extrínsecas (Brasil, 2021). O inventário é o “levantamento individualizado e completo dos bens relativos a uma instituição, abrangendo registro, identificação e classificação” (Brasil, 2021, p. 4) Com a colaboração de estagiários iniciamos as descrições e medições dos artefatos utilizando trena, paquímetro, lapis B6, barbante, perfurador, papel cartão, tesoura, régua, fita métrica, caderno para anotações e máquina fotográfica. Os objetos foram descritos de forma detalhada e dispostos em planilha de excel contendo os elementos obrigatórios para a descrição do bem cultural de caráter museológico a saber: 1. Número de registro; 2. Situação (localizado, não localizado, excluído); 3. Denominação; 4. Autor; 5. Resumo descritivo; 6. Dimensões; 7. Materiais/Técnica; 8. Estado de conservação; 9. Condições de reprodução (Brasil, 2021).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O acervo que compõe a exposição atual do Museu do Jogo (um passeio pelos Gêneros de Jogos) possui um total de 323 objetos. Seguimos as normas do Instituto Brasileiro de Museus para a organização do inventário e após as descrições e medições dos artefatos cada um foi devidamente numerado e localizado. Destacamos a importância do inventário de um acervo museal pois através dele podemos localizar e controlar a quantidade de peças existentes no Museu, ratificando o que Padilha (2014) diz sobre a gestão de um acervo cuja documentação, conservação e pesquisa devem ser adequadas para que se estabeleça um controle integral do acervo museológico, contribuindo assim para a produção e a disseminação do conhecimento.

As descrições dos artefatos contribuíram para identificar a diversidade de materiais empregados como: metal, plástico, papel, tecido e madeira. Constatamos que na maior parte dos artefatos foi utilizada a madeira como matéria prima e que nos artefatos indígenas foram usados bambu, penas, sementes e linhas coloridas, afirmando a identidade cultural daquele povo.

Observamos ainda, por exemplo, que nos objetos pertencentes aos gêneros rítmicos e expedições há uma grande diferenciação no material empregado, os rítmicos trazem a madeira como base e os de expedições são confeccionados em sua maioria de plástico ou similares, estes últimos por se tratar de jogos de aventura e

requererem maior segurança e durabilidade dos materiais e que os objetos confeccionados artesanalmente trazem um pouco do lugar e da história de cada artesão, possuem estética diferenciada e grande valor cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o objetivo de inventariar o acervo do Museu do Jogo da UFPB foi alcançado haja vista que os artefatos foram devidamente descritos e identificados de acordo com o que estabelece as normas de acervos museológicos. Os objetivos específicos foram atendidos pois permitiu que o inventário fosse elaborado justificado pela necessidade de melhor gerenciamento do acervo e controle dos objetos. Como limitações e dificuldades encontradas destacamos a falta de referências metodológicas para elaboração de inventários de museus universitários na área da Educação Física que possuem jogos em seus acervos, sendo este estudo um importante meio de disseminar objetivos semelhantes em outras pesquisas. É imprescindível, nesse sentido, que trabalhos sejam visibilizados para incentivar a criação de museus dos jogos nas universidades brasileiras.

## PALAVRAS-CHAVE

Inventário. Museu do Jogo. Educação Física.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) por viabilizar a presente pesquisa.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 21 maio. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. RESOLUÇÃO NORMATIVA IBRAM Nº 6, DE 31 DE AGOSTO DE 2021. Normatiza o Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados.

Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/legislacao-e-normas/outros-instrumentos-normativo/resolucao-normativa-ibram-no-6-de-31-de-agosto-de-2021>. Acesso em: 22 maio. 2025.

GOMES-DA-SILVA, P. N. Educação física pela Pedagogia da Corporeidade: um convite ao brincar. Curitiba: CRV, 2016.

MARIN, E. C. Jogo tradicional: Patrimônio material e imaterial. 12º Congreso Argentino y 7º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias. 2017.

OLIVEIRA, A. S. L; LIMA, M. B. L; MARIN, E. C. Mapeamento dos museus de brinquedos no Brasil: histórico, funcionamento, acervo e ações educativas. Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e do X Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 17 a 22 de setembro de 2023 / Fortaleza – Ceará. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/evento/conbrace23/anais>. Acesso em: 21 maio. 2025.

PADILHA, R. C. Documentação Museológica e Gestão de Acervo. Coleção Estudos Museológicos. Volume 2. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em: <https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190653/17105304-documentacao-museologica-gestao-acervo.pdf>. Acesso em: 21 maio. 2025.

## Protocolos de documentação de Museus de Antropologia e Arqueologia: O guia de inventário do Museu Arqueológico da Lapinha

Samara Romão Ferreira (Museu Arqueológico da Lapinha) - samaraferreira292@gmail.com  
Francisco Abrahão Gonzaga (Museu Arqueológico da Lapinha) - francisco\_a.g@hotmail.com  
Maria Lúcia Coimbra Scalabrini (Museu Arqueológico da Lapinha) - malucoimbra@gmail.com  
Márcio Junio Rodrigues Cardoso (Museu Arqueológico da Lapinha) - m.junio3p@gmail.com  
Cíntia da Silva Xavier (Museu Arqueológico da Lapinha) - cintiasilvax10@gmail.com

### INTRODUÇÃO

A ausência de protocolos estruturados e de terminologias unificadas para a documentação de acervos de antropologia e arqueologia compromete diretamente a padronização, a consistência do conteúdo e a busca de informações por profissionais, pesquisadores e pelos diversos públicos dos museus. Considerando essa lacuna, no âmbito do projeto “Desenvolvimento de Protocolos para revitalização da Infraestrutura de Preservação e Acesso de Coleções Científicas” (FAPEMIG-RED-00227-23), executado entre 2023 e 2025<sup>[1]</sup>, uma equipe multidisciplinar - composta por museóloga, conservadora, arqueólogo, antropólogo e bióloga – vem elaborando um instrumento orientativo para o estabelecimento de campos de inventário.

Esta apresentação tem como objetivo expor a metodologia de pesquisa, os instrumentos normativos e as decisões tomadas pelo grupo para o estabelecimento de um Guia de Inventário elaborado para o Museu Arqueológico da Lapinha (Lagoa Santa-MG), instituição fundada em 1972 pelo arqueólogo húngaro autodidata Mihály Bányai (1920–2005). A partir dos artefatos e da diversidade de materiais que reuniu e analisou ao longo dos anos, o museu passou a apresentar uma configuração singular de Museu Regional, formado por acervos de origem familiar, uma característica recorrente em iniciativas museológicas no Brasil entre as décadas de 1950 e 1980.

Ao adotar como estudo de caso um Museu de Antropologia e Arqueologia com um histórico singular de coleta científica e diversidade de tipologias materiais, o projeto poderá validar o guia proposto como referência metodológica para instituições congêneres e fortalecer a documentação museológica científica como ferramenta de preservação imprescindível no cenário dos Museus.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O acervo, que anteriormente estava sob guarda do Museu Arqueológico da Lapinha (atualmente em processo de reforma), passou por tratamento no âmbito desse projeto, na Reserva Técnica do Museu Peter Lund. A metodologia do trabalho realizado desenvolveu-se em cinco etapas:

<sup>[1]</sup> Projeto em andamento

Na primeira etapa foi realizada a reorganização física do mobiliário na Reserva Técnica, com o objetivo de aprimorar a distribuição espacial e melhorar as condições de acondicionamento do acervo. Esse processo contou com o apoio técnico de um arquiteto bolsista vinculado ao projeto.

Na segunda etapa, foi realizada a definição do sistema documental para auxiliar a catalogação e a geração da base de dados digital do acervo do Museu, tendo como parâmetros as orientações normativas do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), os protocolos oriundos do campo da documentação museológica, e a expertise de especialistas dos campos da Arqueologia, Antropologia Biológica, Paleontologia, Museologia e Conservação.

O Guia do Inventário do Museu Arqueológico da Lapinha é composto por 41 campos de preenchimento obrigatório, divididos em 7 grupos de informações. Os campos são variáveis entre “Campo Aberto” – de descrição livre – ou “Campo Fechado” – estruturado por meio de vocabulário controlado. O processo de aplicação deste guia ocorre, primeiramente, por meio do preenchimento em uma Planilha Excel, permitindo sua adequação durante o trabalho de análise, conservação, marcação e acondicionamento do acervo, além do registro do histórico do trabalho durante o processo; posteriormente, estruturado na base de dados da plataforma de acesso aberto Tainacan.

O preenchimento da planilha de inventário foi concebido como uma etapa multidisciplinar, exigindo a atuação articulada de profissionais de áreas diversas. Isso se deve à abrangência dos campos contemplados, que incluem desde a identificação e caracterização dos objetos até o registro institucional, de conservação e de localização. A atuação dos especialistas em Arqueologia, Antropologia Biológica e Paleontologia assegurou a precisão terminológica, a classificação tipológica e a coerência das descrições, com base em literatura científica e vocabulário técnico.

A terceira etapa contou com os procedimentos de Conservação e Restauração, onde parte do acervo se encontrava em vitrine de exposição e estavam com material aderido como cola, papel, cortiça, madeira, arame, fios, vidro etc. Nessa etapa foram aplicados os conceitos práticos, com bases teóricas e conceituais, nas atividades relacionadas à preservação de acervos por meio de ações integradas como levantamento do estado de conservação, restauração e higienização.

Na quarta etapa, o acervo foi identificado, e realizada a marcação das peças por meio da aplicação de uma película de resina, caneta nanquim branca ou preta para a escrita do número de registro e novamente a aplicação da película, ou identificadas utilizando uma etiqueta em papel neutro. Esses procedimentos seguem as recomendações técnicas estabelecidas na literatura especializada em conservação e documentação museológica.

Na quinta e última etapa ocorreu a confecção de embalagens com materiais livres de ácidos. Algumas peças foram acondicionadas em caixas de espuma de polietileno expandido ou caixas de plástico alveolar e armazenadas em gaveteiros e estantes de aço. Outras peças foram embaladas em manta de polietileno expandido ou papel neutro, acondicionadas em sacos plásticos e caixas plásticas empilháveis.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de já ter sido documentado anteriormente, o acervo do Museu Arqueológico da Lapinha apresentava inconsistências em seu sistema de documentação, como erros de informação, grafia e digitação, além de uma ficha catalográfica excessivamente extensa. A complexidade e o excesso de campos resultaram em perdas informacionais, comprometendo a eficiência do sistema de registro. Ademais, grande parte do acervo encontrava-se acondicionado em embalagens inapropriadas para armazenamento, oferecendo risco potencial de deterioração.

Em contraposição, a aplicação do Guia de Inventário aqui proposto vem gerando, como resultado parcial, uma forma de registro sistemática e otimizada do acervo do Museu, contemplando informações de identificação, localização e integridade de cada peça. Até o momento, grande parte do acervo foi documentado, higienizado, marcado e acondicionado de acordo com o protocolo desenvolvido. Como uma decorrência desse processo, também foi observada a otimização da Reserva Técnica, com ganho de espaço para a recepção de novos acervos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste protocolo vem permitindo implementar uma base de dados robusta e padronizada para o acervo do Museu Arqueológico da Lapinha, que servirá de suporte para futuras ações de gestão museológica, conservação e pesquisa. Além disso, o protocolo também contribuirá para a extroversão do acervo na plataforma Tainacan. Com a finalização do projeto, espera-se que esse guia possa servir de referência metodológica e como ferramenta de conhecimento e preservação de acervos para instituições congêneres.

## PALAVRAS-CHAVE

Museus. Documentação. Arqueologia. Antropologia. Conservação.

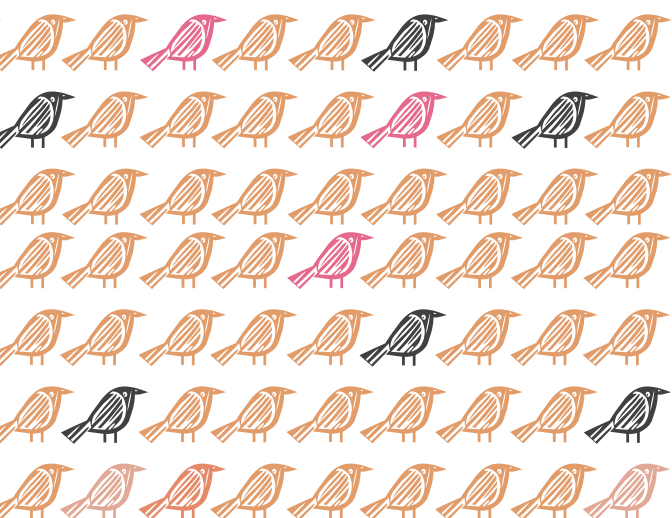
## AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio e financiamento que viabilizaram a realização deste projeto. À professora Yacy-Ara Fröner, que vem coordenando e gerindo esse projeto com maestria. E, para toda a equipe de pesquisadores, que em conjunto estão realizando um trabalho de excelência.

## REFERÊNCIAS

FRONER, Yacy-Ara e BRAGA, Gedley Belchior e ALDROVANDI, Cibele Elisa Viegas. Acondicionamento e armazenamento das coleções etnográficas e arqueológicas nas áreas de Reserva Técnica. 1998, Anais.. Salvador: ABRACOR, 1998. . Acesso em: 20 maio 2025.

FRONER, Yacy-Ara. Tópicos em Conservação Preventiva 8: Reserva Técnica. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.



**SALA 7**  
**DOCUMENTAÇÃO E**  
**CATALOGAÇÃO**

Mediador  
**Aline Cristina Gomes Ramos (UFES)**

Avaliadora dos trabalhos indicados à premiação  
**Paola Haber Maués (UFPA)**

A segunda etapa de comunicações selecionadas para a área de Documentação e Catalogação do 8º Fórum Permanente de Museus e Coleções Universitárias permaneceu sediada na Sala 7 do antigo prédio da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Assim, escaladas para exposição oral a partir das 14h, esperava-se a presença de representantes de sete grupos de trabalho, cada um com fala prevista de até 20 minutos. As apresentações foram divididas em dois blocos a serem intercalados por uma discussão envolvendo os quatro primeiros temas, e que se repetiria ao final, para abranger os restantes.

Neste turno da tarde, encontravam-se concentradas as submissões cabíveis de premiação, Prêmio Edna Taveira, sendo que dois representantes destas não compareceram. Assim, houve a necessidade de remanejamento da ordem das apresentações, seguindo com aqueles que já estavam presentes em sala.

Iniciou-se pela pesquisadora Laura Rodrigues, uma das autoras do trabalho Museu do Jogo da UFPB: categorização de acervo à luz da Pedagogia da Corporeidade. Rodrigues explicou que o Museu do Jogo ainda estava em processo de musealização, caracterizando-se como um equipamento social vinculado ao Laboratório Escola Brinquente da Escola de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba e tendo como princípio a valorização do jogo como patrimônio cultural, a partir da corporeidade. A pesquisa, desenvolvida com bases qualitativas e quantitativas, visava categorizar o Museu e catalogar o acervo. Para o último, buscou-se identificar e classificar, estabelecendo metadados e descritores, destacando-se a aplicação da Teoria de Gêneros e Jogos de Pierre Normando Gomes da Silva. A Teoria separou os jogos autóctones em tipos e estilos (Gêneros primários – sensoriais, ambientais; Gêneros secundários – regras, desafios, maior complexidade; Gêneros simbólicos – fantasia, construção, blocos de montagem; Gêneros de confrontações – combates, disputas). O processo de catalogação somou o levantamento e registro de aspectos físicos-materiais, mas também de uso, servindo para o resgate da história de cada objeto. Realizou-se uma ampla pesquisa sobre origem, nomenclaturas, técnicas de fabricação e formas de brincar, sabendo que no acervo constavam brinquedos brasileiros, latino-americanos e asiáticos. Os dados puderam ser copilados em planilhas e gráficos, subsidiando análises. Concomitantemente, como resultado, a organização do acervo pela Teoria dos Gêneros e Jogos facilitou a expografia e a mediação, pois, após conhecerem os objetos, foi possível proporcionar vivências mais lúdicas ao público.

Proseguiu-se com a fala de André Maragno sobre a Documentação integral do patrimônio industrial: protocolos museológicos para incorporar a memória social e a história oral. Maragno relatou sua experiência com a organização do acervo do Centro de Memória da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), encaixotado nos anos 2000. No caso, o Centro de Memória não se enquadrava como um museu e igualmente não se conectava com ensino, pesquisa ou extensão, restando as perguntas de quais as origens daqueles objetos e de como aquele acervo foi montado. Para dar início à triagem e à separação, criou-se uma ficha catalográfica e protocolos de conservação, seguindo com o posterior contato com os doadores das peças paulatinamente retiradas das caixas. Neste processo, optou-se pela criação de um formulário de doação, com um campo para registro de história oral, documentando as relações com os objetos. Percebeu-se que, a cada contato, outras peças eram doadas pelo público em geral para incorporação ao acervo e novas histórias eram contadas. Aos poucos, a catalogação serviu de veículo para memória social dos antigos trabalhadores da indústria e optou-se pela metodologia de Bárbara Appelbaum, incorporando informações do objeto e do não objeto (História Social do Objeto). A partir dos dados que começaram a ser obtidos, houve a revisão da ficha catalográfica com a inserção dos metadados para história oral, obtidos com auxílio de inteligência artificial. Os dados levantados foram migrados de forma bastante satisfatória para o Pergamum, base disponível e utilizada de forma mais ostensiva no Paraná, sendo passíveis de compartilhamento. Por ser um acervo pequeno, possibilitou-se a execução de muitos testes, podendo gerar futuramente uma série de protocolos para subsidiar a organização de outros acervos do Sistema Fiep. Segundo o autor, três tópicos resumem a ação, a saber: o objeto como processo; da conservação para comunicação; e museologia inclusiva.

A terceira comunicação também se relacionou com a Universidade Federal da Paraíba. Representada pela museóloga Marisa Rodrigues, o Inventário e Resgate do Acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB trouxe informações sobre o levantamento e registro das obras do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC) feito durante a pandemia. Influenciado pelos problemas de gestão do patrimônio, que afligem muitas das universidades, o acervo acabou por ser negligenciado, sofrendo com a celeridade de vários processos de deterioração. O inventário surgiu para separar as obras em graus de risco e importância, a fim de estabelecer medidas minimamente eficazes de acondicionamento provisório, sendo a primeira ação do NAC, neste sentido, em quarenta anos. Por meio do processo, foi possível identificar obras de muitos artistas de renome nacional, separá-las para posterior restauração, digitalização e difusão via Tainacan. De acordo com Rodrigues, o projeto fomentou a necessidade de integração oficial dos museus, NAC e Pinacoteca da UFPB.

Na sequência, Luiz Costa dissertou sobre o Relato sobre a documentação museológica digital do Projeto “Memória Cultural das Infâncias da Amazônia – MRE”. MRE, Movimento República de Emaús, teve, durante anos, o acúmulo de uma grande documentação fotográfica de suas ações em prol de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade na cidade de Belém. O projeto apresentado por Costa envolveu o inventário de cerca de 1.000 fotos, a capacitação de equipe para trabalhar com recuperação, catalogação e digitalização do acervo. As oficinas formativas, ofertadas à comunidade, visavam fornecer conhecimentos quanto ao acondicionamento, gestão, uso de ferramentas de digitalização e tratamento de imagens, para que o projeto pudesse ter suas ações replicadas ao longo do tempo e concretizar um ecomuseu autogerido. A digitalização permitiu o conhecimento do capital social e quantitativo do acervo do MER, levado à extroversão pelo uso das ferramentas TIC's, de exposições itinerantes e podcasts. As ações serviram para ratificar a importância da memória do Padre Bruno, responsável pelo MER, e do próprio Movimento como polo de acolhimento da população, além de trabalhar com a museologia social, a democratização das TIC's e a extensão universitária.

Fechando a tarde, Ranielle Figueiredo discorreu sobre Entre a técnica e a comunicação: a requalificação da documentação museológica no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas/ UFOP, trabalho com a coleção de mineralogia de cerca de 22.000 minerais, formada desde 1876. A autora defendeu a vertente do uso da documentação como estratégia para conhecimento, organização e comunicação. Assim, se deparando com uma multiplicidade de registros feitos nos anos anteriores, fez-se necessário o diagnóstico dos mesmos para avaliar as informações, sendo estas reunidas e hierarquizadas em um sistema com vocabulário controlado no Excel. Padrões, nomenclaturas, numerações e etiquetas foram revisados, inclusive a evolução das análises permitiu o ajuste de classificações. Somado às fichas e às planilhas, a documentação também foi fotográfica, com a criação de um setup. Igualmente acrescentaram-se metadados quanto à beleza, raridade, valor histórico, relevância da doação e doador. A quantidade de itens levou à divisão do trabalho de catalogação por vitrines, que, ao serem finalizadas, receberam um novo tratamento expográfico, com materiais mais adequados para acondicionamento, exposição das peças e mudanças na comunicação (cores, legendas, placas). A documentação proporcionou outros olhares para o acervo e se mostrou ferramenta para disseminar a linguagem do campo da mineralogia, facilitando a educação museal, a produção de cartilhas e futuros protocolos.

Ao se pensar em Documentação e Catalogação, a prática levaria a procedimentos muito técnicos de sistematização. No entanto, os cinco trabalhos trazidos extrapolaram os limites das atividades, tornando-se um caminho profícuo para o resgate e a preservação de memórias, identidades e afetos. Documentar e

catalogar não serviu apenas para organização, mas também para envolvimento e capacitação de equipes, sendo estudantes, representantes de comunidades, assim como doadores e seus descendentes. O material, contido até então apenas dentro das instituições, foi qualificado para divulgação, a partir de exposições, pesquisas e alimentação de repositórios digitais, transformando-se em uma possibilidade aberta e fluida de acesso ao patrimônio, no caso o patrimônio universitário, considerado como da humanidade.



Apresentações de comunicação oral, na sala 7 pela tarde, sobre Documentação e Catalogação - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 7 pela tarde, sobre Documentação e Catalogação - Fotógrafo: Flávio Almeida

## **Relato sobre a documentação museológica digital no Projeto “Memória Cultural das Infâncias na Amazônia - MRE”**

Luiz Tadeu da Costa (UFPA) - luiztadeu@ufpa.br

Samara Carolina Ferreira da Silva (UFPA) - samarasilva228.ss@gmail.com

Tiago Miguel Vilhena Sarmiento de Souza (UFPA) tiagomiguelclarisse@gmail.com

### INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência descreve as ações desenvolvidas no Projeto de extensão "Memória Cultural das Infâncias na Amazônia - Movimento República de Emaús (MRE)", coordenado pelos professores Inês Ribeiro e Tadeu Costa (UFPA). O Projeto realizou um conjunto de atividades voltadas tanto para a capacitação técnica quanto para o engajamento comunitário em parceria com o Movimento República de Emaús, organização fundada em 1971 por Padre Bruno Sechi, com foco na promoção dos direitos de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade.

O projeto parte do reconhecimento da importância da memória cultural como instrumento de cidadania e propõe a integração da cultura digital ao processo museológico, com vistas à preservação patrimonial e à inclusão social. A Museologia Social "ocupa o museu e, ao ocupá-lo, também o modifica" (CHAGAS, 2020, p. 321), o que está diretamente relacionado à proposta do Projeto.

Seu objetivo principal foi documentar e, posteriormente, disponibilizar, de forma acessível, o acervo fotográfico do MRE, fortalecendo o papel social dos museus e o vínculo entre universidade e comunidade. A digitalização de acervos é considerada uma ferramenta essencial, contribuindo para novas formas de mediação cultural dos museus.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O Projeto ofereceu à comunidade do Emaús oficinas como a de “Acondicionamento de Acervos”, “Gestão de Arquivo de Imagem” e “Uso de Scanner” que aprimoraram a preservação digital, qualificando a equipe para lidar com tecnologias que garantem a durabilidade e o acesso ao acervo. Além disso, oficinas de produção de podcast permitiu explorar novas mídias para disseminar sua missão e ampliar o alcance na divulgação da memória institucional do MRE.

As atividades foram iniciadas por meio de um inventário, envolvendo a equipe do projeto, bolsistas de extensão e profissionais do Emaús. A metodologia adotada incluiu práticas de documentação museológica digital, como digitalização e catalogação de aproximadamente 1.000 fotografias e fichas técnicas. Os acervos museológicos digitalizados não só ampliam o alcance do acesso ao patrimônio, mas também promovem reflexões sobre formas de comunicação cultural (GONÇALVES; BANZA, 2013, p. 5). Foram realizadas oficinas formativas com foco em "Acondicionamento de Acervos", "Gestão de Arquivo de Imagem" e "Uso de Scanner", voltadas à qualificação técnica da equipe e à apropriação comunitária das tecnologias de preservação digital. Segundo Levy (2020), fica muito mais fácil acessibilidade dessa produção e difusão das informações, para quem antes, indivíduos e grupos, era bem mais restrito, o que demonstra a relevância das oficinas para democratizar o uso de tecnologias.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As oficinas evidenciaram o impacto positivo da digitalização do acervo como patrimônio cultural da Amazônia e ampliaram o conhecimento técnico da comunidade local, além de fomentarem o engajamento em torno da preservação da memória. "Os museus sociais e comunitários se articulam em torno das noções de tema ou problema, em vez de acervo, coleção e patrimônio" (CHAGAS, 2020, p. 321), uma abordagem que foi essencial para a inclusão dos participantes na dinâmica do projeto.

As exposições fotográficas realizadas em escolas, praças públicas, na 76ª Reunião Anual da SBPC e em outros eventos até fora do Brasil contribuíram para a circulação do acervo e o fortalecimento do vínculo entre o MRE e diferentes públicos. Essas ações expositivas reforçaram o diálogo entre o museu e a sociedade, ao mesmo tempo que consolidaram o papel educativo e transformador da Universidade.

O uso de TICs revelou-se estratégico tanto para a difusão quanto para a salvaguarda do patrimônio. O ciberespaço oferece aos museus a possibilidade de reorganizar suas estratégias de comunicação, atendendo às demandas contemporâneas de interatividade e acesso remoto, conforme aponta Levy (2020) em seus estudos sobre cibercultura.

A parceria entre universidade e comunidade reafirma o valor das ações extensionistas na consolidação de práticas museológicas mais inclusivas, colaborativas e conectadas com as realidades sociais amazônicas na contemporaneidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto alcançou seus objetivos ao proporcionar à comunidade do Emaús meios técnicos e simbólicos de valorização de sua história. A documentação digital se mostrou eficaz na democratização do acesso à memória institucional. Como relato de experiência, o processo demonstra a relevância da extensão universitária como meio de transformação social, ao integrar saberes acadêmicos e populares. As práticas e iniciativas de Museologia Social no Brasil, conforme destacado por Chagas (2020), testemunham a potência de um saber-fazer que opera em favor da vida, dos direitos humanos, da cidadania e da coesão social.

A atuação conjunta entre a UFPA e o Movimento República de Emaús consolidou um modelo de gestão compartilhada da memória, baseado no respeito, na escuta e na ação participativa.

## PALAVRAS-CHAVE

Cultura Digital; Movimento República de Emaús; Museologia

## REFERÊNCIAS

CHAGAS, M. Memória e museologia social: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: IBRAM, 2020.

GONÇALVES, J.; BANZA, F. Os desafios da digitalização de acervos museológicos. Lisboa: Universitária, 2013.

LEVY, Píerre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2020.

## Museu do jogo da UFPB: missão e mediação pela Pedagogia da Corporeidade

Elizara Carolina Marin (UFPB) - elizaracarol@yahoo.com.br  
Pierre Normando Gomes-da-Silva (UFPB) - pierrenormandogomesdasilva@gmail.com

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar o Museu do Jogo em sua missão e método de mediação. Fundado em 2019, nasce dos projetos de ensino-pesquisa-extensão de dois docentes, líderes dos Grupos de Pesquisa GPELF (Lazer, jogos tradicionais e patrimônio) e GEPEC (Pedagogia da Corporeidade), vinculados ao Departamento de Educação Física, CCS/UFPB e ao Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física–UPE/UFPB. Orienta-se a partir de duas bases epistêmicas, no que se refere a compreensão do jogo: a) como uma dimensão humana e patrimônio cultural (Marin, 2017) e como fenômeno experiencial, pivô para a aprendizagem existencial, pela Pedagogia da Corporeidade (PC) (Gomes-da-Silva, 2011; 2016). Esses grupos compõem o Laboratório Escola Brincante, que além de abrigar o Museu institucionalmente, promove Festivais de Jogos Tradicionais.

O Museu do Jogo tem como missão: a) Salva-guarda dos jogos tradicionais e autóctones; b) Formação de pesquisadores no Brasil, desenvolvendo pesquisas em ciência e tecnologia em torno do jogo; c) Formação de educadores para atuarem nas áreas escolares, esportivas, de lazer, saúde e promoção cultural; d) Formação de educandos ao promover o acesso aos jogos do mundo, também a experiências do brincar, por meio de Oficinas de Brinquedos e Brincadeiras (OBBA).

O acervo e sua manutenção foi se constituindo, durante anos, a partir da aquisição, fabricação e doação dos professores coordenadores. A exposição atual possui 323 jogos tradicionais e autóctones, em sua maioria, confeccionados artesanalmente, derivados de diferentes etnias e regiões do Brasil, e de outros países dos continentes americano, africano, europeu e asiático. Com base na PC, a exposição está organizada pelas seções “gêneros de jogos” (Gomes-da-Silva, 2019). De modo que quem visita o Museu faz um passeio pelos jogos dos gêneros secundários, que são: Expedições, Construções, Confrontações, Simbólicos e Rítmicos, reconhecendo em cada seção, sua constelação de sentido e sua intermediação.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho é de natureza descritiva e documental, conforme Cellard (2010), utilizando como fonte de dados os relatórios dos projetos de extensão, de iniciação científica e de mestrado, desenvolvidos pelos grupos de pesquisa: GEPEC e GPELF.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A tipologia do Museu do Jogo é inspirada nos museus interativos (Padiglione, 2010), visto objetivar o vínculo do visitante ao acervo de jogos, proporcionando-lhe informações histórico cultural dos jogos e favorecendo uma experiência imersiva, ao experimentar um jogo. Desse modo, o método da mediação no Museu do Jogo, assume papel central, tematizando o jogo como patrimônio cultural e experiencial, por meio da realização de Oficinas de Brinquedos e Brincadeiras (OBBA), programa didático da PC (Gomes-da-Silva, 2013).

A exposição está organizada valorizando a particularidade de cada jogo no conjunto dos jogos do seu gênero correspondente. A demonstração e a experimentação de alguns jogos, provoca a interatividade dos visitantes, em especial, a seção dos jogos mágicos, do gênero simbólico. A mediação também utiliza de perguntas, tais como: quais jogos do Museu fizeram parte das suas experiências de vida? Quais outros jogos que você viveu, mas não estão presentes na exposição? Objetivando integrar o conhecimento do visitante ao conhecimento dos jogos expostos, a fim de reconhecer-se na experiência do jogo e no pertencimento da sua coletividade.

A visitação do público interno ou externo à UFPB, ocorre por agendamento prévio de grupos sociais interessados. A visitação acontece em três momentos espiralados, interdependentes e complementares:

- a) primeiro, o SENTIR o museu, objetivando criar um “ambiente de sedução, fascinação e encantamento” (Gomes-da-Silva, 2016, p.103). É o momento inicial da visitação, em que ocorre a acolhida afetiva ao grupo que chega, bem como, das palavras iniciais sobre a exposição “Passeio pelos Gêneros” e o mistério com a entrada ao Museu;
- b) segundo, REAGIR às situações provocadoras do mediador, momento da observação inicial da exposição, oportunidade de manipular réplicas de jogos expostos e realizar a OBBA, em três situações didáticas: encantar-se com a peça do Museu tematizada; construir a réplica do brinquedo tematizado e experimentá-lo brincando num espaço de ação correspondente;

c) terceiro, REFLETIR, momento final da visitação. Um chamamento a fazer do vivido uma experiência interior, então solicita-se uma interpretação, objetivando que os visitantes entrem em contato com o que os marcou na vivência e verbalizem, respondendo a um questionário (google form), deixando uma frase-síntese da sua aprendizagem no livro de registro, ou quando crianças, muito pequenas, pede-se desenhos. Estratégias como forma de acesso à consciência individual. Ao final, o visitante leva seu brinquedo construído com o compromisso de replicar a outros.

Essa tríade de produção de sentido (Sentir, Reagir e Refletir) foi desenvolvida por Gomes-da-Silva em sua teorização da Pedagogia da Corporeidade (2011; 2016).

Os mediadores são bolsistas e voluntários de projetos aprovados nos programas de extensão (PROBEX), de licenciatura (PROLICEN), de Iniciação Científica (IC) e de Pós-Graduação (PAPGEF). A formação é uma ação contínua, desenvolvida por meio de cursos de pedagogia da corporeidade, lazer e patrimônio cultural, aplicação do programa didático OBBA, realização de oficinas para mediação e experimentação de OBBA com outros jogos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os últimos 4 anos o número de visitantes no Museu do Jogo vem aumentando exponencialmente. Por exemplo, em 2022 recebeu 232; em 2023, 637 visitantes e, em 2024, 1225 visitantes. Em 2024 foram 39 grupos, destes: 12 grupos de escolares da Educação Básica; 10 grupos dos cursos Educação Física, da UFPB e do Centro Universitário UNIPÊ; 4 turmas de discentes dos cursos de Pedagogia, Psicologia, Fisioterapia, Educação do Campo; 1 grupo da Pós-Graduação em Educação Física; e, ainda, 9 grupos de idosos de entidades diversas. No ano 2025, considerando janeiro a junho, temos 424 visitantes.

O Museu do Jogo vem recebendo crescente reconhecimento acadêmico e social, se consolidando, como um acervo e uma metodologia para brincar, criar, interpretar-se e amar os jogos tradicionais como patrimônio imaterial e existencial.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu Universitário; Jogo; Pedagogia da Corporeidade; Mediação Cultural.

## AGRADECIMENTOS

O Museu do Jogo conta com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PROBEX), da Pró-Reitoria de Graduação (PROLICEN) e da Pró-Reitoria de Pesquisa (PIBIC) com bolsa para graduandos.

## REFERÊNCIAS

CELLARD, A. Análise documental. In: Poupart J, Deslauriers J, Groulx L, Laperrière A, Mayer R, Pires, A. O. (Orgs). A pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GOMES-DA-SILVA, P.N (org). Oficina de Brinquedos e Brincadeiras. RJ: Vozes, 2013.

GOMES-DA-SILVA, P.N. Educação Física pela pedagogia da corporeidade: um convite ao brincar. v.14. Curitiba: CRV, 2016.

GOMES-DA-SILVA, P.N. Gêneros de Jogos: enunciações do brincar. 2019. 97p. Tese Professor Titular. Departamento de Educação Física. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PB, 2019.

GOMES-DA-SILVA, PN. A cultura do jogo e o jogo da cultura: por uma semiótica da corporeidade. João Pessoa: EdUFPB, 2011.

MARIN, E.C. Jogo Tradicional: patrimônio material e imaterial. Anais do 12º Congreso Argentino y 7º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias. 2017.

PADIGLIONE, V. Poetiche dal museo etnográfico: spezie morali e Kit di sopravvivenza. Imola/Italy: Editrice la Mandragora, 2010.

# Documentação integral do patrimônio industrial: protocolos museológicos para incorporar a memória social e a história oral

André Luís Maragno (FIEP PR) – andrelmaragno@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A documentação museológica constitui uma das atividades fundamentais dentro dos museus e centros de memória, sendo responsável por coletar, registrar, organizar, extroverter e preservar informações sobre seus acervos. No caso de patrimônios industriais, tal prática adquire especificidades importantes, visto que o objeto técnico ou a máquina não refletem, por si só, a totalidade do significado cultural e histórico que lhes é atribuído. A trajetória produtiva, o contexto social e econômico, assim como os saberes e práticas implementados na sua criação e utilização, são elementos essenciais para a compreensão e preservação deste tipo de patrimônio. Este trabalho propõe a elaboração e discussão de um protocolo integrado de documentação museológica, especialmente voltado para centros de memória industrial. A proposta busca articular a dimensão técnico-material, tradicionalmente valorizada na catalogação de produtos industriais, com a dimensão imaterial, entendida como a incorporação da memória social e das narrativas originárias da história oral ligadas às pessoas que constituíram parte desse patrimônio com seu uso e convívio e do qual também se tornaram memória e legado. Parte-se da concepção de que o patrimônio industrial não pode ser reduzido a objetos isolados, mas deve ser compreendido em sua complexidade, como resultado de amplos processos históricos, sociais e culturais (DOUET 2013). Assim, o objetivo principal deste trabalho é propor diretrizes metodológicas que permitam integrar práticas de documentação material e imaterial, fortalecendo o papel dos centros de memória industrial como espaços de preservação e promoção das identidades coletivas.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O desenvolvimento deste protocolo partiu da experiência prática do autor no Centro de Memória da Indústria – FIEP PR, espaço institucional dedicado à preservação da memória industrial no Paraná. A metodologia adotada combinou pesquisa bibliográfica sobre museologia social, história oral e antropologia do patrimônio, com observação participante das práticas museológicas e análise das rotinas documentais que passarão a ser adotadas na instituição. Para isso, propõe-se um protocolo baseado em três sistemas interdependentes:

1. Documentação Técnico-Material: Corresponde ao inventário sistemático dos objetos e materiais constitutivos do patrimônio industrial, incluindo coleta de informações sobre autoria, data de fabricação, materiais, técnicas de produção, estado de conservação e intervenções realizadas (APPELBAUM, 2010).
2. Documentação Imaterial – Memória Social e História Oral: Incorporação, ao processo documental, das narrativas dos sujeitos diretamente ligados ao patrimônio industrial: operários, gestores, engenheiros, artesãos e membros das comunidades locais. A coleta é realizada por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas, gravadas e transcritas, priorizando uma abordagem etnográfica sensível aos contextos e trajetórias individuais. Também são recomendados registros audiovisuais que complementem a documentação escrita (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, 2024).
3. Protocolos Ético-Museológicos: Formulação de diretrizes éticas que orientem a coleta, o processamento e a disponibilização das informações, garantindo consentimento livre e informado, respeito à sensibilidade cultural e proteção dos direitos autorais, conforme legislação nacional e convenções internacionais (MDMM, 2018). A proposta também contempla a construção de um repositório digital que associe os dados técnicos dos objetos às narrativas coletadas, promovendo acesso ampliado e contextualizado às informações, para públicos diversos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação desta metodologia no contexto do Centro de Memória da Indústria – FIEP permitiu identificar lacunas nas práticas correntes de documentação, tais como a ausência de metodologias sistematizadas para a coleta de relatos orais e a dificuldade de integração entre informações técnicas e narrativas subjetivas. Ao propor a documentação imaterial como um componente essencial, o protocolo amplia significativamente o escopo e a profundidade da ação museológica, promovendo uma compreensão mais plural do patrimônio industrial. Tal abordagem valoriza não apenas a inovação tecnológica ou a capacidade produtiva, mas também as experiências humanas, os saberes tradicionais e as relações sociais que constituem a essência da cultura industrial.

A construção de um repositório digital integrado fortalece a função educativa e comunicativa do centro de memória, configurando-se como um recurso pedagógico e memorial que democratiza o acesso ao patrimônio. Além disso, essa proposta contribui para o fortalecimento do papel social dos museus industriais, concebendo-os não apenas como espaços de conservação de objetos, mas como lugares de memória e de promoção das identidades coletivas (CURY 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protocolo integrado de documentação museológica proposto demonstrou-se uma ferramenta eficaz para superar os limites dos modelos tradicionais centrados exclusivamente na dimensão material dos acervos industriais. A articulação entre documentação técnica e memória social amplia as possibilidades de interpretação, salvaguarda e comunicação do patrimônio industrial.

Assim, considera-se que os objetivos propostos neste trabalho foram alcançados, oferecendo uma contribuição metodológica relevante para museus universitários e centros de memória voltados ao patrimônio técnico e industrial. A adoção deste protocolo poderá inspirar práticas semelhantes em outras instituições, promovendo uma museologia mais inclusiva, participativa e reflexiva.

Por fim, destaca-se que a integração entre documentação material e imaterial não elimina as tensões inerentes ao campo patrimonial, especialmente no que se refere à representatividade das narrativas e à gestão dos significados atribuídos aos bens culturais (MESKELL, 2020). Contudo, constitui um caminho promissor para a superação de modelos reducionistas e para a construção de políticas museológicas mais democráticas e socialmente comprometidas.

## PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio industrial. Documentação museológica. Memória social. História oral. Museologia social.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP) pelo apoio institucional ao desenvolvimento deste trabalho, bem como à equipe do Centro de Memória da Indústria pela colaboração nas atividades de pesquisa e documentação.

## REFERÊNCIAS

APPELBAUM, Bárbara. Metodologia de Tratamento de Conservação. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2007.

CURY, Marília Xavier (Orientadora). Nova Museologia, Museologia Social e colaboração: em discussão o museu dos assentamentos de reforma agrária de Rosana (São Paulo, Brasil). Dissertação. 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-28012022-102521/pt-br.php>.

DOUET, James (ed.). Patrimônio Industrial Reformulado: Guia do TICCIH para Conservação do Patrimônio Industrial. Abingdon: Routledge, 2013. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315426532/industrial-heritage-re-tooled-james-douet>.

MESKELL, Lynn (ed.). Antropologia e Patrimônio: Perspectivas Críticas. Abingdon: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.routledge.com/Anthropology-and-Heritage-Critical-Perspectives/Meskell/p/book/9780367354707>.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO. Projeto de História Oral: Diásporas Brasileiras. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/projeto-de-historia-oral-diasporas-brasileiras>.

MUSEU DÉCIO MAGALHÃES MASCARENHAS (MDMM). Metodologia para análise e práticas de preservação do patrimônio industrial. In: VI Colóquio de Patrimônio Industrial. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI\\_coloquio\\_t1\\_da\\_historia\\_ao\\_projeto.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VI_coloquio_t1_da_historia_ao_projeto.pdf).

MESKELL, Lynn (ed.). Antropologia e Patrimônio: Perspectivas Críticas. Abingdon: Routledge, 2020. Disponível em: <https://www.routledge.com/Anthropology-and-Heritage-Critical-Perspectives/Meskell/p/book/9780367354707>.

## Inventário e Resgate do Acervo do Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB

Marisa Pires Rodrigues (UFPB) marisa@proex.ufpb.br  
Maycon José Alves de Andrade Albuquerque (UFPB/UFPE) maycon.andradw@gmail.com

### INTRODUÇÃO

O Núcleo de Arte Contemporânea - NAC da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, criado em 1979 como espaço experimental inspirado nas Kunsthalle alemãs, paradoxalmente acumulou um significativo acervo artístico ao longo dos anos, embora sua proposta original não previsse a formação de coleções permanentes. Com a criação da Pinacoteca da UFPB em 1987, que tinha como objetivo centralizar e preservar o patrimônio artístico universitário em condições adequadas, o acervo do NAC permaneceu no antigo palacete da década de 1920 onde estava instalado, espaço completamente inadequado que, devido a graves problemas estruturais como infiltrações e goteiras, causou danos irreparáveis a parte considerável das obras.

Em 2021, durante a pandemia, iniciou-se um processo de inventário visando transferir esse acervo para a Pinacoteca, porém a Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, responsável pela gestão do acervo do NAC, optou por manter as coleções separadas, realocando as obras do NAC para uma sala improvisada na Reitoria. Essa decisão, embora tenha retirado as obras do prédio precário, perpetuou a fragmentação do patrimônio artístico da UFPB, dificultando sua gestão integrada.

### MATERIAIS E MÉTODOS

A equipe, supervisionada pela museóloga Marisa Pires Rodrigues e pelo professor e coordenador da Pinacoteca da UFPB Gabriel Bechara Filho, foi composta por quatro estagiários dos cursos de Artes Visuais, Biblioteconomia e Jornalismo. O trabalho concentrou-se em três frentes principais: inventário do acervo artístico, catalogação dos livros da biblioteca e registro fotográfico das obras de arte. Devido ao volume do acervo acumulado entre 1979 e 2021, período em que não existia qualquer controle sistemático das obras do núcleo, optou-se por realizar um inventário superficial, que permitisse, pelo menos, um conhecimento básico do patrimônio existente. O processo incluiu a identificação e catalogação sumária das obras (pinturas, esculturas e gravuras), acompanhada de registro fotográfico para documentação.

Paralelamente, foram restauradas e pintadas as antigas mapotecas do núcleo, que se encontravam em péssimo estado, para melhor acondicionamento das obras na sala temporária da Reitoria. Adquiriu-se papel neutro para interfolhar as obras, quando armazenadas nessas mapotecas recuperadas. Embora uma pesquisa histórica, aprofundada, sobre a procedência e trajetória das obras ainda não tenha sido realizada, ficando como objetivo futuro, o trabalho estabeleceu as bases para que este acervo universitário possa cumprir sua função como fonte de pesquisa para alunos e professores. Os métodos empregados seguiram princípios básicos de museologia e conservação preventiva, adaptados às condições e urgências do contexto específico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O inventário realizado no NAC representou um marco na gestão do patrimônio artístico da UFPB, pois pela primeira vez em mais de quatro décadas foi possível identificar, catalogar e documentar fotograficamente todo o acervo acumulado desde 1979. O processo revelou não apenas obras de valor histórico desconhecido, mas também expôs a grave situação de conservação: cerca de 30% das peças apresentavam danos causados pelas condições precárias do palacete da década de 1920, onde permaneceram por anos sofrendo com infiltrações e umidade. Este diagnóstico, alarmante, justificou a ação emergencial de transferência para a Reitoria, medida que, embora provisória, interrompeu o processo de deterioração. A iniciativa ganha especial relevância no contexto do atual inventário geral que a UFPB está realizando em todos os seus espaços museais, demonstrando a necessidade de ações coordenadas para preservar seu patrimônio artístico disperso.

Os resultados obtidos evidenciam desafios estruturais que transcendem o caso específico do NAC. A manutenção dos acervos separados reflete uma histórica fragmentação na gestão do patrimônio artístico universitário, problema que se agrava pela ausência de espaços adequados e de uma política de preservação integrada. O inventário em curso na universidade surge como oportunidade para reverter esse cenário, devendo ser complementado com medidas como: a criação de uma reserva técnica centralizada, a digitalização sistemática dos acervos para fins de pesquisa e divulgação, e a elaboração de protocolos de conservação preventiva. A superação desses desafios permitiria não apenas salvaguardar as obras, mas também potencializar seu uso acadêmico e educativo, transformando esse patrimônio em ferramenta efetiva de ensino, pesquisa e extensão, cumprindo assim a tríplice missão universitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto cumpriu sua meta prioritária ao assegurar a salvaguarda do acervo do NAC, anteriormente armazenado em condições inadequadas, mediante a realização de um inventário abrangente que impediu a progressão dos danos às obras. Contudo, sua eficácia plena encontra obstáculos na carência de infraestrutura especializada, evidenciando questões estruturais que demandam solução. Esta iniciativa destacou a necessidade premente de fomentar uma interlocução contínua entre os diversos atores envolvidos: PROEX, Pinacoteca, NAC e demais unidades museológicas da universidade, visando à formulação de diretrizes comuns para a gestão coleções artísticas.

Para consolidar esses avanços, torna-se imprescindível: obter financiamento específico para implantação de espaços técnicos apropriados e medidas conservativas; implementar iniciativas pedagógicas que estimulem a apropriação desse legado cultural pelo meio acadêmico e articular sistematicamente os acervos com as três dimensões da vida universitária. Esta abordagem integrada representa o caminho para converter o patrimônio artístico institucional em bem cultural efetivamente preservado, investigado e socializado.

## PALAVRAS-CHAVE

Núcleo de Arte Contemporânea; Pinacoteca UFPB; Inventário de acervo; Conservação preventiva; Patrimônio artístico.

## AGRADECIMENTOS

À equipe do NAC, Pinacoteca da UFPB e ao professor Gabriel Bechara Filho. Agradecemos também aos estagiários, a Reitoria da UFPB e à PROEX pelo apoio logístico.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. Documentação e conservação de acervos museológicos. São Paulo, 2010.

BAUER, Jonei. Elaborando a tabela de levantamento de acervos museológicos. Disponível em: <https://www.triscele.com.br/triscele/tabela-de-levantamento-de-acervos-museologicos>. Acesso em: 30 de abril 2025.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo. Brasília, DF, 1984.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Orientações para gestão e planejamento de museus. Florianópolis: Coleção Estudos Museológicos, v. 3, 2014.

CARVALHO, Cláudia Rodrigues; JULIÃO, Letícia; CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo. Relatório de análise dos dados coletados pelo MEC/IBRAM junto aos museus das IFES e dos Institutos. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES, 2020.

CASTILHO, Maurício Marinho Alves de. Espaços de guarda em museus. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Acórdão nº 124/2019. Brasília, DF, 2019.

## **Entre a Técnica e a Comunicação: A Requalificação da Documentação Museológica no Museu de Ciência e Técnica da Escola e Minas/UFOP**

Ranielle Menezes de Figueiredo (UFOP) – ranielle.figueiredo@ufop.edu.br  
Lourdes Lorena Diniz Coelho Lopes (MCT/EM/UFOP) – lourdes.lopes@aluno.ufop.edu.br  
Igor Alves de Souza (MCT) – igoralvesdesouza@hotmail.com  
Anderson Vital Sales (UFOP) – anderson.v.sales@gmail.com  
Vitória Luiza Roque (UFOP) – vitoria.roque@aluno.ufop.edu.br

### INTRODUÇÃO

Nos museus universitários, a documentação museológica não se restringe à preservação técnica do acervo, mas constitui um eixo central da comunicação museológica. A ausência ou precariedade da documentação compromete não apenas a conservação dos objetos, mas sobretudo a qualidade da mediação cultural com os públicos. O projeto de extensão “Preservação da mineralogia como divulgação da ciência e memória da Escola de Minas” propõe a modernização da catalogação dos minerais do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (MCT/UFOP), como estratégia para requalificar a comunicação expositiva e educativa do acervo. Estima-se que o museu abrigue cerca de 20.000 espécimes, dos quais muitos não possuem registro atualizado ou acessível. Assim, este trabalho parte do entendimento de que documentar é comunicar, e que a organização do acervo é condição fundamental para exposições mais compreensíveis, interativas e significativas.

### MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia do projeto foi organizada em etapas integradas: (1) diagnóstico da situação cadastral dos minerais nos setores I e II e reserva técnica do museu; (2) transcrição, atualização e digitalização das fichas em papel, muitas das quais apresentam dados obsoletos; (3) pesquisa científica complementar para corrigir ou preencher lacunas informacionais; (4) elaboração de banco de dados digitais com informações padronizadas e organizadas por classe química; (5) registro fotográfico e físico dos exemplares, com nova numeração e identificação museológica. (6) Organização dos exemplares para exposição em vitrine ou alocação na reserva técnica, com base em critérios museológicos que consideram o valor estético (beleza), científico (raridade, procedência geográfica) e histórico (relevância da

doação ou do doador). O foco comunicacional está na criação de conteúdos claros, acessíveis e contextualizados que possam ser utilizados em exposições, etiquetas, painéis, materiais gráficos e digitais, integrando a documentação ao discurso expositivo. Grupos de estudantes participaram do processo, articulando conhecimento técnico e comunicacional.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora ainda em curso, os resultados parciais indicam que a documentação sistematizada tem fortalecido as bases da comunicação museológica no MCT. A identificação correta das espécies minerais, associada à atualização das informações de procedência, composição química e contexto histórico, tem permitido uma reformulação do modo como o acervo será apresentado ao público. Ao registrar e padronizar dados relevantes, o processo de documentação amplia o potencial interpretativo das exposições e favorece a mediação com públicos diversos (Figueiredo, 2016; 2024). A documentação, nesse sentido, deixa de ser um fim em si mesma e passa a atuar como ferramenta de tradução, organizando o saber científico em linguagem acessível. Além disso, o envolvimento dos estudantes nesse processo tem contribuído para a formação crítica em museologia, mineralogia e educação museal, mostrando que a comunicação começa no momento do registro.

Para fins de sistematização dos dados iniciais, as etapas desenvolvidas até o momento foram as seguintes:

- Em um primeiro momento, realizou-se a digitalização das fichas físicas correspondentes às categorias de elementos nativos, sulfetos e carbonatos.
- Em seguida, cada amostra foi analisada individualmente, com registro do número de identificação, pesagem da peça, verificação dos dados científicos disponíveis e produção de uma nova etiqueta padronizada.
- As informações previamente existentes, juntamente com os novos dados obtidos durante a revisão, foram inseridas em uma planilha digital (Excel), possibilitando o cruzamento e atualização sistemática das informações.
- Por fim, foi iniciada a reformulação das vitrines expositivas, com a criação de novas legendas, agora padronizadas, visando a melhoria da comunicação visual e científica junto ao público. (Lopes, 2009)

A reformulação das vitrines expositivas tem se mostrado uma etapa fundamental para qualificar a experiência e fruição do público no Museu de Ciência e Técnica. A redução do número de minerais em exposição, aliada à elaboração de novas legendas padronizadas e contextualizadas, visa não apenas facilitar a compreensão dos conteúdos apresentados, mas também promover uma fruição mais cuidadosa e

significativa das peças. Ao evitar a sobrecarga visual e informacional, as novas vitrines permitem que o visitante estabeleça conexões mais claras entre os exemplares e seus contextos científicos, históricos e geográficos. Essa reorganização contribui para tornar a exposição mais acessível, atrativa e didática, fortalecendo a função educativa do museu e reafirmando a documentação como base para a mediação com diferentes públicos (Scheiner, 2006).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência mostra que a documentação museológica, quando pensada em articulação com os processos comunicacionais, transforma-se em um potente recurso para a construção de exposições mais inclusivas, compreensíveis e participativas. O projeto tem demonstrado que o investimento na qualificação da documentação do acervo mineralógico contribui diretamente para a requalificação da narrativa museológica, tornando o acervo mais acessível física e intelectualmente. Em vez de ser tratada apenas como uma tarefa técnica, a documentação é entendida aqui como um instrumento de comunicação cultural – capaz de conectar o objeto ao público e o museu à sociedade.

## PALAVRAS-CHAVE

Documentação museológica. Comunicação expositiva. Acervo mineralógico. Museus universitários. Mediação cultural.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Universidade Federal de Ouro Preto e ao Programa de Extensão e Cultura (PROEX/UFOP) pelo apoio institucional, bem como à equipe técnica do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas/ UFOP.

## REFERÊNCIAS

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Alderaldo & rothschild; Brasília, DF: Ed. UnB, 2009. 369 p.

FIGUEIREDO, Ranielle Menezes. A comunicação expositiva do Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri: encontros e desencontros. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

\_\_\_\_\_. Cavaqueando com os saberes tradicionais: uma proposta de musealização do geopark araripe sob o olhar da comunidade local. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

SCHEINER, Tereza Cristina. Criando realidades através de exposições. In Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST M986 Discutindo Exposições: conceito, construção e avaliação / Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) - Organização de: Marcus Granato e Claudia Penha dos Santos. Rio de Janeiro: MAST, 2006.



**SALA 8**  
**PESQUISA MUSEOLÓGICA,**  
**POLÍTICAS CULTURAIS E**  
**MUSEOLOGIA CRÍTICA**

Mediador  
**Maurício Candido da Silva**

Relatora  
**Joyce Oliveira da Silva**

### **Apresentação 1**

Autoras presentes: Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos; Noris Mara Pacheco Martins Leal.

Título: Construção de políticas públicas para museus federais vinculados ao Ministério da Educação: contribuições de Consultoria Especializada.

As apresentadoras fizeram uma introdução inicial do processo, cujo marco foi o incêndio do Museu Nacional da UFRJ. Narraram a organização da Comissão Permanente e Multidisciplinar a partir do Acordão, A Andifes fez a indicação dos membros da Comissão. O processo de escuta gerou cinco documentos técnicos. Criação de dois planos gerais, com metas especializadas. Dentro da comissão foram formados 4 GTs. Na organização foram usados cadastro de museus do IBRAM, além de diferentes consultas. Logo após foram apresentados os dados e resultados, uma construção de documentos voltadas para a institucionalização e uma conexão da universidade com os museus, conteúdo guias, mapeamentos e diagnóstico. Como resultado, apresentaram um quadro da situação dos museus universitários, com diretrizes que apontam para políticas públicas, ressaltando o recorte do universo do campo museal e a necessidade de dar continuidade aos trabalhos.

### **Apresentação 2**

Autora presente: Paola Haber Maués.

Título: Coleção Amazoniana de Arte da UFPA: tradições míticas amazônicas e ecofeminismo queer em “Uiaras defendendo o Paraíso”.

A apresentadora demonstrou o objetivo do seu trabalho, relacionado a sua pesquisa de tese de doutorado, a qual teve início por meio do desejo de pesquisar os corpos femininos nas obras de arte, utilizando os dados do acervo da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. A partir da sua metodologia de pesquisa, ela apresentou o conceito de Encantarias Queer Amazônicas, tomando como base a obra de Rafael Moreira, artista egressa do curso de artes visuais da UFPA. Relatou o seu esquema de pesquisa relacionado ao contexto mais amplo nacional e internacional. Por meio das Encantarias Queer Amazônicas, ela apresentou diferentes discussões, baseadas na representação de corpos, humanos e não humanos, no contexto da natureza corporificada.

### **Apresentação 3**

Autoras presentes: Andréa Oxley da Rocha e Morgana Silveira Bartz

Título: Aspectos éticos na exposição de corpos humanos: uma experiência no Museu de Anatomia Humana da UFCSPA

A apresentadora falou da sua pesquisa que trata da utilização de corpos humanos para o ensino, pesquisa e extensão na forma de relato de caso desenvolvido no Museu de Anatomia Humana da UFCSPA. Enfatizou a necessidade de criação de pontes de diálogos entre a Universidade e a Sociedade. Após a sua apresentação da definição de corpos doados e dos aspectos legislativos, ela abordou as questões éticas na exposição e do uso de imagens de corpos humanos na internet. A partir da discussão da importância do termo de consentimento, refletiu sobre a questão sobre quais corpos devem ir para os cursos de anatomia. Lembrou que o Código de Ética do ICOM não trata dos corpos de anatomia. Em suas considerações finais alertou sobre a importância da conscientização das instituições sobre este tema.

#### **Apresentação 4**

Autor presente: Kaio Hellanno Da Costa Santana Araújo

Título: Um olhar reflexivo sobre os acervos de sítios arqueológicos históricos do MAP/UFPI e do NAP/UFPI

O apresentador tratou do museu e do núcleo de arqueologia da Universidade Federal do Piauí. Buscou estudar as características destes espaços por meio da análise do plano museológico e dos dados encontrados em seus arquivos. Apresentou os resultados dos diagnósticos de acervo e dos relatórios de sítios. Em sua pesquisa tem procurado conhecer melhor as delimitações e semelhanças institucionais a partir das informações entre núcleos e museus. Em função do método e estágio de sua pesquisa, neste momento apresentou um conjunto de questionamentos, muito mais do que definições.

#### **Debates finais**

A discussão foi iniciada a partir de perguntas para as autoras do primeiro trabalho apresentado (Título: Construção de políticas públicas para museus federais vinculados ao Ministério da Educação: contribuições de Consultoria Especializado), com o objetivo de discutir temas como fontes de recursos, institucionalização e normativa dos museus universitários, com a validação e aprovação dos reitores das universidades. Também foi apresentada a questão da importância da representação técnica no GT da Andifes – para essa questão foi indicada a necessidade do encaminhamento de um ofício/comunicação do Fórum (resolução) para a inclusão de uma representação profissional no GT.



Apresentações de comunicação oral, na sala 8 pela manhã, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 8 pela manhã, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida

## Um olhar reflexivo sobre os acervos de sítios arqueológicos históricos do MAP/UFPI e do NAP/UFPI

Kaio Hellanno da Costa Santana Araujo (UFPI) - kaiohcosta05@gmail.com  
Vinícius Melquíades dos Santos (UFPI) - vms@ufpi.edu.br

### INTRODUÇÃO

No Brasil existem duas questões que vêm impactando as reservas dos museus. Uma é a predominância de materiais vindos de licenciamento e, a emissão dos endossos que são realizados por museus universitários. Como apontado por (Lima, 2007, p.245) “Se apenas com a pesquisa acadêmica as instituições já se encontram abarrotadas [...] com a arqueologia empresarial o quadro se agrava consideravelmente, decuplicando o número de coleções a serem protegidas”. O que, se por um lado expande a possibilidade de se estudar os materiais arqueológicos, por outro lado uma superlotação dessas reservas técnicas acaba por criar um distanciamento entre parte do acervo e o museu, que muitas vezes não conhecem ou têm uma visão clara dos materiais que estão em reserva técnicas. Por isso é importante o emprego de vários métodos que busquem diminuir essas lacunas e criar uma relação profícua entre a instituição e seu acervo, como é o caso dos diagnósticos de acervo.

No contexto de museus universitários e seus acervos , trago para a discussão os espaços que estão no centro do meu tema do trabalho de conclusão de curso em andamento, o Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP) e o Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP) ambos localizados dentro da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Teresina capital do estado do Piauí, e que possuem ligação com o curso de Arqueologia da mesma universidade. Por isso, antes de tudo é preciso fazer um resumo da origem de ambas instituições. Como citado por Santos, Nascimento e Feitoza (2024, p.02):

“A Arqueologia na UFPI e no Piauí surgiram através dos trabalhos de Niède Guidon na Serra da Capivara na década de 1970 e da criação do Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP/UFPI) em 1978 na cidade de Teresina. [...]Em 2012, com a inauguração do segundo setor do Centro de Ciências da Natureza da UFPI (CCN-II) houve a construção de um prédio para a instalação do Museu de Arqueologia, [...] que logo foi ampliado para Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP), [...]”

As reservas desses espaços são o meu foco de pesquisa atualmente, onde busco identificar os sítios históricos presentes neles para a elaboração de um diagnóstico de acervos históricos, junto a um diagnóstico de acervos gerais das instituições. Assim, partindo dos conceitos de musealização da arqueologia proponho trazer um pouco das reflexões e resultados que surgiram ao longo dessa primeira etapa de pesquisa, trazendo ao centro da questão as reservas técnicas como potenciais para se compreender as suas instituições de guarda os seus processos que atravessam não só o seu espaço como também sua a realidade que esses espaços estão inseridos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Como o trabalho atual faz parte do diagnóstico de acervos que vem sendo realizado na instituição, estratégias semelhantes as que vem sendo realizadas no diagnóstico de acervos do MAP-UFPI foram adotadas. Onde em um primeiro momento foi elaborada uma ficha para sistematizar as informações que foram identificadas. A ficha possui as seguintes categorias: Forma de aquisição; Projeto; Número de processo; Ano; Nome do sítio; Localização; Estado; Tipo de material; Localização( MAP/NAP); Caixa; Armário; Tipo de conservação; Pesquisa feita com o material e outro. Pensando na possibilidade de haver pesquisas feitas com os materiais foram incluídos na ficha um conjunto de categorias a serem preenchidas que são: Nome; Ano; Tipo de pesquisa e Autor. Após realizadoo levantamento no MAP-UFPI e NAP-UFPIfoi preciso fazer uma busca em bancos de dados online com o objetivo de saber se houve uso desses materiais em pesquisas. Assim, utilizei os seguintes bancos de dados: Periódicos Capes; SciELO; Plataforma SEI; Plataforma Sucupira e o Google acadêmico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O que foi possível identificar durante o levantamento sobre o MAP-UFP é que a presença de sítios históricos é pequena, sendo encontrado apenas quatro sítios provenientes de licenciamento ambiental e apenas um se encontra com pesquisa em andamento. Além disso, existe uma dissertação de mestrado (Júnior, 2016) realizada com materiais que se originaram da própria pesquisa sem ser proveniente de contrato e um trabalho de conclusão de curso (Oliveira, 2018) com uma origem incerta de onde veio o seu material.

No NAP-UFPI foram identificados dois trabalhos de conclusão de curso (Lima, 2012), porém a localização do material desse trabalho é incerta, pois o mesmo é proveniente de uma parceria firmada em 1995 entre a instituição e uma empresa privada, havendo a possibilidade de que esse material tenha sido deslocado. Uma questão que se tornou latente foi a dificuldade na identificação de sítios históricos na reserva técnica, pois, há indicação de que uma quantidade expressiva dos materiais que existem na reserva não foram inventariados, o que dificulta saber sua totalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com a pesquisa em desenvolvimento é possível fazer algumas reflexões iniciais para a situação de ambos os casos. A primeira é uma diminuição ou reversão da falta de visibilidade dos materiais e sítios históricos de ambas instituições através de documentação, pesquisa e exposições, buscando uma melhor integração desses materiais no acervo. O que leva a minha segunda provocação, que pretendo tentar responder ao longo da minha pesquisa de Conclusão de Curso: Por que essas ausências de documentação e pesquisas? Como isso influencia a realidade museológica, sua cadeia operatória e discurso expográfico? Ao refletir sobre essas questões, objetivo propor possíveis saídas e resoluções para os problemas. Importante destacar que são reflexões e apontamentos iniciais para aprofundamento em trabalhos futuros. Por fim, é inegável a potencialidade que ambos os acervos possuem podendo ir além e produzir um conhecimento que seria benéfico tanto para a museologia quanto para a arqueologia. Pois, através de um maior conhecimento desses materiais é possível criar mais resultados junto da sociedade e assim recomeçar o ciclo da cadeia operatória do processo de musealização.

## PALAVRAS-CHAVE

Museus universitários; Reserva técnica; Sítios históricos; Museu de Arqueologia e Paleontologia (MAP/UFPI); Núcleo de Antropologia Pré-histórica (NAP/UFPI).

## REFERÊNCIAS

LIMA, Tania Andrade; RABELLO, Angela MC. Coleções arqueológicas em perigo: o caso do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 33, p. 244-273, 2007.

SANTOS, Vinícius Melquíades dos; FEITOZA, Kamila Carvalho; NASCIMENTO, Camilly Santana. ENTRE QUATRO PAREDES? REFLEXÕES A PARTIR DA MUSEALIZAÇÃO DA ARQUEOLOGIA E DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO PARTICIPATIVO DO MAP/UFPI. *Arteriais - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, [S.l.], p. 46-63, abr. 2025.

## **Construção de políticas públicas para museus federais vinculados ao Ministério da Educação: contribuições de Consultoria Especializada**

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos (MEC/SESu) damianesantos@mec.gov.br  
Mariana Ramos Reis Gaete (MEC/SESu) marianagaete@mec.gov.br  
Noris Mara Pacheco Martins Leal (UFPEL) norismara@hotmail.com  
Nicolly Ayres da Silva (UFPEL) nicollyayrescontato@gmail.com

### INTRODUÇÃO

O Acórdão 1243/2019 – TCU – Plenário (BRASIL, 2019) expediu determinações em relação às condições de segurança do patrimônio nos museus sob a responsabilidade de órgãos ou entes federais e a identificação dos principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos públicos. O Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais (BRASIL, 2019), coordenado e supervisionado pela Casa Civil/Presidência da República e apoiado tecnicamente pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) elaborou o Plano de Ação Geral, aprovado pelo Acórdão 2477/2021 (BRASIL, 2021). Por sua vez, o Ministério da Educação (MEC) elaborou o seu plano de ação para a implementação de mecanismos de supervisão, coordenação e orientação dos museus sob sua responsabilidade.

Neste sentido, dada a amplitude e complexidade de seu campo de atuação, o MEC tem firmado Termos de Acordo de Cooperação Técnica com Organismos Internacionais com a finalidade de, no âmbito dos objetos dos projetos de cooperação técnica, proporcionar a atuação de especialistas para a realização de estudos, elaboração de referenciais avaliativos, assim como de outras atividades que demandam conhecimentos e experiências específicos.

A Consultoria Especializada foi celebrada com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, fornecendo subsídios ao MEC para o planejamento e implementação de políticas e programas educacionais museais prioritários.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados dos estudos analíticos e propositivos voltados à construção de políticas públicas para os museus no âmbito do Ministério da Educação.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho é um relato de experiência com abordagem qualitativa e exploratória. Para início dos trabalhos foi utilizado o cadastro dos Museus das Instituições de Ensino Federais no Cadastro do IBRAM e o resultado de consulta realizada pela Comissão Permanente e Multidisciplinar sobre os museus federais no âmbito do Ministério da Educação, onde foi possível ter uma visão geral da situação dos museus que enviaram o questionário.

Em busca de aprofundamento da coleta optou-se por uma escuta ampla dos envolvidos com o campo museal da rede federal de Educação Superior. Para tanto foram organizadas reuniões com representantes dos museus vinculados às Instituições Federais de Ensino Superior com participação de reitores, coordenadores, técnicos e gestores, o que permitiu através de rodas de diálogo entender mais acuradamente os anseios e necessidades das instituições. Para a construção dos materiais orientadores para a gestão dos museus universitários federais foi necessário o levantamento da legislação e práticas de institucionalização em museus de referência nacionais e internacionais; identificação e compilação de referências e modelos de planos museológicos de museus; mapeamento de fontes de financiamento, identificando editais e programas de incentivo promovidos por órgãos governamentais, oportunidades em empresas privadas por meio de programas de responsabilidade social ou leis de incentivo fiscal; levantamento de dados sobre o quadro de pessoal atual dos museus federais, incluindo número de funcionários, cargos e qualificações; e levantamento das práticas existentes de segurança em museus nacionais e internacionais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção do trabalho baseou-se em um processo dialógico, principalmente tendo em vista a necessidade da escuta dos trabalhadores em museus federais para olhar além dos dados frios de um cadastro ou de uma resposta administrativa a um questionário. Essa escuta atenta nas reuniões possibilitou o compartilhamento de experiências, desafios e propostas que contribuíram diretamente para a construção dos materiais orientadores e normativos para a gestão das instituições museais.

Como resultado da consultoria foram produzidos cinco documentos técnicos onde estão contidos um guia de orientação e apoio para elaboração e atualização dos planos museológicos, incluindo modelos de plano e instruções práticas para execução; um guia com propostas de mecanismos de institucionalização dos museus

federais, incluindo diretrizes e orientações sobre a estrutura e funcionamento das instituições, a fim de assegurar sua integração e sustentabilidade; um guia contendo análise de estratégias para a obtenção de recursos financeiros externos destinados a museus federais, um diagnóstico sobre o atual quadro de pessoal dos museus federais vinculados ao MEC, apresentando dados sobre a distribuição, qualificação, e necessidades de pessoal, bem como recomendações para adequação do quadro e retenção de profissionais.

E por fim uma proposta de ações para o estabelecimento de parcerias e cooperação entre museus federais e agentes de segurança pública, visando proteger o patrimônio cultural e garantir a segurança das instituições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma política pública eficaz exige um processo dialógico baseado na troca de ideias, na construção coletiva do conhecimento e no estímulo do pensamento crítico. Os encontros com os gestores e trabalhadores dos museus vinculados ao Ministério da Educação e dos reitores das Instituições Federais de Educação Superior evidenciou a necessidade urgente de organização de uma política para a área, pelo Ministério da Educação. Além disso, ficou claro o comprometimento das instituições na busca pela qualificação de suas práticas.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu Universitário, Universidade Federal, Instituto Federal, Políticas Públicas, Educação Superior

## AGRADECIMENTOS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Acórdão 1243/2019 – TCU – Plenário. Levantamento realizado para verificar as condições de segurança do patrimônio nos museus sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais, bem como identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos culturais. Distrito Federal, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/redireciona/acordao-completo/ACORDAO-COMPLETO-2352032>> Acesso: 25 mai 2025.

BRASIL. Decreto nº 10.175, de 13 de dezembro de 2019. Institui o Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais. 2019. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10175.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10175.htm)> Acesso em: 25 mai 2025.

BRASIL. Acórdão de Relação 2477/2021 - Plenário. Levantamento realizado para verificar as condições de segurança do patrimônio nos museus sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais, bem como identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos culturais. Distrito Federal, 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/redireciona/acordao-completo/ACORDAO-COMPLETO-2352032>> Acesso: 25 mai 2025

## Coleção Amazoniana de Arte da UFPA: tradições míticas amazônicas e ecofeminismo queer em “Uiaras defendendo o Paraíso”

Paola Haber Maués (UFPA) paolamaues@ufpa.br  
Orlando Franco Maneschky (UFPA) orlandomaneschky@gmail.com



Imagem 1 - “Uiaras defendendo o Paraíso”, 2019. Rafael Matheus Moreira. Acrílica s/ tela. 200cm x 300cm. Acervo da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA. Doação da artista. Foto: Orlando Maneschky, 2019.

### INTRODUÇÃO

Este resumo expandido é parte da investigação de doutoramento, orientada pelo Prof. Dr. Orlando Maneschky, no Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade Federal do Pará (PPGArtes-UFPA) que está em andamento. O objetivo da tese é desenvolver o conceito de Encantarias Queer Amazônicas por meio da análise das tradições míticas e identidades e sexualidades queer/cuir presentes na obra “Uiaras defendendo o paraíso” (2019), de Rafael Matheus Moreira.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Como caminho de análise mais amplo, utilizo a metodologia feminista (Ramazanoglu; Holland, 2002) em diálogo com a abordagem ecofeminista queer (Sandilands, 2011; Gaard, 2011; Larrère, 2024). Como método de procedimento utilizo a abordagem da interpretação de imagens - utilizada na escrita da História da Arte, a partir de Didi-Huberman (2010), que se baseia no entendimento de que é no relacionamento entre imagem e sujeito que surge o conhecimento.

A natureza das fontes emerge a partir da observação direta participante da obra, visto que atuo na gestão do acervo da Amazoniana, que incorporou na sua coleção a referida obra em 2020, a partir de doação da própria artista, que foi realizada especialmente para a mostra Deslendário Amazônico - 80 anos de Paes Loureiro (Arte Pará 2019). O processo de análise foi realizado por meio do acesso ao acervo da Amazoniana e contato direto com a obra como fonte primária de pesquisa; o levantamento bibliográfico e documental me auxiliou na etapa de contextualização teórico-histórica da obra.

Esta investigação-tese trouxe a possibilidade de aliar o trabalho acadêmico com a prática profissional, aplicando o método de interpretação de obras de arte - que é um dos procedimentos da documentação de acervos museológicos de arte - para a produção de conhecimento aprofundado e crítico sobre a temática escolhida. Entendo como privilégio todo o processo do doutoramento para meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional, mas também a produção de conhecimento propiciada no desenvolvimento da tese será fundamental para a continuidade das pesquisas em relação a Arte Contemporânea na Amazônia paraense, não só na Coleção Amazoniana, inclusive para pesquisas que podem se inspirar a partir desta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da interpretação da obra 'Uiaras defendendo o Paraíso' (Imagem 1) de Rafael Matheus Moreira, nome artístico de Rafaela Maria Moreira (Belém, 1992 - ), concluo que os corpos representados subvertem as imagens de mulheres cristalizadas desde o período colonial, e que estas representações podem nos orientar para discussões interseccionais entre identidades e sexualidades, questões ecológicas e decoloniais. Pela presença de Uiara, lenda amazônica que tem referências afro ameríndias e europeias, trago a reflexão sobre a representação de seres encantados amazônicos na obra. Uiaras são seres encantados que habitam o fundo dos rios de água doce, e protegem esse meio. São conhecidas por serem metade mulher, metade peixe, por sua beleza e habilidade de atrair homens pelo seu canto hipnotizante.

A pesquisadora Isabele Anchieta (2022) demonstra, a partir de pesquisas em arquivos, a diabolização das mulheres pelas narrativas dos colonizadores, em que as imagens das bruxas medievais viajam pelo Atlântico e chegam em solo brasileiro. Assim, possivelmente, essa visão da mulher que seduz para matar, seja uma camada agregada à narrativa de povos originários. O que é interessante na composição da visualidade produzida por Rafa Maria é a resignificação dessas narrativas, agora por um viés ecofeminista queer decolonial, em que as Uiaras defendem o paraíso - interpretada como a floresta Amazônica, representada no fundo da composição (Imagem 1).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rafaela Maria Moreira se define em mini biografia como uma “Artista visual com foco maior na pintura e na sua expansão. Desenvolve trabalhos artísticos a partir da reimaginação de contextos históricos e imagéticos em confronto com sua perspectiva de travesti na Amazônia urbana de Belém”<sup>[1]</sup>. As questões dos corpos queer/cuir atravessam sua vida, sua arte e sua pesquisa, enquanto acadêmica de Artes Visuais na UFPA - primeiro como graduanda, agora como mestranda no PPGArtes. Este é um importante dado biográfico que precisamos ter em mente ao analisar a obra.

Sugiro pensarmos a pintura de Rafa como uma narrativa autobiográfica, onde o pessoal torna-se político, expressando experiências afetivas e compartilhadas, onde falar de si é falar de uma comunidade. As discussões sobre gênero e sexualidade, tensionados com a sua convivência com pessoas trans e travestis, é uma história vivida no processo artístico de Rafa, o que desemboca na produção da obra. A tela ‘Uiaras defendendo o paraíso’ é um exemplar peculiar para discutir questões proeminentes da sociedade contemporânea, como as heranças coloniais, pensamentos decoloniais e ecológicos. Revela opressões que corpos de mulheres e pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ sofrem, mas também forças, construindo uma contra narrativa, uma ecoficção, baseada no ecofeminismo queer, revelando um discurso complexo, idealizado e protagonizado por um corpo queer travesti amazônico, mostrando que a museologia e a arte brasileira precisam estar atentas às outras vozes minorizadas.

## REFERÊNCIAS

- Anchieta, Isabele. *Imagens da mulher no ocidente moderno 1: bruxas e tupinambás canibais*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2022.
- Didi-Huberman, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.
- Gaard, Greta. Rumo ao ecofeminismo queer. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 197-223, 2011.
- Giunta, Andrea. *Feminismo y Arte Latinoamericano. Historias de Artistas que Emanciparon el Cuerpo*. 1 ed., Buenos Aires: Siglo XXI, 2018. 296 p.
- Larrère, Catherine. *Ecofeminismo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: la marca editora, 2024.

<sup>[1]</sup> Minibiografia escrita pela artista para a exposição “Degenerado Tibira” ocorrida em 2024 no Museu de Arte da UNAMA (Belém/PA).

Sandilands, Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. *Revista Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p 175-195, 2011.

Ramazanoglu, Caroline; Holland, Janet. *Feminist Methodology: Challenges and Choices*. London Thousand Oaks, Calif: Sage, 2002.

## **Aspectos éticos na exposição de corpos humanos: uma experiência no Museu de Anatomia Humana da UFCSPA**

Mathias Parussolo Boniati (UFCSPA) - mathias.boniati@ufcspa.edu.br

Cássio de Oliveira Vidal (UFCSPA) - cassiov@ufcspa.edu.br

Morgana Silveira Bartz (UFCSPA) - morganasilveirabartz@gmail.com

Ana Paula da Silva (UFCSPA) - paulasilvabio@ufcspa.edu.br

Andrea Oxley da Rocha (UFCSPA) - oxley@ufcspa.edu.br

### INTRODUÇÃO

A utilização de corpos humanos é fundamental para o ensino de anatomia, a pesquisa e atividades de extensão, como as realizadas em museus de anatomia humana. Apesar de existirem leis que regulamentam o uso de corpos para fins científicos, não há, no Brasil, uma normativa específica que trate da exposição de corpos humanos no contexto museológico. Essa lacuna gera importantes debates éticos, especialmente quando os corpos expostos são provenientes de doações voluntárias ou de indivíduos não reclamados.

A Lei nº 8.501/1992 autoriza o uso de corpos não reclamados para fins científicos (Brasil, 1992), enquanto o Código Civil, em seu artigo 14, permite que a pessoa disponha do próprio corpo após a morte, mediante consentimento prévio (Brasil, 2002). Na museologia, os Códigos de Ética do ICOM para Museus e para Museus de História Natural destacam a necessidade de respeito e dignidade na exposição de restos humanos, mas não abordam diretamente a exibição de corpos humanos doados em vida (ICOM, 2009 e 2013). No contexto universitário, o Ofício Circular CEP/Conep nº 26/2022 reforça que o uso de corpos humanos em pesquisas deve obedecer à legislação brasileira e determina que todas as pesquisas que envolvam o uso de corpos humanos doados devem ser submetidas à apreciação do Sistema CEP/Conep por meio da Plataforma Brasil (Brasil, 2022).

O Museu de Anatomia Humana (MAUPoA) da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), fundado em 2008, utiliza exclusivamente corpos doados por meio do Programa de Doação de Corpos (PDC) da instituição, com o objetivo de promover o ensino anatômico e integrar universidade e sociedade (Da Rocha, 2013). No entanto, o uso de imagens dessas peças em exposições públicas levanta novos desafios éticos e legais, uma vez que os termos de doação, apesar de autorizarem o uso do corpo para fins científicos, muitas vezes não especificam a permissão para registro ou divulgação de imagens.

Diante da falta de um código museológico que abranja a exposição de corpos doados, este relato de experiência tem como objetivo discutir os critérios éticos adotados pelo MAUPoA na seleção, exibição e documentação fotográfica de corpos humanos, destacando os limites do consentimento, as normativas legais vigentes e a importância de políticas institucionais pautadas no respeito e na dignidade dos doadores.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O PDC foi criado e opera em conformidade com o artigo 14 do Código Civil (Lei nº 10.406/2002) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade, sob o registro nº 408/08, em 2008. O processo de doação em vida exige a apresentação de uma Declaração de Doação de Órgãos e Restos Mortais registrada em cartório, acompanhada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para uso do corpo em ensino e pesquisa. Além disso, o doador deve preencher o Formulário de Registro, com informações pessoais, religiosas e motivacionais; e apresentar uma Declaração de Testemunha, que confirma que a decisão foi voluntária e do conhecimento da família. Nos casos de doação pós-morte realizada por familiares, é exigida a Declaração de Doação de Familiares, conforme previsto na legislação vigente (Da Rocha, 2013).

Todos esses procedimentos garantem que a utilização dos corpos ocorra de forma ética e legal. A documentação é arquivada e os dados dos doadores são inseridos em um banco de dados institucional. Os corpos doados são utilizados nas aulas práticas de anatomia dos cursos da universidade, na Oficina de Dissecção, onde as peças anatômicas são preparadas, e nas exposições promovidas pelo MAUPoA, integrando ações de ensino, pesquisa e extensão.

Durante as visitas guiadas, são fixados avisos sobre a proibição de fotografias, além de materiais informativos sobre o processo de doação. Os mediadores têm papel fundamental ao sensibilizar os visitantes quanto à origem dos corpos, todos provenientes de doações voluntárias em vida, e à necessidade de adotar uma postura ética condizente com o gesto generoso dos doadores. Essas ações também contribuem para a formação ética do público, em especial dos visitantes mais jovens, promovendo o respeito, a empatia e o entendimento da importância da doação de corpos para o avanço da ciência e da educação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, não existem diretrizes específicas que tratem dos aspectos éticos da exposição de corpos humanos reais em museus de anatomia, como o MAUPoA. O Código de Ética do ICOM recomenda que restos humanos sejam preservados com segurança e respeito (ICOM, 2009), mas não contempla adequadamente situações em que os corpos foram doados voluntariamente em vida, como é o caso do acervo do museu. Nessas circunstâncias, o compromisso ético deve ser ainda mais rigoroso, considerando que se trata de um gesto consciente e altruísta de doação integral à ciência.

O Termo de Consentimento do Programa de Doação de Corpos da UFCSPA assegura a legalidade da utilização dos corpos para ensino, pesquisa e extensão, incluindo a exposição museológica. No entanto, ele não autoriza explicitamente a captação ou divulgação de imagens para fins não científicos, como a circulação em redes sociais ou mídias promocionais. Por isso, a obtenção de fotografias durante as exposições é restrita, o que impõe reflexões importantes sobre as regras de visitação ao MAUPoA, especialmente diante da dificuldade de controle absoluto sobre registros fotográficos por parte do público.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ainda não existam diretrizes específicas para a exposição de corpos humanos em museus, algumas experiências brasileiras oferecem abordagens distintas, como o uso de corpos não reclamados, que permite as fotografias pelos visitantes. No caso do MAUPoA, onde os corpos são provenientes de doações voluntárias, o cuidado com a privacidade e a dignidade dos doadores demandou a opção pela adoção de protocolos mais restritivos.

Dessa forma, reafirmamos que a ética e o respeito devem nortear todas as práticas que envolvem corpos humanos, especialmente no contexto educacional e museológico. Espera-se que, em breve, sejam estabelecidas diretrizes oficiais que assegurem padrões éticos para instituições que trabalham com essa forma de contribuição científica.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu de anatomia. Ética. Corpos humanos. Doação de corpos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 8.501, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1992. Dispõe sobre a utilização de cadáver não reclamado, para fins de estudos ou pesquisas científica e dá outras providências.

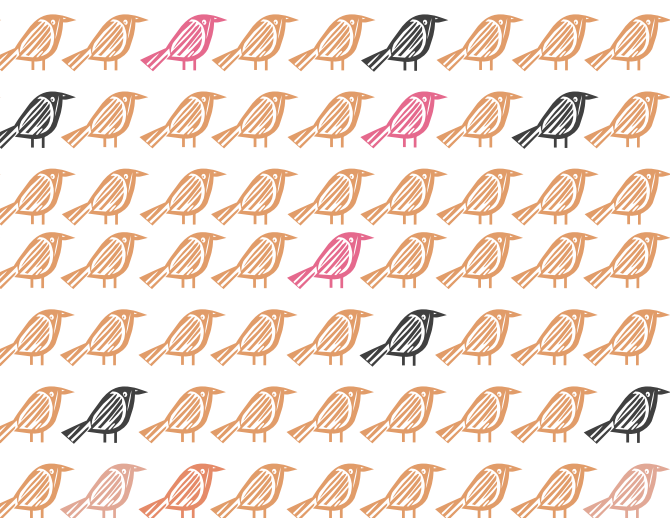
BRASIL. LEI Nº 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002. Institui o Código Civil.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CNS/Conep). Ofício Circular nº 26, de 1º de dezembro de 2022. Regulamenta o uso de corpos humanos doados a instituições de ensino para fins de pesquisa. Brasília, DF, 2022.

CONSELHO INTERNACIONAL de MUSEUS (ICOM). Código de Ética do ICOM para Museus: versão lusófona. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2009. 31 p.

CONSELHO INTERNACIONAL de MUSEUS (ICOM). Código de Ética do ICOM para Museus de História Natural. Seção 1. Rio de Janeiro, Brasil. 16 de ago, 2013.

DA ROCHA, Andrea Oxley; TORMES Diane Alícia; LEHMANN Natassia; SCHWAB Rafael Santos; CANTO Rafael Teixeira. The body donation program at the Federal University of Health Sciences of Porto Alegre: a successful experience in Brazil. *Anat Sci Educ*.6(3):199-204; 2013 May-Jun.



**SALA 8**  
**PESQUISA MUSEOLÓGICA,**  
**POLÍTICAS CULTURAIS E**  
**MUSEOLOGIA CRÍTICA**

Mediador  
**Renato Fonseca de Arruda (UNEMAT)**

Bolsista  
**Thaiana Barros dos Santos**

Avaliador dos trabalhos indicados à premiação  
**Rodrigo Luiz dos Santos (PUC-Campinas)**

### **1º Apresentação – SIMAP, museus e entes museais, algumas reflexões**

Autores: Claudia Rodrigues Carvalho, Christine Ruta, Patricia Regina Garcia

Vinculado ao Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, o SIMAP se apresenta como um sistema de articulação cuja missão é promover diversidade e dar visibilidade às iniciativas museais dentro da universidade. A adesão é optativa, o que reforça seu caráter colaborativo. Hoje, a rede reúne 8 museus, 2 museus/exposições virtuais e 12 entes museais — categoria criada para abarcar equipamentos culturais que, pela legislação brasileira, não se enquadram formalmente como museus, mas executam funções correlatas. Entre os desdobramentos recentes, destacam-se: o levantamento Ibram/MEC (2020), o relatório da ANDIFES sobre museus federais e a criação de uma comissão técnica permanente e multidisciplinar. As próximas frentes incluem (re)cadastramento das iniciativas, um diagnóstico amplo e a proposta de normatização do campo museal no âmbito da UFRJ, buscando bases comuns para governança, salvaguarda e mediação.

### **2º Apresentação – Museus universitários em perspectiva comparada: Os casos do Museu de Cultura Popular da UNA (Costa Rica) e do Museu do Vale do Arinos da UNEMAT (Brasil)**

Autores: Luis Pablo Orozco Varela, Renato Fonseca de Arruda, Saulo Augusto de Moraes, Márcio Ferreira Rangel, Jairo Luis Fleck Falcão

Originado de uma parceria no I Simpósio Bienal de Museus e Gestão Sociocultural, o estudo compara dois modelos latino-americanos. O Museu de Cultura Popular (MuCP), fundado em 1994 em Heredia (Costa Rica), centra-se na salvaguarda dos saberes populares com foco em alimentação tradicional, arquitetura vernacular e festas/celebrações. Já o Museu do Vale do Arinos (MuVa), inaugurado em 2018, configura um museu universitário de gestão compartilhada, unindo universidade, prefeitura e sociedade civil. O MuVa opera projetos de pesquisa, laboratório de ensino, extensão, formação profissional e mediação. Em comum, ambos enfrentam disputas de memória e restrições orçamentárias; como horizonte, emergem possibilidades de cooperação e aprendizados cruzados sobre governança e sustentabilidade.

### **3º Apresentação - O Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos nas correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909)**

Autores: Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias De Oliveira, Márcio Ferreira Rangel, Maria Karla Belo da Silva Tavares

A pesquisa analisa a formação do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos a partir de 324 documentos que compõem o dossiê de correspondências entre Rocha

Lima e Oswaldo Cruz. O corpus revela como o museu se consolidou não apenas como espaço de preservação de espécimes, mas também como ambiente de produção de conhecimento, onde coleta, estudo e circulação de materiais ancoram práticas científicas e institucionais do período. O recorte ilumina redes de colaboração, prioridades de pesquisa e escolhas curatoriais que moldaram o acervo e sua função acadêmica.

#### **4º Apresentação - Museu dos Dinossauros e seu entorno: tensões e negociações em partilha de espaços.**

Autores: Maria Betania Moreira Carvalho Silva, Pedro Donizete Colombo Junior

Derivado de uma pesquisa de mestrado, o trabalho observa o Museu dos Dinossauros (MD), ligado à UFTM e criado em 1991 sob gestão da Prefeitura de Uberaba. A comunidade local foi decisiva para a implantação, ao reivindicar que o acervo fóssil permanecesse no município. O estudo mostra como o entorno urbano e social participa dos processos museais, compartilhando território, sociabilidade e decisões. Ao valorizar memórias comunitárias e participação social, o MD se apresenta como museu mais humanizado, sensível a disputas, negociações e pactos cotidianos.

#### **5º Apresentação - Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento**

Autores: Fabricio José Fernandino, Patricia FrancaHuchet, Dina Marques Pereira Araújo, Fernando Antonio Mencarelli, Lorena Mello Martins

A equipe propõe uma nova abordagem expográfica para o Museu Casa Padre Toledo, articulando o passado ao presente por meio de um recorte multitemporal. Com pesquisa bibliográfica e documental, o grupo revisita a história da casa, do padre, da cidade, da Inconfidência Mineira e do próprio Tiradentes, buscando identidade conceitual, vocação e proximidade com o público. Sob gestão da UFMG, a casa passa por restauro e investe em articulação com moradores, convidando a comunidade de Tiradentes a integrar os movimentos culturais do museu.

#### **6º Apresentação - Quando o museu universitário encontra a museologia social? A experiência da criação do Museu Indígena Pyulaga Wauja**

Autores: Renato Fonseca de Arruda, Saulo Augusto de Moraes, Kamarariwé Raôry Waurá, Yanahin Matala Waurá, Umejítawana Tuhu Waurá

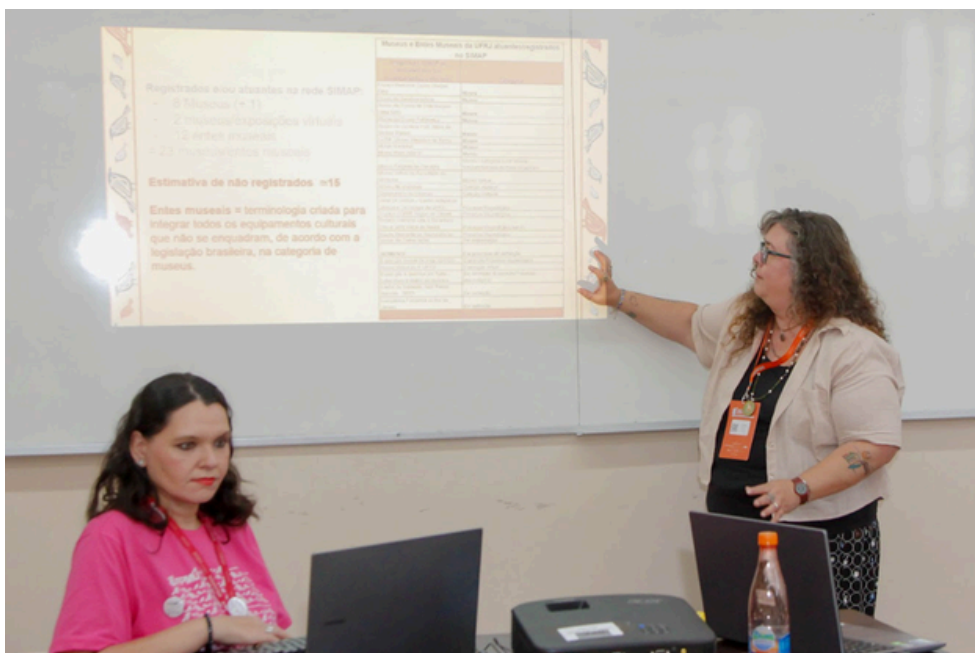
Relato de experiência que nasce do Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro e do GT Patrimônio Indígena, com a participação de lideranças de

sete povos (Kayaby, Munduruku, Apicás, Waurá, Mehinako, Xavante, Kamayurá), somado a uma pesquisa de doutorado (UNIRIO/MAST). Diante de ameaças recorrentes — do vandalismo à violência —, as ações articulam sustentabilidade, turismo, autorrepresentação e narrativas plurais. O processo resultou na fundação do Museu Indígena Pyulaga Wauja, concebido como museu de território. A universidade atua como mediadora, e não como curadora de saberes, fortalecendo autonomia patrimonial e pluralidade de vozes — encontro concreto entre museu universitário e museologia social.

## 7º Apresentação – Acervo e decolonialidade: Sidney Amaral no MAC USP

Autora: Vitória Passos Viana

Iniciada em 2025, a pesquisa parte do MAC USP — criado em 1963 para receber o acervo do MAM/SP e hoje com mais de 7.500 obras — e se debruça sobre Sidney Amaral (1973–2017), artista e educador. O museu abriga quatro obras do autor (três expostas: duas litografias e um objeto). O trabalho levanta documentação e processos de aquisição, examinando o papel das últimas gestões na incorporação de obras de artistas negros e nas discussões públicas sobre a própria coleção. Sob a chave decolonial, a questão central é: como as práticas curatoriais e expositivas reforçam ou tensionam hierarquias coloniais? Ao indagar critérios, narrativas e representações, o estudo alimenta debates sobre políticas de acervo, visibilidade e reparação simbólica.



Apresentações de comunicação oral, na sala 8 pela tarde, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 8 pela tarde, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida

## SIMAP, museus e entes museais, algumas reflexões

Claudia Rodrigues-Carvalho (SIMAP/FCC/UFRJ) - claudia.simap@forum.ufrj.br

Patricia Regina Garcia (SIMAP/FCC/UFRJ) - patriciaregina.simap@forum.ufrj.br

Christine Ruta (FCC/UFRJ) - christineruta@gmail.com

### INTRODUÇÃO

O SIMAP - Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ, completa em 2025 sete anos de existência oficial e 12 anos de atuação, se considerarmos a criação do Grupo de Trabalho para criação do sistema, iniciado em 2013 (Lima; Carvalho & Garcia, 2022). A transformação do GT em órgão suplementar da UFRJ, em junho de 2018, foi, como todo o campo museológico, duramente impactada pelo sinistro do Museu Nacional meses depois. Uma nova realidade se impôs em decorrência do incêndio, redirecionando os planos e propostas e levando a discussões sobre a categoria “museu” na universidade, sob o aspecto prático, formal, legal, etc. O presente trabalho procura fazer um relato de experiência sobre essas discussões, com foco nos impactos e desafios para a proposição de uma política para o campo museológico da UFRJ. Esta discussão reveste-se de complexidade quando consideramos, para além dos museus claramente estabelecidos, as diferentes iniciativas e espaços que se caracterizam como processos museológicos e coleções visitáveis, plenamente atuantes na sociedade e ainda um conjunto significativo de acervos musealizáveis ou em processo de musealização que junto, a outras iniciativas também mapeadas pelo SIMAP expandem a diversidade de atores institucionais e adicionam novas camadas às discussões sobre reconhecimento, categorização, políticas de salvaguarda, de divulgação e outras ações.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Por ser um relato de experiência, a metodologia baseia-se em descrever as memórias e percepções dos autores, sempre que possível acompanhadas por testemunhos e documentos de diferentes naturezas, que permitam apresentar as principais reflexões sobre o assunto.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os desdobramentos externos do sinistro do Museu Nacional, o Acórdão 1.243/2019-TCU-Plenário (Rodrigues-Carvalho, Julião, Cunha, 2023) e o consequente Plano de Ação dos Museus Federais (PAMF), que integra do Relatório Final do Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais, instituído pelo Decreto nº 10.175, de 13 de dezembro de 2019 (BRASIL, 2019), representam os maiores impactos na construção de políticas para o campo museológico na UFRJ, considerando especialmente a diversidade e pluralidade de iniciativas para além dos museus estabelecidos. O trabalho em rede, com instâncias tão diferentes na universidade, implica na construção permanente de um equilíbrio entre instâncias sedimentadas e aquelas em desenvolvimento, entre museus, coleções e outras iniciativas. Para melhor organizar o campo dentro da universidade, passamos a empregar o termo “ente museal” para definir todas as iniciativas e espaços que não se enquadram na definição legal de museu, uma tentativa de evitar que as demandas do PAMF viessem a obliterar as demandas e necessidades dos demais espaços, legalmente não caracterizados como museu em função de tecnicidades da legislação. Embora “não ser museu” possa implicar em um aparente menor custo e uma aparente menor complexidade, sem políticas abrangentes, que garantam espaços claros para esses entes dentro da dinâmica universitária, estas iniciativas correm o risco de serem esquecidas administrativa e organicamente pela universidade. Temos utilizado regularmente o termo “museus e entes museais da UFRJ” em nossas ações e discursos, com o intuito de reforçar uma unidade entre esses dois segmentos. Todavia, ainda precisamos avançar na construção de categorias de identidade e reconhecimentos internos para que seja possível construir elementos norteadores para enquadramento, registro e mesmo criação de novos espaços. No que diz respeito aos museus stricto sensu, o SIMAP recomenda o registro a nível de Centro Acadêmico, embora almeje que museus e entes museais tenham sua criação e reconhecimento registrados no âmbito do Conselho Universitário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as discussões fundamentais para a construção de uma política para o campo museal da UFRJ, está o entendimento da heterogeneidade de museus e entes museais. Esse entendimento busca ordenar e operacionalizar um dos pontos comum a todos, a necessidade de reconhecimento. Não apenas o reconhecimento legal, ou a inserção no organograma, mas o reconhecimento do impacto acadêmico, social; reconhecimento do equipamento cultural como elemento estratégico de interlocução e interação com a sociedade, reconhecimento dos museus e entes

museais como parte dos indicadores de qualidade, excelência acadêmica e bem-estar. Esperamos que a política em desenvolvimento, além de abrangente, responsável, normativa, possa também contemplar a pluralidade de dimensões do campo museal, e sua importância para a qualidade de vida acadêmica.

#### PALAVRAS-CHAVE

Museus universitários. Entes museais. Política museal.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL, 2019. Decreto nº 10.175, de 13 de dezembro de 2019. Institui o Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais. Disponível em [https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?](https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10175&ano=2019&ato=abkXV65UMZpWT92d)

[tipo=DEC&numero=10175&ano=2019&ato=abkXV65UMZpWT92d](https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=10175&ano=2019&ato=abkXV65UMZpWT92d). Acesso em 25 de maio de 2025.

LIMA, Deborah Rebello; CARVALHO, Claudia Rodrigues; GARCIA, Patricia Regina Santos. A criação do Sistema de Museus, Acervos e Patrimônio Cultural da UFRJ (Simap): desdobramentos de uma política cultural universitária. Revista CPC, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 33, p. 45-63, 2022. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v17i33p45-63. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cpc/article/view/173042>. Acesso em: 25 maio. 2025.

RODRIGUES-CARVALHO, Claudia.; JULIÃO, Leticia & CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. MUSEUS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL: DIAGNÓSTICO E PROPOSIÇÕES. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, [S. l.], v. 10, n. 2, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/42505>. Acesso em: 25 maio. 2025.

## **Museus Universitários em Perspectiva Comparada: Os Casos do Museu de Cultura Popular da Una (Costa Rica) E do Museu do Vale do Arinos da UNEMAT (Brasil)**

Luis Pablo Orozco Varela (Universidad Nacional da Costa Rica - UNA) - luis.orozco.varela@una.cr  
Renato Fonseca de Arruda (PPGGeo UNEMAT) - renato.fonseca@unemat.br  
Saulo Augusto de Moraes (MuVA UNEMAT) - saulo.augusto.moraes@unemat.br  
Márcio Ferreira Rangel (PPG-PMUS UNIRIO/ MAST) - marciorangel@mast.br  
Jairo Luís Fleck Falcão (PPGEdu UNEMAT) - jairofalcao@unemat.br

### INTRODUÇÃO

A partir de uma leitura comparativa entre dois contextos, dois países e dois cenários da museologia universitária — Brasil e Costa Rica — este estudo propõe inicialmente uma abordagem das particularidades envolvidas no estudo do patrimônio cultural museológico em diferentes casos: a pesquisa, as propostas educativas, o vínculo entre museus e comunidades, bem como as aproximações realizadas pelos espaços museais às agendas públicas e aos movimentos sociais.

Durante o I Simpósio Bienal de Museus e Gestão Sociocultural, iniciou-se um diálogo recente para debater, de forma geral, a educação museal no Brasil e na Costa Rica, a partir de uma perspectiva sintética e da experiência das redes de educadores museais de ambos os países. No entanto, nesta nova oportunidade, após realizar um balanço geral dos museus universitários na Costa Rica em diálogo com o Brasil, aprofunda-se a análise de dois casos que dialogam entre si: o Museu do Vale do Arinos (MuVA), vinculado a Universidade do Estado de Mato Grosso e ao município de Juara (UNEMAT/Juara, Brasil) e o Museu de Cultura Popular (MuCP) da Escola de História da Universidad Nacional da Costa Rica.

Dessa forma, surge uma questão de pesquisa: como, a partir de duas realidades museais complexas e particulares, é possível projetar uma iniciativa de pesquisa que una as contribuições de ambos os museus? Assim, estabelece-se um diálogo mais profundo entre duas experiências museológicas, permitindo comparar aspectos como o estudo do patrimônio biocultural, a abordagem da história, a relação dos museus com suas comunidades, as experiências de educação patrimonial, os modelos de gestão e o vínculo com suas respectivas universidades nas atividades de pesquisa, extensão, entre outras. Por fim, exploram-se as possibilidades de criar pontos de encontro entre os dois museus, analisando detalhadamente as

semelhanças, diferenças e oportunidades para propor projetos conjuntos de pesquisa. A museologia universitária latino-americana emerge como campo estratégico para a democratização do patrimônio cultural, combinando docência, investigação e extensão. Ao cotejar experiências brasileiras e costarriquenhas, busca-se iluminar especificidades de contextos nacionais distintos e, simultaneamente, desafios e oportunidades comuns.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia concentrou-se em pesquisas documental e bibliográfica, sob um processo de análise documental e busca sobre referências bibliográficas que abordaram iniciativas recentes dos dois museus em questão. Realizou-se pesquisa documental em leis, relatórios museológicos e publicações científicas, além de reuniões virtuais entre as equipes técnicas dos dois museus. A etapa de análise seguiu matriz comparativa elaborada em planilha, cruzando indicadores de aspectos das culturas institucionais e evidências presentes nos territórios e exposições.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Costa Rica, a rede de museus universitários configura-se como um microcosmo da diversidade sociocultural e biogeográfica do país, tendo: o Museo de la Universidad de Costa Rica (UCR); o Museo de Insectos da UCR, mantido pela Escola de Ciências Biológicas; o Museo Regional de San Ramón, também vinculado à UCR; e o Museo de Cultura Popular (MuCP) da Universidad Nacional (UNA), criado em fevereiro de 1994, sediado em Heredia, dedica-se à salvaguarda dos saberes populares sobre alimentação, arquitetura vernacular e festas tradicionais, oferecendo laboratórios vivos para estudos de etnologia e turismo cultural. Todos nasceram de agendas acadêmicas que priorizam a elaboração de roteiros científicos para exposições, o que garante densidade teórica às mostras e favorece a produção de artigos em parceria com programas de pós-graduação. Contudo, a literatura cinzenta interna admite um déficit de articulação inter-museus, limitando a realização de pesquisas e exposições conjuntas – lacuna que hoje inibe o impacto nacional dessas instituições.

No Brasil, até 2021 existiam 444 museus universitários, distribuídos como 21 na região Norte, 35 na Centro-Oeste, 90 na Nordeste, 182 na Sudeste e 114 na Sul. O MuVA é um dos quatro museus da Unemat, localizado na praça do Colonizador na cidade de Juara, Mato Grosso, Brasil (Museu Casa Borges, Museu de História Natural de Alta Floresta, Museu de Humanidades “Alaíde Montecchi”) e ilustra um modelo de museu universitário formulado a partir integração entre universidade, terceiro setor

e gestão municipal, por meio gestão compartilhada (Prefeitura, Unemat e Instituto Ecumam), supervisionado por um conselho curador composto por onze membros, destes, quatro assentos de representantes dos povos Kayabi, Munduruku, Apiaká e Rikbaktsá. Desde a inauguração, em 8 dez. 2018, o museu estruturou um acervo de 219 itens distribuídos em arqueologia, história local, ciências naturais, arte, etnologia e geologia, resultante principalmente de projetos de pesquisa e extensão universitária. A participação indígena na curadoria e gestão conferiu ao MuVA um forte caráter decolonial, mas também desencadeou tensões com grupos defensores de uma narrativa “saudosista” do colonizador, expondo disputas por sentidos patrimoniais (Arruda, 2022).

A comparação evidenciou convergências importantes. Primeiro, ambas as experiências se consolidam como laboratórios de formação profissional: na Costa Rica, graças à centralidade da pesquisa acadêmica; no Brasil, pela imbricação de projetos universitários de ensino, pesquisa e extensão articulados as demandas comunitárias. Por fim, os dois contextos compartilham restrições orçamentárias e dependência de editais externos para manutenção de exposições e salvaguarda de acervos. Divergem, todavia, nos modelos de governança: enquanto os museus costarriquenhos mantêm estrutura predominantemente intramuros à universidade, o MuVA aposta numa coprodução Estado–universidade–sociedade civil que amplia o raio de participação social, ampliando e compartilhando as responsabilidades, bem como os processos de tomada de decisão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura comparada demonstra que tanto o Museo de Cultura Popular da Universidad Nacional (UNA) quanto o MUVA enfrentam desafios paralelos de financiamento e infraestrutura, mas dispõem de ativos complementares que podem se potencializar mutuamente. A constituição de um eixo de cooperação UNEMAT-UNA, desdobrado em convênio específico entre MUVA e MuCP, por meio de suas pós-graduações (Geografia e Desenvolvimento Rural Sustentável) despontam como uma possível estratégia para transformar fragilidades isoladas em fortalezas coletivas: ampliam-se o intercâmbio de acervos, qualificam-se práticas de educação patrimonial e museal e elevam-se as possibilidades de estudos sobre os territórios e suas territorialidades, bem como a captação de recursos internacionais. Ao alinhar produção científica conjunta, mostras itinerantes e formação profissional binacional, Brasil e Costa Rica criam um laboratório Sul-Sul de inovação museológica capaz de expandir o alcance social do patrimônio biocultural e de oferecer um modelo alternativo para outros contextos latino-americanos.

## PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio cultural, museologia, saberes tradicionais.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Renato Fonseca de. Política de Museus e Patrimônio cultural da UNEMAT: trajetórias, perspectivas e desafios. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST), PPG-PMUS, Rio de Janeiro, 2022.

DE CARLI, G. Un museo sostenible. Heredia: EUNA, 2008.

GARCÍA LIRIO, M. Museos y colecciones universitarias de arte en el ámbito iberoamericano. (Tese) Universidad de Granada, Granada, 2021.

MARTINEZ, A. Los museos universitarios como guardianes del patrimonio académico PH 113 (monográfico) Patrimonio y universidad, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico n.º 113 octubre 2024 pp. 304-305

MORAES, S. A. ; FONSECA, R. ; FALCAO, J. L. F. ; KAYABI, K. ; MUNDURUKU, M. M. ; MORIMA, E. C. ; KAYABI, D. M. ; LEITE, F. S. A. ; RANGEL, M. F. Bases de uma política municipal de patrimônio museológico na Amazônia Mato-grossense: a experiência do Museu do Vale do Arinos (MuVA) na musealização e gestão de referências culturais indígenas. Revista Memória em Rede, v. 16, p. 289-315, 2024.

## O Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos nas correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909)

Maria Karla Belo da Silva Tavares (UNIRIO/MAST) - mariakarlabelo@gmail.com

Márcio Ferreira Rangel (UNIRIO/MAST) - marciorangel@mast.br

Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de Oliveira (IOC/FIOCRUZ) - barbaradias@ioc.fiocruz.br

### INTRODUÇÃO

A partir de 1870, o debate em torno da medicina experimental seria marcado pelas conquistas da era pasteuriana, em que o cenário central do desenvolvimento das ciências médicas se deslocaria para a França e para a Alemanha (Edler, 1996). Henrique da Rocha Lima [1915-1991], integrada a porção de pesquisadores que foram se especializar em Anatomia Patológica em universidades, centros científicos, laboratórios e museus alemães. Em seu retorno ao Brasil, em 1903, é convidado por Oswaldo Cruz [1872-1917] para realizar o estudo da anatomia patológica da Febre Amarela e de seu diagnóstico necroscópico, para a tarefa, replica o modelo alemão, em especial dos Institutos de Berlim e Munique. Nesse período, inaugura o Laboratório de Bacteriologia e Anatomia Patológica em Manguinhos, estabelece o procedimento padrão de análise histopatológica óbitos suspeitos nos Hospitais de Isolamento, com o São Sebastião, culminando na seleção e preservação de peças anatômicas conservadas pelo método de Kaiserling, uma técnica alemã, que eram preservadas pelo Museu de Anatomia Patológica que tinha como objetivo enriquecer o "cabedal científico" dos pesquisadores de Manguinhos. Este estudo propõe-se a responder: como as correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz (1902-1909) e outras fontes primárias revelam o processo de formação do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos e o impacto do intercâmbio científico-cultural na construção do seu acervo? O estudo busca investigar a formação do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos, bem como o impacto do intercâmbio científico-cultural na construção do acervo em torno da patologia, anatomia e histologia.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e documental, com fins exploratórios e descritivos. A abordagem metodológica adotada é a revisão bibliográfica, integrada aos objetivos de uma tese de doutoramento em Museologia e Patrimônio, desenvolvida em parceria entre a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). A coleta de dados foi realizada por meio de fontes primárias, especificamente no arquivo histórico permanente da Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). O foco da análise documental incidu sobre as correspondências trocadas entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz, abrangendo o período de 1902 a 1909. Esta seleção temporal foi definida pela relevância dessas correspondências para a compreensão da formação inicial do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos e de sua coleção de preparados anatomopatológicos. Para complementar as correspondências, foram buscadas outras fontes primárias, como prontuários clínicos, relatórios institucionais, catálogos, publicações e inventários relacionados à Seção de Anatomia Patológica (SAP), ao próprio Museu e à atuação de patologistas. A análise buscou identificar menções que auxiliassem na identificação e contextualização das peças do acervo. Embora a pesquisa seja predominantemente baseada em fontes primárias, a revisão bibliográfica inicial serviu para contextualizar o tema e identificar lacunas no conhecimento, orientando a busca por informações específicas nas fontes documentais. Não foram utilizadas bases de dados científicas com descritores e termos booleanos no sentido de uma revisão sistemática, pois o estudo se fundamenta na análise de acervos históricos específicos. O critério de inclusão para as fontes documentais foi a sua direta relação com a história do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos e a atuação de Rocha Lima e Oswaldo Cruz no período de 1902 a 1909. O critério de exclusão foi a ausência de relevância para o objetivo da pesquisa. Assim, procuramos analisar nas correspondências e em fontes documentais externas, a inserção do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos no processo de ensino, divulgação das pesquisas produzidas na instituição e seu reconhecimento internacional como cabedal científico dos pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisamos 324 documentos textuais que compõem o dossiê das correspondências entre Henrique Rocha Lima e Oswaldo Cruz, observou-se um crescimento acelerado do acervo que era diretamente beneficiado pela prestação de serviços em hospitais da capital como também, a intensa colaboração entre os pesquisadores que resultou

em estudos complexos de casos convertidos em relatórios, publicações ou material de ensino. As correspondências destacaram a utilização dos métodos de conservação dos órgãos pela técnica de Kaiserling, pioneira no país, como a preservação material de casos clínicos. Em correspondência de 1907, podemos destacar essa influência durante a preparação para o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim, um receio para que os acervos enviados, em específico, as peças anatômicas de Febre Amarela, estejam em conformidade '[...] com o que se vê aqui nos Museus representando um serviço de expurgo' ao fim, chega a conclusão que talvez fosse melhor fazer na Alemanha (FIOCRUZ, 1907). Além disso, ressalta que o acervo estava sendo enriquecido a partir da seleção de órgãos de autópsias de indivíduos acometidos pela Peste Bubônica, um procedimento padrão realizado em todos os cadáveres durante a epidemia, descrevendo que as peças eram recolhidas para o Museu de Anatomia Patológica com o intuito de preservar e auxiliar no cabedal (FIOCRUZ, 1905). De acordo com André Felipe Cândido da Silva (2011, p. 70-71) em sua passagem por Manguinhos, em 1901, antes do seu intercâmbio à Alemanha, Rocha Lima demonstrava por meio de suas atividades a pretensão de construir um instituto de pesquisas dedicado ao estudo dos micróbios e vetores. O intercâmbio, assim, seria a oportunidade de "beber na fonte" do ensino germânico que se afirmava, na época, como o mais adequado ao cultivo das ciências. procuramos desvendar nas correspondências e em fontes documentais externas, a inserção do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos no processo de reconhecimento internacional, ensino e divulgação das pesquisas produzidas no Instituto Oswaldo Cruz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das correspondências entre Henrique da Rocha Lima e Oswaldo Cruz, no período de 1902 a 1909, permitiu evidenciar o papel central do Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos na consolidação do Instituto Oswaldo Cruz como um centro de excelência em pesquisa científica, ensino e preservação do conhecimento médico. A criação e expansão do acervo do Museu estiveram diretamente relacionadas à atuação prática dos pesquisadores em hospitais da capital, à sistematização de procedimentos necroscópicos e à aplicação de métodos modernos de conservação, como a técnica de Kaiserling, inédita no Brasil à época. As trocas entre Rocha Lima e Oswaldo Cruz revelam não apenas os desafios enfrentados na organização e manutenção da Seção de Anatomia Patológica, mas também o esforço consciente de construir um "cabedal científico" que dialogasse com os padrões internacionais, especialmente os da medicina germânica. A inclusão do Museu como parte integrante das atividades científicas do Instituto reforça sua importância não apenas como espaço de preservação de espécimes, mas como ambiente de produção de saberes e de intercâmbio científico-cultural.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu de Anatomia Patológica de Manguinhos; Henrique da Rocha Lima; Oswaldo Cruz; Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz; Museologia.

## REFERÊNCIAS

EDLER, Flavio. O debate em torno da medicina experimental no Segundo Reinado. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, III (2):284-299, jul.-out. 1996.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Dossiê 11 - Correspondência com o cientista Henrique da Rocha Lima. 08/04/1901 - 20/01/1915 (Produção). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, BR\_RJ\_COC\_COR\_CI\_11.

SILVA, André Felipe Cândido da. A trajetória de Henrique da Rocha Lima e as relações teuto-brasileiras (1901-1956). *Nota de Pesquisa, Hist. Cienc. Saúde-Manguinhos*, v. 17, n. 2, jun 2010.

SILVA, André Felipe Cândido da. A trajetória científica de Henrique da Rocha Lima e as relações Brasil-Alemanha (1901-1956). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011. 839 f.

## Museu dos Dinossauros e seu entorno: tensões e negociações em partilha de espaços

Maria Betânia Moreira Carvalho Silva (UFTM) - maria.betania@uftm.edu.br  
Pedro Donizete Colombo Junior (UFTM) - pedro.colombo@uftm.edu.br

### INTRODUÇÃO

Este trabalho representa um recorte de uma pesquisa realizada no Museu dos Dinossauros[1] (MD), localizado no bairro rural de Peirópolis, Uberaba-MG, um espaço museal vinculado a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). A constituição do espaço, bem como suas memórias e cotidiano é movido e atravessado pela sua vizinhança que tem suas sociabilidades, identidades, tensões e desenvolvimento tangenciado por esse compartilhar do território com o museu.

A comunidade do bairro de Peirópolis teve protagonismo na criação do Museu ao lutar para que ele fosse construído e o acervo fóssil deixasse de ser retirado de Uberaba-MG e levado para a cidade do Rio de Janeiro-RJ, permanecendo na cidade; na participação em processos colaborativos com os profissionais do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM)[2]na localização e extração de fósseis de dinossauros e, na luta para provimento de verbas, financiamentos e melhorias físicas para o espaço, além de embates políticos.

O MD nasce no ano de 1991, sendo àquela altura administrado pela Prefeitura Municipal de Uberaba-MG e no ano de 2010 passa a ficar sob a guarda da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), vinculado a Pró-reitora de Extensão Universitária PROEXT, sendo as estruturas físicas, de ensino-extensão-pesquisa e administrativas.

Esta relação universidade e comunidade local é marcada por tensões e conflitos, e o diálogo e negociações devem predominar e possibilitar um museu socialmente comprometido, como tanto reivindicamos e lutamos ao nos posicionarmos por uma nova museologia (Cury, Noronha e Martins, 2024).

[1] O presente resumo faz parte de uma pesquisa de mestrado realizada nos anos de 2018/2019 com os moradores do bairro rural de Peirópolis, em Uberaba/MG com o objetivo de investigar a relação entre o museu e sua comunidade de entorno, sob o olhar da comunidade (Silva, 2019).

[2] O órgão do DNPM foi extinto e substituído pela autarquia Agência Nacional de Mineração (ANM).

Machado (2012, p.73) ao discutir o partilhar do território aponta que

o museu enquanto instituição sociocultural e educativa nunca poderá ser dissociado do território onde se encontra implantado deverá mostrar-se indiferente à sua vizinhança, quando idealiza uma missão ou planeia estratégias de atuação. Pelo contrário, se todos os públicos devem ser calorosamente recebidos no museu, os vizinhos, que com ele partilham território, deverão merecer especial atenção. Ser vizinho não se trata apenas de coexistir em proximidade, trata-se de assumir uma relação que chega acompanhada de questões sobre a partilha de identidades, de objetivos e expectativas, de espaços e recursos, de fragilidades e potencialidades.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo apresentar excertos de duas narrativas de moradores do bairro de Peirópolis que vivem naquele espaço por mais de 30 anos que indica a relação gestão universitária no MD e comunidade do bairro.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, em que utilizamos a história oral como metodologia de pesquisa para enxergarmos o museu a partir da memória e das vivências compartilhadas pelos moradores participantes da pesquisa. Posteriormente aos momentos de diálogos, que foram audiogravados e transcritos, realizamos as narrativas.

As narrativas foram nosso método de análise que nos possibilitou analisar as questões de pertencimento, lutas, tensões, disputas pelo espaço, laços de afetividade, outras histórias e memórias que permeiam o território a partir das lentes dos moradores que partilham o espaço com o museu.

Um dos pontos que nos chamou atenção e que trazemos neste estudo é o olhar dos moradores que participaram da pesquisa para a questão da entrada da gestão universitária no museu e a relação com a comunidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES<sup>[1]</sup>

Excerto 1 – Sr. Jair:

A UFTM veio em 2008, mais ou menos. Depois do prédio pronto, começou a fazer a transição. Esse prédio foi construído pelo governo estadual e governo federal, mas a prefeitura com a associação ficou tomando conta até fazer a transição para a Universidade. Porque o município não tem dinheiro para manter uma coisa dessa,

[1] Os excertos apresentados abaixo são fontes da pesquisa realizada em 2019. E os nomes dos participantes são fictícios conforme o Termo de Consentimento da Pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa/UFTM.

tem que ser coisa federal, eles fazem os projetos. Isso é muito bom, porque a Universidade é grande, tem condições. Mas, quem está aqui a frente [a UFTM], tem que conversar conosco, porque a gente sabe do que o povo daqui gosta, sabe o que funciona aqui, está aqui todo dia né. [...] Cercaram as passarelas da praça para ninguém entrar, porque eles queriam por um portão eletrônico na parte de cima e um outro de baixo e iria cobrar para entrar na praça, no Museu dos Dinossauros. Nós fizemos uma audiência pública, convidamos eles e acabamos com a ordem deles. Eles esqueceram que a praça é do povo e da comunidade. Eles proibiram, nessa época, minha filha era diretora aqui da escola [escola municipal da região situada em frente à praça], as professoras de ir com os meninos para brincar na grama, eles diziam que a grama não era lugar de brinquedo e é uai. Nós colocamos seis processos nele... ele desviou dinheiro daqui que era de um projeto para fazer um túnel do tempo, de ligar um museu ao outro [espaços do museu] você passava e ia vendo as eras da humanidade e o período dos dinossauros na terra. Ia ficar uma coisa linda, imagina. Porque se você está aqui na praça parece que você está junto de um dinossauro, imagina com um túnel sentindo que voltou no tempo.

Excerto 2 – Sr. Igor:

Quando a UFTM chega, em 2010, ocupa o espaço e administração, devido a insuficiência orçamentaria da associação e do município em gerir o complexo dá novos ares para o espaço. Muita coisa positiva temos a falar, o alcance das ações realizadas pela universidade, a verba, capacidade administrativa e de recursos. Por outro lado, temos dificuldade de conviver a comunidade e universidade. Muitos dos moradores têm pavor da administração da UFTM e não é difícil entender. É só pensar que Peirópolis antes do museu não existia, era um bairro largado, contendo apenas uma fábrica de calcário e uma estação abandonada, e com a presença do CCCP se transformou em local de ciência e a comunidade reconhecida. Pensar no início, o projeto já era um “pepino”, em que precisava do fechamento da fábrica, recursos, visibilidade na imprensa. As famílias daqui abriram as casas para receber os cientistas (eles dormiam e trabalhavam nestas casinhas. A tartaruga que estava no Museu Nacional e foi incendiada, foi empalhada na casa da dona Lia Peiró), lutaram para a implantação do museu, investiu para o desenvolvimento de uma estrutura física, comercial, requereu audiências públicas, veiculavam as informações nos jornais e imprensa, batiam na porta da prefeitura e conseguiam resolver os problemas. Com a chegada da UFTM, a primeira coisa que a instituição fez foi retirar os dizeres da rede nacional de paleontologia, os servidores se mantinham afastados do povo, não cumprimenta o pessoal daqui, não reconhece o trabalho e a atuação da AASPP, e que o CCCP é tudo que encontra-se nos espaço, a arte, as cachoeiras, as doceiras, as lutas e memórias do povo, mas eles não entenderam que tudo integra o espaço. Tivemos alguns episódios como o cercamento do museu e a cobrança para entrar no espaço que para os moradores são deles, o desvio do recurso para ser investidos em projetos de melhoria aqui, e uma demarcação invisível como se aquele espaço não mais

pertencesse a eles. Eu fiz a última assembleia da AASPP há quinze dias, no auditório do CCCP, muita gente tinha muito tempo que não entrava lá. É preciso buscar essa integração. As pessoas aqui sabem que o que atrai aqui é o museu e a partir daí é possível dar visibilidade a todo o complexo, os produtos, doces, artesanatos, lembranças do museu. Por isso todo o carinho com o espaço.

Como evidenciado por Chagas, “há uma gota de sangue em cada museu” evidenciando o campo de disputas e tensões que envolvem as narrativas, memórias e acervo dos museus. Os museus universitários também estão envolvidos neste cenário e é preciso dialogar e negociar as demandas e pautas trazidas pelas comunidades, sobretudo, pela vizinhança.

O museu universitário dos Dinossauros tem um lócus privilegiado de aproximar da comunidade, realizando o tripé das universidades – ensino, pesquisa e extensão a partir da dialogicidade e com as comunidades que participam e se sentem pertencentes àquele espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação social no MD possibilita conhecer um museu mais humanizado, tecido das suas múltiplas histórias e narrativas. Sabemos da arena de conflitos que fazem parte deste museu e todos outros já que o museu é um espaço político e de múltiplas atuações e reivindicações. As narrativas apresentam isso.

Para além disso, estamos colocando a importância da valorização das memórias das comunidades e que as universidades acenem para o diálogo e negociações com a presença da sociedade, sobretudo, do seu entorno, para que o museu seja um espaço que efetive a justiça social e se integre aos territórios aos quais se encontram.

## PALAVRAS CHAVES

museus universitários; comunidades; tensões; negociações; diálogos

## REFERÊNCIAS

CHAGAS, Mário de Souza. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. 1999.

CURY, Marília Xavier; NORONHA, Elisa; MARTINS, Patrícia Roque. Repensar o museu e a museologia a partir da prática colaborativa com os povos indígenas. Entrevista com Marília Xavier Cury. *Midas*, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 1-16, nov. 2024. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/11tjv>.

MACHADO, Celia. Museus e vizinhança – o desafio de partilhar território. Ensaios e Práticas em Museologia. Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da FLUP, 2012, v.2, p. 70-91.

Silva, M. B. M. C. (2019). Museologia social: a relação museu-comunidade a partir de vozes que construíram e constroem o Complexo Cultural e Científico de Peirópolis (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais).

## Tiradentes Passado Presente: uma expografia para um Museu em movimento

Fabício José Fernandino (UFMG) - fabriciofernandino@gmail.com

Diná Marques Pereira (UFMG) - dina.ufmg@gmail.com

Patricia Franca-Huchet (UFMG) - patriciafranca.huchet@gmail.com

Fernando Antonio Mencarelli (UFMG) - fernandomencarelli@gmail.com

Lorena Mello Martins (UFMG) - lorena.mello94@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a experiência de construção da exposição de longa duração para o Museu Casa Padre Toledo (MCPT) a partir de renovação conceitual direcionada para uma abordagem crítica e documental da história da cidade de Tiradentes. O MCPT é um espaço fundamental para a difusão da história de Minas Gerais. Ele recebe cerca de 30 mil visitantes anualmente e destaca-se pela arquitetura colonial e elementos artísticos integrados. O casarão do século XVIII, que abriga o Museu, é um dos importantes espaços do complexo cultural denominado Campus Cultural da UFMG em Tiradentes. O Museu promove a democratização do conhecimento, do patrimônio e das artes a partir de ações de preservação e de difusão e atua como um elo entre a cidade e suas manifestações. A exposição Tiradentes Passado Presente aborda a complexidade histórica que atravessa a cidade de Tiradentes e seus espaços culturais e simbólicos em três principais temporalidades: o movimento da Inconfidência Mineira e as imagens criadas em torno do personagem Tiradentes; a inserção de aspectos históricos dos cidadãos tiradentinos de hoje e de outrora; e os projetos de Brasil no ideário modernista a partir do personagem Rodrigo Mello Franco de Andrade, da criação do SPHAN e do tombamento da cidade de Tiradentes. A proposta conceitual e expográfica faz parte de projeto de pesquisa em curso<sup>[1]</sup>. As pesquisas envolvem a cena, o espaço, a preservação, mas também a grafia — a escrita — através da construção de uma narrativa que envolve uma estreita relação com a memória e a história local. Nos perguntamos — e estamos respondendo — através de enormes desafios como artistas, curadores, restauradores, pensadores, museólogos e gestores podem encenar uma expografia? Em consonância com Vergès (2023), nossos movimentos

[1] Projeto de pesquisa: História memória e expografia museográfica no Museu Casa de Padre Toledo (2023-2025). Pesquisadores: Patrícia Franca-Huchet, Fernando Antonio Mencarelli, Fabício José Fernandino, Diná Marques Pereira.

foram de pensar e acreditar em modos distintos de representar histórias e memórias em perspectiva crítica ao passado colonial. “Um exercício decolonial é imaginar formas diferentes de exposição e representação, é fazer exercícios de especulação fictícia. Não se permitir esse exercício é admitir que o mundo é imutável.” (Vergès, 2023, p.79).

## MATERIAIS E MÉTODOS

O Museu Casa Padre Toledo, desde sua criação como Museu Regional de Tiradentes em 1974, padece de uma identidade conceitual que potencialize de forma integrada o Solar setecentista e seu acervo. Assim, a definição de uma linha conceitual para a exposição Tiradentes Passado Presente considerou trilhar os caminhos da vocação do MCPT, materializada em 2017 em seu Plano Museológico.

Este plano propõe que a vocação do Museu Casa Padre Toledo seja concebida a partir de seu contexto patrimonial, considerando três núcleos de problematização que se complementam: a) A sociedade e cultura das Minas setecentistas que dá origem ao acervo do MCPT; b) O movimento da Inconfidência Mineira especificamente a figura de Padre Toledo; c) A edificação como elemento que integra e tematiza a história urbana de Tiradentes, tanto do ponto de vista do passado quanto do presente. (UFMG, 2017, p.6).

Em termos metodológicos para a construção da proposta foram desenvolvidas pesquisas, bibliográfica e documental, sobre a história e as memórias da cidade de Tiradentes. A partir de estudos e de discussões com o grupo de trabalho, percebeu-se que o Museu precisava se aproximar ainda mais da população, revelando uma nova roupagem que comunicasse de forma mais sensível e dinâmica, a história mais antiga e também a mais recente da cidade e de seus habitantes. Um dos conceitos possíveis do projeto, o pertencimento direcionou as reflexões para as pessoas que ali nasceram, suas histórias de família, o ambiente de trabalho e religioso e o desejo que pudessem se reconhecer nos espaços do Museu. Priorizou-se a cidade, sua história, seu povo, seus costumes. Outro aspecto importante foi dar visibilidade a Rodrigo de Melo Franco de Andrade, por suas ideias e iniciativas fundamentais para a preservação do patrimônio artístico nacional. Não menos importante foi privilegiar as referências aos povos originários da região, que mantiveram sua cultura ancestral numa relação irmanada com a natureza e com a vida. Partindo deste conjunto de abordagens, foi proposta pela Pró-Reitoria de Cultura da UFMG uma curadoria compartilhada, uma museologia que compreendesse uma leitura crítica do passado colonial em Tiradentes. (Mencarelli, 2024, Vergès, 2023). As bases acima descritas se aliaram a um projeto expográfico com um novo design que propôs favorecer a organização do acervo e a interação do público com a coleção.

foram de pensar e acreditar em modos distintos de representar histórias e memórias em perspectiva crítica ao passado colonial. “Um exercício decolonial é imaginar formas diferentes de exposição e representação, é fazer exercícios de especulação fictícia. Não se permitir esse exercício é admitir que o mundo é imutável.” (Vergès, 2023, p.79).

## MATERIAIS E MÉTODOS

O Museu Casa Padre Todelo, desde sua criação como Museu Regional de Tiradentes em 1974, padece de uma identidade conceitual que potencialize de forma integrada o Solar setecentista e seu acervo. Assim, a definição de uma linha conceitual para a exposição Tiradentes Passado Presente considerou trilhar os caminhos da vocação do MCPT, materializada em 2017 em seu Plano Museológico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição Tiradentes Passado Presente teve como resultado da construção curatorial a criação de grandes eixos: 1) a cidade de Tiradentes, povos originários, ocupações, encontros de culturas, exploração aurífera, escravização e resistência; 2) a Inconfidência Mineira, seus antecedentes e consequências ao longo do tempo; 3) o personagem Padre Toledo; 4) o Solar, a arquitetura colonial, usos e costumes, arte e fé, vida privada; 5) Rodrigo Mello Franco de Andrade e o patrimônio cultural. O conceito 'Passado Presente' visou referenciar as vivências do passado sem deixar de ampliar as perspectivas de representações das memórias da cidade ao longo do tempo e de seus habitantes. Em termos estratégicos, a nova exposição busca renovar e viabilizar projetos educativos e culturais; efetivar pesquisa de público; fortalecer ações de pesquisa, preservação e política do acervo; manter programa de exposições temporárias; efetivar a acessibilidade e capacitação funcional; buscar financiamento a partir de agências de fomento; efetivar um plano de divulgação e comunicação; aumentar o número de visitantes e fortalecer a ideia da Casa de Padre Toledo e do museu como lugares de memória da cidade (Nora, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tiradentes Passado Presente propõe uma museografia que apresente e valorize as bases culturais de suas populações fundantes e das comunidades afrodescendentes que construíram o patrimônio físico e cultural da cidade desde o período colonial. Diante de todos estes aspectos, e aliada a uma expressiva intervenção de

manutenção no edifício, a realização desta nova museografia para o MCPT foi prevista para ser executada em momentos distintos, devido à complexidade de sua execução, do tempo necessário para elaboração de projetos executivos e das pesquisas necessárias para sua efetivação: iniciada em março do ano de 2024, com inauguração em julho de 2025. A proposta tem sido rica de diálogos com a comunidade, plena de reflexões, encontros, saberes e guarda uma grande afetividade para o público e os cidadãos de Tiradentes. O processo, desde sua implantação, se configurou como um 'Museu em Movimento'. Vale observar que a partir de um dado momento o público teve acesso gratuito em meio aos trabalhos construtivos da nova expografia. O Museu Casa Padre Toledo, hoje, é um lugar de acolhimento e pausa, para ter o tempo necessário para um olhar voltado para o aprendizado e a fruição artística e da memória. A UFMG foi e tem sido de grande importância como guardiã do MCPT a partir do Campus Cultural UFMG em Tiradentes.

#### PALAVRAS-CHAVE

Museu Casa Padre Toledo. Tiradentes. Descolonização. Identidade Cultural. Expografia social.

#### AGRADECIMENTOS

À UFMG, à Pró-Reitoria de Cultura da UFMG, ao Campus Cultural da UFMG em Tiradentes, a cidade de Tiradentes e aos profissionais envolvidos no projeto. Agradecimentos à Deputada Estadual de Minas Gerais Andréa de Jesus, pela Emenda Parlamentar que viabilizou ações de preservação no Museu; e à Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade.

#### REFERÊNCIAS

MENCARELLI, Fernando. Museologia decolonial em Tiradentes. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Cultura da UFMG, 2024. (Projeto Seleção Pública - Petrobras Cultural – Novos Eixos).

Nora, P., & Aun Houry, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Cultura. Plano Museológico Museu Casa Padre Toledo. Tiradentes, MG: Pró-Reitoria de Cultura da UFMG, 2017.

VERGÈS, Françoise. Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

## Quando o Museu Universitário encontra a Museologia Social? A criação do Museu Indígena Pyulaga Waujá

Renato Fonseca de Arruda (PPGGeo UNEMAT) - renato.fonseca@unemat.br  
Saulo Augusto de Moraes (MuVA UNEMAT) - saulo.augusto.moraes@unemat.br  
Kamarariwé Raôry Waurá (PUC-GO) - kamapuc18@gmail.com  
Yanahin Matala Waurá - yanahin@gmail.com  
Umejitawana Tuhu Waurá (UNEMAT) - pedrostuhu842@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Este relato visa compartilhar a participação dos pesquisadores e lideranças na proposta de criação do Museu Indígena Pyulaga Wudjá (Wauja Öñäunakakira Öpöna), em especial, a partir de um conjunto de ações iniciadas em 2021, com a criação e gestão da Seção Mato Grosso do Fórum de Entidades em Defesa do Patrimônio Cultural Brasileiro, da qual emergiu um Grupo de Trabalho sobre Patrimônio Indígena. Em sequência, registra-se o apoio à implementação e a devolutiva da pesquisa de doutorado em Museologia e Patrimônio Cultural, concluída em junho de 2022 no PPG-PMUS (UNIRIO-MAST), dedicada à análise da distribuição de museus e bens culturais no estado de Mato Grosso e à formulação da Política Universitária de Museus e Patrimônio Cultural da UNEMAT. O itinerário analisado também integra as iniciativas do Museu do Vale do Arinos (MuVA), museu universitário de gestão compartilhada entre a UNEMAT, a prefeitura de Juara e a organização do terceiro setor Ecumam.

Trata-se de um relato acadêmico, de caráter descritivo e reflexivo, acerca de um processo colaborativo desenvolvido junto ao povo Waurá (ou Waujá, autodenominação), habitantes do Território Indígena do Xingu (TIX), em Mato Grosso. A experiência ocorreu no início de 2024 e envolveu diálogo intercultural intenso, imersão em territórios locais visando a idealização e construção de um museu de território de base indígena. Nas seções a seguir, apresentam-se o contexto inicial da iniciativa, as atividades realizadas na aldeia Pyulaga, o papel dos pesquisadores na concepção museológica, os resultados da assembleia geral e as reflexões sobre os significados político, cultural e colaborativo desse processo.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento desta experiência, ocorreram pesquisas documental, bibliográfica e participante, imbuídas de valores decoloniais articulados as teorias e metodologias da museologia social. As pesquisas incluíram levantamento de registros fotográficos, materiais de divulgação, livros, artigos e dissertações e teses disponíveis em repositórios e periódicos institucionais e plataformas digitais gratuitas, visando aprofundar a análise sobre a relação entre museologia, documentações museológicas, coleções etnográficas e a ativação patrimonial de/pelos povos indígenas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 16 e 25 de janeiro de 2024, desenvolveu-se um circuito de ações voltadas ao fortalecimento do patrimônio cultural em Mato Grosso, articulando quatro marcos territoriais – o Museu de Humanidades “Alaide Montecchi” (MHAM, Cáceres), o Museu do Vale do Arinos (MuVA, Juara), o Museu de História Natural de Alta Floresta (MHN, Alta Floresta) e a Aldeia Pyulaga do povo Waurá, no TIX. A jornada teve início no MHAM, com agenda de entrega da tese de doutorado, seguindo para o MuVA, onde se realizou visitas e diálogos para conhecimento in loco do museu e suas atividades. A terceira parada ocorreu no Museu de Alta Floresta, onde se ampliou o diálogo sobre os museus regionais. Nessa etapa, envolveu a direção do museu, a equipe do comitê gestor, discentes da UNEMAT e membros da ONG Ecumam, quando foram apresentados os procedimentos de registro, acondicionamento e interpretação de acervos etnográficos. A dinâmica combinou diálogos com exercícios práticos e conhecimento da reserva técnica (figuras 01 e 02).

Ocorreram rodas de conversa que trataram de desafios de sustentabilidade financeira, integração com o turismo local e estratégias de inclusão de narrativas plurais nas exposições permanentes e temporárias. O percurso culminou na Aldeia Pyulaga, às margens do Rio Batovi, dentro do TIX, guiada pelo Kamariwé Raôry Waurá. Atravessando trilhas na floresta e chegando na aldeia, sob o convite das lideranças indígenas, incluindo o cacique Yapatsiyamã Waurá e o agente de saúde e liderança Yanahin Matala Waurá, que se reuniram em assembleia coletiva para entender a proposta e a sua viabilidade, considerando que propostas anteriores foram desconstruídas por outros pesquisadores. Após apresentar as possibilidades na Assembleia, no dia 24 de janeiro de 2024, ocorreu a reunião das lideranças na Kuwakoho (Casa dos Homens), que deliberaram pela fundação e denominação de Museu Indígena Pyulaga Wudja (Wauja Önāunakakira Öpöna), concebido como museu de território (figuras 03 e 04).

Figuras 01 e 02: Diálogo no MuVA, com o diretor e equipe do Comitê Gestor.



Fotos: autores, 2024.

Durante três dias, foram realizadas escutas e coleta fotográfica visando subsidiar a construção de estratégias para responder a curto, médio e longo prazo as expectativas em relação a função social do museu indígena, considerando os interesses em criar meios para garantir a transmissão dos saberes impactados pelas mudanças culturais decorrentes do acesso a diversidade de culturas e informações disponíveis na internet. Ao final, a priori, assinada pelas lideranças masculinas, na sequência pelas mulheres, jovens e crianças, a ata da criação do museu ficou sob posse das lideranças. Essas etapas, interligadas por um fio condutor de museologia social, resultaram na criação do museu indígena localizado na mais populosa aldeia. A experiência demonstra o potencial de redes colaborativas que unem universidade, poder público e comunidades tradicionais na salvaguarda ativa do patrimônio cultural mato-grossense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre Quando o museu universitário encontra a museologia social? A experiência da criação do Museu Indígena Pyulaga Waudja, identifica-se os pontos de convergência entre essas duas vertentes, que reside na capacidade de um museu acadêmico abandonar o papel de curador dos saberes e referências culturais para assumir a condição de mediador dialógico de memórias e direitos. O desencadeamento da ideia (originado antes e no processo da devolutiva de uma pesquisa de doutorado e amadurecido no âmbito da Política Universitária de Museus da UNEMAT) demonstrou que a universidade, ao estender seus dispositivos técnicos e científicos, pode catalisar processos de autorrepresentação cultural sem substituí-los.

A trajetória do MuVA, que levou à assembleia na Aldeia Pyulaga revela que, quando o conhecimento acadêmico se encontra com a prática da museologia social, surgem modelos de museu que transpõe paredes, vitrines e os muros invisíveis das cidades. Nesse espaço simbólico, espera-se que os Waurá possam e continuem a exercer sua

autonomia patrimonial, enquanto pesquisadores aprendem, reformulam métodos e reforçam compromissos éticos. Assim, embora ainda embrionário, a criação do Museu confirma que a missão universitária pode e deve ser reescrita a partir das vozes comunitárias, convertendo-se em plataforma de resistência cultural, intercâmbio de saberes e inovação social.

#### PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio cultural, museologia, ativação patrimonial, saberes tradicionais.

#### REFERÊNCIAS

ARRUDA, Renato Fonseca de. Política de Museus e Patrimônio cultural da UNEMAT: trajetórias, perspectivas e desafios. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins (UNIRIO/MAST). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2022.

GARCÉS, Claudia Leonor López; KARIPUNA, Suzana Primo dos Santos. “Curadorias do invisível”: conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi”. In: Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 10, n. 19, jan./jun., 2021, p. 101-114.

MORAES, S. A. ; FONSECA, R. ; FALCAO, J. L. F. ; KAYABI, K. ; MUNDURUKU, M. M. ; MORIMA, E. C. ; KAYABI, D. M. ; LEITE, F. S. A. ; RANGEL, M. F. Bases de uma política municipal de patrimônio museológico na Amazônia Mato-grossense: a experiência do Museu do Vale do Arinos (MuVA) na musealização e gestão de referências culturais indígenas. Revista Memória em Rede, v. 16, p. 289-315, 2024.

### INTRODUÇÃO

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) é uma instituição de extrema relevância em sua tipologia no Brasil, reunindo em sua coleção obras que contemplam diferentes temas sociais e políticos do século XX e XXI. Herdeiro das coleções do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP) fundado no final da década de 1940, desde sua criação em 1963 seu acervo cresceu exponencialmente, chegando atualmente a mais de 7.500 obras.

A exposição de longa duração proposta pelo museu em 2023, em comemoração aos 60 anos da instituição, pega emprestado o nome *Tempos Fraturados* da coletânea de livros de Eric Hobsbawm publicada em 2013, um ano após sua morte, e “[...] propõe uma reflexão sobre quais obras e quais artistas presentes no acervo contam sobre a experiência histórico-político-social dos séculos 20 e 21, vivida a partir do Brasil. De modo crítico, nesse itinerário, a própria formação do acervo está imersa nessa narrativa.” (MAC USP, 2023). Com duração de cinco anos, a mostra, para além da reflexão dos acontecimentos dos últimos 120 anos, busca também observar as lacunas, ausências e presenças no acervo, e “[...] permite ao Museu cumprir seu papel universitário, tornando-se espaço de formação em vários níveis e de debate crítico sobre a história das artes visuais.”(Ibidem). É dentro dessa perspectiva de um museu como produtor de conhecimento, que a presente pesquisa se insere e passa a refletir sobre um dos agrupamentos de obras que compõem a exposição: Resistência.

Entre o conjunto de mais de 80 artistas que participam da exposição, é necessário destacar que somente oito deles são negros, e destes, apenas uma mulher negra, a artista e professora Rosana Paulino (SIMÕES, 2024, p. 223), que também fez parte do conselho deliberativo durante o período em que a exposição foi gestada. O trabalho que está sendo desenvolvido tem por objetivo refletir sobre o também artista e professor Sidney Amaral e como este está inserido na mostra: das quatro obras presentes no acervo, três fazem parte da exposição, estando reunidas no agrupamento Resistência, sendo elas “Meu coração brasileiro” (2012), “Canto para Ogum” (2012) — duas litografias em cores — e “Fome e a vontade de comer” (2017), uma colher com uma espécie de anzol na ponta, feita em inox, acomodada em um estojo de madeira. Tais obras são recentes no acervo: foram doações de Claudinei

Roberto (curador, professor e amigo pessoal de Sidney Amaral) feitas ao museu em 2021, no contexto do webinar de pesquisa MAC USP PROCESSOS CURATORIAIS: Curadoria Crítica e Estudos Decoloniais em Artes Visuais - Diásporas Africanas nas Américas, em que diferentes pesquisadores adentraram o acervo do museu observando as presenças e as ausências de artistas e temáticas afro diaspóricas, e do qual Claudinei foi um dos convidados para construir o painel curatorial.

Recentes neste acervo, as obras de Sidney desempenham um papel dentro da narrativa proposta, dividindo o espaço diretamente com as obras nº 2 e nº 3 da série “Assentamento” (2013) de Rosana Paulino e os seis primeiros “Emblemas” (1989) de Rubem Valentim, mas também com “A negra” (1923) de Tarsila do Amaral. O espaço expositivo nos convida a observar a multiplicidade de expressões e temas possíveis em diferentes tempos históricos com protagonismo negro, além de provocar um tensionamento entre a representação e a auto-representação de pessoas negras, segundo Simões: “A estratégia adotada foi interrogar não apenas o ínfimo número de artistas negros do conjunto da coleção, mas também perceber como artistas brancos, com ênfase nos modernistas, representaram a existência negra.” (Ibidem, p. 225). Diante do que foi colocado, o que buscamos compreender é como se dá a inclusão de Sidney Amaral nos acervos dos museus públicos de São Paulo que incluem este artista em suas exposições de longa duração, sendo eles, além do MAC USP, a Pinacoteca de São Paulo e o Museu Afro Brasil Emanuel Araujo. Portanto, o trabalho aqui apresentado é um recorte de uma pesquisa maior em andamento dentro do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa e responder adequadamente às diversas questões levantadas, se faz necessário utilizar uma variedade de metodologias, passando desde a análise documental nos acervos das instituições — buscando informações das obras, históricos de exposições anteriores e informações sobre os processos de entrada das obras no museu —, análise da literatura do tema, com destaque para os textos curatoriais, análise das obras investigando os temas, símbolos e questões sociais abordadas nas suas diferentes técnicas, além da realização de entrevistas com curadores, educadores, outros trabalhadores do museu e com visitantes de diferentes níveis de familiaridade com os espaços expositivos, observando as diferentes perspectivas e leituras das narrativas museológicas de um mesmo acervo. A escolha por diferentes abordagens metodológicas se justifica pela complexidade da investigação, que envolve tanto a análise das obras de Sidney Amaral em diferentes museus, quanto o estudo das dinâmicas museológicas e curatoriais que influenciam sua presença nessas instituições.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na etapa atual da pesquisa, estamos levantando a documentação de todas as obras trabalhadas, observando sobretudo os processos de aquisição e as suas respectivas justificativas institucionais. No que diz respeito ao MAC USP, procuramos entender a influência das últimas gestões na aquisição de obras de artistas negros brasileiros e os debates promovidos pelo museu sobre sua própria coleção, observando as lacunas e ausências ainda existentes. Ademais, das três obras de Sidney trabalhadas no museu, a obra “Fome e a vontade de comer” (2017) nos chama maior atenção: foi produzida no ano em que o artista faleceu e, diferente dos demais objetos produzidos pelo artista expostos nos outros museus trabalhados, não se trata da galvanoplastia de um objeto cotidiano, mas uma construção poética que nos leva a reflexões sobre a situação sócio-política atual, como o retorno do Brasil em 2022 ao mapa da fome da ONU.

Ao final, espera-se que a presente pesquisa contribua não somente com o campo da museologia, mas também para o debate mais amplo sobre a necessidade de estudos críticos de perspectiva decolonial dos espaços culturais e educativos, de seus acervos e das práticas museológicas, sugerindo novos caminhos para a construção de narrativas mais inclusivas e diversificadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto uma pesquisa ainda em andamento, com o presente trabalho pretendemos apresentar a instituição e seu acervo, integrando o MAC USP ao circuito de museus universitários, além de difundir a produção do artista trabalhado, que apesar da presença no cenário museológico paulista, adentrou poucos espaços fora, estando presente nos acervos de somente mais uma instituição brasileira, o Museu Afro-Brasileiro em Salvador, e um museu fora do Brasil, Museo de La Solidaridad Salvador Allende no Chile.

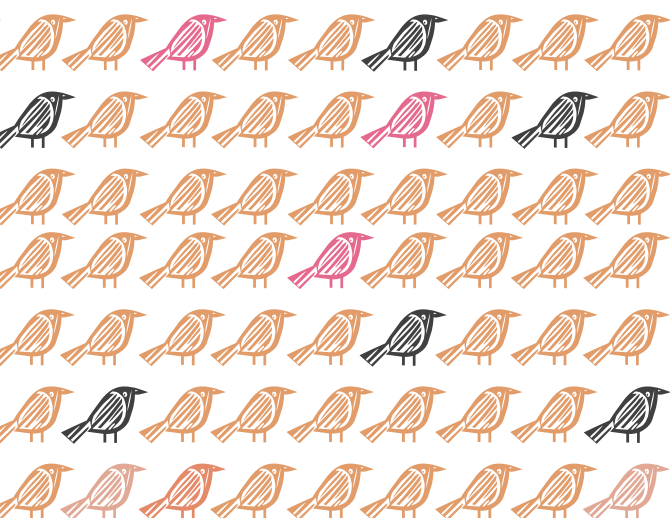
## PALAVRAS-CHAVE

Curadoria crítica; Sidney Amaral; Museu decolonial; Museus universitários.

## REFERÊNCIAS

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Tempos fraturados: exposição 2023. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2023/tempos-fraturados/index.html>. Acesso em: 17 set. 2024.

SIMÕES, Igor Moraes. Tempos fraturados: arte branco-brasileira e o caso do MAC USP. In: MAGALHÃES, Ana; COSTA, Helouise; BOGÉA, Marta (org.). Tempos fraturados. São Paulo: Edusp, 2024.



**SALA 9**  
**PESQUISA MUSEOLÓGICA,**  
**POLÍTICAS CULTURAIS E**  
**MUSEOLOGIA CRÍTICA**

Mediador  
**Aline Escandil**

Bolsista  
**Joana de Medeiros Isidio**

Ao longo das apresentações da Sala Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica, tivemos uma manhã de trocas intensas, repletas de diálogos e provocações que atravessaram diferentes perspectivas da Museologia. As falas revelaram o quanto o campo tem se ampliado, assumindo múltiplas linguagens e metodologias, e como a pesquisa em Museologia segue sendo um espaço de construção coletiva entre teoria, prática e engajamento social.

A primeira fala, de Maria Karla Belo da Silva Tavares (UNIRIO/PPGPMUS), intitulada “Levantamento preliminar dos museus de anatomia brasileiros”, apresentou um panorama detalhado e quantitativo sobre instituições dedicadas ao estudo anatômico, um recorte que costuma permanecer à margem das grandes discussões museológicas. O levantamento identificou 104 museus dessa tipologia no país, com maior concentração nas regiões Sudeste e Sul, evidenciando a ligação histórica entre esses espaços e as políticas sanitárias e educacionais do início do século XX. A autora destacou a importância de reconhecer esses acervos como patrimônio cultural da saúde e propôs o fortalecimento de grupos de pesquisa e redes colaborativas voltadas à preservação e atualização de dados.

Em seguida, Valéria (FAPERN/UERN) apresentou o trabalho “O museu como espaço cultural acadêmico: ações e vivências no Museu de Cultura Sertaneja”, que abordou o papel do museu universitário como agente social e educativo. Sua fala trouxe uma sensibilidade ímpar ao tratar da valorização da cultura sertaneja e das ações desenvolvidas em parceria com a comunidade local. Foram mostradas exposições e projetos extensionistas realizados desde 2012, como “O Sertanejo e o Trabalho”, “Memórias dos Engenhos das Casas de Farinha” e “Memórias de Comunidades Negras e Quilombolas”. A pesquisadora ressaltou a importância das ações de inclusão e acessibilidade, como oficinas de audiodescrição e atividades voltadas para mães e estudantes atípicos, demonstrando que a Museologia também é feita de cuidado, presença e escuta.

A terceira apresentação, de Victor Mendes (FAPERN/UERN), intitulada “Olhares multissemióticos por meio das fotografias do Museu Popular Francisco Dantas: arte popular em linguagens museais”, destacou o uso da fotografia como ferramenta interpretativa e crítica das exposições. O autor explorou como o olhar fotográfico pode revelar novas camadas de significado sobre o acervo e o discurso expositivo, especialmente no contexto da arte popular. A pesquisa ressaltou o papel do Museu Popular Francisco Dantas, que reúne mais de 1.500 itens e constitui um importante centro de preservação e difusão da cultura do Alto Oeste Potiguar. A fala reforçou o potencial formativo e simbólico desses museus, que operam como espaços de memória, resistência e criação coletiva.

Encerrando a sessão, Ariane Heloise (Mestrado USP) apresentou “Denilson Baniwa: museologia da arte indígena no MAC/USP”, estudo que discute o processo de incorporação da obra “Fiquei com raiva e levantei pra falar” ao acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP. A obra, exibida na 33ª Bienal de São Paulo, levantou questões fundamentais sobre a presença e o protagonismo indígena nos museus universitários, as práticas decoloniais e os desafios de salvaguarda de obras performáticas e digitais. A autora compartilhou a trajetória do processo museológico — desde os pareceres técnicos até os debates éticos sobre autoria e representação — e nos convidou a refletir sobre como as instituições podem (e devem) rever seus procedimentos à luz das epistemologias indígenas e das novas linguagens artísticas.

Nos minutos finais, constatado a ausência de alguns trabalhos, abrimos um espaço de diálogo coletivo onde grupo debateu, tirou dúvidas, fez conexões e reflexões sobre os trabalhos apresentados, num ambiente de escuta e de construção conjunta. Destaco aqui a participação da Dra. Profa Cristina Bruno, que contribuiu de maneira significativa, indicando referências teóricas, comentando experiências de pesquisa e ensino, e propondo articulações entre as apresentações. Ela também compartilhou exemplos de trabalhos desenvolvidos no Mestrado da USP, além de promover trocas de contatos entre os participantes, fortalecendo a rede de pesquisa e colaboração no campo museológico.

De modo geral, as apresentações se articularam de maneira complementar, tecendo um panorama abrangente sobre os modos de pensar e praticar a Museologia nos dias atuais. Cada fala contribuiu para expandir o olhar sobre o campo, mostrando como teoria e prática se entrelaçam nas experiências concretas dos museus e de seus agentes. A diversidade dos temas que transitaram entre a ciência, a arte, as políticas culturais e as experiências comunitárias. Evidenciou realidades distintas, mas unidas pelo mesmo propósito: o de consolidar um fazer museal, inclusivo e comprometido com as urgências sociais do presente.

Acredito que esse conjunto de apresentações gerou uma dinâmica viva e propositiva dentro do grupo, estimulando o exercício do pensamento crítico e o diálogo entre perspectivas diversas. As falas não se limitaram a relatar resultados de pesquisa, mas expandiram os caminhos a novas perguntas e possibilidades de ação, reforçando o caráter reflexivo e transformador do tema proposto na sala Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica.

Ao final, ficou evidente a relevância de espaços como o 8º Fórum Permanente de Museus Universitários, que fortalecem a troca entre vozes, trajetórias e territórios, ampliando o sentido de pertencimento e de rede dentro da Museologia brasileira. Encontros como este reafirmam que a Museologia não se constrói apenas nas

instituições, mas nas relações humanas que as sustentam, no diálogo entre gerações, experiências compartilhadas e na abertura a novos modos de pensar o museu e o seu dia a dia. Assim, esta sala se consolidou como um verdadeiro espaço de aprendizado mútuo, de escuta e de construção coletiva, reafirmando o papel da Museologia como campo propositivo de encontros, ações em conjunto, reflexão e transformação contínua.



Apresentações de comunicação oral, na sala 9 pela manhã, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 9 pela manhã, sobre Pesquisa Museológica, Políticas Culturais e Museologia Crítica - Fotógrafo: Flávio Almeida

## Conhecer para preservar: levantamento preliminar das Coleções e Museus de Anatomia no Brasil

Bianca Scofano Barbosa (PPGHCS/FIOCRUZ) - biancascofano@gmail.com

Maria Karla Belo da Silva Tavares (PPGPMUS/UNIRIO) - mariakarlabele@gmail.com

Maurício Cândido da Silva (MAV/FMVZUSP) - maumal@usp.br

Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira (IOC/FIOCRUZ) - barbaradias@ioc.fiocruz.br

Marcelo Pelajo-Machado (IOC/FIOCRUZ) - mpelajo@ioc.fiocruz.br

### INTRODUÇÃO

O estudo apresenta um levantamento inicial dos museus de anatomia e suas coleções no território brasileiro, a fim de articular problemáticas em comum que tais instituições vivenciam cotidianamente na busca da preservação de seus acervos, proveniente de práticas médicas, de saúde pública e de ensino superior (Serres, 2015, p.1412). A pesquisa integra as proposições do grupo de trabalho 'Museus de Anatomia, Patologia e Histologia' criado em 2024, que surge a partir da necessidade de articulação de gestores e especialistas frente aos desafios de preservação e gestão do patrimônio cultural das ciências e da saúde (Silva, 2019, p. 298). Se na virada do século XIX, a formação de coleções anatômicas era incentivada e associada ao ensino de uma disciplina científica, no caso, a medicina, patologia e a veterinária, atualmente percebe-se a possibilidade de novos usos e apropriações por parte da sociedade. Ao mesmo tempo, tais processos impõem desafios como discussões a respeito da manutenção do acervo e a exposição ética de espécimes, em especial de corpos humanos (Alberti; Hallam, 2013). Dessa forma, a comunicação destaca que, apesar dos avanços, é imprescindível reconhecer a importância destas coleções tanto para a formação dos museus no país quanto na produção de conhecimento, assim como o potencial de estudos para diversas áreas científicas, como ferramenta de inovação e divulgação científica (Handfas, 2018).

### MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho consiste em um estudo exploratório e quantitativo elaborado a partir do levantamento prévio no repositório da Rede de Coleções e Museus Universitários (RBCMU) com 84 instituições de anatomia humana e veterinária listadas - <http://rbcmu.com.br/>. No entanto, a pesquisa buscou ampliar as informações coletadas, a partir da inserção de acervos de instituições provenientes de institutos de pesquisa, fundações, hospitais e museus de outras entidades, para além das Instituições de Ensino Superior. Dessa forma, realizamos a revisão dos dados coletados com tabela estruturada com os seguintes campos: (1) nome, (2) ano de

fundação, (3) especialidade anatômica (zoologia, humana ou comparada), (4) contato e (5) localização (estado e região). As informações foram acrescentadas a fim de contextualizar as instituições e ampliar o conhecimento desses acervos pensando no fortalecimento do GT de Museus de Anatomia, Patologia e Histologia. Ainda, analisamos os repositórios do Cadastro de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC) e o projeto de levantamento de Museus de Ciências pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) que ampliou para 105 instituições, com os seguintes termos: coleção de anatomia, anatomia patológica, anatomia veterinária, zoologia, anatomia humana e outros.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Museus e Universidades são instituições historicamente interligadas, atuando na formação de coleções e na preservação do patrimônio cultural e científico (Bruno;Silva, 2019). No Brasil, os primeiros museus, como o Museu Nacional e o Museu Emílio Goeldi, surgiram no século XIX e foram fundamentais para a institucionalização das ciências (Lopes, 1997;2009). No entanto, ao contrário da Europa que tem a criação de museus universitários sobretudo no século XIX, a associação com universidades brasileiras se intensificou a partir da década de 1930, com a reforma varguista, quando museus passaram a ser incorporados às universidades, como o Museu Nacional à UFRJ, em 1946 e o Museu Paulista à USP, em 1963. No Brasil, as primeiras coleções de anátomo-patologia e histopatologia surgiram no início do século XX, impulsionadas pela Medicina Experimental e pela Bacteriologia que ganharam força na América latina neste período (Tavares, Barbosa, Dias, 2023). Os resultados obtidos com o levantamento dos museus de anatomia existentes no país corroboram com o contexto explicitado acima no qual também se percebe um crescimento exponencial de museus dessa tipologia nas últimas quatro décadas. Além disso, a maior concentração de coleções de anatomia se encontra nas regiões sudeste e sul (67,2%). Em sua maioria, as instituições identificadas são de zoologia e de veterinária (53,8%), o que acreditamos que tenha como raiz a forte tradição da História Natural em relação a Anatomia Humana. Ainda assim, o quantitativo de coleções de anatomia humana é expressivo (38.5%), demarcando a importância destas coleções para o ensino médico no país. Outros 6,7% dos museus identificados possuem coleções de anatomia humana e veterinária. Por fim, acreditamos que as políticas culturais e de museus estabelecidas nas últimas décadas são marcos importantes para pensar o crescimento de museus universitários no país, além de serem ferramentas de fortalecimento do papel e atuação destas instituições no cenário brasileiro com a sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente comunicação evidencia a importância dos museus e universidades como espaços fundamentais para o ensino, a formação e a preservação do patrimônio científico-cultural. Os dados indicam uma quantidade expressiva de museus desta tipologia, sobretudo de veterinária, que tem seu crescimento nas últimas décadas. O levantamento também expõe que a maioria das coleções de anatomia estão salvaguardadas em museus universitários, ressaltando o viés do ensino nas instituições museais e suas potencialidades de usos para a academia e a sociedade, como a divulgação científica. Ainda assim, desafios como a falta de representatividade dos museus e coleções de anatomia entre os pares é uma situação que impacta não só no fortalecimento, mas também no estabelecimento de diretrizes específicas para o campo, como a exposição ética destas coleções.

## PALAVRAS-CHAVE

Museus de Anatomia; Museus Universitários; Coleções Biológicas; Museologia

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, S; J.M.M.; HALLAM, E. Bodies in Museums. In: Medical Museums: Past, Present, Future. London: Royal College of Surgeons, 2013.

HANDFAS, Ethel Rosemberg. O Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia nas Universidades: os objetos e coleções da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2018. 151f.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. Editora Hucitec, 1 edição, 2009.

SILVA, Maurício Cândido da. A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. Revista CPC, v. 27, n. ja/jul., p. 297-309, 2019.

SILVA, Maurício Cândido da; Bruno, Cristina. Coleções e museus universitários. In: CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. A pesquisa em Museologia ou por uma pesquisa adjetivada. 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/356493175\\_A\\_pesquisa\\_em\\_Museologia\\_o\\_u\\_por\\_uma\\_pesquisa\\_adjetivada](https://www.researchgate.net/publication/356493175_A_pesquisa_em_Museologia_o_u_por_uma_pesquisa_adjetivada). Acesso em: 2 maio 2025.

SERRES, Juliane Conceição Primon. Preservação do patrimônio cultural da saúde no Brasil: uma questão emergente. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.4, out.-dez. 2015, p.1411-1426.

TAVARES, Maria Karla Belo da Silva; BARBOSA, Bianca Scofano; OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzébio Pereira. Museu e medicina experimental: A coleção da seção de anatomia patológica do Museu da Patologia. In: RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus (orgs.). Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: Da cultura material à gestão de museus. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2023. p. 265-283.

## O museu como espaço cultural acadêmico: ações e vivências no Museu de Cultura Sertaneja - MCS/CAPF/UERN

Valéria Inajara Costa Fernandes (FAPERN/MCS/UERN) - valeraiinajara@hotmail.com

José Gevildo Viana (MCS/UERN) – josegevildo@uern.br

Victor Rafael do Nascimento Mendes (UERN/PPGL-CAPE) – vrn Mendes@gmail.com

André Felipe Barros e Queiroz (FAPERN/MSC/UERN) – lipebarrosqueiroz.15@gmail.com

Artur Martins de Oliveira (MCS/UERN) - artur20240045630@alu.uern.br

### INTRODUÇÃO

Os museus contemporâneos ultrapassam sua função tradicional de conservação e exposição de acervos, assumindo papéis educativos, sociais e culturais (Chagas, 2003; Gohn, 2006). Inserido nessa perspectiva, o Museu de Cultura Sertaneja (MCS), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), destaca-se como espaço de valorização da identidade sertaneja e de promoção do diálogo com a comunidade, articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão. Vinculado ao Projeto de Extensão Raízes da Cultura Sertaneja (PROCULT), o MCS realiza ações educativas e culturais que compreendem uma participação da comunidade acadêmica e externa, e com base em temáticas voltadas para a cultura sertaneja vêm realizando suas exposições, curadorias.

Ultimamente o MSC vem estabelecendo parcerias institucionais de suma importância para o fazer ciência e cultura na região, e dentre essas parcerias, destacamos a presença da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN), que até então, vem abrindo editais para bolsista remunerados, com o propósito de selecionar projetos que fomentem cada vez mais as ações do MCS. Para tanto, objetivamos com esse trabalho, apresentar alguns dados de uma pesquisa ainda em andamento, que está sendo realizada mediante parceria, MSC e FAPERN, intitulada, “Museu de Cultura Sertaneja: inovação, tecnologia e arte”. Tal pesquisa tem como propósito, fazer um mapeamento das visitas e pesquisas desenvolvidas no MCS desde sua criação (2012) até os dias atuais, observando os impactos dessas atividades para o desenvolvimento científico e tecnológico do território do Alto Oeste Potiguar no qual pauta a atuação do MCS.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho baseia-se na vivência do bolsista pesquisador no MCS entre 2024 e 2025. Para tanto, foram organizadas coletas de dados institucionais — exposições,

eventos, visitas, entrevistas e acervos — por meio de levantamento e sistematização documental, com base em fontes internas (MCS, 2025) e em algumas também externas, mas vinculadas de algum modo ao MCS. As atividades que balizam essa pesquisa envolvem também ações multidisciplinares como oficinas, rodas de conversa e curadoria e exposições, a exemplo da atual exposição comemorativa “SerTão da Gente”. As metodologias utilizadas incluíram a organização dos dados por meio de elaboração de registros fotográficos, relatórios, tabelas, planilhas e entrevistas, bem como participação ativa em eventos promovidos pelo próprio MCS, e de suas parcerias institucionais, como a do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo ainda em fase inicial, considerando a meta 01 colocada no projeto, de identificar, através dos registros feitos, as escolas públicas, particulares, instituições de ensino técnico e superior que visitaram o Museu de Cultura sertaneja no período de 2012 a 2025 durante suas exposições, a sistematização dos dados aponta para um importante impacto de um número considerável de visitantes ao MCS ao longo de seus 12 anos de atuação. Com mais de 12 mil visitas registradas, o MCS recebeu públicos, notificados até então, de 15 estados brasileiros (RN, PB, CE, PE, BA, PI, SP, PR, RS, DF, GO, SC, PA, AM, MA) e três países (França, África e Portugal). Além disso, observou-se também que já foram realizadas sete exposições próprias com temáticas sobre sujeitos sertanejos e sua cultura local, a saber “O sertanejo e o trabalho”, “Casa arrumada”, “Memórias dos engenhos e das casas de farinha”, “Andanças e memórias dos vaqueiros no Alto Oeste Potiguar”, “Memórias da passagem da Coluna Prestes no Alto Oeste Potiguar”, “Cultura e Resistência: memórias das comunidades negras e quilombolas no Alto Oeste Potiguar” e “Exposição Itinerante e Comemorativa ‘SerTão da Gente’” e recebidas duas mostras externas “Mulheres Pioneiras Pau-ferrenses” e “Do Vale ao Alto: o que me toca”. Quanto aos eventos, já foram realizados mais de 25 como de natureza cultural educativa, a citar Seminário “O Encanto do Cordel – Uma abordagem histórica e literária” (2012), Curso de Desenho de Lápis Grafites (2016) e 4ª Boca de Noite: “A cultura popular no espaço acadêmico: desafios e perspectivas” (2024), reforçando o caráter propulsor e de articulação com a comunidade acadêmica e externa, contribuindo assim no fomento da cultura e sua vivência junto a população do território sertanejo.

Ações como a “Primavera dos Museus” de 2024, com o tema “Museus, acessibilidade e inclusão”, mobilizaram diferentes públicos. Atividades voltadas para alunos da APAE, grupos de mães atípicas, idosos do grupo “Conviver” e o público geral

mostraram que o museu é um espaço inclusivo e sensível à diversidade. Oficinas de audiodescrição e rodas de memória fortaleceram o papel do MCS como lugar de escuta ativa e produção de sentidos (Desvallées & Mairesse, 2013; Chagas, 2003). Damos destaque também, a atual exposição “SerTão da Gente”, lançada em 2025, sintetizou as temáticas abordadas ao longo dos anos, promovendo a itinerância e o diálogo com outros municípios. A integração com a comunidade e a atuação em rede, por meio de parcerias com escolas, associações e projetos, contribuem para a democratização do conhecimento e a valorização da cultura regional (Santos, 2008; Bruno, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para efeito de conclusão, mesmo considerando a pesquisa institucionalizada pela FAPERN ainda em andamento, essa vem contribuindo de forma significativa com a sistematização, organização e tabulações dos dados do MCS, garantindo o zelo pelas informações e constituição de um corpus, que o MCS já constituiu por meio de pesquisas já realizadas sobre seu acervo, bem como, podendo impulsionar novas pesquisas. Dito de outro modo, mesmo em andamento, o projeto já apresenta contribuições significativas, como a facilitação do acesso à memória institucional do MCS e o estímulo a novas pesquisas. A atuação do MCS no Alto Oeste Potiguar reforça o papel da universidade pública na promoção da cidadania, da inclusão e da valorização dos saberes locais.

Pelos dados apresentados, já se delinea uma forte atuação do MCS para o desenvolvimento da região, no tocante aos aspectos dos bens culturais, garantindo assim o fortalecimento institucional do museu, dando visibilidade ao seu alcance educativo, científico e cultural e tecnológico, e o seu potencial para o desenvolvimento do território, da região, ou seja, os dados apurados até o momento inicial de nossa pesquisa, incide na afirmativa de que o MCS vem se consolidando cada vez mais como espaço de memória, cultura e educação, resultantes de diálogos profícuos entre universidade e sociedade.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu. Cultura Sertaneja. Educação. Inclusão. Patrimônio Cultural.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN). Ao Museu de Cultura Sertaneja (MCS/UERN). Ao Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF/UERN) e à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

## REFERÊNCIAS

BRUNO, M. C. O. Museu, memória e patrimônio cultural. São Paulo: ACAM Portinari, 2009.

CAPF – Campus Avançado de Pau dos Ferros. Museu de Cultura Sertaneja. UERN, 2021.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. Conceitos-chave de museologia. São Paulo: ICOM, 2013.

D'ANGELO, L. Museus e educação: o papel do espaço museológico na sociedade contemporânea. 2019.

GOHN, M. G. Educação não-formal e cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus. Primavera dos Museus. Disponível em: <https://www.gov.br/museus>.

## **Olhares multissemióticos por meio de fotografias do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas/RN: arte popular em linguagens museais**

André Felipe Barros e Queiroz (UERN) – lipebarrosqueiroz.15@gmail.com  
Victor Rafael do Nascimento Mendes (UERN/PPGL-CAPEs) – vrn Mendes@gmail.com  
José Gevildo Viana (MCS/UERN) – josegevildo@uern.br  
Valéria Inajara Costa Fernandes (FAPERN/MCS/UERN) - valeriainajara@hotmail.com  
Arthur Martins de Oliveira (MCS/UERN) - artur20240045630@alu.uern.br

### INTRODUÇÃO

A valoração da arte popular<sup>[1]</sup> no panorama cultural brasileiro tem produzido efeitos positivos no atual cenário museológico do país, já que, durante longo período, a produção industrial teve grande papel para a desvalorização desse campo.

Historicamente, a relação de percepção do design brasileiro, vindo das classes populares, em figuras como a arquiteta Janete Costa, por exemplo, apresenta e insere a arte popular em seus interiores projetados. Seguindo o mesmo parâmetro, a arquiteta Lina Bo Bardi realizou a exposição, “A mão do povo brasileiro”, na inauguração do MASP, cujo objetivo foi de provocar a crítica a perceber que uma obra de uma artista conhecido e um objeto da cultura popular equiparam-se como trabalho. No Rio Grande do Norte, destacam-se: Antônio Marques e Francisco Francinildo, ambos do Natal RN, merchants e pesquisadores de arte popular, os quais realizam importante coleta e levantamento do trabalho de artistas potiguares, bem como de artistas do nordeste.

Na atualidade, considerando os territórios interioranos do estado do Rio Grande do Norte (RN), encontramos, na região do Alto Oeste Potiguar, o trabalho pioneiro do Professor Doutor Jairo José Campos da Costa, Pós-Doutorado em Letras/Estudos Literários, Colecionador, Museólogo e Incentivador da produção artística sertaneja no país. No intuito de popularizar o acesso aos museus, criou/institucionalizou museus ligados à Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e, em sua cidade natal, Francisco Dantas, no RN, restaurou e transformou a casa de sua avó em um Museu de Cultura Popular.

[1] Categorizamos o “artesanato” dentro do leque terminológico da “arte popular”, uma vez que a produção artesanal é, por excelência semântica, um campo artístico cultural.

Reconhecendo a grandeza histórica, identitária, museal e “multissemiótica” (Kress; Van Leeuwen, 2001) do trabalho desenvolvido pelo Professor Jairo Campos, surgimos a seguinte indagação: de que modo o Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas valoriza a arte popular em suas exposições? Considerando a multissemiótica da arte popular, que linguagens estão presentes na curadoria do museu? Para responder aos questionamentos, delimitamos os nossos objetivos em: apresentar um relato de experiência fotográfico acerca da disposição museal do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas, bem como analisar a composição sistêmica e multissemiótica das linguagens dispostas no espaço museal.

## MATERIAIS E MÉTODOS

No intuito de compreender melhor a dinâmica do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas, realizamos, em princípio, visita técnica ao espaço físico museológico, realizando levantamento esquemático arquitetônico de cada ambiente existente, registrando falas com instrumentos de coleta de áudio, coleta de documentos bibliográficos e, principalmente, através de registros fotográficos. As fotografias nos permitiram apresentar, visualmente, o espaço museológico de modo multissemiótico (Kress; Van Leeuwen, 2001). Os instrumentais da pesquisa utilizados foram: câmera fotográfica profissional, softwares de tratamento das imagens, computador para armazenamento de arquivos disponibilizados pelo museu;

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Museu estudado é um espaço de visitação gratuita, constituído, aproximadamente, por 1.500 peças, sem considerar espaços de biblioteca, midiateca, bonecas de pano e bordados. O acervo é constituído em 90% de arte popular de diferentes linguagens/gêneros/tipologias e em 10% de antiguidades.

A visão inicial do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas já evidencia o grande acervo constituído com diversas linguagens, gêneros e tipologias de arte popular. No entanto, essa visão não consiste em um amontoado de objetos, sem contexto ou coerência, já que a curadoria e a expografia do ambiente tiveram o cuidado em dividir os itens museais por categorias temáticas e com espaços específicos. Do ponto de vista do panorama visual e descritivo, é possível encontrar a importância do equipamento museal em diversas frentes: cultural, turística, educativa, social, formativa, tecnológica etc. As lentes fotográficas buscam descrever, através dos registros feitos, o que uma “pequena casa amarela de portas azuis” consegue realizar em uma região árida de políticas públicas, sobretudo culturais.

Durante o trabalho, enfrentamos alguns desafios no sentido de conseguir transmitir, através do registro fotográfico, um espaço pequeno com um universo de objetos, ao mesmo que compreendemos, a partir das leituras multissemióticas das peças museais, o conceito dualista intimista-expressivo, que evoca olhar e a identidade singular do colecionador e da memória coletiva sertaneja. Sendo assim, consideramos que o Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas sistematiza a oportunidade de leituras de diversas naturezas temáticas, as quais estão vinculadas ao tema central de cada ambiente curatorial do museu (Kress; Van Leeuwen, 2001). O papel da fotografia, nesse sentido, é desafiador, uma vez que requer olhar atento para captar, pelo menos, o maior número de leituras e interpretações possíveis das peças museais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A casa popular da avó do Professor Jairo Campos, hoje Museu de Cultura Popular, salvaguarda em suas paredes um mundo de deslumbramento em seu interior, possibilitando um ambiente de ampliação do repertório cultural por meio do fazer museológico-popular. O contato com o Museu resultou em novas experiências e possibilidades no entendimento de um panorama da arte popular brasileira em um espaço mínimo que, pelas lentes fotográficas, se registra apenas um pequeno recorte.

Neste trabalho, a coleta e apreciação dos dados foram suficientes para responder os questionamentos apontados, já que o referido museu é hoje um dos principais ambientes de salvaguarda da arte popular, o que, por esse motivo, já dimensiona a valorização. No que se refere à multissemiótica, percebemos, pelos registros fotográficos realizados, que a arte popular oportuniza a leitura de diversas naturezas temáticas, as quais estão vinculadas ao tema central de cada ambiente curatorial do museu, à identidade do colecionador e à memória coletiva.

Com as respostas obtidas, atingimos os objetivos propostos, uma vez que apresentamos um relato de experiência fotográfico acerca da disposição museal do Museu de Cultura Popular de Francisco Dantas, bem como analisamos a composição sistêmica e multissemiótica das linguagens/itens museais dispostos no espaço.

## PALAVRAS-CHAVE

Multissemiótica. Arte popular. Fotografia. Linguagens. Museu.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à FAPERN por possibilitar fomento à pesquisa. À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Ao Campus Avançado de Pau dos Ferros/RN (CAPF/UERN). Ao Museu de Cultura Sertaneja (MCS/CAPF/UERN). Ao Prof. Dr. Jairo Campos, por levantar no sertão potiguar um espaço voltado à cultura popular.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Jairo José Campos da. O sertão Potiguar e a coleção Jairo Campos: (Re)leituras da arte popular brasileira. Maceió, AL: Editora Olyver, 2021. Acesso em março 2024.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication. New York: Oxford University Press, 2001.

## Denilson Baniwa no MAC USP: musealização de arte indígena

Ariane Heloise de Carvalho (USP) - arianehc@usp.br

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, ainda em andamento, tem como objetivo o estudo do processo de musealização da obra “kéeroa nhoa, nhiníko hótshome kaakó karo nhoa [fiquei com raiva e levantei-me para falar]” (2018-2021), do artista Denilson Baniwa, doada ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP). Este estudo é parte da pesquisa de mestrado da autora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, intitulado “Perspectivas acerca da gestão de arte indígena contemporânea em acervos de museus de arte brasileiros”, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dra. Marília Xavier Cury, o qual tem como objetivo a investigação de procedimentos museológicos, políticas e gestão de acervos de museus de arte em relação a obras de arte indígena.

Portanto, para o 8º FPMU, será apresentado o estudo da documentação referente ao processo de doação da obra de Denilson Baniwa, considerando as políticas de aquisição, gestão de acervo e os processos de musealização de obras no MAC USP, a fim de compreender suas características institucionais e seus projetos políticos de inserção de artistas indígenas no panorama institucional do museu. Além disso, por meio de análise de entrevista com o artista, o estudo também irá considerar a percepção do artista em relação aos procedimentos adotados para a musealização de sua obra, a fim de entender suas perspectivas e estratégias referentes à participação indígena no circuito das artes.

A doação da obra de Denilson para o MAC USP, apesar de representar a única obra de arte indígena no museu até o momento, consiste em um movimento de prática decolonial dentro das atividades do museu, extremamente necessária para a reflexão sobre estratégias decoloniais, como forma de valorizar a construção de narrativas historicamente excluídas do modelo hegemônico de museu e, conseqüentemente, dos museus universitários.

Sendo o MAC USP vinculado à Universidade pública, há o compromisso ético e democrático de trazer voz e representatividade para dentro do museu, também como uma forma de atualização dos equipamentos culturais universitários, para a ressignificação histórica e desprendimento das lógicas coloniais a partir de ações dialógicas entre arte e pesquisa.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo se baseia na pesquisa em fontes primárias, com a análise de documentos, atas e entrevistas que narram o processo de doação da obra, desde o projeto de doação até as decisões do conselho deliberativo, documentos estes presentes no arquivo documental do MAC USP.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra estudada partiu de um processo de doação do artista, a partir de um projeto elaborado juntamente com a Prof<sup>a</sup> Dra. Fernanda Pitta, curadora do MAC USP. De acordo com a documentação disponibilizada pelo museu,

1) O vídeo faz parte de uma série de performances realizada por Denilson Baniwa em uma espécie de co-autoria com a entidade Pajé-Onça, por isso pode ser também indicada como uma ação da série "Performance Pajé-Onça". O vídeo apresenta a versão final e completa da ação realizada em 17 de novembro de 2018, em São Paulo, que contemplou a caminhada do "Pajé-Onça" iniciando no Monumento às Bandeiras, passando pelo Parque do Ibirapuera, pela Oca (Pavilhão Lucas Nogueira Garcez), pelo MAM SP (Museu de Arte Moderna de São Paulo), e chegando na 33a Bienal de Arte de São Paulo, quando o artista realizou a performance intitulada "Pajé-Onça hackeando a 33a Bienal de Artes de São Paulo". [...]

Ainda, a documentação aponta que obra foi apresentada na exposição Moqué<sup>m</sup>\_Sura<sup>í</sup>: arte indígena contemporânea, ocorrida de 04/09/2021 a 28/11/2021, no Museu de Arte Moderna de São Paulo - São Paulo, São Paulo, e foi apresentada por meio de um QRCode, criado pelo artista, para o acesso ao vídeo.

A relevância da entrada da obra de Denilson no MAC USP se dá pelo fato de que o museu, enquanto instituição, chegou ao Brasil e foram instaurados com o intuito de um projeto civilizatório reproduziam a homogenia do conhecimento, em uma posição de replicação dos modelos europeus. A partir dessa perspectiva, Waldisa Rússio aponta:

Numa visão diacrônica, verifica-se que [...] se pode sentir a existência de um passado que, certamente, existe, mas não sedimentou suficientemente. Talvez, pela razão mesma de ter, o Museu, se antecipado - como instituição - à própria Independência, carregando, assim, consigo, muito de uma mentalidade colonial ou colonizada. (GUARNIERI, 1979, p. 08)

Esta configuração de museu que se desenvolve a partir do legado colonial baseia-se no princípio da narrativa única, aquela contada pelo homem branco europeu, que assim promove um epistemicídio ao não permitir a entrada de outras vozes e perspectivas que destoem da ficção heroica do colonialismo. Além disso, a imposição da ideologia de supremacia da cultura europeia projeta uma universalidade ocidental, que hegemoniza e apaga a diversidade artística e cultural dentro das instituições.

A partir dessa pontuação, compreende-se a importância dos acervos e coleções de arte para a visibilização de artistas racializados, de forma a possibilitar um rompimento “com as práticas de domesticação e colonização, com a anestesia e o entorpecimento produzidos pela museologia colonialista” (CHAGAS, 2017, p. 126) e dar um passo rumo ao que pretendia o movimento da Nova Museologia, de estabelecer relações com a sociedade de forma participativa e constitutiva na elaboração de seu discurso institucional e nos usos do museu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento, procura pontuar as formas de participação de artistas indígenas nos sistemas das artes e nos museus universitários. Nesse sentido, a presença indígena no museu se torna cada vez mais urgente com este panorama de funcionamento, de modo que adentrem na instituição museal a qual só estão acessando como agentes na contemporaneidade, como discorre Marília Xavier Cury, “ora requalificando coleções outrora formadas por antropólogos, ora elaborando autonarrativas a serem comunicadas por meio de exposições ou outras estratégias.” (CURY, 2016a, p. 12). A afirmação da presença indígena em acervos de arte também é uma forma de enfrentamento de processos coloniais (OLIVEIRA, 2023) e precisa ser pensado de forma holística a partir de perspectivas indígenas acerca dos processos museológicos, curatoriais, gestão de acervo e de preservação.

## PALAVRAS-CHAVE

Arte Indígena. Museu de arte. Musealização. Política de gestão de acervo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à PROAP – Programa de Apoio à Pós-graduação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por possibilitar a participação no 8º FPMU.

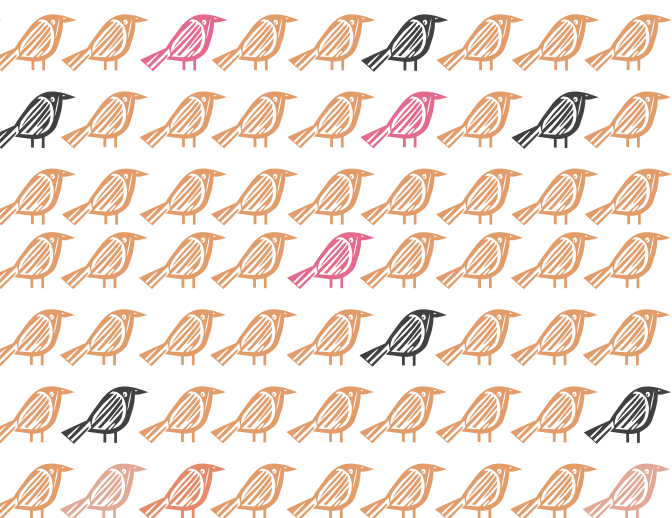
## REFERÊNCIAS

CHAGAS, Mário. Museus e Patrimônios: Por uma poética decolonial. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 35, p. 121-137, 2017.

CURY, Marília Xavier (2016a). Introdução. Direitos indígenas no museu: novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão. (Coleção Museu Aberto). Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2016, p. 12-22.

GUARNIERI, W. Russo. Existe um Passado Museológico Brasileiro? O Estado de São Paulo, Suplemento Cultural, Ano III, n. 143, 29 jul. 1979, pp. 6-8.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. A presença Indígena. *Jornal da USP*, 5 de jun. 2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=646471>>.



**SALA 9**  
**EDUCAÇÃO E MEDIAÇÃO**  
**CULTURAL**

Mediador  
**Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez**

A sala destacou como mediação, itinerância e práticas participativas aproximam ciência, arte e comunidade. Em Educação patrimonial itinerante: o museu vai à escola, o MIPA/UFC apresentou um percurso que integra paleontologia e arqueologia em duas frentes expositivas, com fósseis, réplicas, artefatos e painéis, tudo acondicionado em expositores móveis pensados para circulação escolar. O projeto nasce do LABBAT/NPDM e da Reserva Técnica de Arqueologia, com autorização do IPHAN, e articula extensão, pesquisa e formação de equipe. A mostra percorreu escolas e eventos, registrando 1.508 visitantes em três edições recentes, com forte adesão estudantil e perguntas que revelam curiosidade genuína sobre evolução, fossilização e culturas pretéritas. Sem cobrança e com canais de agendamento acessíveis, a iniciativa transforma a exigência legal de educação patrimonial em prática concreta de divulgação científica e estímulo vocacional.

Em Como somos por dentro do corpo? o Museu de Anatomia da UFRJ apresentou uma coleção visitável criada em 2017 no CCS/Ilha do Fundão, organizada em 15 vitrines e 4 expositores com mais de 200 peças humanas, além de modelos, fotografias, pinturas e ceroplastia. A mediação ativa sustenta a experiência: dinâmicas lúdicas como a “Cadeira da Confiança” (percepção tátil com olhos vendados), quebra-cabeças, jogos de sistemas e a vitrine interativa #Eunavitrine favorecem autonomia, diálogo e conforto do público diante de um tema sensível. O museu recebe cerca de 1.500 pessoas/ano e já formou mais de 120 extensionistas, que produzem materiais didáticos e conteúdos para redes, ampliando o alcance educativo para além da visita.

A dimensão criativa aparece nas Visitas Desenhadas do MAUC/UFC, atividade do programa de extensão Desenhando no Museu, baseada na Abordagem Triangular (ver-contextualizar-fazer). Entre agosto e dezembro de 2024, foram oito visitas em exposições temporárias e permanentes (rendas, Sertão Galvão, Aldemir Martins, Descartes Gadelha, Raimundo Cela, Antônio Bandeira, Chico da Silva). O desenho de observação seguido de criação autoral consolidou conteúdos, estimulou trocas e conectou biografias dos artistas às trajetórias das/dos participantes, reforçando o museu como espaço de pertencimento e aprendizagem estética.

No eixo do patrimônio urbano, Na Trilha do Patrimônio – Memória e Pertencimento (Museu da UFRGS) propôs caminhadas contemplativas pelos quarteirões do campus central, combinando aula dialogada com roteiro a céu aberto. A metodologia costura história da universidade, arquitetura, sujeitos que ergueram os edifícios e narrativas do cotidiano acadêmico, valorizando dimensões tangíveis e intangíveis. As edições receberam avaliações positivas, geraram novos roteiros e aproximaram setores institucionais (Patrimônio Histórico, Observatório Astronômico, Centro Cultural), enquanto defendem o caminhar lento como prática política de reocupação da cidade e de educação patrimonial.

Fechando o conjunto, Imaginários sobre animais peçonhentos (NOAP/UFBA em parceria com escolas de Iraquara/BA) levou a exposição “Os bichos do museu vão às comunidades – Ciência Móvel” a duas localidades rurais, alcançando cerca de 300 estudantes e 200 moradoras(es). Com mediação especializada, ações como REDEZOO em Cena, zoologia viva, kits educativos e podcasts abriram conversas sobre prevenção, ecologia e saúde pública, resignificando medos e estereótipos. O encontro com serpentes, aranhas e escorpiões – em segurança e com rigor ético – ativou perguntas potentes e transformou conhecimento técnico em repertório cotidiano para redução de riscos.

Em síntese, a sala demonstrou caminhos complementares para educar com museus: ir até a escola, abrir acervos com mediação sensível, criar por meio do desenho, caminhar para habitar o patrimônio e dialogar com urgências locais. A tônica é comum: formação discente em serviço, redes interinstitucionais, acessibilidade e produção compartilhada de saberes — práticas que ampliam cidadania cultural e consolidam os museus universitários como motores de aprendizagem, memória e cuidado com a vida.



Apresentações de comunicação oral, na sala 9 pela tarde, sobre Educação e Mediação Cultural- Fotógrafo: Flávio Almeida

## Educação patrimonial itinerante: o museu vai à escola

Antônio Sílvio Teixeira dos Santos (UFC) - antsiltei@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato de caso sobre o Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia (MIPA), um projeto de extensão gerido pelo Laboratório de Bioarqueologia Translacional (LABBAT) e Reserva Técnica de Arqueologia (RTA), ligados ao Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional (PPGMT), vinculado ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (FAMED-UFC). E aborda a interface de interação museal, extensão e pesquisa, relatando os métodos de exposição, abordagens de temas, contextualizando a problemática: é necessário levar o museu na escola? Apresenta excertos de entrevistas e avaliações dadas pelos participantes.

O MIPA é fruto do esforço coletivo do NPDM em incentivar crianças e adolescentes a despertarem o interesse pela ciência. Inspirado na exposição itinerante do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (LABAP-UEPB), o MIPA é um dos resultados de uma parceria feita entre pesquisadores da UFC e da UEPB no ano de 2020, que visava, naquele ano, desenvolver a primeira pesquisa em bioarqueologia com remanescentes ósseos da Paraíba ([Santos, 2023](#)).

Em 13 de dezembro de 2023 o Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) aprovou pelo Parecer Técnico nº 19/2023 (DEPAM-IPHAN), o LABBAT-NPDM-UFC como instituição de guarda de materiais arqueológicos. Foi constituída a Reserva Técnica de Arqueologia (RTA-NPDM), organizada pelos pesquisadores do LABBAT. Para montar os expositores as peças foram selecionadas dentre fósseis e artefatos arqueológicos, réplicas e ferramentas utilizadas em campo e em laboratório.

O LABBAT conta com um professor visitante, três doutorandos, uma mestranda e um graduando. Esta equipe multidisciplinar conta com membros que já tiveram experiências em museus, gerando uma dinâmica profissional de transmissão de saberes museológicos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Foram confeccionados vinte expositores de madeira, todos com tampa de vidro, alças laterais e fechadura, forrados com Etil Vinil Acetato (EVA), onde as peças foram fixadas com presilhas plásticas (enforca gato) para evitar qualquer tipo de movimento durante os deslocamentos.

A exposição é dividida em dois blocos: 1. Paleontologia, com fósseis dos períodos Cambriano, Cretáceo, e Quaternário, e réplicas de crânios; 2. Arqueologia, remete ao período Holoceno, com artefatos de pedras lascadas, artefatos de pedras polidas, artefatos malacológicos (conchas), cerâmicas da etnia Tupi, representações de pinturas rupestres da tradição Nordeste, Subtradição Seridó, remanescentes ósseos humanos mineralizados de 1.140 anos antes do presente (Cavalcante; da Silva Limeira, 2023).

Foram elaborados três cartazes com imagens e textos, apresentando o MIPA, abordando o tema paleontologia, e o terceiro abordando o tema arqueologia.

A exposição de Paleontologia aborda conceitos de períodos geológicos, surgimento da vida, processos evolutivos, diversidade biológica, extinção, processos de fossilização, jazigos fossilíferos no estado do Ceará, processos de escavação, classes de vertebrados, interações paleoambientais e paleoclimáticas.

A exposição de Arqueologia aborda sobre a hipótese da origem do homem no Nordeste do Brasil, tecnologia lítica, a cerâmica como utilitário do cotidiano e de ritos funerários, arte rupestre, contextos funerários, sítios arqueológicos no Ceará, métodos de escavações.

Para solicitar a exposição itinerante do MIPA a escola pode contactar o LABBAT via redes sociais (<https://www.instagram.com/labbat.npdm.ufc>), pode enviar ofício ao gabinete da direção do NPDM (<https://npdm.ufc.br/pt/>) ou através dos membros via e-mail ([rta.npdm@ufc.br](mailto:rta.npdm@ufc.br)). Não é cobrado nenhum tipo de valor financeiro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O escopo de saberes na exposição do MIPA é multivariado, multidisciplinar e transpassa os limites das especialidades "arqueologia e paleontologia".

Segundo relatos dos visitantes é sempre “surpreendente” e “fascinante” ver tamanha diversidade científica em uma exposição. Os estudantes interagem bastante com os facilitadores diante dos expositores, não só fazendo perguntas, mas fazendo afirmações.

As crianças, por sua vez, fazem perguntas interessantes sobre: o que comem as trilobitas? Seria a preguiça gigante parente do Sid do filme A Era do Gelo? Por que a megafauna era tão grande? Como que o peixe se transforma em rocha? O que é esse membro aqui nesta pintura rupestre? Existe girafa fóssil? Dinossauro era colorido?

No ato da elaboração do presente artigo, passaram pela exposição do MIPA 1.508 (mil quinhentas e oito) pessoas, todas devidamente registradas em listas de frequência relacionadas em livro ata. Foram realizadas três exposições ao todo: uma no dia 14/03/25 no evento de 10 anos de comemoração do NPDM; uma no município de Jaguaribara no dia 02/05/25, e a uma realizada no colégio Conexão Futuro na cidade de Fortaleza no dia 14/05/25.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção científica que consolidou o MIPA tem dado resultados significativos com a produção científica, com o fortalecimento de relações institucionais, com a criação de linhas de pesquisa, com a inclusão, com a socialização, com a democratização do patrimônio material, com a criação de acervo e principalmente com a busca ao incentivo de jovens estudantes.

Respondendo à pergunta da pesquisa: é necessário levar o museu para a escola? Sim, o museu deve ir à escola para facilitar a divulgação científica, o acesso às coleções científicas institucionais e para garantir o que diz a lei sobre a obrigatoriedade da educação patrimonial, e para que, no presente, se dê garantias ao despertar de novos cientistas entre as crianças e adolescentes.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação Patrimonial. Museu Itinerante. Arqueologia. Paleontologia. Interdisciplinaridade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e ao Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por apoiarem e fomentarem a consolidação do Museu Itinerante de Arqueologia e Paleontologia.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, TS; DA SILVA LIMEIRA, MV. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO SERROTE DOS OSSOS, CARAÚBAS-PB E UM BREVE ESTUDO A PARTIR DO CONTEXTO FÚNEBRE DOS POVOS CARIRI. REVISTA TARAIRIÚ, [s. l.], 2023.

SANTOS, Antônio Sílvia Teixeira dos. Estudo bioarqueológico de remanescentes ósseos de um ameríndio da etnia Tupiguarani. 2023. Dissertação de Mestrado em Medicina Translacional [s. l.], 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/74032>.

## Como somos por dentro do corpo? Educação museal e valorização do patrimônio universitário no Museu de Anatomia da UFRJ

Ludmila Ribeiro (UFRJ/ UNIRIO) – ludmila@icb.ufrj.br

### INTRODUÇÃO

Qual o tamanho do coração? Quantos ossos nós temos? Como os sistemas interagem no organismo? Como somos por dentro do corpo? As respostas destas questões que nos cercam são construídas ao longo da visita ao Museu de Anatomia da UFRJ. Com esse propósito educativo e preservacionista, em 2017 foi criado o denominado “Museu de Anatomia Por dentro do Corpo”, uma coleção visitável localizada no Laboratório Anatômico do prédio do Centro de Ciências da Saúde (CCS) no Campus Ilha do Fundão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - RJ, Brasil.

Esta coleção é acessível ao público mediante agendamento e tem entrada gratuita, promovendo ao visitante o contato com o ambiente acadêmico. Neste espaço o visitante pode visualizar como somos por dentro do corpo, percorrendo vitrines com peças anatômicas humanas reais, dentre ossos, músculos e órgãos. Além deste material biológico, o tema Anatomia Humana é apresentado através do acervo de fotografias artísticas, pinturas, modelos didáticos e esculturas.

No contexto atual, os museus universitários, antes voltados historicamente para um público restrito ao espaço acadêmico, passam a ser mais acessíveis e buscam metodologias de educação museal para estimular o diálogo com públicos diversos. O uso de jogos didáticos e dinâmicas estimulam a troca e envolvem ativamente o visitante na descoberta do corpo. Além de proporcionar uma ação educativa, as atividades têm o objetivo de deixar o público à vontade para interagir com os mediadores e com o acervo, dialogando ao longo da visita, compartilhando suas vivências e saberes e construindo juntos o conhecimento sobre o corpo humano de forma prazerosa e divertida.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Neste espaço apresentamos aos visitantes como somos por dentro do corpo, percorrendo 15 vitrines e 4 expositores organizados didaticamente com mais de 200 peças anatômicas humanas reais, fotografias artísticas, pinturas, modelos didáticos e esculturas em cera (ceroplastia) do século XIX. Os mediadores utilizam jogos didáticos e proporcionam ao público a experiência única de sentir, visualizar e dimensionar de forma palpável partes do nosso corpo (Figura 1), geralmente conhecidas apenas através de imagens de livros didáticos, permite uma melhor compreensão da realidade de como o corpo humano é por dentro (CARVALHO e UZIEL, 2018).

A principal dinâmica do Museu realizada com os visitantes é denominada "Cadeira da Confiança" (Figura 1), onde eles têm os olhos vendados e, sentados em uma cadeira, podem tocar em órgãos e ossos humanos diversos. Nesta experiência tátil inclusiva para todos os públicos, é preciso adivinhar qual parte do corpo está tocando, enquanto os mediadores do museu (graduandos de diversos cursos da área da Saúde da UFRJ) interagem com ela e os demais visitantes fazendo perguntas e dando dicas para que a pessoa consiga descobrir o que está manipulando.



Figura 1: Visitantes com olhos vendados participando da "Cadeira da Confiança", dinâmica de manipulação de peças anatômicas para estimular a percepção tátil.

Outras dinâmicas e jogos são realizados com o público nas visitas, como Quebra-Cabeças, Jogo da Memória (Figura 2.A), "Onde está o Cláudio?" (o visitante deve procurar as logos do nosso mascote, que estão escondidas nas vitrines), "Dados dos Sistemas" para relacionar as funções entre os sistemas do corpo (Figura 2.B) e o "Desafio Orgânica" (Figura 2.C), onde o público é stimulate a identificar as estruturas anatômicas humanas e vegetais em fotografias artísticas.



Figura 2: Dinâmicas com os visitantes: (A) Jogo da memória; (B) Desafio Orgânica

As dinâmicas realizadas, além de proporcionarem uma ação educativa, deixam o público mais à vontade para interagir com os nossos mediadores e com o acervo do museu, dialogando conosco ao longo de toda a visita, compartilhando assim suas experiências e saberes e, nesta interlocução de vozes diversas, construímos juntos o conhecimento sobre o corpo humano de forma prazerosa e divertida.

Ao final do percurso no Museu, temos a vitrine interativa denominada #Eunavitrine (Figura 3), onde os visitantes podem montar o esqueleto na posição que desejarem e também entrar na vitrine, tirar fotos e se perceberem como exemplares anatômicos da exposição de forma ativa.



Figura 3: Visitantes montando e interagindo com as peças do esqueleto na #Eunavitrine

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde sua inauguração, o Museu recebe anualmente cerca de 1500 pessoas e já contribuiu para a formação de mais de 120 extensionistas, através de treinamento na produção de material didático e de divulgação científica, na mediação e no relacionamento com o público. As visitas são mediadas por alunos dos cursos da Saúde, que apresentam o acervo e propõem jogos e dinâmicas de manipulação de peças plastinadas e montagem de esqueleto. O papel do mediador é fundamental, sendo a essência das atividades e interlocução com o público (CAMPOS, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os extensionistas mediadores são aqueles que proporcionam a experiência única e personalizada a cada grupo de visitantes, “são eles que concretizam a comunicação da instituição com o público e propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados” (MARANDINO, 2008, p. 28). Além da visita, a equipe do Museu produz vídeos didáticos e disponibiliza apresentações de trabalhos acadêmicos no Youtube e elabora conteúdo de divulgação científica em formatos variados (memes, enquetes, fotos, reel) no Instagram e Facebook (@pordentrodocorpo), mantendo a interlocução com o seu público.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu de Anatomia; Educação museal; Atividade lúdica; Dinâmica

## AGRADECIMENTOS

PROFAEX-UFRJ, SIMAP-UFRJ, CNPq e FAPERJ

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, F. C. V. Escrivências de uma discente: vivências como mediadora no Museu de Anatomia “Por dentro do Corpo” da UFRJ. Monografia. UFRJ, Rio de Janeiro: 2020.
- CARVALHO, L. R.; UZIEL, D. Museu de Anatomia UFRJ: hoje uma realidade! SINTAE, 2018.
- MARANDINO, M. Educação em museus: a mediação em foco. São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008.

## Visitas desenhadas: observar, entender e criar

Joyce Kelly de Almeida Mendes (UFC) - Joycekelly55@alu.ufc.br  
Aline Teresinha Basso (UFC) - alinebasso@ufc.br

### INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato de experiência de arte-educação no Museu de Arte da UFC (Mauc), no contexto do Programa de Extensão Desenhando no Museu. Este consiste em um amplo programa de aprendizagem em desenho oferecido pelo e no Museu de Arte da UFC, no qual são ofertadas formações consistentes nos mais diversos níveis da prática, desde o aprendizado inicial, passando por práticas avançadas, sessões livres de desenho (modelo vivo, visitas desenhadas e urbansketching) até o desenvolvimento de poéticas artísticas em desenho.

A atividade das Visitas Desenhadas foi inspirada pelas visitas mediadas, que ocorrem diariamente no Mauc, e baseia-se na Abordagem Triangular da arte-educação de Ana Mae Barbosa, que consiste em três princípios básicos: ver as obras, contextualizá-las e a partir disso fazer arte, criando algo inspirado no que foi visto (BARBOSA, 1989). Tendo em vista que o desenho é “um acto investigativo da realidade através do olhar” (RODRIGUES, 2003, p.9), a ideia de desenhar no contexto de uma visita mediada torna-se também um ato de produzir reflexão e conhecimento, tendo o desenho um “papel de mediador da experiência estética” (BASSO, ROCHA, 2023, p.64). Esta atividade foi implementada no Mauc no ano de 2023, mas só foi consolidada no ano de 2024. A proposta é promover a aproximação do público com as exposições de longa e curta duração, através da prática do desenho, fomentando o olhar crítico e a criatividade dos participantes. Neste sentido, os principais objetivos desta atividade são: fixar o conteúdo e a relevância das obras através do desenho, resgatar a prática do desenho para o cotidiano dos participantes e instigar a reflexão e a conexão deles com as obras e os artistas de cada exposição. Neste trabalho apresentaremos e discutiremos os resultados das visitas desenhadas realizadas entre os meses de agosto e dezembro de 2024.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada nas visitas é baseada na “Abordagem triangular”, de Ana Mae Barbosa, que se estrutura em três pilares: leitura de imagens, contextualização e o fazer artístico, porém, adequando-se ao contexto das visitas desenhadas. A ação tem início com a escolha de uma exposição, que pode ser de longa ou curta duração, e de qualquer natureza. É feito um planejamento de como a sessão será conduzida e quais as propostas de prática que serão apresentadas ao grupo, em função das características de cada exposição. Na visita, os participantes são convidados inicialmente a observarem as obras, tendo a seguir uma mediação em que são contextualizados o tipo de arte, técnica, contexto histórico, vida e obra do artista. Todas as etapas são abertas à reflexão e ao debate. Por fim, a etapa do desenho é baseada nas percepções da exposição, na qual os participantes são convidados a produzirem arte. No caso das visitas aqui relatadas, como estratégia de mediação a etapa do desenho foi dividida em dois momentos: um primeiro, com a prática de desenhos de observação e um segundo momento com a prática de desenhos criativos com base no tema e técnica da exposição. Os materiais de desenho são trazidos por cada participante, em função de suas habilidades e preferências, mas em geral são materiais secos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenhar é uma das inúmeras formas possíveis de interpretar o mundo, traduzi-lo e ressignificá-lo. Com base nisso, nota-se a importância desta prática e de inseri-la no museu, utilizando o desenho como forma de conhecer e pertencer a este espaço. As visitas desenhadas proporcionam um contato mais crítico do público com as obras, permitindo que elaborem os seus conteúdos através do desenho. No total, foram realizadas oito visitas. As duas primeiras, de exposições temporárias presentes no museu no segundo semestre de 2024: “Entre linhas e agulhas, rendas que contam a história do Ceará” e “Sertão Galvão: polinizando com arte...”. A seguir, foram realizadas nas exposições permanentes com obras dos artistas Aldemir Martins, Descartes Gadelha, Raimundo Cela, Antônio Bandeira e Chico da Silva, respectivamente, além da última visita deste mesmo ano feita em todo o percurso do museu, dando ênfase à sala de cultura popular. Durante as primeiras duas visitas, nas exposições temporárias, os participantes tiveram a experiência de ver e sentir as obras, principalmente na exposição das rendas, ouviram sobre a história, produção e importância daquelas exposições, e por último, produziram dois tipos de desenho, o primeiro de observação, e o segundo, desenho criativo com base em cada tema. Nas etapas de ver e contextualizar, notou-se que os participantes tinham

interesse nas obras, mas somente com a etapa do desenho de observação houve uma maior interação entre o grupo, havendo uma troca de conhecimentos e relatos sobre como a arte presente no museu influenciava no seu cotidiano e trajetória pessoal. Cada um mostrou sua percepção sobre os temas a cada visita, revelando o desenho como um espaço para socialização e aprendizado. Por outro lado, ao introduzir os participantes às visitas nas exposições de longa duração, foi dada ênfase em dois pontos principais: a contextualização da vida e obra de cada artista e como o estilo utilizado por cada artista é relevante e influenciou os artistas de sua época, bem como influencia os artistas do presente. Notou-se que na etapa de criação houve forte influência da contextualização, o que evidenciou a importância de todas as etapas, funcionando como pilares essenciais para as visitas desenhadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as visitas desenhadas demonstraram que desenhar não só aprofundou o engajamento dos participantes, mas também promoveu a socialização e o aprendizado, permitindo que a arte se relacionasse com suas vidas. A contextualização dos artistas e suas obras foi fundamental, mostrando que todas as etapas de uma visita desenhada são essenciais para uma experiência significativa de conhecimento e pertencimento cultural. Além disso, conclui-se que esta atividade, além de oferecer aos participantes um momento de lazer e conhecimento, promove ao mediador a oportunidade de aprender mais sobre o espaço cultural que media e aperfeiçoar suas habilidades na prática do desenho. É um contributo à sociedade, que se beneficia do espaço e acolhimento promovidos pelo museu de arte da UFC.

## PALAVRAS-CHAVE

Arte-educação, museus, visita mediada, desenho.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Pró-Reitoria de Extensão da UFC (PREX) pela bolsa de extensão.

## REFERÊNCIAS

BASSO, Aline Teresinha; ROCHA, Saulo Moreno. Programa de extensão “Desenhando no Museu”: perspectivas para a formação em desenho no museu de arte da UFC (Mauc). In: ANDRADE, Francisco Ari de, et. al. (orgs.). Educação e Educações: unidade na multiplicidade. Curitiba: CRV, 2023.

RODRIGUES, Ana Leonor M. Madeira. O que é Desenho. Lisboa: Quimera Editores, 2003

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação em um museu de arte. Revista USP, São Paulo, n. 2, p. 125-132, 1989. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/revusp/article/view/25467>>. Acesso em: 22 agosto. 2024.

## Na Trilha do Patrimônio – Memória e Pertencimento

Claudia Porcellis Aristimunha (UFRGS) – aristimunha@museu.ufrgs.br  
Celso Alegriansi (UFRGS) – celso.alegriansi@museu.ufrgs.br

### INTRODUÇÃO

Habitar as cidades segundo Alves (2019), envolve vários conceitos, subjetividades e afetividades tanto no habitar quanto no caminhar. O ato de caminhar como estratégia metodológica para compreender e analisar o espaço urbano tem sido usado em vários projetos tanto de estímulo à caminhada quanto com o intuito de apropriação da história e da memória. Adotamos o conceito de “deriva” ou “flanar” como um processo, como uma forma de “habitar caminhando” que o autor apresenta.

O projeto Visita Guiada – Na Trilha do Patrimônio nasce de um desejo de continuar uma atividade anterior oferecida pelo Museu da UFRGS chamado Visita Teatralizada e que não está mais ocorrendo por diferentes fatores. O Projeto, com outra metodologia e sem a participação de alunos do curso de Artes Cênicas, conta agora com a presença de dois servidores técnicos, ambos com formação em História, sendo um deles também Guia Turístico.

Na Trilha do Patrimônio, apresenta a trajetória da Universidade e sua relação com o desenvolvimento da cidade de Porto Alegre por meio de caminhadas contemplativas pelos quarteirões do campus central, destacando tanto aspectos estéticos do patrimônio edificado (tangível), quanto à diversidade dos sujeitos envolvidos na construção desse patrimônio, seja o trabalhador/a que atuou na construção das edificações históricas, seja pelo destaque de personalidades que realizaram sua formação acadêmica na UFRGS (intangível). Outro aspecto relevante a ser abordado são as histórias que dão vida ao cotidiano da Universidade.

A ação proporciona aos participantes apropriar-se do patrimônio material e imaterial da Universidade, reforçando laços de identidade e pertencimento, à medida que tomam conhecimento da história da Universidade e sua importância para o desenvolvimento da cidade e do país. Além disso, objetiva consolidar os campi da Universidade como patrimônio cultural. Por último, introduz aspectos arquitetônicos e de contexto mundial e local sobre o desenvolvimento urbano da cidade.

Portanto, o projeto além da preocupação com a valorização e democratização do patrimônio, investe na ideia de que a cidade é uma forma de linguagem onde imaginários se constroem e se expressam: “Arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem (sic), carregada de sentimento de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos” (ROSSI, 2001, p.03).

## MATERIAIS E MÉTODOS

Após extensa pesquisa, leituras e discussões, elaboramos o projeto, a metodologia e abordagens. Quanto solidificado, decidiu-se pela inscrição como capacitação na Escola de Desenvolvimento da UFRGS proporcionando aos servidores docentes e técnicos a possibilidade de participar contabilizando pontuação para os níveis da carreira. Contudo, as edições são abertas para inscrição de público externo.

Apropriados da história da UFRGS como um todo e dos detalhes de cada prédio e cursos da UFRGS, bem como do contexto e conjuntura histórica de cada época, foi elaborado um material visual com fotos e breve histórico de cada um dos prédios dos quarteirões centrais da Universidade.

O método utilizado para a realização do projeto constitui-se de:

1 - momento de exposição dialogada com imagens da UFRGS desde suas primeiras formações como Cursos Livres até a atual composição edificada, abordando a história do Ensino Superior no Rio Grande do Sul e da Universidade e sua expansão no contexto de desenvolvimento do país e do mundo. Nesse momento há um estímulo à participação do público com suas memórias e vivências;

2 - Caminhada orientada com roteiro previamente pensado que percorre em cada edição um dos dois quarteirões. Nessa etapa, são retomados alguns aspectos apresentados na parte expositiva, comparando a paisagem atual com a identificada presencialmente, bem como aspectos arquitetônicos específicos. O percurso usa o método de caminhada contemplativa, sem recorte cronológico e conversa com o público à medida que a caminhada for sendo realizada. Nesse momento, também é possível abordar questões de gênero e educação, profissões e mudanças no cenário urbano;

3 - A finalização ocorre na frente do Museu da UFRGS, quando indicamos e convidamos para participação das próximas edições e para a visita às exposições em cartaz além de uma breve avaliação por parte dos participantes.

Durante o percurso, paramos para observações dos detalhes dos prédios, em alguns é possível visitar seu interior e também estimulamos as fotos coletivas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As edições já realizadas retornaram avaliações bastante positivas e algumas com conteúdo afetivo em relação às memórias e vivências pregressas dos públicos. Hoje temos um terceiro e quarto roteiros. O terceiro roteiro percorre do Centro da Cidade, onde começaram os cursos livres e um cenário caracterizado por ser ambiente do início da qualificação da Educação no Estado do RS e que culmina no quarteirão inicial da UFRGS. O quarto percorre os espaços culturais existentes no quarteirão II da Universidade.

Cabe ressaltar que após a primeira edição juntaram-se ao projeto do Museu da UFRGS o Setor de Patrimônio Histórico (responsável pela captação para restauro, adaptação e manutenção dos prédios históricos da UFRGS), o Museu do Observatório Astronômico e, mais recentemente, o Centro Cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa experiência tem atendido aos objetivos estabelecidos, ampliando nossa abrangência. A participação do público externo nas caminhadas tem aproximado a sociedade da Universidade.

Então, caminhar, está intimamente ligado ao conceito de “Habitar” que significa viver o lugar dando-lhe significação e estabelecendo vínculo entre espaço/indivíduo. Contrapondo-se, inclusive, ao conceito de Tempo que a pós-modernidade adota, onde o mesmo passa a ser medido pela capacidade de produzir capital, já que o projeto visa andar devagar, contemplar. Em nossa perspectiva, acreditamos que seja até uma subversão, uma rebeldia, um ato político de ir e vir, ocupando a cidade e observando as coisas e as pessoas.

Nossa intenção ao fim e ao cabo é além da educação patrimonial pela apropriação e pertencimento, fazê-lo abrangendo também as subjetividades humanas e reconhecendo as como parte importante da História e do Patrimônio Cultural.

## PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio Cultural. Caminhadas. Memória. Pertencimento.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Lahys Barros e MONTE, Luiz. Vivenciando paisagens e lugares: O caminhar como a arte de habitar a cidade. In: Imaginário: Construir e Habitar a Terra - ICHT 2019, São Paulo, 2019. <https://sites.usp.br/icht2019/wp-content/uploads/sites/416/2019/07/Vivenciando-paisagens-e-lugares-O-caminhar-como-a-arte-de-habitar-a-cidade-.pdf> Acesso: abril/2024.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2001.

## Imaginários sobre animais peçonhentos de jovens de comunidades rurais na Bahia: A experiência de ações educativas de um Museu Universitário Itinerante

Maria Cilene Freire de Menezes (UNIVASF) - cilene.menezes@univasf.edu.br

Paula Campelo Barbosa (UFBA) - paulacambarbosa@ufba.br

Rejâne Maria Lira-da-Silva (UFBA) - rejane@ufba.br

### INTRODUÇÃO

Comunicar sobre os animais peçonhentos é salvar vidas (Lira-da-Silva et al., 2019). Esses animais possuem larga distribuição geográfica (trópicos), atingindo as populações mais vulneráveis, com acesso limitado às informações de controle, prevenção e tratamento com soros antivenenos. O grande número de acidentes e a complexidade do quadro clínico decorrente tornou os envenenamentos uma questão de saúde pública global. Em 2024, foram registrados pelo Ministério da Saúde, 334.561 acidentes e 460 óbitos no Brasil, a maioria por escorpiões (n=196.575, 58,76%), aranhas (n=43.532, 13,01%), abelhas (n=33.963, 10,15%) e serpentes (n=31.464, 9,41%), sendo o escorpionismo o mais letal (n=133, 28,91%)<sup>[1]</sup>. Em Iraquara (Bahia) registrou-se 207 acidentes, a maioria por escorpiões (n=185, 89,37%) e 2 óbitos, 1 (escorpião) e 1 (abelhas)<sup>[2]</sup>. Está expressa a vulnerabilidade dessas comunidades, o sofrimento e mortes prematuras evitáveis no Brasil. Por isso, em 2019, a OMS apontou a educação como parte fundamental para a estratégia de controle na redução desse problema, através do engajamento das comunidades de maior risco (Oliveira et al. 2023). Assim, é compreensível a visão negativa das pessoas sobre os animais peçonhentos, considerando-os “vilões” da natureza” e tornando invisível sua importância para o equilíbrio dos ecossistemas. O Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia da Universidade Federal da Bahia (NOAP/UFBA) é um museu de ciências, universitário e itinerante que desde a sua criação (1987) assumiu o compromisso da comunicação pública sobre animais peçonhentos, construindo, ampliando e ressignificando o seu processo de musealização, através de diferentes atividades educativas para públicos distintos,

<sup>[1]</sup> <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/cnv/animaisbr.def>. Acesso em 25/05/2025.

<sup>[2]</sup> <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinannet/cnv/animaisbr.def>. Acesso em 25/05/2025.

especialistas e não-especialistas (Lira-da-Silva et al., 2019). Nosso objetivo é relatar a experiência do diálogo sobre animais peçonhentos, com vistas à reflexão e ressignificação do imaginário de estudantes de duas comunidades rurais da Chapada Diamantina, no âmbito de suas escolas, tendo como referencial teórico a Educação Museal (Brasil, 2018; 2021), através do acervo museológico do NOAP/UFBA.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A Exposição Os Bichos do Museu vão às Comunidades – Ciência Móvel, ocorreu em 25 e 26/04/2025, uma parceria entre o NOAP/UFBA e as Escolas Municipais Julião de Souza Braga (Lagoa Seca) e Artemízia Rodrigues Nogueira (Santa Rita), comunidades rurais de Iraquara (Bahia). As ações educativas foram conduzidas no âmbito do componente curricular que integra a extensão na graduação e pós-graduação da UFBA, a Atividade Curricular em Comunidade e Sociedade – Programa Social de Educação, Vocação e Divulgação Científica (ACCS BIOA2), semestre 2025.1. Participaram 25 pessoas, 7 estudantes de graduação de cursos diversos e 1 estudante de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS), matriculados na disciplina; 3 professoras; 1 monitora; 6 estudantes de graduação colaboradores; e 7 estagiários do NOAP/UFBA. O processo produtivo da Exposição ocorreu através das ações educativas da Rede de Zoologia Educativa - REDEZOO (Lira-da-Silva et al., 2019)<sup>[3]</sup> e do Modelo Teórico da utilização dos Museus para fins educativos de Allard e Larouche (1999 apud Allard & Lefebvre 2001), tendo o NOAP/UFBA como o meio/instituição museológica, os animais peçonhentos como o objeto/temática, os/as mediadores/as como os agentes (estagiários do NOAP/UFBA) e o público visitante como sujeito, estabelecendo-se as relações didáticas, de ensino e de aprendizado. Atendemos aos aspectos éticos pois as diretoras das escolas assinaram o Termo de Uso de Imagem e Voz dos estudantes, depositados na Coleção do SisGen/MMA - Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (nº. CE80A1F). O NOAP/UFBA possui um Criadouro Científico de Serpentes Nativas e

<sup>[3]</sup> A REDEZOO é um conjunto de ações educativas sobre animais peçonhentos, cujo acervo museológico inclui: Zooteca (jogos didáticos); Zoologia Viva (coleção viva de serpentes, aranhas e escorpiões em dioramas para garantir o bem-estar dos animais); Zookits (experimentos e kits zoológicos com peças anatômicas, mudas, chocalhos, esqueletos, crânios, peles e espécimes conservados em via seca e via úmida que o visitante pode manipular com luvas e lupas; REDEZOO em Cena (teatro de fantoches); Zooamigos (atividades lúdicas diversas); e Zoorede (produtos audiovisuais nas nossas redes sociais) (Lira-da-Silva et al., 2019; Lira-da-Silva et al., 2022).

Exóticas cadastrado no SISFAUNA/IBAMA (nº. CTF 23227); o Serpentário/Aracnidário são cadastrados como Biotério no CIUCA - Cadastro das Instituições de Uso Científico de Animais MCTI, por intermédio da UFBA, em atendimento às normas da ANVISA, exigidas pelo CONCEA – Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal/MCTI e no SisGen/MMA (nº. CDAA308), onde está cadastrada a Coleção Didática (nº. C28BF10).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição foi dialogada com cerca de 300 crianças/adolescentes das duas escolas (Educação Infantil ao Ensino Fundamental II) e a comunidade, cerca de 200 sujeitos, especialmente de Santa Rita. Durante as ações educativas, o público pôde dialogar com os mediadores sobre os animais peçonhentos através da REDEZOO em Cena; Zoologia Viva (animais vivos em dioramas e a experiência do “mão-na-cobra”); Zookits; Zooteca; Zooamigos e Zoorede (Figura 1). Os jovens puderam interagir, refletir e ressignificar seus imaginários sobre esses animais de forma espontânea, considerando que educar em um museu é cativar, interessar, compartilhar, comunicar, proporcionar descobertas, experimentações, encontros, o próprio gosto pelo conhecimento, pelo contato entre pessoas, povos e culturas (Castro, 2024), e ainda assim ser desafio. O encantamento foi observado nas relações pedagógicas observadas, através do comportamento/perguntas das crianças na produção da Série de Vídeo Reações<sup>[4]</sup> do Podcast Língua de Cobra<sup>[5]</sup>: É de verdade? Pode tocar? Já tem cobra extinta?; Como as cobras chocam os ovos?; Como tira o veneno das cobras?; Também quero saber como alimenta as cobras?; Por que as cobras têm dente grande e outras têm dente pequeno?; Qual o escorpião que tem mais veneno, o amarelo ou o preto?; O que é que o escorpião come?; O que as aranhas comem?; Como é que vocês pegaram as aranhas que estão na exposição?, etc., já discutidas em pesquisas anteriores (Lira-da-Silva et al., 2019; Lira-da-Silva et al., 2022; Oliveira et al., 2023).

<sup>[4]</sup> Reações – Produção audiosisual sobre as reações dos visitantes durante a visita à Exposição.

<sup>[5]</sup> Podcast Língua de Cobra – Produção através de entrevistas espontâneas da comunidade que tenha interesse em fazer perguntas sobre animais peçonhentos a serem respondidas pelos especialistas do NOAP/UFBA e divulgadas em <https://open.spotify.com/show/1fP3g0jwtpBmlZtq6w36mz?si=32b826dfbdd540a5>.



Figura 1. Exposição Os Bichos do Museu vão às Comunidades – Ciência Móvel, 25-26/04/2025, comunidades rurais de Iraquara, BA. Fonte: Acervo NOAP/UFBA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens tornaram-se protagonistas, narrando suas percepções e ressignificando-se junto à mediação do NOAP/UFBA, que encarou o desafio de tornar-se o museu capaz de articular-se com a comunidade rural, locus do diálogo intercultural e cocriação e narrativas científicas.

## PALAVRAS-CHAVE

Divulgação Científica. Museologia. Patrimônio Natural.

## AGRADECIMENTOS

CNPq; Secretaria de Turismo de Iraquara e Comunidade rural Santa Rita.

## REFERÊNCIAS

ALLARD, M.; LAROUCHE, H. L'éducation muséale à la croisée des chemins. In: LEFEBVRE, B. (Org.). La formation en muséologie et en éducation muséale à travers le monde. Canada: Ed. Multimondes, p. 157-173. 2001.

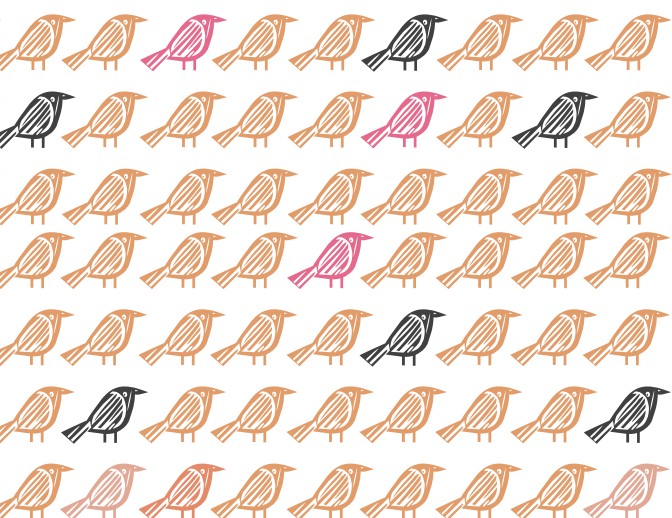
BRASIL, Ministério da Cultura. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília: Minc/Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). 2018.

CASTRO, F. Prólogo (ou como se emocionar antes mesmo de ler esse livro). In: SILVA, M.A.; COSTA, A.F (Eds.). História da educação museal no Brasil: ICOM-CECA, p. 11-15. 2024.

LIRA-DA-SILVA, J.R.; ALMEIDA, R.O.; LIRA-DA-SILVA, R.M. Educação museal e mediação do Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Bahia da Universidade Federal da Bahia. Rev. CPC, São Paulo, v.17, n. 33 especial, p.341-365, jan./ago. 2022.

LIRA-DA-SILVA, R. M.; LIRA-DA-SILVA, J.R.; MISE, Y.F.; BRAZIL, T.K. Educando sobre animais peçonhentos e salvando vidas: A importância de um museu temático. Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio, MAST, vol.12, n.1, p. 139-152, 2019.

OLIVEIRA, M.A.S.; SEBASTIÃO, M.R.; LIRA-DA-SILVA R.M. Educomunicação para divulgar as inovações da Ciência Brasileira sobre animais peçonhentos. In: SOARES, O.O.; VIANA C.E.; ALMEIDA, L.B.C.; ALMEIDA. R.M.V. Educomunicação e Educação Midiática nas Práticas Sociais e Tecnológicas pelos Direitos Humanos e Direitos da Terra. São Paulo: ABPEducom, p. 507-5272. 2023.



**SALA 10**  
**MEMÓRIA E HISTÓRIA DO**  
**PATRIMÔNIO**

Mediador  
**Jones da Silva Gomes (UFPA)**

Avaliadora dos trabalhos indicados à premiação  
**Bruna Marina Portela (UFPR)**

## **1º Trabalho**

### **Tema: Museu de cultura popular caminhos percorridos**

Autora: Franciane Lúcia da Silva Zimmermann Instituição: UFJF

A autora começa relatando as transformações do Museu do Folclore de Juiz de Fora, destacando a figura do professor Wilson de Lima Bastos 1962, que em homenagem ao folclorista Lindolfo Gomes transferiu-o em 1975 para o Fórum de Cultura Juiz de Fora, que depois vem a compor o acervo da exposição permanente em 1987, organizado pelo professor Antônio Wetzel IFJF (Minas Gerais), tendo Iemanjá como a primeira peça. A autora relata que a passagem de Museu do Folclore para Museu de Cultura Popular, levou-a nesta pesquisa a uma questão interpretativa sobre a perspectiva de utilização do acervo e apontou para questões mais abrangentes, tais como, a necessidade de mais pesquisas e investimentos no campo da museologia, já que se trata de um acervo com mais de 3 mil peças, contribuindo assim para sua ampliação. Sua pesquisa qualitativa foi de natureza exploratória, ocasião em que expôs fotos de algumas exposições, apresentando dificuldades existentes por ausência de funcionários, apontando também a necessidade de dialogar com novas formas de pensar o museu além de expositor, com práticas educativas, ensinando patrimônio cultural de forma lúdica. Hoje, o Museu conta com exposição de brinquedos populares, presépios da tradição natalina, festa junina, atendendo também de o público infantil, com contação de história e gravuras. Ensinando novas práticas de mediação, como contação de história e ciranda, apresentação de documentário e roda de conversa. Aprendizado significativo com a cultura popular. Entrada nas redes digitais, por conta da pandemia, realizando exposições virtuais. Apresentou plano museológico em desenvolvimento. Melhorias no acondicionamento do acervo, com visitas técnicas. Difusão do acervo, plataforma Tainacan.

## **2º Trabalho**

### **Tema: Sociogênese do campo museal na Universidade Federal da Bahia**

Autora: Amélia Pereira Costa

A autora apresenta questões colocadas em sua pesquisa de Doutorado que questiona a fragmentação da memória por parte da próprio desenvolvimento do campo museal na Bahia, o IGHD – 1917 – Inspetoria estadual 1927 – IPHAN- Museu de arte sacra 1959, Curso de Museologia 1969 – Rodrigo Melo Franco de Andrade, MAFRO e MAE 1982 , apontando para o fato de que o campo museal (conceito cunhado em sintonia com a teoria de Bourdieu) deva possibilitar a integração dessas instituições, contribuindo para construção das memórias das relações entre estas

ações, que segundo ela, são apagadas por estarem desconectadas. A autora destacou as dificuldades junto a um projeto de memória das elites locais idealizado pela elite, ressaltando a possibilidade de se construir um quadro integral

### **3º Trabalho**

#### **Tema: Museus e colecionismo: formação do acervo do museu de arte Leopoldo gotuzzo**

Autora: Joana Soster lizott

A autora apresentou sua pesquisa que aborda práticas de colecionar, políticas de aquisição e descarte, museus de arte e museus universitários, fazendo um mergulho na história do museu de arte Leopoldo Gotuzzo a partir do inventário produzido no ano 2014, o trabalho se debruça sobre a história do MAL (PELOTAS). Gotuzzo foi pintor, sendo que o referido Museu guarda algumas de suas obras e coleções tendo, por isso, relação com a antiga escola de belas artes de Pelotas, sendo que o Museu é inaugurado apenas em 1986. A pesquisa também tem o teor de registrar as coleções privadas e formadas no museu, o acervo contém obras da escola de belas artes e obras de artistas contemporâneos. Suas análise também percorreram organização dos arquivos institucionais, levantamento de dados, formas de aquisição, quantificação e as exposições registradas, além de localização e restauros de obras, planejamentos, relatórios e documentações. Retomando o panorama da história do museu, relata seus valores e significados e sua responsabilidade com a pluralidade da sociedade e com as trajetórias de lutas, conquistas e retrocessos constituídos na instituição em função de sua existência.

#### **Momento de debate**

Comentário do avaliador e mediador da sala. Realizou perguntas para as primeiras participantes.

a) Como que as coleções atraem os artistas locais e de que maneira suas obras estão representadas no acervo do Museu, b) Como você coloca o conceito de campo na análise da fragmentação das ações voltadas ao patrimônio na UFBA? C) Qual o impacto dessas coleções privadas na perspectiva do teu trabalho? Chegou na tua pesquisa a compreender o perfil do Museu idealizado pelo artista Gotuzzo, construção da memória?

1ª pergunta - público

1ª Bruna - pergunta dirigida a Franciane e Amélia. Sobre o início do museu do folclore e sobre redes de transições de obras.

2ª Otávio - pergunta dirigida a Franciane sobre práticas educativas e descentralizar as ações para fora do museu.

## **4º Trabalho**

### **Tema: Pátio da ciência**

Autor: Carlos Augusto Ribeiro Jotta

Segundo o autor o Pátio de Ciência da UFC é um projeto de 2009, que se destina ao mapeamento e divulgação das coleções oriundas do Instituto de Física da UFC, já que a universidade não possuía documentação inventariada, sobretudo, das coleções que contam a história da ciência (já que parte considerável do acervo curiosamente vieram da URSS na década de 1960). Apesar dos problemas oriundos da ausência de corpo de funcionários e a dificuldade das universidades lhe darem com sua memória. O Pátio trabalha com divulgação, registro material, difusão tecnológica e atividades científicas, além de construção de registro de memória dos equipamentos do curso de física. Projeto de pesquisa também é administrado por bolsistas que utilizando a metodologia de levantamento de dados, revisão literária a fim de entender por que o comitê de física não desenvolveu documentos para realizar a memória das coleções. Entretanto, relata que paulatinamente os bolsistas foram moldando a pesquisa para a memória da ciência proporcionando interação do visitante, sendo que são mais de 2.000,00 visitantes por mês.

## **5º Trabalho**

### **Tema: Artefatos inventariados da coleção histórica do museu de história natural da Bahia (2015-2025)**

Autora: Prof. Dra. Rejane Maria Lira-da-Silva

A autora apresenta a história da criação do museu natural da Universidade da Bahia, apresentando uma linha cronológica e suas realizações como espaços museológicos. O Museu de História Natural da Bahia 1943- Professor Pedro Araújo – do curso de Biologia iniciou 1993, Professora Tania Brasil Coleção histórica em 2015 (UFBA) – Recolha o mobiliário que dá origem a coleção de memória da coleção de biologia, que são parte da história da ciência. Por sua vez, expôs o objetivo do trabalho, que seria alargar a discussão sobre acervo organizado pelo museu natural, mapeando e catalogando os artefatos e mostrando suas trajetórias também. Também explica os regimes de registro, reserva e documentação, apresentando os resultados e discussão da documentação, as fases e os níveis dos itens do acervos. Considera importante alargar a discussão da coleção do museu, já muitos artefatos estão sem tombo, bem como, explorar melhor os aspectos singulares e genéricos das estufas que dialoga com as ciências.

## **2º momento de debate**

Comentário do avaliador e mediador da sala, seguido de respostas dos autores  
Fala final do mediador, agradecimento e encerramento.



Apresentações de comunicação oral, na sala 10 pela tarde, sobre Memória e História do Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida



Apresentações de comunicação oral, na sala 10 pela tarde, sobre Memória e História do Patrimônio - Fotógrafo: Flávio Almeida

## Museu de Cultura Popular: caminhos percorridos

Franciane Lúcia da Silva Zimmermann (Museu de Cultura Popular/UFJF) -  
fluciasz@gmail.com

### INTRODUÇÃO

O Museu de Cultura Popular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) tem sua origem na obra do professor Wilson de Lima Bastos, criador do Centro de Estudos Sociológicos, em 1962. Neste Centro, foi fundado o Departamento de Folclore, que criou o Museu do Folclore em 12 de março de 1965. Em agosto de 1987, o acervo foi doado à UFJF e renomeado, no final dos anos 1990, como Museu de Cultura Popular. Com mais de três mil peças, seu acervo inclui estatuárias, objetos de religiosidade, brinquedos populares e artefatos de culturas diversas. Além de preservar a memória da cultura popular brasileira, o museu se consolidou como espaço de mediação cultural e educação patrimonial. Esta pesquisa investiga o histórico institucional, os desafios enfrentados por um museu universitário e as práticas inovadoras desenvolvidas por sua equipe, com foco em ações de aproximação com o público, reinvenção digital durante a pandemia de COVID-19 e a elaboração, em curso, do plano museológico como ferramenta de gestão estratégica.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em análise documental e observação indireta. Foram utilizados como fontes: documentos institucionais, artigos acadêmicos, matérias jornalísticas, registros fotográficos e publicações em redes sociais. A seleção dessas fontes considerou sua relevância temporal e temática, especialmente nos períodos de transição de gestão e reformulação de práticas museológicas. A análise foi orientada por referenciais da museologia crítica e social, especialmente autores como Mário Chagas e Waldisa Rússio, com ênfase na construção de significados em torno do patrimônio e na função estratégica dos museus universitários. A elaboração do plano museológico, em desenvolvimento, é abordada como instrumento de planejamento e alinhamento institucional.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados revelam um percurso marcado por transformações conceituais e operacionais, com a adoção de práticas educativas, curadorias participativas e fortalecimento das ações de comunicação digital. Destaca-se a intensificação do uso de redes sociais durante a pandemia como estratégia de ampliação de público e valorização do acervo, promovendo novas formas de interação e pertencimento. A construção do plano museológico aparece como movimento estruturante, integrando ações cotidianas a diretrizes institucionais de médio e longo prazo. Nesse contexto, merece destaque a recente aquisição de estantes deslizantes, ainda em fase de planejamento e definição do local de acondicionamento, viabilizada por meio do projeto “Preservação, Virtualização e Propagação dos Acervos Histórico-Culturais da UFJF”, contemplado por edital da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Elaborado de forma colaborativa entre os museus e acervos da UFJF, o projeto visa melhorar as condições de conservação, digitalização e difusão do patrimônio institucional. No âmbito desse projeto, a alimentação da plataforma Tainacan configura-se como contrapartida institucional, voltada à disponibilização pública e qualificada dos acervos. Para o Museu de Cultura Popular, essas ações representam não apenas avanços na preservação física, mas também a ampliação do acesso digital, alinhando-se às práticas contemporâneas de gestão museológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de gestão e mediação implementadas pelo Museu de Cultura Popular evidenciam sua relevância como agente de preservação da memória e promotor de cidadania cultural. A elaboração do plano museológico representa um marco no processo de institucionalização, contribuindo para consolidar práticas integradas de planejamento, avaliação e participação social. Suas experiências inovadoras, especialmente nas áreas de comunicação digital e educação museal, podem servir de referência para outras instituições comprometidas com a valorização da cultura popular e com a democratização do acesso ao patrimônio.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu de Cultura Popular; museu universitário; plano museológico; mediação cultural; inovação.

## AGRADECIMENTOS

Deixo aqui a minha gratidão a toda a equipe da Pró-Reitoria de Cultura da UFJF, pelo apoio e pelas oportunidades proporcionadas; à diretora do Forum da Cultura da UFJF, prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marise Mendes, por toda confiança, incentivo e motivação na jornada; à equipe (amigos) de ontem e de hoje, pela partilha, determinação e persistência no dia-a-dia. É graças a vocês que tudo isso faz sentido.

## REFERÊNCIAS

- CHAGAS, Mario; GOUVEIA, Inês. Museologia Social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). Cadernos do CEOM, Chapecó-SC, n. 27, v. 41, 2014. pp.9-22. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168>.
- COLEÇÕES CONTAM HISTÓRIA. UFJF em notícias, Juiz de Fora, 12 de agosto de 1988, Ano VII, nº 76, p.8.
- DOCUMENTA – Forum da Cultura. Universidade Federal de Juiz de Fora. Forum da Cultura/ Imagem Institucional da UFJF/ FACOM. Juiz de Fora, 2000.
- MUSEU DO FOLCLORE QUER AUMENTAR ACERVO. UFJF HOJE, Juiz de Fora, 10 de julho de 1990, nº 213.
- RÚSSIO, Waldisa. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e preservação. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, n. 3, p. 7-12, 1990
- UMA ESCOLA VIVA DE CULTURA POPULAR. UFJF em notícias, Juiz de Fora, 12 de agosto de 1988, Ano VII, nº 76, p.38.
- ZIMMERMANN, Franciane Lúcia da Silva. Utilização do inventário para o planejamento e na gestão do Museu de Cultura Popular. Orientador: Marcos Olender. 2008. 120f. TCC (Especialização) – Pós-Graduação em Gestão do Patrimônio Cultural, Faculdade Metodista Granbery - FMG, Juiz de Fora, 2008.

## Sociogênese do campo museal na Universidade Federal da Bahia

Amélia Pereira Costa (UFPEL) - amelia.costa@ufpel.edu.br

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga a formação do campo museal na Universidade Federal da Bahia (UFBA), compreendendo-o como produto político-social e buscando elucidar suas bases conceituais. Partindo da perspectiva de que a memória é uma construção social e seletiva (Halbwachs, 1990; Ricoeur, 2007), o estudo analisa a constituição do pensamento e da ação museal universitária para além de uma memória fragmentada.

Esta investigação alinha-se ao tema do 8º FPMU, "Coleções, Museus Universitários e Sociedade: elos entre Ciência, Cultura e Comunidade", ao propor uma reflexão sobre como o campo museal da UFBA se conectou com a sociedade baiana e a formação de seu patrimônio, inserido em um projeto político de construção de identidade regional.

A pesquisa busca destacar como instituições locais, como a Inspetoria Estadual de Monumentos Nacionais da Bahia e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), e agentes sociais como Godofredo Filho, Isaías Alves e José Valladares, somados ao contexto nacional de uma política emergente para o patrimônio, operacionalizada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), possibilitaram o surgimento desse campo na universidade.

### MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa em desenvolvimento tem utilizando uma abordagem qualitativa, com ênfase em análise documental e revisão bibliográfica. A seleção e interpretação das fontes priorizam documentos que evidenciam interconexões entre as instituições museais da UFBA e a circulação de agentes sociais. Empregou-se análise de conteúdo para identificar narrativas explícitas, silêncios e lacunas historiográficas que revelam disputas pela memória institucional. Foram consultados documentos históricos, relatórios institucionais, publicações acadêmicas e periódicos, com foco no Museu de Arte Sacra (1959), Curso de Museologia (1969), Museu Afro-Brasileiro (1982) e Museu de Arqueologia e Etnologia (1983). Os arquivos institucionais consultados até o momento foram os pertencentes ao MAS, ao MAFRO e ao Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO).

O conceito de campo de Bourdieu (1989) é operacionalizado para compreender as relações de poder e disputas simbólicas na formação do campo museal da UFBA, correlacionando-o com outros campos (político, cultural, acadêmico) e a geopolítica local, regional e nacional. Isso envolve a identificação de agentes sociais, a análise de suas posições e relações, a investigação dos capitais mobilizados e o exame das disputas por definições legítimas sobre identidade baiana e patrimônio cultural. O levantamento sistemático da produção acadêmica relacionada ao tema e a contextualização histórica (IGHB, Inspecoria, SPHAN) complementam a análise documental.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação do campo museal na UFBA se revela um processo complexo, interligado a diversas instituições e agentes sociais em um contexto político-cultural dinâmico. A imaginação museal na universidade emergiu da busca por recuperação do protagonismo baiano no cenário nacional, em resposta ao declínio político-econômico do estado desde o século XIX. O século XX presenciou uma reinvenção cultural da Bahia, transformando-a no cenário nacional de ultrapassada à guardiã da cultura.

Essa transformação, não natural, resultou de esforços contínuos e controversos, gerando tensões entre visões da identidade baiana. Instituições como o IGHB e a Inspecoria Estadual de Monumentos iniciaram um discurso de exaltação ao passado luso-brasileiro, buscando alinhar a identidade regional a ideais europeus. Posteriormente, o Museu do Estado da Bahia, sob direção de José Valladares, e a Diretoria Regional do SPHAN, coordenada por Godofredo Filho, tornaram-se arenas de disputa, oscilando entre visões mais inclusivas da cultura afro-brasileira e popular e a exaltação unilateral do legado europeu. (Mattos, 2014; Dócio, 2014).

O surgimento do campo museal na UFBA, com a criação do MAS, em 1959, está vinculado a essas disputas identitárias. Sua fundação, ligada aos debates sobre a preservação do patrimônio pós-demolição da Catedral da Sé, sinalizou a vitória de uma retórica identitária e respondeu a interesses político-discursivos. A institucionalização avançou com o Curso de Graduação em Museologia (1969), idealizado por Valentin Calderón e estabelecido na Faculdade de Filosofia, criada por Isaías Alves, refletindo as discussões sobre museus e educação e a articulação SPHAN-universidade.

O curso estabeleceu o MAS como laboratório e formou agentes como Graziela Ferreira Amorim, primeira diretora do MAFRO. A inauguração posterior do MAFRO

(1982) e do MAE (1983) refletiu continuidades e rupturas políticas, culturais e identitárias da Bahia. O MAFRO, por exemplo, demonstrou relações com a política externa da ditadura, voltada para a África, e a valorização da cultura negra na identidade baiana.

Essas inter-relações entre instituições e a circulação de agentes reforçam a ideia de um campo interconectado, constituído como parte de uma construção identitária baiana, onde visões sobre raça, cultura e tradição disputaram espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociogênese do campo museal na UFBA está intrinsecamente ligada ao contexto político-cultural baiano e aos processos de construção identitária do século XX. O surgimento das primeiras instituições museais universitárias não foi um processo isolado, mas parte de um movimento mais amplo de reinvenção cultural e busca por protagonismo nacional.

A Bahia transformou sua identidade no século XX, convertendo o que antes era percebido como atraso em valor cultural. (Romo, 2020). As instituições museais da UFBA emergiram nesse contexto de ressignificação, participando ativamente da construção de narrativas sobre a Bahia e seu lugar na nação. A UFBA desempenhou papel central na articulação de ações preservacionistas, sendo um espaço de formação intelectual e plataforma para a divulgação de ideais que consolidaram a importância do patrimônio baiano.

A compreensão dessa sociogênese oferece subsídios importantes para os desafios contemporâneos dessas instituições na valorização do patrimônio e no desenvolvimento social, estabelecendo elos entre ciência, cultura e comunidade. Esta pesquisa, em fase inicial, apresenta resultados preliminares. Seu avanço buscará elucidar as relações entre os campos que conformaram o campo museal universitário, explorando as redes de atuação profissional que conectaram instituições; e decifrar as bases conceituais de sua formação. A investigação aprofundada permitirá compreender quais fatos e disputas contribuíram para moldar as instituições museais da UFBA e, por conseguinte, o pensamento museal regional e nacional.

## PALAVRAS-CHAVE

Campo Museal. Universidade Federal da Bahia. Museus universitários. Patrimônio Cultural.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- DÓCIO, Vanessa de Almeida. Sob o signo da pedra e cal: trajetória da política de preservação do patrimônio histórico e arquitetônico no estado da Bahia (1927 – 1967). Orientadora: Suely Moraes Cerávolo. 2014. 171 f.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- MATTOS, Ana Teresa Góis Soares de. Nem português nem mineiro... baiano e nacional, com todo respeito: a atuação da Bahia na construção do campo do patrimônio brasileiro. Orientadora: Márcia Regina Romeiro Chuva. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2014.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROMO, Anadelia A. O museu vivo da Bahia: raça, reforma e tradição. Salvador: EDUFBA, 2020.

## Museus e colecionismo: formação do acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Pelotas/RS)

Joana Soster Lizott (UFPel) joanalizott@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discutem-se algumas das relações entre museus universitários e coleções, a partir do caso do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG). As discussões apresentadas fazem parte de pesquisa de mestrado da autora<sup>[1]</sup>, que teve por objeto as coleções do referido Museu. Na ocasião, buscou-se a história das coleções do Museu, procurando identificar a dimensão simbólica do acervo e relacionando a história institucional com o contexto local da cidade de Pelotas, desde o final do século XIX até o início do século XXI.

O MALG é um museu universitário de arte, órgão suplementar do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Abre ao público em 1986, em homenagem ao pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo<sup>[2]</sup>, falecido poucos anos antes. É inaugurado com conjuntos de obras de arte, parte delas legadas pelo seu patrono na década de 1980, outras incorporadas da então extinta Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) a partir dos anos 1950, e algumas adquiridas pela própria Universidade. Posteriormente, o MALG desenvolveu seus mecanismos de seleção e incorporando outras obras ao seu acervo. Essa configuração foi definindo a divisão do acervo em coleções, que referenciam principalmente a procedência de cada conjunto de obras (SCHWONKE, 2018; MAGALHÃES, 2012; LACERDA, 2015).

Durante o processo de inventário do acervo, as formas e fontes de aquisição apresentaram consideráveis lacunas e informações desconstruídas. A pesquisa nasceu dessa necessidade, e permitiu identificar as origens e formação dessas coleções, elencando e analisando procedimentos, processos e políticas institucionais, além de apontar caminhos para a construção da política de aquisição e descarte do Museu.

<sup>[1]</sup> Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal Pelotas, em 2022 sob o título "Museus e colecionismo: Sentidos e processos no acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo". A autora atua no MALG como museóloga desde 2014.

<sup>[2]</sup> Leopoldo Gotuzzo (Pelotas, 1887 – Rio de Janeiro, 1983).

## MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa passou pelo levantamento de informações sobre a procedência das coleções particulares e as formas e processos de aquisição do Museu ao longo de sua história. Para tal, foi necessário reunir toda a documentação que o MALG possuía referente ao seu acervo, constituindo um material de análise que abrangia pelo menos sete décadas e duas instituições.

Consta no próprio Museu documentação relativa a períodos anteriores à fundação do MALG, como a Escola de Belas Artes e sua diretora, Marina de Moraes Pires, que abrange o período de 1949 a 1973. Outro conjunto de documentos, já produzidos no contexto da UFPel, diz respeito ao “Projeto Pinacoteca”, projeto de extensão que deu origem ao Museu e que posteriormente se transformou no Ateliê de Restauro do MALG, abrangendo o período de 1982 a 1992.

Do período de funcionamento do Museu, foi analisada a documentação produzida por ele, referente às aquisições e funcionamento de comissões e conselhos. Adicionalmente, foram incluídos documentos relativos às exposições realizadas e artistas do acervo, sendo uma parte considerável desse material, recortes de jornais locais e convites.

A pesquisa também incluiu levantamento de informações sobre os colecionadores, tendo em vista que quatro, das oito coleções atuais, tem sua origem em particulares. Para esses casos, foram utilizados trabalhos acadêmicos referentes às figuras pesquisadas, e, na ausência destes, recorreu-se à pesquisa em jornais e revistas da época. Esses foram fundamentais para os casos das coleções formadas na primeira metade do século XX.

A inconsistência ou mesmo ausência de registros de visitantes e estudos de público, não permitiu a inclusão da análise da relação do público com o acervo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados da pesquisa, destacam-se as descobertas acerca da procedência do acervo, que, juntamente com as pesquisas anteriores permitiram elaborar uma trajetória institucional e, a partir disso, propor novos caminhos.

O levantamento da procedência revelou a necessidade de reordenamento das coleções, dado que foram identificadas obras que não se encaixam na atual configuração. Foi elaborada uma proposta de nova configuração, levando em conta os aspectos analisados pela pesquisa, especialmente: no âmbito da memória – a

manutenção das coleções particulares, e a herança colecionista dos museus (ALMEIDA, C. 2001); no âmbito artístico - a relevância da EBA e suas coleções para a criação do Museu e institucionalização das artes em Pelotas (MAGALHÃES, 2012), além das disputas entorno do academicismo (tradição) e os movimentos artísticos contemporâneos (mudança) (DINIZ, 1996); no âmbito universitário - foram destacadas a UFPel e a EBA como colecionadoras (ALMEIDA, A. 2001), instituições que escolheram as obras que lhes interessavam em dados momentos de suas histórias.

Revelou também as formas de aquisição e processos de seleção ao longo dos anos, até o início da atuação da Comissão de Acervo, em 2017. O levantamento de comissões, atas, cartas de doação e outros registros revelou que os processos de aquisição foi tomando forma ao longo dos anos, com maior ou menor apreciação por parte de grupos compostos unicamente por servidores ligados ao Centro de Artes da UFPel. As relações pessoais do meio artístico fazem parte das obras selecionadas para o acervo, o que é perceptível em alguns períodos da história do Museu. Ao longo das três décadas de existência do MALG, não foram identificados critérios estabelecidos para a seleção do acervo. Nesse ponto, a proposta se constituiu no sentido da diversificação da composição das instâncias com poder deliberativo e de tomada de decisões, bem como da transparência dos processos de aquisição.

A pesquisa também revelou a ausência ou baixa presença de artistas e de obras com temáticas que envolvam povos originários, negros, LGBTQIA+, ou mesmo problemas sociais crônicos como fome, desigualdade social, meio ambiente. Essas lacunas são colocadas como propostas para se pensar em critérios de interesse para novas aquisições, juntamente com o potencial de ampliação das coleções existentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos objetivos da pesquisa era abordar a história do MALG em relação ao meio artístico e universitário local. Entende-se que as coleções permitiram essa relação direta. Através da pesquisa, traçou-se um quadro da formação das coleções que refletem aspectos no âmbito da memória, do contexto artístico local e do meio universitário. Em simbiose, esses elementos destacam as disputas do campo artístico, entre tradição e conservadorismo diante de um contexto de mudança no qual o Museu foi criado (em plena redemocratização), e que ainda se manifesta em seu acervo, repleto de lacunas em relação a agenda contemporânea.

## PALAVRAS-CHAVE

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Práticas de Coleccionamento. Política de Aquisição e Descarte. Museus de arte. Museus universitários.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo? 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ALMEIDA, C. O “coleccionismo ilustrado” na gênese dos museus contemporâneos. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v.33, p.123-140, 2001.

DINIZ, C. R.B. Nos descaminhos do imaginário – a tradição acadêmica das artes plásticas de Pelotas. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

LACERDA, C. F. O ateliê de conservação e restauro da Universidade Federal de Pelotas e suas ações preservacionistas. 2015. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

MAGALHÃES, C.R. A Escola de Belas Artes de Pelotas (1949-1973): Trajetória institucional e papel na História da Arte. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SCHWONKE, R. Leopoldo Gotuzzo e a constituição do MALG (1887 – 1986). 2018. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2018.

## **Pátio da Ciência da UFG: resultados parciais sobre a divulgação das coleções nos museus universitários de C & T**

Carlos Augusto Ribeiro Jotta (UFG) - carlos.jotta@ufg.br

### **INTRODUÇÃO**

A crescente valorização do patrimônio cultural de ciência e tecnologia (C&T) em universidades está relacionada à urgência de sistematizar acervos, ampliar o acesso à informação e estreitar os vínculos entre ciência e sociedade. Nesse contexto, os museus universitários assumem papel estratégico como espaços de preservação da memória acadêmica e mediação cultural. O Pátio da Ciência da UFG, vinculado ao Instituto de Física, representa uma dessas iniciativas, atuando desde 2011 na divulgação científica, salvaguarda de acervos e promoção da educação não formal. Este trabalho, desenvolvido no âmbito do PIBIC/CNPq, busca propor estratégias para ampliar o acesso e a visibilidade das coleções museológicas do Instituto de Física, articulando museologia, patrimônio de C&T e ciência aberta.

Do ponto de vista teórico, o patrimônio de C&T é compreendido como um conjunto de bens materiais e imateriais que expressam a trajetória histórica das práticas científicas e seus modos de produção e difusão. A musealização desses objetos requer abordagem crítica e contextualizada (Gessner, 2001), especialmente em instituições como a UFG, cujos acervos científicos são parte essencial da memória institucional. A pesquisa fundamenta-se também nas contribuições de autores que defendem os museus universitários como espaços de formação, inclusão e diálogo com a sociedade (Ribeiro, Segantini e Granato, 2019; Mendonça Júnior, 2016). Nesse sentido, busca-se contribuir para a consolidação do Pátio da Ciência como um museu universitário ativo e replicável, comprometido com a valorização patrimonial e com uma ciência mais acessível e socialmente engajada.

### **MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com foco em métodos exploratórios e documentais. Inicialmente, foi realizada uma revisão teórica e levantamento do estado da arte, com base em literatura especializada nos campos da museologia, museus universitários e patrimônio cultural de ciência e tecnologia (C&T). Essa fase incluiu a produção de fichamentos temáticos e seminários internos para discussão

conceitual. Em seguida, foram pesquisadas fontes primárias em arquivos institucionais e repositórios digitais da UFG, priorizando documentos relacionados à trajetória do Instituto de Física e à formação de seus acervos científicos. A busca foi orientada por termos indexadores como “Instituto de Matemática e Física”, “Curso de Física” e “Laboratórios de Física”.

A terceira etapa envolveu pesquisa de campo com instalação in loco de uma base para levantamento e identificação dos objetos musealizados, registrando dados como tipologia, uso original, estado de conservação e contexto histórico. A próxima fase prevê a sistematização dos dados e a elaboração de estratégias de difusão digital, com destaque para a criação de uma base de dados voltada à futura integração em repositório institucional de acesso aberto, como o Tainacan. Estão em desenvolvimento também materiais visuais de apoio à comunicação museológica, uma proposta conceitual para nova expografia do espaço e ações de mediação cultural com foco na participação discente.

## RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÕES

A pesquisa identificou cerca de 70 objetos associados ao ensino e à experimentação científica no Instituto de Física da UFG, com ênfase em equipamentos utilizados entre as décadas de 1960 e 1990, incluindo itens da antiga União Soviética. Entre os destaques estão instrumentos ópticos, kits didáticos de eletromagnetismo e mecânica, além de modelos usados em feiras e ações de extensão. Também foram localizados 30 documentos institucionais que ajudam a reconstruir a trajetória do Instituto e do Pátio da Ciência, contribuindo para compreender o processo de institucionalização da cultura científica e da musealização universitária.

Como parte dos esforços de preservação e difusão, foi criada uma planilha de pré-catalogação com campos padronizados de descrição técnica, seguindo princípios de documentação museológica e já voltada para futura integração a repositórios digitais como o Tainacan. Paralelamente, está em desenvolvimento uma nova proposta curatorial para a exposição permanente do Pátio da Ciência, estruturada em três eixos: práticas pedagógicas da Física, história institucional e ações de museologia participativa. Essa proposta visa promover a extroversão dos acervos e fortalecer a inserção social do museu universitário, alinhando-se à ciência aberta.

Os resultados preliminares revelam que, embora o Pátio da Ciência já atue como espaço de extensão, carece de políticas permanentes de gestão museológica e de infraestrutura adequada. Apesar disso, o envolvimento da comunidade acadêmica tem fortalecido a valorização do acervo como patrimônio cultural e recurso educativo.

Os objetos, ainda que tecnologicamente superados, mantêm valor pedagógico e simbólico, contribuindo para o diálogo entre gerações e o estímulo ao interesse científico. A pesquisa indica que a articulação entre museologia universitária, patrimônio de C&T e ciência aberta oferece um caminho promissor para políticas públicas que favoreçam a preservação e o acesso ao conhecimento científico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em andamento revela que, embora o espaço já desempenhe um papel relevante na divulgação científica e na mediação com a sociedade, ainda há lacunas no que diz respeito à documentação e à preservação do acervo e à formalização de seus processos museológicos.

Os dados parciais indicam que é possível avançar na valorização dos acervos de C&T por meio da adoção de estratégias de organização e valorização da coleção. A catalogação de objetos e documentos, a proposta de reestruturação expográfica e o planejamento de um repositório digital institucional são medidas que ampliam o acesso ao patrimônio acadêmico, tornando-o mais visível, acessível e útil para diferentes públicos, inclusive para fins educativos. A experiência da equipe de pesquisa também evidencia o valor formativo de envolver estudantes em processos de investigação e curadoria, fortalecendo a dimensão pedagógica da museologia universitária.

Outro ponto a ser destacado é que a pesquisa reforça a importância de compreender os museus universitários não apenas como espaços de conservação, mas como ambientes ativos de produção de conhecimento e de reflexão crítica sobre a própria história institucional das universidades. O Pátio da Ciência, nesse sentido, se configura como um laboratório vivo para o exercício da interdisciplinaridade, ao reunir saberes da física, da história, da museologia e da comunicação científica em torno de um projeto comum. Essa abordagem contribui para superar visões fragmentadas e tecnicistas da gestão patrimonial e favorece a construção de políticas culturais universitárias integradas e participativas.

Conclui-se, portanto, que investir na estruturação dos museus universitários é uma forma de fortalecer o compromisso das universidades públicas com a memória, a ciência e a cidadania. A pesquisa realizada no Pátio da Ciência propõe caminhos concretos e replicáveis para essa construção, ao mesmo tempo em que reafirma a relevância dos acervos de ciência e tecnologia como ferramentas para promover uma ciência mais aberta, inclusiva e socialmente engajada. Os próximos passos incluem a

continuidade da digitalização, a implementação de plataformas colaborativas de acesso aos acervos e o aprofundamento das ações de mediação cultural, com foco na participação dos diversos públicos que se relacionam com o museu e sua missão.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Ciência Aberta em questão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL CIÊNCIA ABERTA, 2014. Brasília: IBICT, 2015.

GESSNER, R. H. A. Musealização da ciência e da técnica: algumas reflexões. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 8, supl., p. 981-1001, 2001.

HEINZ, S.; MIRANDA, G. B. Epistemologias da ciência aberta e as múltiplas dimensões da democratização do conhecimento. Revista Brasileira de Ciência Aberta, v. 6, n. 1, 2024.

MENDONÇA JÚNIOR, A. Patrimônio Cultural Universitário. Dissertação (Mestrado) – UNIRIO, 2016.

RIBEIRO, E. S.; SEGANTINI, V. C.; GRANATO, M. Museus e patrimônio cultural universitário. In: ARAÚJO, B. M. et al. Museologia e suas interfaces críticas. Recife: UFPE, 2019.

UNESCO. Recomendação sobre Ciência Aberta. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Pátio da Ciência – Quem somos?. Disponível em: <https://patiodaciencia.ufg.br>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Instituto de Física – Histórico. Disponível em: <https://if.ufg.br>

## Artefatos inventariados da Coleção Histórica do Museu de História Natural da Bahia (2015-2025)

Rejâne Maria Lira-da-Silva – Universidade Federal da Bahia, rejane@ufba.br  
Abel D' Vargas Mescena – Universidade Federal da Bahia, abelmescena@outlook.com

### INTRODUÇÃO

O Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia (MHNBA/UFBA) foi criado como órgão complementar do Instituto de Biologia (IBIO/UFBA) o em 28/11/2003. É o primeiro e único Museu de História Natural da Bahia e um dos poucos do Nordeste. Como Museu, está em pleno processo museológico, exercendo diversas ações de conservação, pesquisa, ensino e divulgação dos valores praticados pela universidade para a sociedade. O processo museológico do MHNBA iniciou-se em 1943 com a doação da Coleção de Borboletas do Prof. Pedro Araújo, ainda na Faculdade de Filosofia da Bahia da Universidade da Bahia. Em 2013, o MHNBA/UFBA foi aprovado novamente em Congregação, integrando em uma estrutura funcional e administrativa as Coleções Botânicas e Zoológicas, com Regimento próprio, que está em revisão. o MHNBA/UFBA é um Museu Público Federal Universitário de Ciências, cadastrado no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) do Instituto Nacional do Patrimônio Artístico e Cultural (IPHAN), tem Coleções Biológicas valiosíssimas, que tem Curadorias e materialidade. Consta no Museusbr, sistema nacional de identificação de museus e plataforma para mapeamento colaborativo, gestão e compartilhamento de informações sobre os museus brasileiros e na Plataforma da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários – RBCMU (Lira-da-Silva, 2022). No acervo, abriga uma Coleção Histórica (CH/MHNBA/UFBA), criada em 18/12/2015, cuja origem remete ao antigo Gabinete de História Natural e a criação do Curso de História Natural na Faculdade de Filosofia (1942), que mais tarde deu origem ao curso de Ciências Biológicas, sediado no Instituto de Biologia (IBIO/UFBA) (Lira-da-Silva, 2022). Trata-se de um acervo diverso e complexo, em grande parte ainda por ser descoberto (Granato; Lourenço, 2010). Esses artefatos, ligados à história da Ciência e Tecnologia, são provas materiais da

passagem de professores e professoras que fizeram parte da história do IBIO/UFBA e, ao mesmo tempo, fontes de informação sobre as formas de produzir ciência e as técnicas empregadas (Santos; Granato, 2015). A organização desse acervo nas instituições museológicas atua, ainda, no sentido de salvaguardar objetos e materiais que, pela falta de conhecimento e informação, seriam descartados como lixo (Lourenço; Wilson, 2013). O objetivo desta pesquisa é alargar a discussão sobre o acervo organizado e catalogado da CH/MHNBA/UFBA, em meio a tensões e controvérsias nos últimos 10 anos (2015-2025), garantindo a produção da documentação museológica de seus artefatos, os quais, uma vez musealizados, tornam-se objetos-conceitos, com a mesma confiança e testemunho de fontes documentais (Lourenço; Gessner, 2012; Santos; Granato, 2015).

## MATERIAIS E MÉTODOS

O processo de inventário e estudo dos artefatos tombados utilizou a metodologia proposta por Lourenço e Gessner (2012), que envolve estudar o objeto a partir de quatro quadrantes: análise intrínseca; aspectos gerais, função e relação com outros artefatos do acervo; relação do objeto com a história da ciência; e a trajetória do artefato. Esses quadrantes são analisados de forma interdependente, com base em duas dimensões denominadas dicotomias: classificatória, responsável por distinguir o objeto analisado dos demais artefatos, tornando-o singular; e temporal, relativo à história e as conexões que podem ser pensadas. O acervo está organizado segundo o seu Regimento das Reservas e Normas Gerais de Inventário da Coleção Histórica do Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia, cujo sistema de classificação utilizado está baseado num critério disciplinar, dividido em 16 categorias: Arte, Astronomia, Comunicação, Desenho, Física, História Institucional, História Natural, Indústria, Técnica e Profissões, Matemática, Meteorologia e Geofísica, Metrologia (Pesos e Medidas), Mobiliário, Museografia, Painéis Didáticos, Química e Topografia e Geodesia. A CHMHNBA/UFBA possui três reservas, uma restrita e duas reservas visitáveis: Reserva Visitável (RP1) - Sala de Exposição do MHNBA/UFBA; Reserva na zona pública de circulação (RP2); Reserva Piso 3 (RP3), acessível a estudantes e pesquisadores. Nestes 10 anos, artefatos estão em 6 fases de organização : i) artefatos organizados em caixas e armários sem tombamento; ii) artefatos tombados no Livro de Tombo em uma planilha Excel® (n. de inventário, nome, data de ingresso, tipo de ingresso, descrição, histórico da peça, fotografia, estado de conservação e localização fixa de base; iii) artefatos tombados com Ficha de Inventário; iv) artefatos tombados com Ficha de Inventário e Resumo; v) artefatos tombados com Ficha de Inventário, Resumo e Artigo; vi) artefatos tombados com Ficha de Inventário, Resumo, Artigo, com Card de Divulgação no Instagram (@noapufba) na Exposição Janelas abertas para o Futuro, Memórias do Passado com 2 edições, 2020 e 2022.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2022, Lira-da-Silva contabilizou que a CH/MHNBA/UFBA era composta por cerca de 1.000 itens, dos quais 200 objetos foram à leilão, conforme Processos em Patrimônio inservível para sucateamento, através de Processos datados de 30/11/2020 e 20/07/2021, dos quais 32 eram objetos de Comunicação, 126 objetos de Física, 17 objetos Institucionais e 21 mobiliários. Atualmente há cerca de 800 artefatos, 68,12% (n=545) na fase (i) de organização. Duzentos e cinquenta e cinco (31,88%) está na fase (ii): 68 (26,67%) de Mobiliários (armários, mesas, bancadas, banquetas, estantes e cadeiras); 46 (18,04%) de Comunicação (DVD, epidiascópio, máquina de escrever, máquinas fotográficas, projetor de slides, retroprojetor, televisão e videocassete); 26 (10,16%) de Física (acústica, equipamentos ópticos, mecânica, eletromagnetismo); 11 (4,13%) de Química (vidrarias); 10 (3,92%) de Indústria, Técnica e Profissões (equipamentos industriais, ferramentas e utensílios profissionais, maquetes e acessórios); 8 (3,14%) de História Institucional (documentos, retratos, objetos sociais e pessoais, memorabilia); 4 (1,57%) de História Natural (geologia, botânica e zoologia); e 2 (0,78%) de Desenho (desenhos, instrumentos de desenho e maquetes). Dentre os artefatos acima referidos, 37 (14,51%) estão na fase (iii); 35 (13,73) na fase (iv); e 6 (2,35%) na fase (v). Este estado reflete a complexidade do processo de acesso às informações dos artefatos, com informações por vezes dispersas; equipe limitada para elaborar a documentação museológica e a necessidade de selecionar quais artefatos serão alvo de um estudo mais detalhado e quais não (Granato e Lourenço, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Coleção Histórica do MHNBA/UFBA possui um acervo rico de cerca de 30 Professores, desde a criação do Curso de História Natural em 1942, ou seja, 83 anos de história, mas especialmente a história de mulheres cientistas, pioneiras nas suas áreas de conhecimento dentro da Biologia, constituindo um Patrimônio Institucional da C&T. Garantir a salvaguarda desses objetos é um processo de disputa pela memória histórica, bem como de luta e resistência, uma vez que não há museus sem controvérsias (Lopes, 2018). O estudo apresentado nesse resumo evidencia, ainda, que adentrar o universo da cultura material não é uma atividade simples, pois a produção de informações a partir de objetos demanda um olhar atento e o uso de uma metodologia capaz de abarcar as múltiplas dimensões que inter cruzam os artefatos.

## PALAVRAS-CHAVE

Museus. Coleção Histórica. Patrimônio Científico e Cultural.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo financiamento da Bolsa EXP-C, através do Projeto Os Bichos do Museu vão às Comunidades – Ciência Móvel e da Bolsa de Produtividade em Divulgação Científica.

## Referências

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. O Patrimônio Científico do Brasil e de Portugal: uma introdução. In: GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. (org.). Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto. Rio de Janeiro: MAST, 2010

Lira-da-Silva, Rejâne Maria. A Coleção Histórica do Museu de História Natural da Bahia (MHNBA/UFBA): História, riscos, tensões e desafios. Caderno de Resumos Expandidos do V Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C&T, Rio de Janeiro, p. 27-31. 2022.

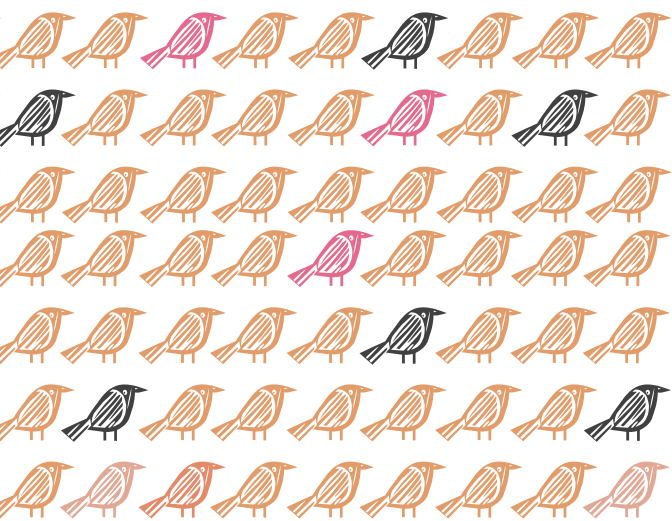
LOPES, Marcus Felipe de Brum. Há museus sem controvérsias? Coleções em disputa. Revista Musas, n. 8, p. 191-198, 2018

LOURENÇO, Marta Catarino; WILSON, Lydia. Scientific heritage: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. Studies in History and Philosophy of Science, Part A, v. 44, n. 4, p. 744-753, dez. 2013. Elsevier BV. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.shpsa.2013.07.011>. Acesso em: 10 abr. 2025.

LOURENÇO, Marta; GESSNER, Samuel. Documenting collections: Cornerstones for more history of science in museums. Sci & Educ, [s. l.], v. 23, n. 4, p. 727-745, 2012. Disponível

em: [https://www.researchgate.net/publication/257662390\\_Documenting\\_Collections\\_Cornerstones\\_for\\_More\\_History\\_of\\_Science\\_in\\_Museums](https://www.researchgate.net/publication/257662390_Documenting_Collections_Cornerstones_for_More_History_of_Science_in_Museums). Acesso em: 6 abr. 2025.

SANTOS, C.P; GRANATO, Marcus. A documentação dos acervos científicos e tecnológicos e o MAST: uma história a partir das memórias. In: GRANATO, Marcus (org.). Museologia e patrimônio. Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015, p. 142-177.



## AGRADECIMENTOS

## AGRADECIMENTOS ESPECIAIS E CRÉDITOS

Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior  
(Andifes)

Casa de José de Alencar (CJA/UFC)

Coleção Mineralógica/Departamento de Mineralogia - UFC

Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil)

Conselho Regional de Museologia - 1ª Região (COREM 1R)

Conselho Regional de Museologia - 3ª Região (COREM 3R)

Conselho Federal de Museologia (COFEM)

Departamento de Biologia - UFC

Divisão de Equidade, Diversidade e Inclusão (EDI/UFC)

Espaço Cultural Unifor

Faculdade de Direito da UFC (Fadir/UFC)

Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP)

Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC)

Governo Federal

Herbário Prisco Bezerra - UFC

Horto de Plantas Medicinais - UFC

Imprensa Universitária / Pró-Reitoria de Planejamento e Administração  
(IU/PROPLAD)

Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Instituto Cultural Vale

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Lei de Incentivo à Cultura - Lei Rouanet (MinC)

Memorial da Agronomia - UFC

Memorial da UFC

Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI)

Ministério da Cultura (MinC)

Ministério da Educação (MEC)

Museu da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Museu de Anatomia Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (USP)

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Museu de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Museu de Arte da UFC (Mauc)

Museu de História Natural da Bahia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Museu de Paleontologia Plácido Cidade Nuvens da Universidade Regional do Cariri (URCA)

Museu do Vale do Arinos da Universidade do Estado de Mato (UNEMAT)

Museu Itinerante de Paleontologia e Arqueologia - UFC

Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)

Núcleo de Documentação e Laboratório de Pesquisa Histórica (NUDOC) da UFC

Núcleo Regional de Ofiologia da UFC (NUROF)

Oficina Digital / Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Design (IAUD)

Petrobrás Cultural

Pró-Reitoria de Cultura da UFC (ProCult)

Rádio Universitária FM 107,9 (RUFM 107,9)

Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMU)

Rede de Coleções & Museus da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rede de Educadores de Museus do Brasil (REM/BR)

Restaurante Universitário / Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (RU/PRAE)

Seara da Ciência (UFC)

Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social (SEDES/MCTI)

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC)

Secretaria de Esportes da UFC

Secretaria de Comunicação da UFC (UFC Informa)

Superintendência de Infraestrutura (UFC Infra)

Tribunal de Contas da União (TCU)

TV Câmara de Jataí

TV Câmara de Fortaleza

Universidade Federal do Ceará (UFC)





PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO



ORGANIZAÇÃO

